



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

TIAGO FERREIRA DOS SANTOS

**“UM BANHO DE CIVILIZAÇÃO NO CORAÇÃO GEOGRÁFICO DA BAHIA”: A
AÇÃO MISSIONÁRIA PRESBITERIANA EM PONTE NOVA (1906-1938)**

**SALVADOR - BAHIA
2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

TIAGO FERREIRA DOS SANTOS

**“UM BANHO DE CIVILIZAÇÃO NO CORAÇÃO GEOGRÁFICO DA BAHIA”: A
AÇÃO MISSIONÁRIA PRESBITERIANA EM PONTE NOVA (1906-1938).**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade
Federal da Bahia, com requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em História
Social.**

Orientador: Prof. Dr. Iraneidson Santos Costa

**SALVADOR - BAHIA
2017**

Santos, Tiago Ferreira dos
S327 “Um banho de civilização no coração geográfico da Bahia”: a ação missionária
presbiteriana em Ponte Nova (1906-1938) / Tiago Ferreira dos Santos. - 2017.
240 f.: il.

Orientador: Prof.º Dr.º Iraneidson Santos Costa
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2017.

1. Presbiterianos - Chapada Diamantina (BA) – História - 1906 - 1938.
2. Missionários. 3. Protestantismo. 4. Ensino religioso. 5. Civilização. I. Costa,
Iraneidson Santos. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 922.5

TIAGO FERREIRA DOS SANTOS

**“UM BANHO DE CIVILIZAÇÃO NO CORAÇÃO GEOGRÁFICO DA BAHIA”: A
AÇÃO MISSIONÁRIA PRESBITERIANA EM PONTE NOVA (1906-1938)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal da Bahia, com requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em História Social.

Aprovada em 8 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Iraneidson Santos Costa – Orientador _____
Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia – (UFBA)
Universidade Federal da Bahia

Edilece Souza Couto _____
Doutora em História Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – (UNESP)
Universidade Federal da Bahia

Zózimo Antônio Passos Trabuço _____
Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense
Universidade Federal do Oeste da Bahia – (UFOP)

*Ao filho do Vaqueiro dos
Americanos, perdido no tempo eternizado
nas memórias. João Batista (In
Memorian), meu pai.*

AGRADECIMENTOS

Peço ao leitor que não se furte a ler os meus agradecimentos, pois neste trecho do trabalho farei meus simples, mas sinceros reconhecimentos, daqueles que contribuíram na construção desta dissertação.

Inicialmente quero agradecer a minha tia Meire, que involuntariamente me ajudou na escolha do tema de pesquisa, quando trouxe para minha casa uma cópia do filme “O Punhal”, produzido em Ponte Nova. O mesmo que contou com a breve participação de meu avô. Sou grato a Ester Nascimento, que desde o primeiro momento se mostrou solícita em me ajudar disponibilizando seus livros para o início dos meus estudos.

Gostaria de agradecer a Bruna Saldanha que me incentivou a continuar na luta pela pós-graduação, uma pessoa que por muito tempo amei, e para sempre terá um lugar especial em meu coração. Queria agradecer a minha família em especial a minha mãe, que talvez não saiba o real significado do mestrado, mas que sempre me apoiou. A todos meus irmãos, amigos “cabeções” que considero parte de minha família, aos “completos” amigos construídos na graduação que mostram ao longo desses anos que amizade não se desfaz, confirmando sempre a máxima “o que a História uniu, a distância não separe!”. Foi e é muito importante para mim a forma com que todos se alegraram e me incentivaram a continuar os estudos e carinhosamente me chamam de “mestre”.

Nas pesquisas agradeço as contribuições do reverendo Alderi Matos, por se mostrar sempre bastante solícito em ajudar. A Gabriela Braga do arquivo presbiteriano, ao reverendo emérito da Igreja Presbiteriana de Salvador, Eudaldo Lima que me ajudou apresentando diversas fontes. Ao reverendo Neemias Nascimento ex-reverendo da Igreja Presbiteriana de Wagner que se disponibilizou desde o início em contribuir com a pesquisa. A Márdio Brito ao me fornecer algumas fontes tão necessárias. A direção do Colégio Ponte Nova ao me permitir acesso ao seu arquivo. A Bruna, Marta e Jeine auxiliadoras na transcrição das infinitas e trabalhosas páginas das Atas.

Na parte acadêmica, não poderia esquecer minha orientadora na graduação professora Wilma Nascimento. Sou muito grato a UFBA esse centro de excelência na formação de historiadores e pesquisadores, local que nos possibilita o encontro com profissionais de rara qualidade. Aos professores Antônio Guerreiro, Antônio Luigi Negro, Ligia Bellini, Fátima Pires, que em suas aulas ajudaram em meu amadurecimento enquanto historiador.

Aos queridos amigos conquistados no mestrado Laise Lemos uma irmã que dividiu comigo o processo seletivo, Jeovane um irmão que nessa trajetória tive o prazer de dividir o orientador. A Luana Quadros, Kalina Gonçalves, Ricardo Batista entre tantos. A Gêssica Lima com as suas talentosas ilustrações, Mônica Gualberto paciência no auxílio na confecção dos mapas e Nélia que me ajudou de diversas formas.

Agradecimentos especiais a meu orientador Iran, um profissional muito capaz. A professora Elizete da Silva sempre disposta a ajudar, a professora Edilece Couto que em sua paciência me ouviu desde o início. Ao professor Zózimo Trabuco pela presteza em participar da banca e contribuir para conclusão deste trabalho.

Por fim, agradeço a FAPESB por ter financiado essa pesquisa.

Gostaria de relatar que durante a realização deste trabalho vivi os momentos mais difíceis de minha vida, também vivi momentos bons que jamais serão esquecidos. As lutas, perdas, conquistas e vitórias produziram um amadurecimento necessário. Vivi as angústias, medos e receios de um historiador sempre em formação e disposto a aprender e avançar.

Ao Senhor, queria agradecer de toda minha alma, pelo dom da vida e pela oportunidade de trilhar os caminhos da História.

Wagner...

Chama-te assim quem quiser

Serás sempre para mim

A Ponte Nova das luas cheias

Das brancas candeias

Sempre Cheirosas

Ariadne de Queiroz Gomes, APUD ALMEIDA, 2004. p.124

SANTOS, Tiago Ferreira dos. “*Um Banho de Civilização no Coração Geográfico da Bahia* ”: A Ação Missionária Presbiteriana em Ponte Nova (1906-1938). 240 il. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma investigação acerca das atividades da Missão Presbiteriana entre 1906 e 1938 em Ponte Nova, atual cidade de Wagner, localizada na Chapada Diamantina. Sob o aporte teórico da História Cultural e sua interface com outros campos do conhecimento, examinou-se as fontes institucionais, memorialistas, iconográficas e periódicos para compreender a estrutura interna da instituição missionária e como esse grupo religioso se relacionou com os campos religioso, político, econômico e social. Organizadas no campo educacional e médico hospitalar, as ações dessa instituição religiosa tiveram sua essência na divulgação da mensagem protestante. Diante disso, investigamos a relação dos trabalhos desenvolvidos com o evangelismo, as propostas de mudança das práticas culturais voltadas à civilidade e as discussões internas provenientes da utilização de obras sociais para evangelização. Por fim, analisamos as diversas representações construídas pelos diferentes grupos sociais que se relacionaram com as obras dessa instituição religiosa. Observou-se na pesquisa que a Missão Presbiteriana montou uma estrutura de trabalho na localidade de Ponte Nova em que seus atendimentos extrapolaram os limites da sua região, aumentando o alcance de sua mensagem religiosa. Considerada como vantajosa para causa protestante tornou-se exemplo de vinculação do trabalho social e evangelização. Identificou-se também que os serviços oferecidos e equipamentos construídos na localidade ajudaram na construção de boas representações deste grupo religioso, a ponto de quebrar as resistências aos presbiterianos e defesa da manutenção de sua permanência no local.

PALAVRAS-CHAVES: Protestantismo, Presbiterianos, Educação, Saúde, Civilização.

SANTOS, Tiago Ferreira dos. "*A Bath of Civilization in the Geographic Heart of Bahia*": The Presbyterian Missionary Action in Ponte Nova (1906-1938). 240 il. Dissertation (Master degree) - Post-Graduate Program in History, Faculty of Philosophy and Human Sciences, Federal University of Bahia, Salvador, Brazil, 2017.

ABSTRACT

This dissertation is the result of an investigation into the activities of the Presbyterian Mission between 1906 and 1938 in Ponte Nova, currently Wagner city, located in Chapada Diamantina. With the support of cultural history, institutional, memorialist, iconographic and periodical sources were examined to understand the internal structure of the missionary institution and how this religious group related to the religious, political, economic, and social fields. The organized educational and medical fields were vital for the proliferation of the Protestant message. Therefore, we investigate the relationship of the work developed with evangelism, the proposals to change cultural practices focused on civility, and the internal discussions arising from the use of social works for evangelization. Finally, we analyze the different representations built by different social groups that were related to the works of this religious institution. Was observed in the research that the Presbyterian Mission set up a structure of work in the locality of Ponte Nova, in which its attendances extrapolated the limits of its region, increasing the reach of its religious message. This was beneficial for the Protestant cause and it became an example of the linkage of social work and evangelization. It was also identified that the offered services and equipment constructed in the locality helped in the construction of good representations of this religious group, to the point of ending the resistance against the Presbyterians and defending their permanence in the locality.

Key words: Protestantism, Presbyterians, Education, Health, Civilization.

LISTA DE FIGURAS – FOTOS

Foto 1: Franz Wagner.....	38
Foto 2: Réplica-entrada da cidade de Wagner.....	40
Foto 3: Fachada do IPN.....	40
Foto 4: Grupo de Ministros, Candidatos e Leigos em Ponte Nova - 1911	62
Foto 5: Reverendo Willian Alfred Waddell	88
Foto 6: Desfile Cívico – Possivelmente década de 1940	113
Foto 7: Prédio Principal da fazenda.	116
Foto 8: Fachada do prédio principal de aulas.....	117
Foto 9: Internato Masculino.	117
Foto 10: Internato Feminino.....	118
Foto 11: Dr. Walter Welcome Wood, Esposa Mary Dahames Wood, filha Mary Wood	164
Foto 12: Dr. Wood utilizando a máquina de raio-X.....	168
Foto 13: Equipamento de análise laboratorial.....	168
Foto 14: Dr. Wood na Sala de Cirurgia sendo auxiliado por um médico e enfermeira	169
Foto 15: Dr. Wood, outro médico e o Farmacêutico na Farmácia do Hospital.....	169
Foto 16: Panorama geral do povoado com enfoque nos edifícios construídos pela Missão.	176
Foto 17: Enfermaria; Farmácia; Grace Memorial Hospital, Dr. Wood ao centro, e ao fundo a Clínica	177
Foto 18: Quarto Particular – Pacientes sendo atendidos pelas Enfermeiras	190
Foto 19: Enfermeiras na frente do Grace Memorial Hospital	191
Foto 20: Sentados: Enfermeira Assistente, Dr. Américo Chagas, Dr. Wood, Enfermeira Chefe Ella Mary Wood. Em Pé: Alunas Enfermeiras.....	192

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de Membros e Profissões de Fé.....	78
Tabela 2: Estatística com Número de Membros do Estado da Bahia.....	240

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa da Bahia com destaque para localização da cidade de Wagner	37
Figura 2: Organograma da evolução política de Ponte Nova.....	40
Figura 3: Organograma elaborado na estrutura hierárquica Presbiteriana	52
Figura 4: Organograma de divisão das Juntas Missionárias	55
Figura 5: Área da Fazenda que abrigava o IPN e seus prédios. Recorte parcial do Mapa do Abastecimento de Água, 1960. Originalmente feito na escala 1: 1000.....	115
Figura 6: Recorte parcial do Mapa do Abastecimento de Água. 1960. Originalmente feito na escala 1: 1000.....	175

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAVE- Centro Audiovisual Evangélico

CB - Conselho Brasil

EEGMH- Escola de Enfermagem do Grace Memorial Hospital

GMH - Grace Memorial Hospital

IPN - Instituto Ponte Nova

IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

MCB - Missão Central Brasil

MSB - Missão Sul Brasil

PCUSA- Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (Igrejas do Norte)

PCUS - Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (Igrejas do Sul)

SUMÁRIO

Introdução	12
Caminhos Teóricos e Metodológicos	16
Histórico da Cidade	37
1. CAPÍTULO I – Missão Central Brasil: Origem, Estrutura e Relações	44
1.1. Um Breve Histórico do Protestantismo no Brasil	44
1.2. Os Caminhos Missionários e a Organização da Missão Central Brasil	52
1.3. Os Presbiterianos, a Sociedade e o Campo Religioso Baiano: Práticas, Conflitos, Relações e Estratégias	63
1.4. Os Presbiterianos na Chapada Diamantina: os Caminhos para Ponte Nova	86
2. CAPÍTULO II - Educar para Salvar: o Instituto Ponte Nova no Projeto da Missão Central	93
2.1 Missão Central e o seu Projeto Educacional	99
2.2 Instituto Ponte Nova Estrutura e Organização	107
2.3 O Instituto Ponte Nova e a Educação no Interior da Bahia	123
2.4 Evangelização Direta versus Evangelização Indireta: a educação no centro de uma tensão .	136
3. CAPÍTULO III – “Curando o Corpo e Salvando a Alma”: A Atuação Médico Hospitalar da Missão Presbiteriana em Ponte Nova	147
3.1 As Condições Sanitárias da Bahia: Um Olhar para Chapada Diamantina	149
3.2 O Pioneirismo do Trabalho Médico em Ponte Nova e a Política Institucional da Missão Central Brasil	158
3.3 Dr. Walter Welcome Wood: “O Ídolo Sertanejo”	163
3.4 “Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos e vos aliviarei”: O processo de construção do Grace Memorial Hospital	174
3.5 Epidemias: Uma Luta Constante	181
3.6 A Escola de Enfermagem do Grace Memoria Hospital	185

3.7 O Trabalho Médico Missionário e o Discurso “Científico e Civilizador”	195
3.8 O Banho de Civilização.....	204
3.9 Viação, Saneamento e Escolas: As Ações Missionárias e suas Representações.....	208
Considerações Finais	225
Referências	230
Anexos.....	238

INTRODUÇÃO

Ao nos atentarmos para a necessidade dos estudos das experiências religiosas como fator importante para reconstrução do passado, nos atentamos ao protestantismo como objeto de estudo, especificamente aos Presbiterianos em Ponte Nova (atual sede da cidade de Wagner¹). Delimitado dentro dos estudos religiosos, esta dissertação foi produzida a partir das inquietações existentes acerca da relação da Missão Central Brasil² com o povoado de Ponte Nova. Os questionamentos iniciais que originaram essa pesquisa impulsionaram-me a conhecer de forma mais profunda o trabalho desenvolvido na localidade que abrigou a estação missionária mais importante da Missão Central Brasil em sua área de jurisdição.

Estudar as ações missionárias deste grupo religioso contribui com mais uma peça num enorme, diverso e ainda pouco explorado quadro religioso do interior da Bahia. Desta maneira, este trabalho busca revelar a forma pela qual este grupo religioso planejou, organizou e efetivou um trabalho missionário que vinculou a evangelização a ações sociais. Assim, se fez necessário investigar diferentes aspectos envolvidos nas diversas relações estabelecidas entre as ações missionárias e o local em questão, tendo como referência o início das atividades em 1906 e as primeiras décadas finalizando a delimitação temporal em 1938, momento em que a Missão Central unifica suas ações com a Missão Sul. Antes de adentrar na dissertação em si, discutirei algumas questões necessárias como conceitos centrais, orientação teórica e metodológica, bem como suas relações com as fontes utilizadas.

Caminhos Teóricos e Metodológicos

Os estudos que investigam os fenômenos religiosos têm despertado notável interesse nos últimos anos, proporcionando uma melhor compreensão das diversas formas de relações entre o ser humano e o sagrado. A frequência em que as experiências religiosas se manifestam e se fazem presente no cotidiano contribui para o reconhecimento da importância em revisitar o passado enfatizando estas experiências como parte relevante de uma sociedade.

¹ Município de pequeno porte localizado a 390 km da capital Salvador e 65 km de Lençóis. Pertencente ao Território de Identidade Chapada Diamantina (SEI, 2010). Possui uma área de 451,82 km². Com cerca de 9 mil habitantes em 2016 (IBGE, 2016). Verificar em Anexo o mapa que o localiza dentro de seu Território de Identidade.

² Organizada pela Igreja Presbiteriana de origem norte americana, a Missão foi uma instituição religiosa sob orientação de sua sede administrativa em Nova Iorque, atuando no Brasil entre (1858 e 1973). A essência de seu trabalho era divulgar a sua crença, convertendo pessoas a sua fé nos mais diversos lugares do mundo.

Mesmo com o contínuo crescimento dos estudos religiosos, existem locais e manifestações que ainda precisam de uma considerável expansão, em si tratando da História Religiosa da Bahia e do Brasil, essa necessidade é perceptível. As manifestações religiosas são tão presentes ao longo da trajetória do povo baiano, que a tentativa de escrita de sua história, encontrará dificuldades se for pensada desvinculada dos traços sagrados. Para apreender estas manifestações, que ainda são desconhecidas, se faz necessário visualizar a Bahia em espaços não comuns, longe dos grandes centros, o que se constitui uma tarefa árdua, mas que possibilita ampliar o conhecimento sobre esta área que apresenta enormes lacunas. Estudar o campo religioso baiano é algo singular, principalmente no que se refere ao protestantismo. As generalizações existentes no que se refere à História da Bahia, no plano econômico político e social se estendem ao campo religioso. A homogeneização do quadro religioso lega ao catolicismo a hegemonia do território baiano, esse pensamento é alimentado pelas produções clássicas que tinham como área de estudos Salvador, seu entorno e as maiores cidades do interior. O restante do imenso território era visualizado a partir das experiências destes locais. As condições de atuação do catolicismo no Brasil é outro fator que contribui para essa generalização, pois a Igreja Católica apoiada pelo Estado durante quase quatro séculos usufruía de uma hegemonia que garantia a proibição e perseguição a outros credos. Somados a estas justificativas, a falta de uma religião que ameaçasse diretamente a igreja oficial tornou o universo religioso baiano, até onde temos informação, limitado oficialmente ao catolicismo e subalternamente as religiões de matriz africana, quadro que só foi alterado na segunda metade século XIX.

Em meio ao multifacetado campo religioso brasileiro, o protestantismo vem crescendo de forma considerável nas últimas décadas e, de acordo com os últimos censos, representa uma das maiores expressões religiosas do Brasil. Para compreender a condição atual do protestantismo se faz necessário conhecer sua trajetória, e assim perceber de que forma se estabeleceu e cresceu no Brasil, observando as mudanças e permanências nas suas manifestações ao longo de seu percurso na sociedade brasileira. O protestantismo surgiu como uma ramificação do Cristianismo no século XVI na Europa. A partir de então foi difundido pelo mundo, chegando ao Brasil pouco tempo depois de sua organização. Inicialmente foi proibido e perseguido em solo brasileiro, condição que foi alterada no início do século XIX quando seu culto foi liberado através de acordos diplomáticos, passando então a fazer parte oficialmente de nosso quadro religioso. A partir disso, aos poucos, foi

conquistando espaço num ambiente religioso de hegemonia católica, avançando até se tornar uma das mais expressivas do país.

A proposta de análise deste trabalho possui uma postura relativista, múltipla e com viés cultural de análise do campo religioso. Ela só foi possível devido ao amadurecimento da prática historiográfica, que foi de fundamental importância para o reconhecimento da esfera religiosa como campo profícuo na reconstrução do passado. Ao entender a religião como parte integrante da sociedade que possui ingerência nas relações dos sujeitos, por oferecer formas de pensar e agir no mundo, compreendemos que pode interferir diretamente nas ações daqueles que creem e seguem os seus ensinamentos. Desta forma a religião enquanto influenciadora de ações é central para compreensão das diversas relações humanas³.

O atual momento das produções históricas que tem as manifestações religiosas como objeto é fruto de uma maturação observada nas mudanças dentro da História das Religiões desde seu desenvolvimento como campo específico das Ciências Humanas a partir do século XIX. Até então, as produções que investigavam as religiões eram influenciadas pelo viés religioso com teor confessional, cronológico e factual. Somadas a essas produções, existiam outras impregnadas de pensamentos ideologicamente comprometidos, críticos por excelência e matizados por um economicismo pleno que analisava a religião como expressão secundária dos sistemas políticos, econômicos e ideológicos desprezando a experiência religiosa e sua liberdade. Neste contexto, entendemos que um dos grandes saltos nos estudos acerca da religião para as ciências humanas foi a conquista de sua autonomia analítica, característica que foi alcançada a partir do estabelecimento de um campo específico de análise ao beneficiar-se de contribuições de diversas áreas do conhecimento como Antropologia, Geografia, Sociologia, Psicologia entre outras produzindo investigações autônomas e mais abrangentes, libertando-se das amarras confessionais ideológicas e contribuindo de forma considerável para os estudos históricos dos fenômenos religiosos.

No campo teórico, como fator positivo, destacamos a aproximação das investigações das experiências e as práticas religiosas com a História Cultural, por possibilitar o avanço

³Importante salientar que essas interferências também ocorrem de forma inversa, na possibilidade da sociedade interferir na religião (doutrina e ensinamentos) produzindo nela mudanças que são influenciadas por diversas variáveis. Entre as variáveis que podem incidir na religião Dominique Julia nos indica: densidade de população, comunicações, a mistura de raças, as oposições de textos, de gerações, de classes, de nações, de invenções científicas e técnicas. Ela entende que essas variáveis podem agir sobre o sentimento religioso individual e transformar, assim, a religião. JULIA, Dominique. História religiosa. In LE GOFF, J. (org.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 106

analítico ao ressignificar a religião como parte integrante da cultura e perceber suas pluralidades dentro deste complexo campo de estudos. Desta maneira, as abordagens assumem um sentido mais globalizante incorporando nas investigações diversos aspectos antes negligenciados nas relações entre a religião e aspectos sociais e culturais, pois consideram as especificidades do tempo e espaço que as mais diversas manifestações religiosas vivenciavam. Por assim perceber, o campo religioso apreendeu-se que ele é complexo, dinâmico e difícil de ser enquadrado em esquemas, pois os grupos religiosos e as experiências são específicos. Como ressalta Elizete Silva, a “singularidade dos grupos religiosos que além de não serem iguais, não podem ser homogeneizados”, pois, “eles abrigam peculiaridades decorrentes do contexto histórico em que foram forjados”⁴.

Analisando as primeiras produções que tinham como objeto o protestantismo no Brasil, encontramos características específicas. Geralmente as obras eram produzidas por pessoas vinculadas a própria igreja, que utilizavam como estilo de escrita a forma de relato sem a obrigação do procedimento acadêmico, evidenciando a parcialidade da escrita, pois possuía objetivos específicos que buscavam o enaltecimento do grupo e ações descritas.

(o protestantismo) como sujeito de estudo, teve em suas primeiras obras históricas o caráter nitidamente confessional, triunfalista e apologético, suas fontes originavam-se de relatos denominacionais, que privilegiavam a cronologia e a comemoração. Trata-se de uma historiografia que priorizava os fatos cronologicamente organizados sem nenhum esforço interpretativo... além de ser uma história factual e sectária, tratava-se de uma história heroica, onde se registravam os grandes feitos, os acontecimentos positivos que enobreciam os pioneiros americanos e as lideranças nacionais emergentes, porém se omitiam completamente os problemas internos dos grupos⁵.

Essas produções limitavam o alcance investigativo por produzirem trabalhos que atendiam a determinados interesses dos grupos religiosos, como realce de determinadas características e omissão de outras. Eram obras de reforço ao sentido salvador das ações religiosas com caráter elogioso que geralmente escondiam tensões, lutas e embates. Porém, a partir de meados do século passado as obras que investigavam o protestantismo no Brasil tiveram nos trabalhos do professor Emile Leonard um grande avanço. Longe de uma história

⁴ SILVA, Elizete da. Configurações históricas do campo religioso brasileiro. In. OLIVEIRA, André Luis Matteddi, LEITE, Marcia M. S. Barreiros, NETO, Eurelino Teixeira Coelho (org.). *História Cultura e Poder*. - Feira de Santana: UEFS; Salvador: EDUFBA, 2010a p.106

⁵ SILVA, Elizete da. *O Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira: os Evangélicos Progressistas em Feira de Santana*. Feira de Santana. UEFS, 2010b p. 19

confessional ou religiosa, procurou um estudo de “eclesiologia e de história social da igreja”⁶ vinculando o protestantismo e sua construção a realidade brasileira. A partir destes estudos no âmbito acadêmico, a área religiosa foi ganhando espaço e estabelecendo produções que se afastaram da perspectiva apologética e confessional. Caminharam numa perspectiva crítica, avançando no meio acadêmico das décadas seguintes. O legado proporcionado pela perspectiva crítica dos estudos dos fenômenos religiosos nos campos teóricos e metodológicos possibilitou este trabalho construir seu escopo investigativo, com um olhar e posicionamento específico para análise do universo religioso estudado.

No aspecto teórico de análise do fenômeno religioso, este trabalho considera pertinentes as contribuições de Max Weber ao fornecer meios de observar a esfera religiosa, a sua percepção enfatiza a autonomia do universo religioso nas relações com as demais áreas de uma sociedade. A sociologia Weberiana, revisitada pelos trabalhos de Pierre Bourdieu⁷, é também utilizada por nos indicar a análise do campo religioso *per se*, em que ele opere por razões próprias e não como mero reflexo dos outros campos. Por esta perspectiva analítica, a experiência religiosa justifica as ações a partir das motivações internas do próprio campo, sem, contudo, deixar de haver interações e múltiplas influências em diversos sentidos entre os campos. Assim o autor francês, ao recuperar as contribuições de Max Weber, nos fornece meios de escapar das alternativas simplistas que dualizavam as análises em autonomia absoluta do discurso religioso como algo inspirado e particular que é imune a interferências externas, e a teoria reducionista que considera esse discurso um reflexo direto das estruturas econômicas e sociais⁸. Pierre Bourdieu, nos fornece também, mecanismos de compreensão das relações do autônomo campo religioso com os demais. Seu conceito nos permite compreender como as agências (vertentes religiosas) disputam espaço e controle dos “bens” dentro do ambiente sagrado. Essa disputa é empregada em busca de um capital específico, o capital religioso que possui valor dentro de seu próprio ambiente. Assim, as relações de poder inserem-se na luta pelo monopólio deste campo, e assim da autoridade em dominá-lo e orientá-lo.

Em meio a diversas discussões acerca da conceituação de religião, corroboramos com o consenso que não existe um conceito pronto e acabado de religião, pois as experiências

⁶ LEONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro: Estudo de Eclesiologia e História Social*. São Paulo. ASTE, 2002 p.19

⁷ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

⁸ *Ibidem*, p. 32

religiosas são tão plurais que as definições não conseguem abarcar todas⁹. Entre diversas formas encontradas para compreender a existência da religião, acreditamos que a essencial está em uma das indicações da origem etimológica da palavra, no latim (*relegere* ou *religare*)¹⁰ que indica a “retomada” a “religação”, acrescentamos a noção de aproximação, de contato do homem com um “Ser ou algo Superior e ou sagrado”. É nesta ligação que está o sentido pelo qual o homem busca esse contato. A partir dela organiza suas crenças, quer seja por questões existenciais, soterológicas, materiais ou quaisquer outras. Já se pensou que ser religioso ou crer em algo fosse indispensável ao ser humano, hoje em dia esses pensamentos são relativizados, pois diversas pessoas buscam excluir as experiências religiosas de sua concepção de vida. Para pensar as relações entre o homem e o sagrado é essencial também observar a diferença entre religião e religiosidade, por entendê-las como “formas de expressão do sagrado”¹¹: a religião é pensada como instituição organizadora dos dogmas e a religiosidade como expressão das vivências que permeiam o cotidiano do fiel¹².

É necessário também pontuar que os estudos acerca das experiências religiosas não devem ter uma visão impregnada das concepções ocidentais de religião que exige uma institucionalização de dogmas e ritos, mas convém perceber a multiplicidade de experiências que não são necessariamente guiadas por essa lógica institucionalizada, mas na vivência e experiência pessoal ou coletiva sem determinadas amarras institucionais¹³. Por mais que seja indicada a neutralidade analítica em qualquer trabalho científico, neste caso precisamos reforçar por se tratar da área religiosa que comumente apresenta contaminações pessoais. Deve-se então observar as experiências religiosas com alerta e não permitir influenciar-se por

⁹ Ainda assim, para operacionalizar o pensamento utilizamos uma definição a partir das discussões acerca do conceito, que levam em consideração parte das experiências religiosas conhecidas. Ressaltando que essa definição não indica uma generalização das experiências religiosas, mas um ponto inicial de abordagem a partir das considerações de uma parte das religiões.

¹⁰ WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia das Religiões*. São Paulo: Editora Unesp, 2012. p.185-186

¹¹ SILVA, Elizete da. Configurações históricas do campo religioso brasileiro. In. OLIVEIRA, André Luis Matteddi, LEITE, Marcia M. S. Barreiros, NETO, Eurelino Teixeira Coelho (org.). *História Cultura e Poder*. - Feira de Santana: UEFS; Salvador: EDUFBA, 2010

¹² Sobre isso Willaime nos informa que cada universo religioso escapa a seus fundadores e transmissores, estabelecendo um universo de rituais e sinais submissos a qualquer tipo de interpretação e usos. WILLAIME, 2012. op. cit., p. 196

¹³ Jean Paul Willaime nos indica a não observar as religiões de forma unilateral, tendo como parâmetro uma religião. Afinal existem religiões com manifestações diversas como Hinduísmo que não possui fundadores nem magistério, outras sem um Deus supremo e sem padres como budismo, outras sem crenças específicas e, principalmente focadas em ritual como a religião romana da antiguidade. *Ibidem*, loc. cit.

uma ótica etnocêntrica, principalmente nos fenômenos religiosos que destoam daqueles em que temos mais contato¹⁴.

Para analisar o universo cultural, as contribuições de Clifford Geertz¹⁵ são bastante significativas por colaborar na orientação de como perceber os sujeitos estudados, indicando uma análise semiótica. Por entender que “o ponto global da abordagem semiótica da cultura é auxiliar-nos a ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos de forma a podermos, no sentido um tanto mais amplo, conversar com eles”¹⁶. Este tipo de análise pretende perceber a cultura pelo “olhar” do participante, de forma que os pensamentos e posições do pesquisador são deixadas de lado, visto que a compreensão dos fatos decorre do acesso à cultura dos sujeitos, por ser ela a responsável em dar significação do ato. Embora saibamos que esta tentativa é tensa, pois é um esforço de penetração em um universo de ação simbólica não familiar, ainda assim é necessária, pois é uma tarefa que consiste em descobrir um sistema simbólico, e sua decifração implica uma busca de significados, esses que indicam os atos dos sujeitos a fim de construir um sistema coerente de análise. O aporte teórico de Clifford Geertz neste trabalho ajuda a entender como foram construídas as leituras dos diversos grupos que se relacionaram com a Missão protestante que atuou em Ponte Nova, percebendo os sujeitos em seu contexto histórico e adentrando, na medida do possível, em suas culturas particulares, na tentativa de entendê-los em seu universo.

A leitura do universo cultural é realizada através de suas representações, ou seja, de como os sujeitos compreendiam a sua realidade. Neste caso as contribuições de Roger Chartier¹⁷ foram fundamentais ao problematizar as percepções sociais como discursos que não são neutros, mas demonstram estratégias e práticas que procuram impor autoridade, legitimar projetos ou justificar escolhas e condutas. Observamos que os grupos sociais são diferentes e interagem de formas diferentes. Neste sentido, pensar as representações criadas de forma relacional em detrimento das generalizações se mostra mais coerente. Corroboramos com a crítica as análises das representações que se prendem erroneamente a generalizações ao indicar as representações acessadas como uniformes e totalizantes. Ainda assim, acreditamos que mesmo as representações de parte da sociedade e de grupos sociais específicos são preciosas para revisitar a história e por nos apresentar, mesmo que de forma parcial, como

¹⁴ Sobre esta perspectiva ver: JULIA, 1976. op. cit., p. 110

¹⁵ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, LTC, 2008.

¹⁶ *Ibidem*, p. 17

¹⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

determinados grupos sociais construam suas representações e liam sua realidade. Com isso, entendemos que a História se expressa na ação singular de cada ambiente, construída de acordo com as condições específicas de cada sujeito, pois estes se comportam e se relacionam de forma diversa a partir de sua subjetividade.

É de fundamental importância a localização de alguns conceitos para operacionalizá-los em nossas análises. Entendendo que as palavras não são neutras, possuem historicidade e variedade de significados, polissêmicas elas alteraram seu sentido de acordo com vários fatores entre eles o período histórico e local. Localizar as palavras historicamente é perceber como elas foram construídas e utilizadas em dado momento, muitas delas mais que simples palavras, mas conceitos que exprimem representações. Por ter um peso considerável junto à visão religiosa, os conceitos de civilização, progresso e sertão são centrais para compreender sua atuação nas áreas da educação, saúde e postura cultural.

O século XIX foi responsável pela projeção de uma nova visão de mundo, ancorada nos desenvolvimentos científicos e industriais que legaram ao capitalismo uma nova fase. As sociedades europeias e os Estados Unidos se colocaram como vanguardas do mundo e impuseram suas características enquanto modelos a serem seguidos. As representações construídas nesse contexto foram cristalizadas e incorporadas por boa parte das elites políticas e econômicas do Brasil e das sociedades interioranas.

O conceito que a palavra civilização tem hoje em diversas sociedades ganhou sua forma no século XIX sendo perpetuado durante o século XX chegando até nossos dias. Sua formulação contou com a contribuição dos pilares da antropologia moderna que se encarregou de estudar e compreender a diversidade cultural. Entretanto, as primeiras obras manifestavam o caráter evolucionista. A partir de uma perspectiva comparativa às pesquisas iniciais que tinham como objeto o estudo das culturas, estabeleceram uma escala de níveis culturais. Envoltos no pensamento de época e ancorados no etnocentrismo, colocaram as características europeias baseadas em suas condições tecnológicas e práticas sociais enquanto civilizadas, o maior estágio em sua escala evolucionista. Embora utilizassem exemplos práticos, sua formulação se baseava numa abstração conceitual e parcial que considerava diversas características presentes no modo de vida europeu e norte americano como mais evoluído. Mesmo com a relativização desta forma de percepção cultural, o conceito inicial de civilização permanece até os dias atuais.

Dentro da discussão do conceito de civilização, os estudos de Norbert Elias são clássicos em problematizar a sua formulação a partir da análise de exemplos históricos. Tendo em vista toda carga etnocêntrica das definições que envolvem a palavra civilização, o autor alemão analisa o advento da sociedade da corte europeia e o que se chamou de “processo civilizacional”, investigando as nuances do momento em que se convencionou ao criar um tipo de comportamento considerado ideal e civilizado. A partir de suas investigações, ele associa o conceito de civilização a um conjunto variável de fatores como:

Ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, as ideias religiosas e aos costumes... ao tipo de habitações ou a maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos...¹⁸

Para o autor, o estudo da forma com que as sociedades alteraram suas práticas, normas de convivência e tecnologia – o “processo civilizacional” –, não pode deixar de produzir desconforto e embaraço, pois o conceito em si coloca em choque a oposição dos civilizados com relação aos incivilizados. De um lado os que possuem as características de civilização, de outro os que devem ou não se enquadrar nelas. Mas quem teria o poder de estabelecer esses critérios? Geralmente as camadas dominantes ou os interessados de alguma forma nesta definição. Nas sociedades analisadas por Norbert Elias, as camadas dominantes representadas pela sociedade de corte, produziram uma autoimagem, que em sua própria estimativa era excepcional, uma autoconsciência de um comportamento socialmente aceitável, e passível de diferenciação com as demais camadas¹⁹. Desta forma, civilização aparece como conjunto de fatores que expressam formas de manutenção de poder, de diferenciação social de uma camada por outra, e ainda de controle das práticas sociais pela coerção, principalmente pelo reforço da vergonha aos que não eram tidos como pertencentes à civilidade, como também pelo discurso do benefício presente na assimilação das características civilizadas. O modelo civilizacional expressou relações de poder em que a normatização das ações atendeu a interesses específicos de quem detinha o poder de impor essas normas.

Esta perspectiva, que concebe todas as sociedades num caminho inexorável e necessário às características da convencionada civilização, desconsidera o que importa para as sociedades que não partilham da mesma visão de mundo. Sendo assim, as peculiaridades da

¹⁸ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Formação do Estado e civilização. V. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. p. 23

¹⁹ *Ibidem* p.76

civilização – sejam elas tecnológicas, práticas, de costumes, de ideias, entre tantas outras –, se estabelecem por motivos específicos, geralmente pelo reforço ideológico e interessado em mostrar determinada cultura como evoluída e necessária para ser propagada. Historicamente esse discurso justificou intervenções concebidas como salvadoras ocultando consigo interesses obscuros que desembocaram em processos de dominação e imposição cultural alicerçados nas dominações políticas, econômicas, religiosas e sociais.

Embora encontre bases em um pensamento evolucionista, o conceito de civilização também perpassa por uma abstração conceitual, afinal como ressalta Norbet Elias rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma "civilizada" ou "incivilizada". Por isso ele afirma que é bastante difícil sumariar em algumas palavras tudo a que se pode descrever como civilização. O que existe nisso é um juízo de valor com o realce da ideia de superioridade de determinada sociedade e práticas, expressando assim o etnocentrismo. Norbert Elias nos indica ainda a necessidade de perceber esses conceitos excluindo a ideia maniqueísta, na antítese de "civilizado" e "incivilizado". Para ele, essas características representam fases do desenvolvimento humano que é processual e contínuo²⁰. Afinal, conclui Norbert Elias, o conceito de civilização é a expressão da "consciência que o Ocidente tem de si mesmo e como se julga superior à sociedades antigas ou a sociedades contemporâneas mais primitivas"²¹. Por fim, possuir ou não características consideradas civilizadas não deve ser uma forma de desvalorização de qualquer cultura, pois as características da "civilização" julgada como essencial para um tipo de sociedade específica não expressa a vontade geral de todas as outras.

A partir dessa discussão, este trabalho abordará o conceito de civilização enquanto uma gama de características pensadas pelos missionários e por parte da sociedade como necessárias para uma vida ideal, esta que se apresentou em contraponto as características da sociedade sertaneja e tradicional distante dos elementos tecnológicos e práticas sociais consideradas como civilizadas. Esta sociedade interiorana que para eles se mostrava necessitada de intervenção, que foi proposta e realizada pela missão por vezes como sugestão e por outras como imposição tendo como polo irradiador os empreendimentos geridos pela obra missionária.

²⁰ Ibidem p.73

²¹ Ibidem p. 23

Vinculado ao conceito de civilização está o conceito de progresso. Este último não possui uma definição consensual, muito embora se convencie ligá-lo a um pensamento linear de evolução histórica e aperfeiçoamento técnico, científico e moral. Para Sandra Jathay Pesavento, “o progresso, em si, é uma abstração conceitual da realidade empírica” vivenciada na consolidação do sistema de fábrica, relacionado à vitória do capitalismo. Deste modo o progresso aparece como discurso triunfante das possibilidades tecnológicas em que esse sistema econômico poderia oferecer ao mundo²².

Progresso refere-se, também, à emancipação humana, a evolução do saber e da técnica. As teorias do desenvolvimento, inspiradas na ideia de progresso, consagraram uma forte tendência no pensamento social clássico e contemporâneo e alimentaram pactos políticos e socioeconômicos de modernidade.²³

Desta forma, o progresso deu a tônica das formas de compreensão do mundo e de conduta social que marcam o surgimento da chamada ‘sociedade ocidental moderna’. O discurso progressista ancorado principalmente na proposta econômica seduzia na medida em que agrupava em si as qualidades do processo evolutivo, levando as nações e sociedades a almejarem as suas características ligadas ao avanço econômico. Progredir representava a posse de atributos que conferiam vantagens no mundo capitalista. A concepção moderna de progresso então se liga ao elogio das sociedades que tinham maior desenvolvimento técnico, reforçando assim o etnocentrismo das sociedades que possuíam este desenvolvimento, neste caso parte Europa e América do Norte, as mesmas que no início do século XX foram exemplo para as capitais brasileiras no processo de urbanização e remodelamento. Por fim, o progresso constituiu-se “no grande mito e na maior crença do século XIX, embalado pelos princípios filosóficos da evolução, pelo cientificismo, pela tecnologia”,²⁴ sendo seu discurso instrumento utilizado como vinculação ideológica para as grandes potências.

Os missionários, como homens do seu tempo, reproduziram o discurso que aprenderam a internalizar em seu país de origem. Percebiam o mundo em termos técnicos e culturais em estágios, em níveis de desenvolvimento, nesta escala eles estavam em um patamar mais evoluído. “Muitos grupos protestantes consideravam a sua religião como a do

²² PESAVENTO, Sandra Jathay. "Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário". *Revista Brasileira de História*, vol. 15, n°. 29, São Paulo: ANPUH; Contexto, 1995, p. 9-27.

²³ BAPTISTA, Rosanita Ferreira. *Gênese e crise dos conceitos de progresso e Desenvolvimento na teoria social. XII Congresso Brasileiro de Sociologia*. UFPE, Recife.

²⁴ PESAVENTO, op. cit. p. 9-27.

futuro e a que melhor se adaptava a uma sociedade desenvolvida”²⁵. É importante salientar que o progresso para eles não estava associado somente à disposição tecnológica, mas principalmente moral e social. Acreditavam que “a ideia de progresso” era “eminente cristã”, pois o homem cristão tendia a buscar a perfeição, aperfeiçoando a ciência, moral, política e sociedade.²⁶ Analisando as condições estruturais de Ponte Nova, e comparando a sua realidade nos Estados Unidos, os missionários utilizaram o nível de desenvolvimento para classificar o local como “incivilizado”, que necessitaria de ajuda para alcançar o progresso no caminho da civilização.

A palavra sertão também se constitui essencial para a compressão deste trabalho, por representar a antítese da civilização e local de intervenção e mudança numa perspectiva civilizacional. Será utilizada a partir das representações encontradas nas análises das fontes, estas últimas revelam o pensamento dos missionários e parte da sociedade em relação ao local estudado. No período em que os missionários iniciaram seus trabalhos, a região que abrigava a Fazenda Ponte Nova era popularmente conhecida como Lavras. Os missionários chamavam o campo de trabalho próximo, o de Lençóis, de “Campo das Lavras”. Porém quando designava a maior parte do restante da região da Chapada Diamantina (inclusive Ponte Nova) que possuía as mesmas características geográficas de Lençóis chamavam de “Campo Sertão”. Neste caso, eles evocavam uma representação de “sertão”, que não utilizava as características geográficas em si tais como relevo, vegetação e clima, os quais eram bem diferentes das associadas ao sertão que naturalmente tinham essas propriedades físicas ligadas ao semiárido. Pensavam o sertão enquanto local “longe do litoral, distante de povoações ou de terras cultivadas, pouco povoadas e onde predominam tradições e costumes antigos”²⁷. A percepção de sertão neste caso indica local vago, inabitado, com hábitos rudimentares e arcaicos, uma marca da distância das capitais e dos costumes modernos e refinados.

Essa forma de pensamento é recorrente desde o período colonial, sendo responsável por produzir uma generalização para a vasta área do interior brasileiro estigmatizando de forma generalista sem se atentar para a realidade que expressa pluralidade geográfica, social,

²⁵ SILVA, Elizete. *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia*. 1998. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - USP. 1998. p.52

²⁶ Imprensa Evangélica. São Paulo, Ano 27, número 22. 6 de junho de 1891

²⁷ LIPPI, Lúcia. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*. vol. V (suplemento), 195-215 julho 1998.

econômica e cultural²⁸. Essa generalização da palavra e conceito formou precocemente as imagens construídas do interior brasileiro, sendo reproduzida por muitos escritores e viajantes que não levavam em conta as questões geográficas, mas econômicas e sociais. Essa forma de percepção, que se alimentava da falta de conhecimento, revela uma sociedade que viveu ensimesmada no litoral e nas cidades mais importantes economicamente e que continuou a perceber todo vasto pedaço de terra que existiam fora de seu alcance como “sertão”, como uma espécie de lugar distante e desconhecido. O sertão como esse lugar longe dos elementos civilizacionais tornou-se uma forma de expressão naturalizada e grandemente difundida pela falta de conhecimento e por projetos políticos e ideológicos que viam na hierarquização dos espaços motivação de sua atuação. Hoje a geografia responde pela caracterização da palavra de acordo com seus aspectos gerais, ainda assim não apagou do imaginário a atribuição de sertão utilizando os adjetivos de escassez e pobreza.

Na região da Chapada Diamantina, um dos principais mecanismos de difusão das representações foram os periódicos. O jornal “Correio do Sertão” criado em 1917 na cidade de Morro do Chapéu foi um dos principais responsáveis por difundir imagens específicas. A sua representação de “sertão” era inspirada nos discursos das capitais que a semelhança dos relatos de viajantes não evocavam o espaço geográfico e suas características físicas, mas sim sua estrutura que polarizado com o litoral, apresentava-se abandonado e necessitado de intervenção. Assim, o periódico reiterava a visão que levava em consideração ao desenvolvimento econômico, tecnológico além de práticas sociais. O jornal na esteia do processo modernizador das capitais no início do século XX reconhecia na modernização gerada pelo progresso científico e tecnológico como única maneira de mudar o interior elevando-o ao status de civilização.

Para efetivação deste trabalho, as referências bibliográficas foram importantes na compreensão de diversos aspectos desta pesquisa. Para o entendimento do campo religioso baiano no que se refere ao catolicismo utilizo, entre outros, os trabalhos de Cândido da Costa Silva²⁹ que mostram as pluralidades da religiosidade no interior baiano e contribui para um maior conhecimento do campo, auxiliando na compreensão da dinâmica da maior manifestação religiosa do Estado. Para compreensão dos protestantes na Bahia recorri aos

²⁸ NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. *Politeia: História e Sociologia*. Vitória da Conquista. v.3 n.1 p.153-162. 2003. p. 157

²⁹ SILVA, Cândido da Costa. *Os Segadores e a Messe: o Clero oitocentista na Bahia*. Salvador: SCT EDUFBA, 2000. 502p. / SILVA, Cândido da Costa e. *Roteiros da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo. Ática, 1982

primeiros estudos realizados encontrando na pioneira Marli Teixeira³⁰ a investigação dos Batistas na Bahia entre 1882 e 1925. A pesquisa sobre os reformados na Bahia teve prosseguimento com Elizete da Silva com o estudo da Missão Batista Independente no mestrado³¹ e os Anglicanos no doutorado³². Somando a estas produções Elizete Silva se destaca ao longo de sua trajetória ao dedicar-se aos estudos dos protestantes em suas mais diversas relações em solo baiano com a coordenação do Centro de Pesquisas sobre Religião (CPR) na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), contribuindo para o alargamento deste objeto de estudo e, conseqüentemente, do campo religioso baiano.

No Estado, o número de trabalhos em diversas áreas das Ciências Humanas, que têm como objeto os protestantes, cresce a cada dia. Em História, as mais diversas Igrejas têm encontrado pesquisadores que investigam diferentes aspectos de sua experiência religiosa. A citar os estudos dos Batistas na dissertação de Zózimo Trabuco que estudou o Instituto Bíblico Batista do Nordeste³³. Adriana Martins dos Santos investigou a relação da Igreja Universal e as instituições políticas em Salvador entre 1980-2002³⁴. A Igreja Assembleia de Deus foi investigada por Igor José Trabuco da Silva que analisou suas relações com a Política em Feira de Santana entre 1972-1990³⁵.

Na Bahia, em geral, existem poucas pesquisas que investigam especificamente os presbiterianos no Estado. Fora as raras obras produzidas pela instituição no eixo sudeste do país, existe a tese de doutorado posteriormente publicada em livro e diversos artigos de Ester Nascimento³⁶ que estuda a Missão Presbiteriana em Wagner, enfocando basicamente os aspectos educacionais. Este trabalho diferenciando-se dos estudos de Ester Nascimento procura preencher algumas lacunas que não fora objeto do trabalho, buscando uma

³⁰ TEIXEIRA, Marli Geralda. *Os Batistas na Bahia: 1882-1925*. Um estudo de história social. Dissertação (Mestrado em História) – UFBA: 1975.

³¹ SILVA, Elizete da. *A Missão Batista Independente: uma alternativa nacional*. UFBA. Dissertação de Mestrado. Salvador. 1982.

³² SILVA, Elizete. *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia*. 1998. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - USP. 1998.

³³ TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. *O Instituto bíblico Batista do Nordeste e a construção da identidade Batista em Feira de Santana (1960-1990)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFBA:2009.

³⁴ SANTOS, Adriana Martins. *A construção do reino: A Igreja Universal e as instituições políticas soteropolitanas 1980-2002*. Dissertação (Mestrado em História) – UFBA: 2009

³⁵ SILVA, Igor José Trabuco. *Meu reino não é deste mundo” – a Assembleia de Deus e a política em Feira de Santana (1972 – 1990)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFBA: 2009.

³⁶ NASCIMENTO, Ester F. Vilas-Bôas C. do. *Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil Tropical*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade. Tese de Doutorado. 2005

investigação mais profunda na estrutura da Missão Presbiteriana ao revisitar aspectos da obra educacional e Médica e suas relações com o evangelismo.

Entre os poucos trabalhos na Bahia que têm os presbiterianos como foco de estudo, encontramos a dissertação de Mariana Seixas que trata aspectos da Igreja Presbiteriana no Brasil e principalmente na Bahia³⁷ e a dissertação de Charlene José de Brito que estuda os projetos sociais desenvolvidos por Presbiterianos Ecumênicos no Estado da Bahia entre 1968-1990³⁸. Encontramos também a dissertação na área de educação de Márcia Gonçalves³⁹, que estuda especificamente o Instituto Ponte Nova e sua vinculação com a proposta de civilização. Neste panorama de produção acadêmica, esse trabalho procura contribuir para o estudo deste objeto, ampliando o conhecimento sobre ele, preenchendo as grandes lacunas, além de ajudar na compreensão desta experiência religiosa e suas relações no período em questão.

Em relação às fontes, este trabalho serviu-se de uma considerável variedade, o que exigiu uma abordagem, metodologia, técnica e bibliografia específica para cada uma. Importante salientar que as fontes como vestígios e testemunho do passado que nos oferecem informações sobre o mesmo são construções que tem historicidade e são socialmente produzidas. Desta forma possuem objetivos específicos. Sendo assim, não são neutras e nem imparciais, o que exige uma forma de tratamento diferenciado. Mesmo com os debates que insistem em questionar determinadas fontes, o pensamento deste trabalho reconhece que todas as fontes são importantes e a sua maneira requer uma postura teórica e metodológica específica, pois são produzidas em um contexto específico e sofrem variadas influências como a do tempo, lugar, ideologia entre outras.

No que se refere às fontes escritas, este trabalho utilizou as Atas da Missão Central Brasil⁴⁰, do Conselho Brasil⁴¹ e do Presbitério Bahia-Sergipe⁴². Estas fontes institucionais⁴³

³⁷ SEIXAS, Mariana Ellen Santos. *Igreja Presbiteriana no Brasil e na Bahia: Instituição, Imprensa e Cotidiano (1872-1900)*. Dissertação (Mestrado) – UEFS, 2013.

³⁸BRITO. Charlene José de. *Da Assistência à Resistência: Ecumenismo presbiteriano, mendicância, migração e luta pela terra na Bahia*. (1968-1990)

³⁹ MORAES, Márcia M. G. de Oliveira. *Educação e Missão civilizatória: O caso do Instituto Ponte Nova na Chapada Diamantina*. 168f. 2008. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação – Campus I. UNEB, Salvador. 2008

⁴⁰ Foram utilizados nesta pesquisa três livros de atas: Brazil Council Minutes (1912-1937) 257p ; Old Brazil Minutes – (1897-1912) 233p ; Old Central Mission – Minutes. (1904-1938) 379p.

⁴¹ Conselho Brasil era o órgão representativo das atividades missionárias no país. Composto pelas missões vinculadas a sede de Nova Iorque.

⁴² Órgão regional, responsável legal pela administração e direcionamento das ações da igreja na sua área de jurisdição.

⁴³Informamos que algumas as atas páginas das atas estão ilegíveis, dificultando a sua datação.

foram importantes ao descreverem uma parte significativa das inúmeras relações da Missão com a Igreja local e com o Conselho Nacional que dialogava diretamente com escritórios nos Estados Unidos. Descrevem também os objetivos para o campo de trabalho, o andamento das ações, projeções, tensões e conflitos diante das adversidades encontradas nos anos de trabalho. Diante dessas informações, consideramos o corpo documental institucional mais significativo deste trabalho. Somados as atas, utilizamos alguns relatórios que nos forneceram informações acerca da escola e do hospital. Da Escola de Enfermagem do Grace Memorial Hospital foi utilizado o questionário de admissão e relatório de funcionamento. Alguns documentos produzidos individualmente também foram utilizados. Entre eles, o artigo memorialista escrito por Janet Graham⁴⁴, que mescla informações de relatórios médicos com dados de atendimentos e fatos ocorridos nas dependências do Hospital em sua presença, e outros passados pela oralidade. Este documento foi de suma importância para a discussão de diversos aspectos relacionados à saúde, com quantidade de consultas e relação cultural da população com o saber médico difundido pelo hospital. Somam-se a estas fontes correspondências, telegramas, poemas que contam à sua maneira diversas experiências locais. Por fim, alguns escritos e documentos disponibilizados por Márdio Brito, um ex-diretor de um período posterior ao estudado, mas que forneceu documentos e depoimentos que elucidaram muitas indagações.

Sobre as fontes escritas, ressalto que por muito tempo possuíram status de verdade, visão que sofreu críticas e hoje, assim como todas as outras fontes, requer uma metodologia e técnica de análise específica. O corpo documental de atas utilizado foi produzido pela própria instituição, mesmo as atas cumprindo a função de registrar as reuniões e os direcionamentos de forma direta “*ipsis litteris*”, ela sofre interferências internas, podendo omitir ou ressaltar informações a partir de interesses específicos. Desta maneira, ela também requer uma atenção diferenciada para observar as suas nuances e assim poder problematizar o que está escrito e captar o que “não está escrito”.

Os livros de Alderi Souza Matos, o atual historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, Boanerges Ribeiro e Júlio Ferreira são de grande valia ao fornecer inúmeros dados e fatos para compreensão da História da Igreja, dada sua gama de informações. O relato

⁴⁴ Janet Graham Araújo formou-se em enfermagem nos Estados Unidos e trabalhou inicialmente no Hospital Evangélico Goiano, em Anápolis. Depois, foi designada para dirigir o setor de enfermagem do hospital de Ponte Nova e sua Escola de Enfermagem.

descritivo de diversos momentos da história da Igreja Presbiteriana do Brasil feito pelo missionário Frank Arnold⁴⁵ e publicado em livro⁴⁶ foi importante ao fornecer informações pertinentes acerca da Missão, um relato pessoal das atividades missionárias desde o início até o fim de sua atuação no Brasil. Sua atuação como missionário mesmo depois do recorte deste trabalho foi fundamental para elucidar diversas dúvidas existentes, além de apreender diversas representações do sujeito com o trabalho em campo e a realidade brasileira.

Os periódicos são fontes importantes na reconstrução do passado, afinal são guardiões de informações preciosas. Muito embora saibamos de sua parcialidade, eles nos fornecem inesgotáveis possibilidades de investigação. Essa tipologia de fonte foi analisada a partir das discussões historiográficas empreendidas por Tânia Regina de Luca⁴⁷, que alerta para a imprensa periódica e suas problemáticas, e nos indica, sugestões práticas de utilização da fonte. Heloisa de Farias Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto⁴⁸ complementam a discussão também sugerindo arcabouços teóricos e apontando caminhos metodológicos que indicam o trabalho cuidadoso com esse tipo de fonte, que outrora fora muito criticada, mas hoje é importante instrumento na reconstrução do passado. Posto isso, analisamos os periódicos produzidos pela Igreja que refletiam sua visão e posicionamento para com a sociedade brasileira em múltiplos aspectos além de servir como forte instrumento de defesa da causa evangélica. O *Correio do Sertão* foi muito importante para a compreensão da situação educacional e médica da região da Chapada Diamantina. Este jornal possuía como prática republicação de matérias publicadas na capital e fora do Estado, que julgavam pertinente ao interior, principalmente quando evocava as más condições da educação, saúde, transporte e economia, servindo de base para seus constantes questionamentos da situação do sertão. Desta maneira, ele nos ajudou a perceber as representações criadas acerca da Missão ao longo do desenvolvimento de seu trabalho em Ponte Nova e seu entorno.

Por algum tempo, as fotografias foram consideradas um momento do passado eternizado em imagem, como nos indica Boris Kossoy: “toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado

⁴⁵ Missionário presbiteriano, viveu 33 anos no Brasil, possuía formação em engenharia metalúrgica, atuou na região nordeste e Amazônia.

⁴⁶ ARNOLD, Frank L. *A história das missões presbiterianas norte-americanas no Brasil*. Tradução: Meire Portes dos Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

⁴⁷ LUCA, Tânia Regina. A História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. Paulo: Contexto, 2005.

⁴⁸ CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversa Sobre a História e Imprensa. *Projeto São Paulo*, São Paulo, n.35 p. 253-270, dez.2007

fotograficamente⁴⁹”. Entretanto, as inovações teóricas que discutem a fotografia como fonte de pesquisa vêm ampliando o seu olhar acerca desse “momento eternizado”. As fotografias neste trabalho são observadas a partir das discussões de Walter Benjamin, que nos indica um olhar diferenciado, pois a construção fotográfica é também construção de um olhar das coisas sobre nós⁵⁰. Por essa perspectiva, compreendemos as fotografias enquanto o olhar do fotógrafo sobre algo, porém, precisa de técnica específica para ser compreendida. Desta maneira, o momento eternizado em imagem é parcial e recortado a partir dos objetivos de quem fotografou. Assim, a fotografia enquanto fonte pode ser enganosa ao indicar ao observador um olhar específico e montado, podendo incidir nas observações e indicar predileção em assumir certas posições. Ao utilizar a fotografia enquanto fonte, é necessário um olhar apurado que problematize e busque além do que ela quer mostrar. Dentro do acervo fotográfico utilizado, encontramos, em boa parte, fotografias tiradas pelos missionários para relatoria das ações e do andamento da estação de Ponte Nova. Elas são usadas na percepção das disposições físicas, nos investimentos em utensílios tecnológicos e também os costumes e práticas cotidianas.

Um das fontes mais recentes a ser trabalhada como fonte histórica a produção cinematográfica também foi usada neste trabalho. Entendendo o cinema como um sistema simbólico que produz e reproduz significações sobre o mundo⁵¹, utilizamos esta fonte como recurso para investigar o passado. Embora as discussões das produções cinematográficas enquanto fonte histórica seja algo relativamente recente, as discussões em torno do método e abordagem estão em constantes debates. A variedade de gêneros, objetivos, condições de produção entre tantas outras implicam em diversos fatores para a construção de uma análise coerente.

Ao utilizar a produção cinematográfica, não podemos deixar de considerar a construção subjetiva da narrativa e seus interesses. Quer sejam políticos, sociais, culturais e econômicos. O filme enquanto obra, está para além de sua função de entreter uma plateia ou realizações pessoais e artísticas. Ele ao mesmo tempo que cumpre esses objetivos também exprime valores, ideologias, críticas, conformações, posições políticas etc. O elevado nível de

⁴⁹KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. P. 47

⁵⁰ BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 91-107. (Obras Escolhidas, v.1).

⁵¹ ALMEIDA, Milton José de. Cinema e televisão: histórias em imagens e som na moderna sociedade oral. In: FALCÃO, Antonio Rebouças; BRUZZO, Cristina (Coords.). *Coletânea lições com Cinema*. São Paulo: FDE, 1993, p.87-107.

subjetividade impõe severas dificuldades a utilização do filme como fonte. Entretanto, como testemunho da sociedade que o produziu é uma fonte histórica por excelência⁵². Assim corroboramos com a autora quando indica que:

Todo "filme histórico" é uma representação do passado e, portanto, um discurso sobre o mesmo e, como tal, está imbuído de subjetividade. Para se captar o seu conteúdo histórico é necessário que o historiador, primeira e momentaneamente, renuncie à busca objetiva da "verdade histórica". Na película, ele apenas encontrará uma visão sobre um objeto passado, que pode conter "verdades" e "inverdades" parciais.⁵³

Atento para estas discussões, utilizo o filme “O Punhal” produzido pela Missão na década de 1960. O filme tem nítido caráter evangelístico e descritivo, é bastante significativo para compreender a autoimagem reproduzida pelos missionários acerca do trabalho evangelístico do Hospital. Assim, ele contribuiu para perceber as representações construídas e reproduzidas pela instituição na obra cinematográfica, abordando aspectos como a chegada dos missionários, sua relação com a população local e sua religião, além da função do Grace Memorial Hospital na conversão das pessoas e o papel do protestantismo na mudança social do convertido.

Reconhecendo que a História Oral é um recurso importante de acesso ao passado, utilizamos da fonte oral para dar voz às pessoas “comuns” que não produziram registro pessoal de sua relação com a Missão. Ouvir essas pessoas nos ajudou a ampliar o alcance investigativo das informações acessadas, estas que em sua maioria foram produzidas pela instituição e pessoas que tiveram uma relação mais próxima com ela. Esses depoimentos foram importantes no auxílio das investigações das representações construídas pela população local em relação à Missão, seus agentes e suas obras ao longo do tempo. Acerca da percepção deste tipo de fonte, ressaltamos a desconfiança que permeava sua utilização. Assim, discordamos dos pensamentos de outrora que legavam à oralidade e memória a subalternidade, pois o amadurecimento das técnicas e metodologias nos oferece segurança suficiente para poder utilizá-las como fonte.

A partir das discussões acerca dessa fonte, podemos indicar como contribuições deste trabalho a observação da História Oral como possibilidade de acesso às experiências dos diversos grupos e pessoas que elaboram sua realidade de forma particular. Este fator nos

⁵² NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da história. *O olho da história*, Salvador, v.2, n.3, p.217-234, 1996;

⁵³ Ibidem

possibilita observar o passado longe das generalizações. Com a fonte oral, as representações que nas outras fontes indicamos como possibilidades o sujeito nos informa, consciente ou inconscientemente. Embora esteja suscetível a distorções da memória que são influenciadas por uma gama de fatores, elas são preciosas. Sabemos que não é uma tarefa fácil trabalhar com a História Oral, porém recorreremos a ela com metodologia e técnica específica. Em meio a vários autores e discussões existentes sobre esta tipologia de fonte, citamos o apanhado geral feito por Verena Albertti. Seu trabalho é bastante elucidativo ao analisar cronologicamente a evolução da História Oral dentro da historiografia, bem como apresentação das discussões teóricas atualizadas relacionando com a memória. Por fim contribui ao indicar diversos procedimentos necessários para o trabalho com este tipo de fonte.

Algumas fontes memorialistas e relatos foram importantes para elucidar diversos questionamentos, a partir da construção de variadas representações, além de fornecerem informações que não são encontradas em Atas e nos relatórios. Elas mostram a visão de sujeitos que se relacionaram com a Missão, e assim podemos ampliar a construção das memórias acerca de diversas relações em Ponte Nova. Dentre as várias fontes memorialistas com relatos escritos a próprio punho ou impresso, tivemos acesso aos escritos de Basílio Catalã⁵⁴ ex-aluno e pastor da igreja, Belamy Almeida⁵⁵ ex-aluna.

Esses trabalhos são considerados parte da memória. Para os seus escritores, uma forma de perpetuar uma história que não deve se perder com o tempo. Geralmente, esses livros materializam a vontade dos autores em manter a memória pessoal e coletiva sobre seu passado. Essa memória pode ter sofrido influência modelar através de um processo de tentativa de construção de unidade da memória de forma coesa e contínua a fim de cristalizá-la como verdadeira. Entretanto, convém pensar que esta proposta de homogeneizar a memória coletiva encontra na esfera individual possibilidades de releitura e deformações.

A memória, assim como outras tantas fontes, também é palco de lutas pelo poder de manter e reproduzir determinada forma de guardar o passado. Entretanto, a memória individual de grupos contrários à memória imposta é algo particular que embora possa ser

⁵⁴ *Escorço Histórico Escorço Histórico* – Colégio Ponte Nova. Basílio Catalã de Castro. 1941 – Arquivo Presbiteriano – São Paulo

⁵⁵ ALMEIDA, Belamy Macêdo de. *Ponte-Nova - Construindo o futuro olhando no retrovisor*. 2004

limitada e perseguida permanece no subconsciente do indivíduo podendo ou não ser externada. De maneira nenhuma podemos pensar em uma memória única, mais na “guerra de memória” em que geralmente os “vencedores” de determinado embate quer seja político, religioso ou econômico adquire o poder de criar, manter e reproduzir sua memória como a “oficial”. Contudo, as memórias contraditórias a “oficial” permanecem e são também guardadas e difundidas a sua maneira. Desta forma, acreditamos que existem na memória negociações, seleções de tal modo que ela não se expressa em termos dicotômicos de oficial e subalterno, mas de forma múltipla.

A partir da perspectiva teórica e metodológica abordada nas páginas acima, esta dissertação realizou suas investigações e expõe seus resultados. Antes de adentrar nas ações da Missão em Ponte Nova, procurei entender o que era a Missão, depois busquei compreender a sua estrutura interna. A relação da Missão com o campo religioso baiano e a sociedade me levou a entender suas estratégias de atuação. Estas estratégias se ligaram a necessidade local e a essência do trabalho missionário, desembocando na construção de uma escola posteriormente transformada em um instituto, a criação de um hospital e escola de enfermagem. Essas instituições vivenciaram uma gama de relações que uma dissertação não tem como dar conta, mas que dentro de seus limites tentou elucidar questões ao seu alcance a partir de suas fontes, deixando inúmeras oportunidades para pesquisas futuras.

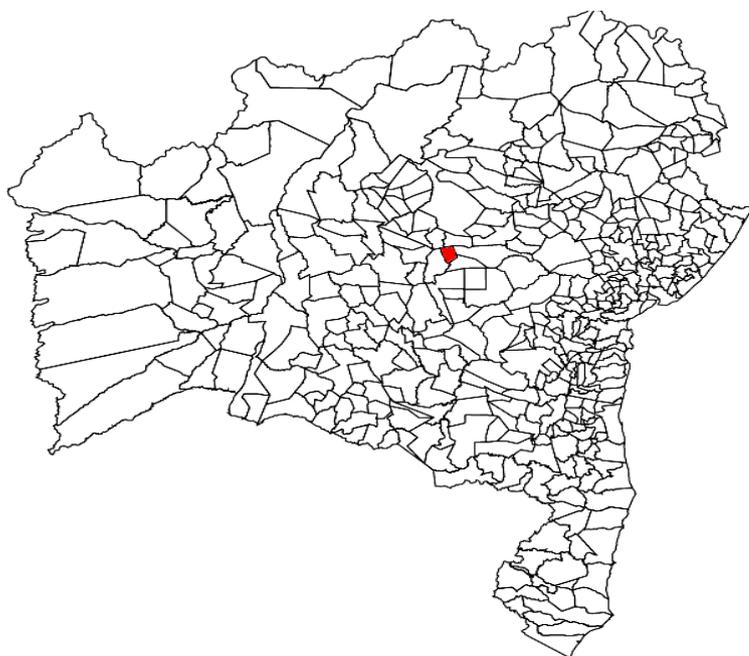
No primeiro capítulo, dedico-me, depois de um breve histórico dos protestantes e especificamente os presbiterianos no Brasil, a descrever a estrutura da Missão Central Brasil e sua relação com a evangelização. Investigo como os presbiterianos chegaram a Ponte Nova, percebendo o campo religioso no Estado e no local, as relações políticas e sociais que permitiram a formulação da criação da base missionária no sertão. No segundo capítulo, o Instituto Ponte Nova será o foco de análise. Essa agência educacional construída na localidade para ser a escola central da Missão será investigada basicamente com o foco na sua vinculação ao objetivo de evangelização, sem, contudo, deixar de localizá-lo a partir das condições educacionais do interior do Estado para compreender a importância adquirida na região. Investigo também como a escola se orientava pelas práticas pedagógicas de inspiração norte americana e a difusão de um modelo educacional creditado ao ideal de uma sociedade civilizada por incorporar hábitos cotidianos relacionados à postura e higiene que seriam modelo para ser seguido. Em seguida, analiso as diferentes percepções da obra educacional

dentro do universo presbiteriano. No terceiro capítulo, a face médica sanitária da Missão é analisada em sua origem, estrutura e ação em Ponte Nova, observando a relevância que foi adquirida ao longo do tempo, se tornando um dos principais braços de evangelização da Missão. Por fim, discuto o que seria o “banho de civilização”, finalizando com a análise das diversas representações criadas a partir da obra presbiteriana na localidade. Estes capítulos articulados fornecem uma visão mais detalhada do que foi a Missão presbiteriana em Ponte Nova, articulando o caminho trilhado na sua construção, os investimentos no local, a sua proposta de mudança cultural, bem como a igreja e seu legado religioso para a cidade.

Histórico da Cidade

A cidade que hoje recebe o nome de Wagner teve sua última formação político-geográfica⁵⁶ decretada em 1962 com a restauração do município. A sua história é bastante singular em meio aos municípios baianos. Sua construção está intimamente ligada a uma missão religiosa protestante que ao se instalar na região, quando existia apenas uma fazenda e algumas casas, construiu empreendimentos na área educacional e hospitalar que atraiu contingente populacional desenvolvendo no local uma estrutura que deu ao pequeno povoado ares de cidade.

Figura 1 Mapa da Bahia com destaque para localização da cidade de Wagner



Fonte: IBGE Desenho da Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (malha generalizada).

⁵⁶ A sua localização no mapa ajuda a compreender porque era chamada de “coração geográfico da Bahia”.

No final do século XIX, onde hoje se encontra a sede administrativa da cidade de Wagner⁵⁷, não havia mais que uma pequena quantidade de casas perto de uma antiga fazenda que dava o nome a localidade e chamava-se Ponte Nova. A região pertencia à cidade de Morro do Chapéu e o distrito mais próximo com a distância de 12 km tinha o nome de Cachoeirinha. O distrito de Cachoeirinha mudou o nome para Wagner em homenagem ao alemão Franz Wagner que ajudou a localidade na seca que assolou a região no final da década de 1880. Franz Wagner era conhecido em Salvador, membro da Igreja Protestante⁵⁸, residente no bairro da Vitória, era corretor profissional⁵⁹ e mineralogista⁶⁰. Foi também membro do Conselho Municipal de Salvador⁶¹. Ele trabalhou por algum tempo no interior auxiliando em construções como pontes e cemitérios no Estado. Foi fundador e presidente do *Comitê Patriótico* que auxiliou os feridos da guerra de Canudos⁶². Pelo local onde residia e acesso as pessoas influentes Franz Wagner possuía uma posição social considerável, como percebemos na nota indicada no Relatório do Comitê Patriótico que indica o alemão como uma “pessoa respeitada na sociedade Baiana”⁶³.

Foto 1: Franz Wagner



Fonte: PIEDADE, 2002. op. cit.

⁵⁷ Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Estatísticas dos municípios baianos. Salvador: SEI, 2011. V.15, 434p.

⁵⁸ Os documentos acessados não informam qual a denominação. Na época em Salvador possivelmente só haviam três denominações: Anglicanos, Presbiterianos e Batistas.

⁵⁹ PIEDADE, Lélis. *Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia (1897-1901)*. 2. ed. Salvador: Portfolium, 2002, 288p. il. (Edição, apresentação, notas e projeto gráfico organizada por Antônio Olavo.) p. 48

⁶⁰ SILVA, Elizete. Calvinistas em terras tropicais. In Negro, Antônio Luis et Al. (org.) *Tecendo História: Espaço, política e identidade*. Salvador, EDUFBA, 2009, p.79

⁶¹ PIEDADE, op. cit., p.49 nota 1

⁶² PINHEIRO, Alexander Magnus Silva. Uma experiência do Front: a guerra de Canudos e a Faculdade de Medicina da Bahia. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2009

⁶³ PIEDADE, loc. cit.

O alemão também organizou um comitê que levava seu próprio nome “Comitê Wagner”⁶⁴. Este comitê foi organizado para arrecadar socorros a serem enviados às localidades do interior, recebendo recursos privados e do governo federal e auxiliando as populações interioranas assoladas pela seca. Agradecidos pelos auxílios prestados durante esse período difícil, a população de Cachoeirinha solicitou a Câmara de Morro do Chapéu a mudança de nome, e seu pedido foi atendido na resolução da Câmara Municipal em 1891.

O então distrito pertencente à cidade de Morro do Chapéu foi elevado à categoria de cidade em 21 de agosto de 1915, oficializado pela lei 1.116, no governo de J. J. Seabra. Pouco tempo depois, em julho de 1931, foi extinto pela lei de organização dos municípios do interventor da Bahia Arthur Neiva⁶⁵, passando, na ocasião, a ser subprefeitura, e, posteriormente, extinto sendo anexado ao município de Lençóis em 1931⁶⁶. Em 1934, com o desenvolvimento do povoado de Ponte Nova, a subprefeitura do distrito de Wagner foi transferida da sua sede antiga Cachoeirinha para a localidade. No ano seguinte, com a extinção da subprefeitura, tornou-se distrito separando-se de Wagner. Em 1944, Ponte Nova passou a se chamar *Itacira*⁶⁷, retornando a categoria de cidade em 20 de Julho de 1962, com a restauração do município de Wagner através da lei 1.739. Neste último ato político administrativo a localidade, que ficava as margens da Fazenda Ponte Nova e que recebeu os empreendimentos da missão americana, tornou-se sede administrativa do município em detrimento da antiga localidade de Cachoeirinha.

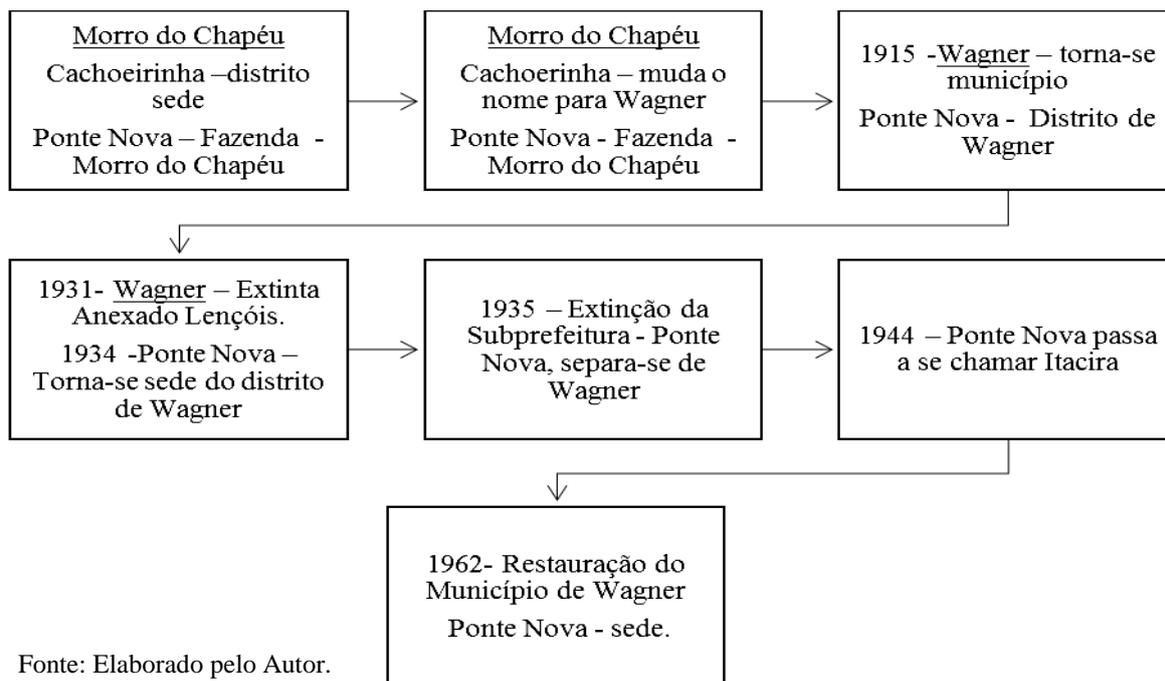
⁶⁴ GONÇALVES, Graciela Rodrigues. *As secas na Bahia do século XIX: sociedade e política*. . Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2000.

⁶⁵ A Lei de Reorganização Municipal, de 8 de julho de 1931, objetivava reduzir as despesas públicas, reativar as economias locais e fortalecer a administração central. Suprimindo municípios com menos de 20.000 habitantes e com renda insuficiente, ela alterou profundamente a divisão administrativa do Estado. Por meio de um simples decreto, municípios foram divididos e/ou incorporados a outros; sedes de governos locais transferidas; municípios com séculos de existência, abruptamente apagados do mapa. SAMPAIO, Consuelo Novais. *“Representações de poder”*: O Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937. Salvador: Assembleia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992. p.70.

⁶⁶ A lei do decreto 7.455 de 23/06/1931, 7.479 de 08/07/1931.

⁶⁷ Não conseguimos informações a respeito da mudança de nome, apenas que foi indicação estatal, para Ponte Nova e outras localidades. A palavra tem origens indígenas do tronco linguístico Tupi e significa “pedra cortante/afiada”.

Figura 2: Organograma da evolução política de Ponte Nova



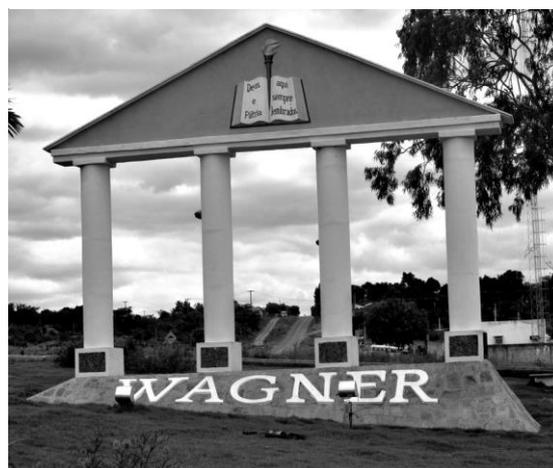
Hoje quem passa pela entrada da sede da cidade se depara com um monumento que destoa da paisagem local, uma clássica reprodução de um monumento grego, com um frontispício triangular no alto sustentado por quatro colunas e uma base forte. No seu centro uma reprodução de um livro aberto com a frase “Deus e Pátria, Aqui Sempre Lembrados”. Este monumento é a réplica da fachada do Instituto Ponte Nova que iniciou seus trabalhos educacionais em 1906, quando era uma pequena escola. A mesma imagem e data que foram adotados como símbolo da cidade, por ser considerado marco inicial das mudanças que incidiram na formação da cidade.

Foto 3: Fachada do IPN



Fonte: Acervo IPN

Foto 2: Réplica-entrada da cidade de Wagner



Fonte: Acervo Particular do Autor, 2012

A reprodução da fachada do Instituto Ponte Nova enquanto ícone se repete em diversos lugares, em forma de adesivo nos carros, nas casas ou em pinturas nos muros e na imagem oficial da prefeitura. Observando essa característica, nos atentamos para a sugestão de José Barros⁶⁸ que nos indica ao observar a cidade como um “texto”, assim esta imagem, junto com os edifícios que possuem uma arquitetura peculiar e as ruas com nomes de origem estrangeira, tem muito a dizer sobre a História da cidade que observados com um olhar mais atento indica a referência a norte-americanos, que por longos anos viveram no local, participando por décadas formação e construção desta cidade. A respeito desses americanos e como eles chegaram na localidade de Ponte Nova “escondida” na Chapada Diamantina, existe uma espécie de mito de origem, uma história comumente relatada na cidade, história que a partir de depoimentos orais, manuscritos, obras memorialistas e livros que com um toque pessoal reúno e descrevo abaixo.

“Em um dia normal, na cruzada evangelística pelo interior baiano, o Rev. Willian Alfred Waddell⁶⁹ diferente das viagens solitárias, levava consigo seus filhos nos “caçuás”⁷⁰ nos lombos dos burros e uma pequena comitiva que junto com ele enfrentava as adversidades costumeiras de trilhar o sertão. Estradas de terra, calor, doenças, escassez de alimentos e falta de água eram suas companhias cotidianas. As adversidades rotineiras não desanimaram estes estrangeiros, nem os impediram de continuar o trabalho no interior do Estado. Este dia se tornou singular na empreitada missionária, pois o Senhor revelou ao missionário algo que há tempos ele vinha procurando, um local para abrigar o projeto de Deus para região. Avistou a fazenda Ponte Nova, as margens do rio Utinga, abastecida por um manancial de águas e com um povoado ao seu redor, sedento de uma ajuda que nunca chegou. Neste instante, o Senhor tocou no seu coração, confirmando que neste lugar irradiaria suas bênçãos e salvaria o povo do sertão das mazelas geradas há tempos. A partir de então os *mensageiros de Deus* trouxeram o progresso material e cultural, desenvolvendo o local, e trazendo elementos característicos da civilização. O povo esquecido pelos governantes, nunca havia sido esquecido por Deus, que enviou os missionários para salvar suas almas, promovendo uma vida digna com educação, saúde e infraestrutura. Desde então o lugar jamais foi o mesmo, o pequeno povoado ganhou ares de cidade e o deserto baiano se transformou no Oásis no sertão⁷¹”.

⁶⁸ BARROS, José D`Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis. Vozes, 2007

⁶⁹ Reverendo presbiteriano idealizador e fundador do Instituto Ponte Nova. Veio para o Brasil em 1890, e para Bahia em 1899. Ajudou na construção da Igreja de Salvador, e foi responsável pelos trabalhos em Ponte Nova até 1914, quando foi dirigir o Colégio Mackenzie em São Paulo.

⁷⁰ Cestas feitas de cipó que ficavam no “lombo dos animais” possibilitando levar em suas laterais objetos e mantimentos.

⁷¹ Trecho produzido a partir de depoimentos orais, manuscritos, obras memorialistas e livros acerca da chegada do missionário norte americanos ao local.

Esse trecho é uma síntese da história que conta a chegada dos missionários presbiterianos na localidade de Ponte Nova em 1906 quando ainda pertencia ao distrito de Wagner com sede em Cachoeirinha. Este relato é repassado por gerações, recuperando com teor de heroísmo o início dos trabalhos evangelísticos na localidade da Fazenda Ponte Nova. Um fator importante observado na manutenção dessa História é a sua transmissão ser feita com o auxílio primordial da memória⁷². Esta experiência reafirma quão importante é a memória na recuperação do passado, como nos aponta Pierre Nora que a “necessidade da memória é uma necessidade da história”⁷³. É através dela que as lembranças do que foi vivido ou ouvido são guardadas e repassadas pela oralidade, ora com auxílio de documentos e fotos, ora baseada apenas nos depoimentos. Cientes que a utilização da memória requer cuidados por estar suscetível a contaminações da coletividade, dos interesses pessoais e das paixões do sujeito. Utilizamo-las como fonte para reconstrução do passado, atento com o rigor metodológico necessário de acordo com suas necessidades:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações... Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confundam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais e flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante demanda análise e discurso crítico (...) A memória emerge de um grupo que ela une (...) ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada⁷⁴.

As memórias utilizadas neste trabalho que buscam revisitar a época em que a Missão Presbiteriana atuou, são de testemunhas de primeira e segunda geração que conviveram com os missionários. Elas podem ainda exprimir sentimentos diversos sobre a sua experiência direta com o período recordado. Geralmente os trabalhos realizados pelos missionários são retratados com uma visão romanceada, atribuindo a atuação estrangeira a mudança e desenvolvimento do local, demonstrando o sentimento de gratidão de quem sente-se beneficiado com os investimentos feitos pela Missão no local. Esta forma de visão não é

⁷² Memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças aos quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas. SP. Editora UNICAMP, (1990 p. 423).

⁷³ NORA, Pierre. *Entre a Memória e História*. Revista do Programa de Estudos Pós- Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, SP – Brasil, 1981. p. 14

⁷⁴Ibidem p.9

única, mas é hegemônica, embora se encontre em outros sujeitos uma visão carregada de dúvidas sobre esses missionários e sobre seus interesses. A visão benevolente da passagem missionária é predominante. Foi e ainda é alimentada pelo discurso que confronta a ideia de civilização e desenvolvimento técnico à falta de estrutura local que foi alterada com a ação missionária. A partir da terceira geração⁷⁵ de pessoas que moram na cidade, a reprodução dessas memórias é feita com menos paixão, pouco se impressiona com o passado, apenas o passa adiante, como relato do que aconteceu, retirando daqui e dali algum detalhe que os primeiros nunca deixariam de enfatizar.

Este trabalho, a partir da pesquisa histórica, não se propõe a invalidar essas memórias, mas extrair delas informações necessárias para maior coerência na reconstrução de aspectos do passado. Não utiliza do triunfalismo, que tanto é evocado pelos moradores, uns com o brilho no olhar, orgulhosos do passado construído em que a localidade resplandecia na Chapada Diamantina. Nem do desânimo de outros, que incólumes com o passado o encaram como se fosse uma história tão longe de sua realidade devido à situação atual da cidade, que está distante de ser o que foi há tempos. Problematizando as informações recebidas, um dos aspectos deste trabalho é a busca da compreensão de como a cidade foi sendo construída, ampliando a visão das relações de amor e ódio, as representações, as nuances do sertanejo com o estrangeiro missionário, a pluralidade que envolveu os sujeitos que formados diferenciadamente conviveram por longos e intensos anos.

⁷⁵ Consideramos terceira geração as pessoas nascidas após a saída da Missão em 1971.

CAPÍTULO I

1. MISSÃO CENTRAL BRASIL: ORIGEM, ESTRUTURA E RELAÇÕES.

1.1 Um Breve Histórico do Protestantismo no Brasil

Desde os primeiros contatos do europeu com a América, a sua religião se fez presente. No processo de colonização, o Brasil foi religiosamente formado pelo catolicismo, o que não impediu que outros credos também tentassem se estabelecer em suas terras. Ainda no primeiro século de dominação portuguesa, o primeiro culto protestante foi realizado na colônia, embora nas terras administradas pelos reis e regidas religiosamente pelo catolicismo não fosse tolerado outro tipo de culto, principalmente o reformado, credo que no velho mundo confrontava diretamente a Igreja Católica, em um período de efervescência das Reformas Religiosas. Mesmo em um ambiente hostil e de perseguições, existiram diversas tentativas de instalação protestante durante os séculos XVI e XVII, as maiores que temos notícias vieram junto com a tentativa de instalação francesa no Rio de Janeiro e Maranhão; e holandesa, em Pernambuco. Todas essas investidas foram fracassadas, sendo expulsas da colônia depois de determinado tempo. No século XVIII, a postura religiosa de combate à entrada de qualquer credo que não fosse o oficial foi ainda mais endurecida. Apoiada pelas atividades do Santo Ofício, estabeleceu-se uma legislação rigorosa, permitindo apenas a entrada no Brasil de pessoas a serviço da Coroa ou da Igreja Católica. “Era um catolicismo, fiel ao Concílio de Trento, que se opunha a Reforma Protestante a quaisquer desvios doutrinários pressentidos pelo Tribunal da Santa Inquisição”⁷⁶.

O desenvolvimento das relações políticas, econômicas e diplomáticas levou a aproximação do reino português e inglês ainda no século XVIII, fator que impulsionou a assinatura de diversos tratados que regulamentavam os vínculos entre as nações. No início do século XIX, os aspectos políticos e econômicos influenciaram nas relações do campo religioso, alterando o tratamento do protestantismo em solo brasileiro. Diante da quantidade de súditos ingleses em terras brasileiras, a Inglaterra utilizou de sua força e prestígio para garantir prerrogativas na esfera religiosa, conseguindo a legalização do culto protestante aos reformados residentes no Brasil, por meio da assinatura dos tratados de Comércio e Navegação e Aliança e Amizade em 1810, acordo que garantiu, no seu décimo segundo artigo, a liberação do culto em igrejas privadas. Este acerto diplomático provocou uma fissura

⁷⁶SILVA, 2010a. op. cit., p.107

no monopólio católico ao conceder limitada tolerância religiosa aos reformados. Essa abertura do território brasileiro aos não católicos, beneficiou basicamente os protestantes e contribuiu para o aumento sistemático do número de reformados influenciando na sua expansão ao longo do século XIX.

Os protestantes que vieram ao Brasil na primeira metade do século XIX, beneficiados pelos acordos que deram legalidade à sua prática religiosa, foram principalmente imigrantes vindos da Inglaterra e da Alemanha, o que caracterizou as manifestações religiosas protestantes desse período como de imigração⁷⁷. Essa manifestação do protestantismo possuía caráter essencialmente comunitário, suas igrejas tinham como objetivo a manutenção da espiritualidade dos seus adeptos em novas terras. Geralmente os serviços religiosos eram realizados nas línguas de origem e suas preocupações e pregações eram voltadas para a mãe-pátria. Essa forma de manutenção religiosa baseada na origem dos fiéis, serviu também para manter a unidade cultural ao se organizar em comunidades afastadas dos costumes locais, favorecendo a coesão do grupo.

Na segunda metade do século XIX, outro tipo de protestantismo inaugurou seus trabalhos no Brasil, o protestantismo missionário. Essa forma de manifestação reformada chegou em 1859 com os presbiterianos. Antes do seu estabelecimento, organizações protestantes de caráter missionário já tinham iniciado trabalhos no sentido de divulgar suas crenças no país. Essas organizações eram as Sociedade Bíblicas de origem inglesa e norte americana que, como estratégia, distribuam bíblias para facilitar o contato com a sociedade brasileira. Primeiro, atuaram nas cidades litorâneas e capitais e, posteriormente, nas cidades e povoados do interior. Seu objetivo não estava diretamente relacionado à formação de igrejas, mas em ajudar na divulgação de sua crença, formando sociedades bíblicas. Essa modalidade de trabalho ajudou na preparação do caminho para aceitação da mensagem protestante, pregada pelos missionários anos depois.

A estratégia do protestantismo missionário era o proselitismo, ou seja, agir no intuito de converter pessoas à sua crença. Entretanto, é válido ressaltar que as condições jurídicas

⁷⁷ Uma das formas de classificar as diversas experiências protestantes no Brasil, utiliza como mecanismo metodológico a divisão a partir de características específicas de cada manifestação. Como elementos característicos é utilizado, entre outros: o momento histórico e os objetivos de cada uma. Essa tipologia é sugerida por Paul Freston classificando o protestantismo em ondas: imigracional, missionária e pentecostal. FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis. Vozes, 1994. p. 67-159.

referentes à propagação da mensagem religiosa de outros credos que não o catolicismo continuava inalteradas na segunda metade do século XIX. Os protestantes possuíam legalmente a liberdade de culto em locais privados, todavia eram proibidos expressar, de forma mais contundente, seu credo e de evangelizar abertamente. Contudo, continuavam religiosamente tolerados. Contudo esses bloqueios não impediram que os protestantes tentassem converter os brasileiros à sua crença. Assumiram uma postura que deixou para trás a manutenção religiosa dos fieis, para avançar no sentido missionário de converter pessoas para sua fé. Esta conduta desencadeou o aumento nos embates com a religião oficial do Império, diante disso os protestantes buscaram utilizar estratégias que favorecessem sua expansão, como a influência que a representação econômica de seu país de origem exercia no Brasil, em um momento político, econômico e social que aspirava mudanças.

Em meados do século XIX, o país vivia um contexto social aberto a inovações geradas por ideologias progressistas e por investimentos na área de infraestrutura no setor de transporte, comunicação e de produção industrial. O pensamento modernizador exigia do Brasil a superação da estrutura considerada atrasada e escravocrata, com o crescimento da economia cafeeira, da legislação pró-indústria, e da criação de uma rede ferroviária. O país dava indícios de seu desenvolvimento a caminho da almejada modernidade⁷⁸. Importante ressaltar que a noção de modernidade assume contornos diferenciados de acordo com o contexto e tempo em que ela é formada⁷⁹. O pensamento modernista⁸⁰ em questão surgiu de um amadurecimento provocado pelas transformações nas estruturas ocidentais entre o final do século XVIII e início do século XX, mudanças que indicavam um processo de racionalização da vida, e que implicava em uma nova forma de pensar e agir no mundo, ancorado na razão e ciência como caminhos para libertar-se do misticismo na explicação do mundo, valorizando a técnica e o método científico⁸¹. Neste contexto, a modernidade assumiu as características encontradas em parte da Europa e nos Estados Unidos, demonstrando o caráter etnocêntrico

⁷⁸ CALVALCANI, H.B. *O Projeto Missionário Protestante no Brasil do Século 19: Comparando a Experiência Presbiteriana e Batista*. REVER.. São Paulo Nº 4 / 2001 / pp. 61-93. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2001/i_cavalc.htm . Acesso em 01-06-13

⁷⁹ Sobre a discussão da Modernidade e sua relação ao protestantismo, ver FERREIRA, Valdeine Aparecido. *Protestantismo e Modernidade*. 2008. (Tese de Doutorado) – USP, São Paulo, 2008.

⁸⁰ Segundo Rubem Alves a modernidade neste contexto pode ser pensada como “comportamento em obediência aos imperativos do progresso econômico”. ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo. Ática, 1979. P.56

⁸¹ LUZ, José Augusto Ramos da. *Um Olhar Sobre a Educação da Bahia: a salvação vem pelo ensino primário (1924-1928)*. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – UFBA. 2009. p. 11

de sua formulação, com atributos expresso na economia pelo liberalismo capitalista; na política pelo Estado nacional republicano e na religião pelo laicismo. Longe dessas características e ansiando a modernidade, as elites políticas e econômicas brasileiras se colocaram enquanto aspirante ao processo de modernização de suas estruturas.

As agências missionárias que atuavam no Brasil, observando este cenário, organizaram estratégias que possibilitassem o alargamento de sua influência na sociedade, com o reforço de elementos que advogassem a seu favor na aceitação e favorecimento as suas causas. Como observa Júlio Ferreira:

O protestantismo beneficiou-se, para sua implantação no Brasil do século XIX de sua associação positiva com a modernidade. De forma mais remota associava-se ao progresso das nações na Europa (...) de modo mais imediato, associava-se ao tipo de progresso representado pelos EUA⁸².

O momento de transição do país, em virtude das mudanças que vivia, encontrou noo protestantismo e sua representação política, econômica e social um forte aliado na proposta de uma nova sociedade. As agências missionárias utilizaram da afinidade dessas relações para facilitar, no que fosse possível seus trabalhos no Brasil. Afinal, religiosamente, a nação era oficialmente católica e a proibição de manifestações públicas e de proselitismo impediam que o protestantismo alcançasse fieis. No entanto, as representações reforçadas pelos protestantes ajudaram a forjar "identidades" que os vinculavam a causas como o progresso, à civilização e a modernidade. Esse discurso se disseminou entre os missionários e os principais órgãos de comunicação religiosa, criados com a finalidade de apresentar a "verdadeira religião" como a "tábua de salvação" do Brasil⁸³.

Ao pensar a identidade nesse contexto de embate religioso, Rubem Alves atribuiu a sua essência a uma relação de oposição, em que o catolicismo foi vinculado a características de atraso, enquanto o protestantismo se vinculava ao “espírito da liberdade, da democracia, da modernidade, e do progresso”⁸⁴. Construiu-se, então, um antagonismo, em que a herança ibérica era vista como sinônimo de atraso, por oposição à herança protestante anglo-saxônica. Tanto os religiosos quanto parte da elite brasileira disseminavam na sociedade o pensamento de que o catolicismo era o responsável pela ignorância do povo e que o protestantismo era sinal de povo culto e educado, como sinônimo de cultura e progresso. Esse pensamento

⁸² FERREIRA, Valdeinei Aparecido. Protestantismo e Modernidade. 2008. (Tese de Doutorado) – USP, São Paulo, 2008. p.201

⁸³ SEIXAS, 2011. op. cit. p. 81

⁸⁴ ALVES, Rubem. Protestantismo e Repressão. São Paulo. Ática, 1979. p. 49

atribuía a salvação do país a adoção deste novo segmento religioso, que apresentava condições ideais para o desenvolvimento da nação. Essas identidades, elaboradas a partir das representações construídas pelos missionários, se alicerçavam na sua concepção de mundo, o que os levava eles a afirmarem que:

dentre os estrangeiros presentes no país, os norte-americanos, possuíam a sabedoria e a competência técnica para guiá-lo rumo ao seu amanhã radioso plasmado no campo político em um sistema de governo republicano e democrático e, no setor econômico-social, na industrialização.⁸⁵

Uma das explicações para este pensamento atribui à ideologia do Destino Manifesto a condução das ações missionárias, que ultrapassava a esfera religiosa e atingia toda a sociedade. Por esta ideologia, os americanos do Norte seriam responsáveis por levar a salvação política, moral e religiosa ao mundo.

Durante todo o século XIX imperava a ideia de que a religião e civilização estavam unidas na visão da América Cristã, e que Deus tem sempre agido através de povos escolhidos. Os de língua inglesa, escolhidos mais do que quaisquer outros, são obrigados a propagar as ideias cristãs e a civilização cristã⁸⁶.

Para Antônio Mendonça, no século XIX, a concepção do Destino Manifesto encontrou no protestantismo americano seu o melhor e mais eficiente fio condutor. Através de seu trabalho com a divulgação cultural, preparou e abriu caminho para o expansionismo político e econômico dos Estados Unidos. Sendo a “expansão missionária das igrejas americanas no ultimo terço do século XIX um produto do sentimento nacional expansionista combinado com motivos teológicos”⁸⁷. A forma com que o Destino Manifesto foi pensado implicava no comprometimento da nação americana, através de seus missionários, em levar a salvação ao mundo. José Guimarães⁸⁸ questiona essa teoria por entender que existe falta de fundamentação histórica para esta hipótese. Para ele, o sentimento próprio da empresa missionária não expressava esse comprometimento, e o messianismo nacional não estava fundamentado no Destino Manifesto, mas na consciência de uma cultural proselitista. Por este pensamento, a ênfase do proselitismo não é a nação, e sim a religião. Afirma também que não se tratava de um discurso proselitista em que a nação americana mediava a salvação ao mundo, mas sim em um discurso que declarava a igreja americana como resposta de Deus

⁸⁵ NASCIMENTO, 2005. Op. cit. p.52

⁸⁶ MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O celeste porvir: a inserção protestante no Brasil*. 3ed. São Paulo: EDUSP, 2008. p. 92-93

⁸⁷ Ibidem p. 95

⁸⁸ GUIMARÃES, José A. Lucas. *Presbiterianismo no Ceará: Perseguição Religiosa e busca de tolerância entre 1875 e 1930*. Dissertação (Mestrado) Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

para o mundo. Ele ainda argumenta que o movimento missionário que veio ao Brasil não emergiu de um clamor nacionalista, porém da renovação religiosa, que, apesar de suas interfaces com outras áreas, se mostrava independente.

As influências das questões políticas e econômicas nos assuntos religiosos deste período é responsável pela construção de análises historiográficas contaminadas pelo viés economicista, o que compromete a percepção da autonomia da esfera religiosa. Essas análises, ao recuperar este momento, compreende a chegada dos missionários norte americanos ao Brasil como um braço ideológico do projeto de dominação político econômico dos Estados Unidos, período em que o país praticava sua expansão capitalista. Por esta visão, o protestantismo seria um dos mecanismos pelo qual o capitalismo norte americano, viabilizaria sua conquista ideológica com as suas escolas, templos e esportes, promovendo assim, a americanização do povo com sua face conquistadora.

Sobre essa discussão a análise de Jean-Pierre Bastian acerca dos objetivos das missões é sintetizada de maneira profícua por José Miguéz-Bonino⁸⁹, tornando-se pertinente e necessária por discutir as duas concepções centrais sobre a atuação missionaria e suas relações políticas e econômicas. Destarte, consideramos importante a reflexão feita por José Bonino sobre a análise de Bastian, uma vez que avança na percepção das nuances dos grupos envolvidos relacionando-os com a realidade brasileira. Para Bastian existem duas hipóteses clássicas que discutem essas relações. A hipótese conspirativa, que acredita que as missões protestantes não é outra coisa senão uma “ponta de lança”, um acompanhamento ideológico que, através da legitimidade religiosa, facilitaria a penetração econômica, política e cultural dos Estados Unidos na América Latina, ou seja, um instrumento consciente e deliberado do projeto neocolonial. Bonino vincula a produção dessa hipótese a interesses pessoais, religiosos e ideológicos, sendo ela difundida por católicos romanos em aliança com nacionalistas de direita, marxistas e os protestantes progressistas com “perturbação de consciência”. Para o autor, esta teoria possui poucas evidências que poderiam respaldá-la⁹⁰.

Na outra hipótese, a associativa⁹¹, considerado por Bonino como mais bem fundamentada, o ingresso missionário se associa com a modernidade burguesa contra um

⁸⁹ MIGUEZ-BONINO, José. Rostros Del Protestantismo Latino Americano. Nueva Creacion. Buenos Aires, 1993. pg. 12

⁹⁰ Ibidem, loc. cit.

⁹¹ Ibidem p.13

estado autoritário, que visava pôr fim em privilégios plurisseculares. Desta forma, o momento do protestantismo tem muito pouco da vontade imperialista norte-americana, pois é fruto de uma situação endógena da América Latina: a luta por uma modernização liberal, pela qual os protestantes se aliam a setores que impulsionam tal projeto. Isso, não impede o reconhecimento do alinhamento de interesses econômicos com os religiosos, a ponto de beneficiar as agências em diversas formas, como nos transportes dos missionários em navios comerciais. Nesse sentido, Bonino indica que havia uma associação libertária dos missionários, que se agrupavam concidentemente pela busca de uma sociedade democrática, em que os liberais brasileiros encontrariam apoio com as medidas reformistas que pretendiam introduzir. Para o autor, houve “mais uma convergência de interesses que similaridade de ideias”⁹², na qual as elites buscavam um governo democrático que pudessem interferir nas decisões e, para isso, o modelo americano seria ideal. Os missionários, por sua vez, buscavam uma sociedade com liberdade religiosa que essa elite reformista poderia proporcionar. Em geral, não houve uma defesa por parte da sociedade do protestantismo enquanto confissão religiosa, com a propagação de seu credo, isso é percebido pelo baixo número de adesão a fé reformada. Este fator reforça que o liberalismo e as elites não defendiam o protestantismo, defendia a liberdade religiosa, por questionar a ligação com o Estado, e nisso o presbiterianismo e as outras denominações se beneficiariam.

É importante evidenciar a diferença entre os benefícios da proximidade dos países e suas relações econômicas do trabalho missionário vinculado ao desenvolvimento dessas relações. A respeito disso, buscamos entender a motivação da vinda missionária ao Brasil pela ótica religiosa, a qual justifica a presença desses agentes por razões próprias, sem perder de vista a influência que esse campo possui na vida dos sujeitos. Analisando este cenário encontramos em Max Weber uma proposta pertinente para compreensão das motivações das ações missionária.

Quando as aristocracias salvadoras estão ‘incumbidas’ por ordem de seu Deus, de domar o mundo do pecado, para a Sua glória, dão origem ao ‘cruzado’(...) Distinguem sua guerra (...) sendo justas santas, ela é travada para a execução da vontade de Deus ou defesa de sua fé. Diante disso rejeitam participar de guerras políticas por não corresponder a vontade de Deus (...) A busca carismática e verdadeiramente mística da salvação por

⁹² Ibidem, p. 14

parte dos virtuosos religiosos foi naturalmente em toda parte apolítica ou antipolítica, pela sua própria essência.⁹³

As ações que impulsionaram os agentes religiosos que aqui desembarcaram estavam diretamente ligadas ao objetivo missionário de evangelizar, e possuía agenda própria de contribuir na salvação do fiel, afinal “o campo religioso tem por função específica satisfazer um tipo particular de interesse, isto é, o interesse religioso”⁹⁴. Os protestantes que aqui chegaram, como homens do seu tempo, e criados sob a perspectiva do evolucionismo cultural pensavam ser mais evoluídos culturalmente e assim acabaram por divulgar sua cultura como proposta, isto é, como parâmetro a ser seguido em detrimento do modelo brasileiro considerado atrasado. Isso gerou uma propaganda positiva ao modelo político e cultural dos Estados Unidos, principalmente no campo, que foi responsável por grande parte da aproximação com as elites brasileiras que buscavam o modo de ensino considerado ideal de uma sociedade civilizada.

Os trabalhos desenvolvidos pelas missões eram orientados a partir de seus objetivos religiosos. Paralelo ao pensamento da missão enquanto igreja e instituição, existia o pensamento e ação do indivíduo, do missionário e missionária que empreendia sua vida no campo em lugares distantes. Neste caso, a condição individual de leitura das motivações religiosas é essencial. Sobre isso Pierre Bourdieu propõe uma forma de interpretação das ações religiosas.

O trabalho religioso realizado pelos agentes porta vozes especializados, investidos do poder institucionalizado ou não, de responder através de um tipo determinado de práticas ou de discursos a uma categoria particular de necessidades próprias de grupos sociais determinados. (...). As interações simbólicas que se instauram no campo religioso devem sua forma específica a natureza particular dos interesses que aí se encontram em jogo⁹⁵.

Assim, entendemos que a motivação da vida missionária foi alimentada pelo fervor religioso, que inflamava os missionários a se lançarem pelo mundo em busca da salvação das almas dos fies. Essa justificativa entende que o campo religioso opera por razões internas, bem como que aqueles homens, em razão das limitações do seu tempo, acreditavam que esse modelo de vida seria o ideal a ser levado ao resto do mundo, propagandeando de forma direta o modo de vida norte-americano, o que poderia contribuir, em longo prazo, com as relações

⁹³ WEBER, MAX. *As Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções*. In: Gerth e Mills (Orgs.) Weber: Ensaios de Sociologia, Rio de Janeiro: Zahar, 1974. p.385

⁹⁴ BOURDIEU, op. cit. 2007 p. 82

⁹⁵ Ibidem, p. 79 e 82

políticas e econômicas. Ademais, corroboramos com o pensamento de Elizete Silva⁹⁶, que resume bem as discussões acerca das motivações missionárias ao indicar alternativa às interpretações unilaterais e simplistas que entende os missionários como pontas de lança do imperialismo norte-americano, ou seja, as interpretações ingênuas que desvinculam as ações missionárias das contribuições políticas econômicas que as beneficiaram. Silva entende que as missões protestantes, a partir da segunda metade do século XIX, acabaram por participar de um movimento maior de expansão norte americana na América Latina como todo⁹⁷.

1.2 Os Caminhos Missionários e a Organização da Missão Central Brasil

Os presbiterianos, que chegaram ao Brasil no século XIX, vieram para América do Norte no processo de emigração da Inglaterra no século XVII. Eles eram formados majoritariamente por escoceses e irlandeses. Herdeiros do calvinismo, nascido nos tempos da reforma, trouxeram consigo sua experiência religiosa, organizando em 1706 a primeira Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (PCUSA)⁹⁸. As orientações doutrinárias e organizacionais dos presbiterianos baseiam-se na Confissão, Catecismo Maior e Breve Catecismo, criados no século XVII em Westminster. A Confissão de fé de Westminster também orienta a organização eclesiástica adotada pela igreja presbiteriana, que se estrutura de colegiados ou concílios com níveis diferenciados⁹⁹.

Figura 3: Organograma elaborado na estrutura hierárquica Presbiteriana



Fonte: Elaborado pelo autor.

⁹⁶ SILVA, 2010b. op. cit. p. 45

⁹⁷ Ibidem

⁹⁸ Optamos em não adentrar em longas digressões acerca da formação teológica do presbiterianismo e suas mudanças em solo americano. As discussões acerca deste tema são raras e ainda em crescimento. No Brasil uma das alternativas explicativas deste complexo tema é a tese de doutorado posteriormente publicada em livro “O Celeste Porvir” de Antônio Gouveia Mendonça (ver referências).

⁹⁹ A estrutura hierárquica é organizada da seguinte forma: O Concílio da própria igreja (Conselho), Concílio formado pelas igrejas de uma região (Presbitério), o Concílio composto por vários presbitérios de uma região (Sínodo), e o composto por todos os presbitérios do país (Concílio Maior).

O modo de governo representativo adotado pelos presbiterianos surgiu como oposição à organização episcopal que se estrutura pela liderança dos bispos, forma de organização recorrente em outras igrejas reformadas. A oposição à estrutura episcopal residia na contrariedade da submissão da igreja ao Estado, pois, por este arranjo, os reis possuíam poder de interferência nas nomeações dos bispos, o que facilitava seu controle e influência nos rumos da igreja. A essência do sistema presbiteriano de caráter participativo e de responsabilidade compartilhadas, rompia com a organização episcopal lançando uma proposta para eles “revolucionária”¹⁰⁰ ao preconizar uma igreja governada por presbíteros docentes e regentes, eleitos pelos fiéis, libertando a igreja da ingerência do Estado nos assuntos religiosos. A estrutura eclesiástica organizada no século XVII foi mantida na base da igreja criada no novo mundo.

Um dos momentos mais importante na história da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos foi o avivamento espiritual¹⁰¹ que movimentou o protestantismo norte americano no século XIX. Esse mover espiritual produziu um fervor missionário que encontrou nas missões evangelísticas expressão prática do desejo de levar ao mundo sua crença. Em primeiro momento, manifestaram seu fervor evangelizando seu próprio país. Mobilizados na marcha para o Oeste, conquistaram terras e converteram “nativos”, momento também marcado pelos crescentes embates religiosos com a Igreja Católica, que começava a aumentar os números de fiéis com as levadas de imigrantes católicos vindos da Europa, ameaçando o domínio protestante, até então hegemônico¹⁰².

A contínua atividade missionária de evangelização originada pelo avivamento espiritual impulsionou a criação, em 1837, da Junta de Missões Estrangeira, uma instituição responsável pelo desenvolvimento do trabalho missionário em todo mundo. Pouco tempo

¹⁰⁰ Sobre as diferentes formas de organização do processo decisório das igrejas, encontramos três modos clássicos: a Episcopal lideradas pelos bispos caracterizada pela hierarquia; a Representativa com as decisões orientadas pelos eleitos dentro da congregação, representando uma forma de participação indireta; e a Congregacionista forma de organização em que a congregação participa do processo decisório se constituindo a forma de participação direta.

¹⁰¹ “Os avivamentos (ou reavivamentos) são acontecimentos, ditos moveres espirituais, em que há a transformação de vidas em número e são típicos do protestantismo anglo-americano, embora tenham ocorrido em todos os continentes do globo. Trata-se de grandes períodos de efervescência espiritual cristã, quando muitos, na maioria milhares, são atraídos às igrejas e sinais incomuns como batismo no Espírito Santo e curas em massa acontecem.” SEIXAS, 2011. Op. cit. 20

¹⁰² O século XIX, foi marcado pelo crescente ingresso de imigrantes católicos nos EUA, produzindo uma reação por parte das igrejas protestantes. Conferindo a esse protestantismo um caráter fortemente missionário e anticatólico. MATOS, Alderi *Uma Igreja Peregrina: História da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1859-2009*. São Paulo. Cultura Cristã. 2009 p. 16

após a organização da junta, vários missionários foram enviados a diversas partes do planeta. Índia, Tailândia, China, Colômbia e Japão foram os primeiros países a contar com missionários presbiterianos¹⁰³. O Brasil foi o segundo campo aberto na América Latina e o sexto país sob a atuação da Junta de Missões. Como política de seleção dos campos de trabalho, a Missão convencionou priorizar o estabelecimento de suas atividades em locais que não tivesse contato com o cristianismo. A respeito desta convenção, foi acordado que as Missões teriam legitimidade de serem enviadas a países católicos. A delimitação primeira da escolha do campo impossibilitava o envio de missionários a esses países, pois o catolicismo é uma manifestação religiosa cristã, contudo muitos missionários afirmavam que a Igreja Católica Romana havia se paganizado, tornando prioridade para os protestantes, antes de ir aos países não cristãos, irem aos países sob os domínios papais. Este pensamento foi reafirmado no século seguinte na Conferência de Edimburgo em 1910¹⁰⁴. A oposição religiosa protestante estava orientada a partir da convicção que existia no catolicismo uma má orientação cristã. Max Weber nos apresenta um importante mecanismo de compreensão a respeito da justificativa protestante de ocupação dos países com presença católica

Toda organização de salvação por uma *instituição* compulsória e universalista da graça sente-se responsável, perante Deus, pelas almas de todos, ou pelo menos de todos os homens a ela confiados. Essa instituição se sentirá, portanto, no direito a opor-se, e com o dever de opor-se, com força impiedosa a qualquer perigo oriundo de uma má orientação da fé. Sente-se obrigado a promover a difusão de seus meios de graça salvadores.¹⁰⁵

A partir da legitimação interna do grupo protestante, o Brasil se tornou um campo possível de trabalho, alcançado pelos presbiterianos em 1859, com a chegada do primeiro missionário, o reverendo Ashbel Green Simonton, que recebeu pouco tempo depois a companhia de Alexander Latimer Blackford (1860) e Francis J. Christopher Schneider (1861) formando a tríade missionária que deu a base do presbiterianismo no Brasil. Com o desenvolver dos trabalhos, os presbiterianos fundaram sua primeira Igreja no Rio de Janeiro em 1862, concentrando sua atuação na década de 1860 no Sudeste em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Na década seguinte, seguiram para Bahia e Pernambuco, completando, na década de 1880, sua chegada no Ceará, Paraná, Paraíba, Sergipe, Rio Grande do Norte, Maranhão, Rio Grande do Sul e Alagoas.

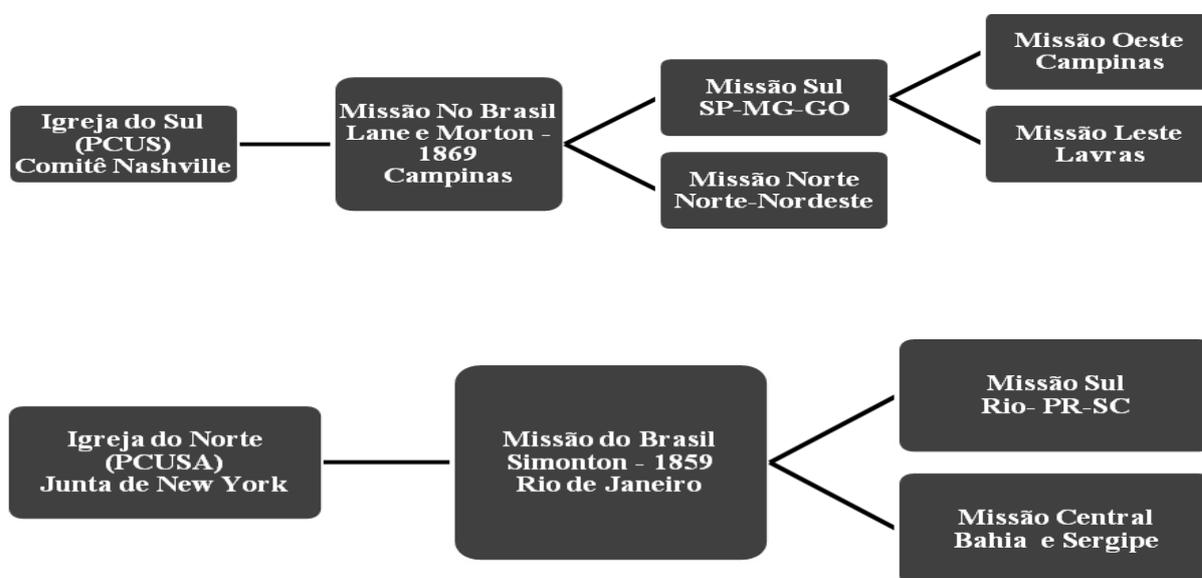
¹⁰³ Ibidem, loc. cit.

¹⁰⁴ RIBEIRO. Boanerges. *Igreja evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. São Paulo: O Semeador, 1991. p.169

¹⁰⁵ Ibidem, p. 385

A eclosão da Guerra Civil, que dividiu os Estados Unidos em 1861, foi um acontecimento decisivo nos desdobramentos das atividades missionárias presbiterianas. Como consequência deste conflito, as igrejas localizadas na região Sul dos Estados Unidos se separaram das do Norte criando sua própria denominação, a Igreja Presbiteriana do Sul (PUCS). Na oportunidade, criaram também sua agência missionária estrangeira com sede na cidade de Nashville no Estado do Tennessee. Esta separação refletiu na divisão do trabalho das Juntas Missionárias atuantes no Brasil¹⁰⁶ como demonstra o organograma abaixo:

Figura 4: Organograma de divisão das Juntas Missionárias



Fonte: Inspirado em: MATOS, Alderi. Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900). São Paulo. Editora Cultural Cristã, 2004.

A divisão das atividades missionárias em submissões, dentro de um campo maior, era uma prática comum que pretendia viabilizar uma racionalização do trabalho. No Brasil, essas divisões não foram apenas uma prática comum, mas necessária diante da imensidão do território e a escassez de missionários. No país, a Missão Brasil ligada Igreja Presbiteriana do Norte e a Junta de Nova Iorque, se subdividiu em 1897 em Missão Central Brasil (MCB), com a área de jurisdição compreendendo os Estados de Bahia, Sergipe e Norte de Minas e a Missão Sul Brasil (MSB), com área do Sudeste e Sul do país com os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). A Missão ligada as igrejas do Sul atuaram no Norte desde o São Francisco até a Amazônia; e no Sul: o sul de Minas e o Triângulo Mineiro

¹⁰⁶ Esses recortes espaciais foram remodelados ao longo dos anos.

A MCB, responsável pelo trabalho missionário na Bahia, como metodologia de trabalho, subdividiu os espaços de atuação em áreas menores chamadas de campos. Entre os anos de 1900 e 1907, a sua área de trabalho era dividida em quatro grandes espaços de concentração: Cidade da Bahia (Salvador); Sertão¹⁰⁷; Cachoeira¹⁰⁸ e Vila Nova¹⁰⁹. Trabalharam também no Estado de Sergipe, em Aracaju¹¹⁰ e na Estação de Itabaiana¹¹¹. A manutenção eclesiástica dos campos era basicamente feita por visitas missionárias, somente as igrejas maiores, localizadas nas grandes cidades mantinham pastores fixos. Diante do crescimento dos trabalhos da MCB e a organização de igrejas com diversos núcleos de evangelização no interior, foi necessário a formação de um órgão regional da igreja nativa. O que deu origem em 1907, a organização do Presbitério Bahia-Sergipe, desvinculando as igrejas existentes do Presbitério do Rio de Janeiro. Quando foi oficialmente formado o primeiro presbitério do Norte-Nordeste, a MCB já havia organizado sete¹¹² igrejas em cidade da Bahia (Salvador), Aracaju, Laranjeiras, Lavandeiras, Canavieiras, Cachoeira e São Félix¹¹³.

Desde o início da concepção das atividades missionárias ainda em solo norte americano o seu objetivo de trabalho já estava traçado e claramente definido. Esses objetivos foram evidenciados na Ata do Conselho Brasil, que declarava como “finalidade principal de um trabalho missionário no Brasil a evangelização e o desenvolvimento e auto propagação e igrejas autogovernadas”¹¹⁴. A essência das ações missionárias deveria se orientar em desenvolver a evangelização, e, a partir dela, a organização de igrejas nativa autônoma teológica e financeiramente. No Brasil, o crescimento da evangelização, que resultou na organização da igreja no sudeste do país, não veio acompanhado da autonomia, pois a orientação religiosa, pessoal e de recursos vindos da “igreja mãe”¹¹⁵ era centralizada nos

¹⁰⁷ Orobó (Rui Barbosa), Palmeiras, Cachoeirinha (possivelmente distrito da atual cidade de Wagner) e Guiné

¹⁰⁸ Cachoeira, São Felix e Canavieiras (No primeiro relatório Canavieiras aparece no campo da “Bahia”, nos outros relatórios é classificado no campo de Cachoeira)

¹⁰⁹ Cidades/povoado de Vila Nova (Senhor do Bonfim), Bananeiras (povoado), Carayba (povoado), Jacobina, Brejo (povoado), Canabrava (de Jacobina). E os prolongamentos: Santa Luzia, Queimadas, Jaquary . E um grupo em Santa Maria).

¹¹⁰ (Aracaju, Laranjeiras, Lavandeiras,)

¹¹¹ (Itabaiana, Canabrava, Mucambo, Cotias, Prazeres, São Paulo, Lagarto, Riachão, Estância)

¹¹² Sobre esse aspecto alguns autores defendem que havia apenas seis igrejas, entretanto no livro de atas consta o registro das sete mencionadas. Uma das explicações para essa divergência são as igrejas de Cachoeira e São Félix, elas podem ser entendidas como igrejas separadas ou unidas, o que influencia na contagem.

¹¹³ Livro de Atas Presbitério Bahia-Sergipe (1907-1924). Página, 1. Data: 7/01/1907.

¹¹⁴ Brazil Council Minutes (1912-1937). Ponte Nova (dezembro de 1926.)

¹¹⁵ Forma de se referir a sede de Nova Iorque, a mantenedora da missão.

dirigentes estrangeiros, contrariando o princípio básico de motivação da atividade missionária, a autonomia. Essa situação provocou desconforto com o quadro dirigente da igreja nacional que vinham crescendo, a ponto de provocar grandes embates, impulsionando o sentimento de independência.

Mesmo com a igreja no Brasil administrativamente independente após a criação de seu Sínodo em 1888, os missionários pertencentes a Missão, permaneceram participando da composição dos presbitérios e dos sínodos influenciando nas decisões, além de continuar prestando o auxílio econômico. Numa relação unilateral, os nacionais eram excluídos de participar das decisões da Missão. A Igreja Nacional cresceu superando em número a Missão, aumentando a tensão, que somado a outros fatores, colaborou para cisma presbiteriana que de origem a Igreja Presbiteriana Independente em 1903. As motivações dessas tensões foram solucionadas anos depois com a criação do “*Modus Operandi*”, um documento que regulamentou as relações entre a Missão e a Igreja Nacional ao definir os limites de atuação.

Diferente da atuação missionária no Sul, o trabalho da MCB no nordeste do país se fundamentou desde o início no estabelecimento de limites na atuação com a igreja nativa. A criação do órgão de administração regional da igreja nativa, impôs urgência à oficialização dos limites de atuação entre as instituições. Possivelmente a cisma presbiteriana de 1903 refletiu nas relações da MCB e o Presbitério local, influenciando na criação do *modus operandi*, que privilegiava a cooperação em detrimento da ingerência da MCB no Presbitério e nas suas Igrejas, este documento foi vital para as relações entre as instituições.

O documento elaborado por ambas as instituições, foi pioneiro ao ser construído em 1907, uma década antes do nacional, estabelecendo acordos nas áreas jurisdicional, pessoal, financeira e geográfica. Ele tinha como função central eliminar as tensões em diferentes aspectos, oriundas das disputas internas geradas pela divergência resultantes da atuação de ambas no mesmo espaço. O *modus operandi*¹¹⁶ entre a MCB e o Presbitério Bahia-Sergipe foi construído com cinco capítulos e vinte e um artigos, que tratavam de assuntos centrais para as instituições como: autoridade, auxílio as igrejas, transferência de campos de trabalho, escolas e representação.

Este acordo ratificou a separação das atividades entre instituições, delimitando de forma bem nítida os limites de atuação. Por este acordo, a Missão possuía a função de

¹¹⁶ Atas do Presbitério Bahia Sergipe (1907-1924).

evangelizar e organizar igrejas a ponto de desenvolverem sua autonomia e serem passadas para a administração da igreja nativa. Embora fossem unidas pela essência religiosa presbiteriana, Missão e Presbitério seriam duas instituições diferentes, com funções diferentes dentro do plano de atuação no campo religioso baiano, uma deveria desenvolver congregações, a outra incorporar e administrar.

Em relação as viagens evangelísticas, a instituição missionária possuía prioridade, exceto nos lugares que já existissem igrejas independentes, como as sete organizadas e passadas a responsabilidade do recém-criado presbitério¹¹⁷. O documento reconhecia a autoridade dos missionários no campo de atuação, com poderes em receber membros e criar congregações, entretanto excluía qualquer relação eclesiástica com as igrejas, que ficaria por exclusividade do presbitério. Mesmo com a divisão enfática dos trabalhos o documento procurou estimular a colaboração e solidariedade entre as congregações da Missão e as igrejas do presbitério, deixando evidente o alerta dos limites de campo e igrejas de ambas as corporações.

O artigo central do *modus operandi* estabelecia a impossibilidade de atuação nas duas corporações¹¹⁸, presbitério e Missão. Os missionários que estivessem vinculados ao presbitério nativo deveriam se desligar após a criação do documento, focando sua atuação nos interesses da MCB. O artigo não vetava em si a colaboração mútua, pois permitia a possibilidade de ceder trabalhadores de ambas as partes por curto tempo para trabalhos específicos¹¹⁹. A autonomia do presbitério em relação a Missão esbarrava nas dificuldades financeiras. Desta forma, deixavam claro que, financeiramente, a Missão continuaria a auxiliar as igrejas, especificamente aos pastores das igrejas do presbitério, além de ajudar na compra de equipamentos e materiais quando preciso.

Mesmo com se opondo em compor o presbitério antes da construção do *modus operandi*, os missionários tiveram que participar por algum tempo, pois as circunstâncias, como a falta de pessoas para as funções, impunham essa dupla atuação. Sobre a oposição da participação missionária na igreja nacional, os missionários da MCB acreditavam que atuar em duas instituições com objetivos diferentes limitaria sua atuação em locais já ocupados que não precisavam de seu trabalho, afinal seu objetivo eram as áreas distantes que não tivessem o

¹¹⁷ Atas do Presbitério Bahia Sergipe (1907-1924). Capítulo I - Campo e Autoridade. p. 3-4

¹¹⁸ Forma utilizada para designar ambas partes nas atas. Tratamos instituição e corporação como sinônimos, de modo que ao longo do texto poderá ser usado ambos, mas com mesmo sentido.

¹¹⁹ Atas do Presbitério Bahia Sergipe (1907-1924)

contato com a evangelização e a igreja nacional dificilmente teria condições de exercer esse trabalho. Mesmo com a necessidade da atuação dupla dos missionários, o presbitério recém-iniciado diferente do Sul estimulou o fim dos laços que insistiam em manter as ligações dos missionários com direcionamento da igreja nativa.

A transferência de congregação e campos, momento em que a Missão transfere para o Presbitério a administração de uma congregação ou um campo de trabalho, é tratada no capítulo III¹²⁰. Uma das condições essenciais para a transferência de uma congregação era a autossuficiência financeira que levava em consideração principalmente o custeio dos gastos com o pastor. A passagem de autoridade e gestão dos campos deveria ser precedida por um parecer formulado por ambas as corporações, nele deveria haver a justificativa da mudança de autoridade. Após essa parte burocrática, o presbitério designaria um pastor e a Missão terminaria sua autoridade naquele lugar; embora, se fosse necessário o auxílio financeiro continuaria sendo prestado. Sobre esse, aspecto não faltaram críticas, na primeira reunião protestante mundial em Nova Iorque em 1900. Era um assunto considerado espinhoso, pois alguns missionários acreditavam que manter os pastores nativos, financeiramente, favorecia a manutenção da sua condição de dependência econômica, dificultando sua busca pelo sustento próprio¹²¹. O capítulo ainda trata do interesse do presbitério em assumir o campo ocupado pela Missão. Este processo passaria pela solicitação direta à Missão, uma vez que esta que possuía a prerrogativa de aceitar ou não, o pedido. De igual maneira, a Missão poderia sugerir a passagem de um campo para o presbitério, que também possuía a prerrogativa de aceitar ou de recusar.

A importância do trabalho educacional da Missão não foi deixada de fora do acordo. O presbitério exigia para si a formação teológica de seus candidatos ao pastorado, excluindo a Missão de participar eclesiasticamente dessa formação. O presbitério, no capítulo IV, externa sua vontade de educar seus filhos em uma educação cristã, solicitando auxílio da Missão. Essa concordou com as duas proposições, reforçando que a escola e a educação cristã era um meio essencial de propaganda de sua fé¹²². O presbitério concedeu a Missão o direito de ajudar as igrejas na manutenção das escolas paroquiais e o acolhimento dos filhos dos membros da

¹²⁰ Atas do Presbitério Bahia Sergipe (1907-1924). Capítulo III – Transferência de Campos de Trabalho.

¹²¹ RIBEIRO. 1991. Op. cit. p. 168

¹²² Atas do Presbitério Bahia Sergipe (1907-1924) Capítulo IV – Escolas. p. 4-5

igreja nativa nas escolas missionárias. Por fim deixaram livres os membros de ambas as corporações participarem nos trabalhos educacionais¹²³.

O último capítulo se refere às representações de ambas as corporações, que ocorriam em reuniões entre os representantes escolhidos. Nessas reuniões anuais ou bianuais, os andamentos dos trabalhos de ambas as corporações eram apresentados em relatórios. Eram reuniões separadas que tratavam de assuntos particulares, mas com a presença dos representantes da outra corporação¹²⁴. Para facilitar as reuniões das duas corporações, eram feitas em um mesmo lugar. Na maioria das vezes, a forma de tratamento entre as instituições era de cordialidade e recepções calorosas. Se existiram atritos, nas atas acessadas de ambas instituições eles são omitidos.

O plano de ação das duas corporações, como declara o documento, estabeleceu seus limites, dos quais a autonomia da igreja nativa era o mais almejado pelas mesmas. Vale ressaltar que, mesmo com a exigência de desligamento dos missionários do presbitério, alguns missionários continuaram vinculados ao presbitério devido às necessidades, sendo desligados, progressivamente, até 1910, não restar mais nenhum¹²⁵. Após a criação do documento, tornou-se evidente que, a Missão ficou encarregada de trabalhos nos locais mais distantes das capitais e dos centros, exercitando seu objetivo missionário, como ressaltava um de seus líderes, o missionário reverendo Willian Alfred Waddell que “as missões deveriam suportar a parte mais difícil do trabalho pioneiro”¹²⁶.

Nos documentos acessados das referidas instituições, identificamos uma relação harmoniosa entre a Missão e o presbitério, com sucessivos empréstimos de pessoal para ambos os lados e contínuas ajudas financeiras da Missão para a igreja nativa. Esta relação fez com que a onda de independência, que resultou na cisma de 1903 não tivesse força na área de jurisdição da MCB, como se percebe neste fragmento da ata “na Bahia-Sergipe independência não tem qualquer influência”¹²⁷. Não foram poucas as vezes que nas atas da Missão e nas Atas do Presbitério essa relação foi reforçada. Pelo presbitério, o agradecimento a Missão pela “cooperação espiritual e financeira”¹²⁸. Embora possuíssem autonomia eclesiástica, regularmente solicitavam auxílio para os candidatos ao ministério, esta ajuda poderia ser

¹²³ Ibidem

¹²⁴ Atas do Presbitério Bahia-Sergipe (1907-1924) Capítulo V – Representação. p.6-7

¹²⁵ ARNOLD. 2012. Op. cit. p. 115

¹²⁶ Ibidem, loc. cit.

¹²⁷ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Ponte Nova, (5-8 de dezembro de 1906).

¹²⁸ Atas do Presbitério Bahia-Sergipe (1907-1924)

econômica ou em suporte de viagens. Sobre os empréstimos de pessoal e entrega de campo a Missão citamos o seguinte exemplo:

Sabendo que o Presbitério Bahia-Sergipe está para ordenar dois homens em março, a Missão resolve entregar ao Presbitério o campo Estância, e solicitar ao Presbitério que empreste um desses homens à Missão de um ano, para o serviço no Fortaleza-Salinas distrito no campo de Norte de Minas¹²⁹.

Devido à escassez de trabalhadores missionários, o Presbitério emprestou o rev. Basílio Catalã de Castro durante o ano de 1928 para servir à Missão como pastor e evangelista em Ponte Nova, e com o auxílio dos grupos em Palmeiras. Salientamos que Ponte Nova era área de atuação da Missão, sendo passada para o Presbitério tempos depois. Já o campo das Lavras, região geográfica da Chapada Diamantina, foi passado ao Presbitério em 1927¹³⁰. Esses sucessivos empréstimos do Presbitério a Missão era algo natural, haja vista que os missionários vindos dos Estados Unidos eram escassos. Desde o início dos trabalhos, giravam em torno de seis a oito que poderiam estar em licença ou férias, além daqueles que se ocupavam com a questão educacional tanto em Ponte Nova como na escola organizada em Salvador em 1927. Quando Ponte Nova estava em pleno funcionamento por volta de 1931, chegou a ocupar cerca de onze missionários, dos vinte três totais que a Missão possuía. Desses onze, sete eram mulheres, quatro esposas dos missionários e outras três, possivelmente solteiras¹³¹.

A Missão, por ocupar muitos missionários em tarefas que não eram de evangelização direta, como o trabalho educacional ou médico, possuía constantes déficits na evangelização. Diante disso, contratava evangelistas e colportores para suprir essa necessidade; contudo, em certos períodos, a quantidade não era suficiente, pela falta de quem contratar, ou por muitos missionários efetivos não estarem disponíveis, por motivo de demissão, férias ou aposentadoria. Diante das condições de escassez, a Missão utilizava da prerrogativa do *Modus Operandi* que lhe facultava o direito de pedir candidatos ao ministério, os quais estavam sob a responsabilidade do Presbitério, sendo que este possuía um contingente maior de trabalhadores, pois tinham condições de abastecimento com os inúmeros candidatos ao ministério. Além dos empréstimos, realizavam, também permutas por tempo determinado. Geralmente a troca de campo ocorria por cerca de dois meses, para eles era importante para os

¹²⁹ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Salvador, (25-30 de novembro de 1916).

¹³⁰ Ibidem, (3-13 de dezembro de 1928)

¹³¹ O trabalho missionário presbiteriano não pode ser entendido sem a marcante participação feminina, entretanto pesquisas que tenham o enfoque de gênero ainda são raras neste campo.

missionários e para o local pois a convivência com evangelistas diferentes poderia ser produtiva.

Apresentamos, em uma fotografia rara, tirada à frente da república estudantil e hospedagem, o grupo de diferentes categorias de religiosos responsáveis pela evangelização do interior baiano:

Foto 4: Grupo de Ministros, Candidatos e Leigos em Ponte Nova - 1911



Fonte: Arquivo Presbiteriano - São Paulo.

Na fotografia, identificamos missionários, candidatos ao ministério e leigos, responsáveis por realizar o trabalho de evangelização na área de jurisdição da MCB. Sentado, da esquerda para direita, encontra-se o fundador de Ponte Nova reverendo Willian Alfred Waddell. Ao seu lado, o reverendo Franklin Graham, seguido pelo reverendo brasileiro Salomão Ferraz, um evangelista, um presbítero e um candidato ao ministério. Em pé, os candidatos ao ministério: Augusto Dourado, filho do coronel João Dourado, Manoel Santos, João Bastos, Marco Pereira, os evangelistas João Capistrano, “Chico Badu”, um presbítero.

Em geral, os candidatos ao ministério eram experimentados em campo antes da ordenação e, às vezes, não eram aprovados, como nos mostra o caso do Coronel José

Ferreira¹³², que, por algum motivo que não consta nas atas, depois das viagens e trabalho em campo, não foi apoiado como candidato ao ministério, porém foi convidado a continuar como evangelista leigo. A política de evangelização sugeria que os alunos dos seminários deveriam, durante sua longa vocação, participar das viagens evangelísticas em pontos carentes¹³³. Esta ação tinha amplas funções, uma delas ajudar no trabalho do campo; outra, na formação e no reconhecimento do labor missionário que lhe esperava no futuro.

As relações entre a instituição nacional e estrangeira com o tempo tendeu ao afastamento e falta de diálogo, motivando a Missão em 1936, a sugerir um estudo para dirimir as distâncias e buscar meios mais eficazes de evangelização, com a cooperação mais estreita entre as duas corporações.

1.3 Os Presbiterianos, a Sociedade e o Campo Religioso Baiano: Práticas, Conflitos, Relações e Estratégias.

Os motivos que justificaram a Bahia como sendo a pioneira a contar com a presença presbiteriana fora do eixo sudeste, estão relacionados à sua importância política, geográfica e religiosa no século XIX. Salvador abrigava a sede do arcebispado, havia sido a primeira capital do Brasil e, com um dos principais portos do Império, desfrutava de uma posição regional relevante. Em um local com considerável importância, não seria fácil para os presbiterianos difundirem sua fé. Assim que chegaram, perceberam a força de seu grande concorrente na luta pelo espaço religioso baiano: a hostilidade. Em Salvador eram perseguidos com xingamentos, apedrejamentos e até coerção religiosa, como nos relata Júlio Ferreira, um dos primeiros convertidos ao presbiterianismo: “um carpinteiro de cor” sofreu dificuldade para conseguir emprego, pelo temor das ameaças de excomunhão dos empregadores pelo arcebispo¹³⁴.

As páginas dos jornais também foram instrumentos de perseguição, utilizadas para desacreditar os protestantes, como ocorreu em 1863 quando o Arcebispo Primaz D. Manoel Joaquim Silveira foi aos jornais acusar o reverendo anglicano Richard Holden de vender bíblias e materiais falsos, ocasionando uma intensa discussão nos periódicos¹³⁵. Esse clima de

¹³² Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Salvador, (25-30 de novembro 1916) p. 4

¹³³ Ibidem – Política de Evangelização. Ponte Nova, (9-19 setembro, 1933). p. 3

¹³⁴ FERREIRA, 1992. op. cit. p. 129

¹³⁵ SILVA, 1998. op. cit. p. 49

tensão¹³⁶ demonstrava algumas dificuldades que os presbiterianos encontraram em Salvador, cenário este que influenciou diretamente no fraco crescimento numérico nos primeiros anos de atividades evangelísticas. Mesmo diante de um ambiente adverso, os trabalhos na capital não cessaram, porém, os presbiterianos optaram em atuar especialmente nas lacunas deixadas pela Igreja Católica, nas áreas rurais, observando um quadro que se mostrava singular no Império.

No início, enquanto a colônia se limitava às faixas litorâneas, a convivência religiosa foi mais presente. Com o passar dos anos, o território brasileiro foi redimensionado, ampliando-se em direção ao interior, tornando suas dimensões continentais. Este avanço territorial proporcionou um aumento populacional relativo; este crescimento, entretanto, não foi acompanhado pela Igreja Católica enquanto presença efetiva e número de clérigos nos espaços mais distantes do litoral, o que limitou as igrejas a permanecerem nas grandes cidades e zonas mais povoadas. Ademais, as criações das paróquias neste período estavam a cargo do rei, que, além de construir igrejas, nomeava seus párocos, estabelecendo uma relação de interesses nas construções de igrejas. Por vezes, a criação das paróquias ocorria por iniciativas de fiéis com recursos próprios. Foi neste cenário que:

O protestantismo encontrou um espaço religioso rarefeito. A população pobre do mundo rural era esparsa pela vastidão do território, formando núcleos distantes um dos outros. As distâncias entre os núcleos e a precariedade dos meios de comunicação e transporte faziam com que fossem autossuficientes... Núcleo pequenos, distantes e extremamente móveis, eram precariamente alcançados pelos agentes da religião oficial, o que abria espaço para uma autogestão religiosa, uma autonomia no campo religioso podia muito bem abrir brechas para outras formas de pensar a religião.¹³⁷

Nestas condições, a formação cristã da população sertaneja deveu-se basicamente às missões itinerantes. A vida religiosa das populações mais isoladas ficou dependente das missões para sua manutenção, entretanto essas missões se realizavam de forma sazonal, deixando a maior parte do tempo as comunidades sem a realização dos ofícios religiosos e a administração dos sacramentos, possibilitando uma vivência religiosa de autogestão.

Acresce que em vastas áreas do país, em virtude da escassez de clero, os fiéis não têm oportunidade de participar do culto litúrgico, senão algumas

¹³⁶ Sobre as perseguições sofridas nos anos iniciais da República, Júlio Ferreira nos apresenta uma série de incidentes ocorridos contra os protestantes entre 1889-1929, em diferentes locais espalhados no Brasil. FERREIRA, Júlio. Perseguição e Repressão. In. Igreja Evangélica e República 1991. P.23-56

¹³⁷ MENDONÇA, Antônio Gouveia. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo n 67. 2005. pg. 48-67

poucas vezes por ano, quando o vigário faz a sua desobriga¹³⁸ ou quando tem lugar, na igreja mais próxima, a “santa missão”¹³⁹.

A quantidade de missões católicas e clérigos visitantes atuantes não conseguiam satisfazer às necessidades da população, o que gerou uma distância do contato com a práticas e os dogmas da igreja oficial, provocando certa independência religiosa, uma vez que as visitas eram raras e a população “ficava entregue a si mesmo, à espera do missionário visitante”¹⁴⁰. As brechas deixadas pela Igreja Católica foram fundamentais para o desenvolvimento de diversas experiências religiosas, entre elas o que podemos chamar de “catolicismo sertanejo”, surgido na ausência do clero que concorria para a debilidade nos ensinamentos da igreja e da manutenção da religiosidade mais próxima aos dogmas exigidos¹⁴¹.

E o povo realmente experimenta a necessidade de uma vida interior, espiritual, religiosa, que procura satisfazer, uma vez que lhe faltam educação e assistência da Igreja, ou criando, com elementos do dogma e da liturgia católica, sua própria religião, ou aderindo às religiões que lhe propõem como substitutivos (...) o espiritismo, o ocultismo e o protestantismo fazem progressos relativamente extraordinários entre a população¹⁴².

Esses lapsos presenciais levaram a população sertaneja a prescindir da presença da igreja e de seus agentes, produzindo interpretações próprias dentro do catolicismo. Essas experiências levavam em consideração as relações do povo interiorano com o meio, que metamorfoseava a religiosidade com uma leitura particular através de incrementos ritualísticos e de crença baseados na vida local. Era um catolicismo específico que variava de acordo com o lugar, o que nos possibilita pensar, em termos de religiosidades, em “catolicismos” no interior. Entretanto as missões, mesmo sazonais, marcavam a vida das populações mais afastadas, que esperavam ansiosamente pela visita do agente religioso para administrar os sacramentos, reafirmar os dogmas da igreja e combater as crenças consideradas heréticas.

A Igreja Católica na Bahia possuía uma estrutura bem alicerçada, em meados do século XIX, gozava de prestígio ao ser visto como clero mais culto e moralizado do país, mas

¹³⁸ Desobrigar-se é confessar os pecados, evitá-los pela observância dos mandamentos, cumprir penitência. SILVA, 1982. Op. cit. p. 20

¹³⁹ AZEVEDO, Thales. O catolicismo no Brasil um campo para a pesquisa social / Thales de Azevedo. Salvador: Edufba, 2002. p.39

¹⁴⁰ SILVA, 1982. op. cit. p. 17

¹⁴¹ Ibidem, p. 23-24

¹⁴² AZEVEDO, 2002. Op. cit. p. 50-51

não contava com um número necessário de clérigos para atender à população¹⁴³. Sua extensão em solo baiano obedecia à distribuição geográfica diocesana, que se estabelecia em função da importância política e econômica de cada local, geralmente essas cidades se localizavam no litoral ou em lugares distantes, provocando uma grande lacuna em diversos espaços no interior da Província. Segundo Cândido Silva a Igreja Católica possuía apenas paróquias urbanas e missões, que “pelo bispo” organizava “politicamente a geografia diocesana”¹⁴⁴. Desta forma, pelas condições locais ou interesses pessoais, as igrejas iriam se alocando em território baiano. Para perceber esta dinâmica, Cândido Silva no alerta para a importância de:

não dissociar a expansão da Igreja na Bahia, da gente que a constituiu e a ela foi se incorporando. Sob este prisma, não é difícil perceber a Igreja ancorada em larga escala, na urbe e em seu Recôncavo. E assim foi pensada e sua prática orientada a partir dessa circunstância. Os problemas eram aqueles que os olhos da alta hierarquia alcançavam. E os que surgiam a distância e sua prática repercutiam por cá eram em geral filtrados por esse foco redutor. Seguramente, confrontando o sertão era uma igreja litorânea que mal conseguia soltar as amarras dessa ancoragem e encurtar a distância de um campo a outro. Contudo avançava e seus passos percorreram os caminhos abertos à exploração econômica e ao controle político-administrativo, quer antecipando-se em frentes missionárias, quer acompanhando as concentrações produtoras, quer assistindo aos grupos menores e dispersos¹⁴⁵.

O cenário religioso baiano espelhava a singularidade do resto do Brasil: “um mar de terras e quase um deserto humano”¹⁴⁶. As grandes cidades contavam com uma estrutura católica alicerçada que promovia perseguições a outros credos. Entretanto, no interior, sua ausência deixava os fiéis abandonados, tanto na manutenção de suas necessidades básicas, quanto na resolução dos problemas surgidos, os quais não chegavam na capital e, quando chegavam, muitos não eram solucionados, evidenciando o distanciamento da igreja oficial com seus fiéis. A falta de manutenção religiosa no interior abriu espaços importantes para atuação dos protestantes, visto que, mesmo com a queda do monopólio legal da Igreja Católica com o advento da República, a sua hegemonia religiosa construída há séculos impunha sérias dificuldades. Entretanto, em locais com brechas presenciais da igreja, a atividade protestante tendia a um melhor aproveitamento.

O campo religioso brasileiro se tornou aberto com a laicidade do Estado declarada na Constituição de 1891, nesta configuração do campo religioso cada igreja ou denominação

¹⁴³ Exemplo de Campo Formoso, a paróquia contava com 200 km de diâmetro e possuía 30 mil almas, apenas 5.000 fiéis na zona principal recebiam assistência religiosa. LEONARD. Op. cit. p.137

¹⁴⁴ SILVA, 2000. Op. cit. 14

¹⁴⁵ Ibidem, p. 48

¹⁴⁶ Ibidem, p.50

buscava desenvolver uma evangelização eficaz em convencer a população local a seguir seu credo. No caso das denominações norte-americanas, esta foi uma tarefa difícil, porque o sistema religioso que elas exportavam para a América Latina era bastante diferente do sistema existente no continente. O protestantismo, enquanto doutrina e prática religiosa, era diferente das manifestações católicas, entre outras questões enfatizava a experiência pessoal, o livre acesso a bíblia, além das diferenças culturais de rito religioso. O sucesso das missões protestantes dependeu, portanto, da capacidade dessas igrejas de atrair certos segmentos da população local. A "conversão" do "nativo" requeria por parte dele uma renúncia muito grande, pois teria que abandonar a sua própria cultura e adotar um novo estilo de vida, nesse caso um estilo estrangeiro¹⁴⁷. As missões protestantes, diante deste quadro religioso e cultural, buscaram construir estratégias de atuação a partir da sua posição no campo religioso, como exemplifica Pierre Bourdieu:

A posição das instâncias religiosas, instituições ou indivíduos, na estrutura da distribuição do capital religioso determina todas as estratégias, a luta pelo monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos e da gestão dos bens de salvação.¹⁴⁸

A situação do campo religioso acirrou os conflitos provocados pela constante concorrência. De um lado uma nova proposta religiosa que buscava se expandir, por outro a religião tradicional que acabara de perder sua hegemonia legal. A Igreja Católica, diante de sua ingerência na vida religiosas dos fiéis, utilizou de uma poderosa e eficiente arma que a sua influência lhe proporcionava: o poder de construir um conjunto de imagens e discursos responsáveis em disseminar personificações negativas e repulsivas em relação aos protestantes. A difusão dessas construções ao longo do território baiano, era realizada pelos agentes religiosos como também pelos fieis em suas comunidades, ajudando a disseminar essas representações em vários locais.

A visão distorcida dos missionários em função das representações negativas difundidas nas comunidades católicas em que tentaram evangelizar ilustra como algumas imagens produzidas pelas igrejas ou pelos religiosos formaram verdadeiras construções imagéticas caricaturadas, muitas vezes regadas a superstições, com características folclóricas em relação aos protestantes, como a afirmação de que “por terem feito uma aliança com

¹⁴⁷ CALVALCANI, H.B. *O Projeto Missionário Protestante no Brasil do Século 19: Comparando a Experiência Presbiteriana e Batista*. REVER. São Paulo Nº 4 / 2001 / pp. 61-93. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2001/i_cavalc.htm . Acesso em 01-06-13

¹⁴⁸ BOURDIEU, 2007. Op. cit. p. 58

diabo, os protestantes têm pés de pato”¹⁴⁹, afirmavam também que esses religiosos “protestavam até contra o próprio Deus”. Atacavam a interpretação bíblica em a relação à Virgem Maria, disseminando na região que “os protestantes tinham raiva da virgem abençoada”. E, numa tentativa de desacreditar a crença reformada, atribuíam a origem do protestantismo a um “padre que queria casar”. Até a relação com a natureza era utilizada para demonstrar que os protestantes eram pessoas com objetivos ruins, afirmando que a própria natureza repudiava sua presença lhe negando-lhes suas dádivas, mostrando que os protestantes seriam para eles uma pessoa não grata no sertão. Uma das frases emblemáticas recuperadas do período, e bastante ilustrativa é: “nem mesmo as árvores ‘davam’ sua sombra a um protestante”. Esses jargões populares espalhados aos quatro ventos no intuito de evitar o mínimo contato e conseqüentemente a adesão a mensagem reformada, causaram enormes dificuldades de se estabelecer contato com a população. A construção dessas imagens e discursos foi bastante eficaz, como demonstra o filme “O Punhal” ao retratar a chegada missionária em Ponte Nova, revelando que o sotaque estrangeiro e o “livro” que a moradora de uma fazenda visitada supôs ser a bíblia teria sido suficiente para expulsar o missionário de suas terras sem ao menos ter lhe concedido o pedido de um “copo com água”¹⁵⁰ para matar a sede.

Ao recuperar o momento inicial dos trabalhos missionários, o filme “O Punhal” nos oferece diversos aspectos deste período. Por retratar o primeiro contato missionário com a população local, o filme relata dois locais de atividades: nas fazendas e na zona urbana. Demonstam que nas fazendas recusavam receber os agentes religiosos antes mesmo de se apresentarem pelo simples fato de serem estrangeiros, pois deduziam com isso que eram protestante. O trabalho na zona urbana era desenvolvido com pregações nas feiras em pequenos palanques e nas casas. Ao retratar o culto em uma residência, evidenciam a interrupção da pregação devido à interferência de crianças que jogavam pedras no telhado e faziam barulho com diversos objetos em frente a casa. Embora não seja retratado nesta obra, as resistências católicas em Ponte Nova eram percebidas também na negação em enterrar reformados mortos nos seus cemitérios, fator que levou alguns protestantes serem enterrados nos quintais de suas casas.

¹⁴⁹IRWIN, Richard. O Punhal. [Filme-Vídeo]. CAVE, 1960. VHS, 45:00min. PeB. Som.

¹⁵⁰ Pedido que poderia ter sido pela necessidade física ou estratégia sutil de aproximação.

Diante de um imaginário povoado por representações negativas, os presbiterianos, por sua vez construíram estratégias que visavam eliminar a distância causada pela disseminação dessas imagens desfavoráveis frente à população interiorana. Inicialmente, buscavam desconstruir essas imagens explicando, com base na sua interpretação bíblica a essência de sua crença. Apresentavam-se como a verdadeira expressão do Cristianismo que foi reformado dos erros da igreja tradicional, permanecendo fiel à palavra original. Essa prática discursiva tornou-se um elemento fundamental para eliminar barreiras e justificar a apresentação de uma nova abordagem cristã. Por entender que a crítica direta causaria estranhamento e recusa, como método discursivo estabeleceram a prática de críticas veladas que enfatizavam os desvios da Igreja Católica. O reforço da utilização do conceito de Reforma era central na estratégia discursiva, através dele evidenciavam que eram igualmente cristãos, entretanto eram diferentes da Igreja Católica, que se desviará da “verdadeira palavra”, de maneira que os protestantes seriam uma expressão católica reformada. Essa forma de abordagem é claramente observada na frase encontrada na obra *O Punhal*, “(os protestantes) não vem derrubar o que já existia, mas para proclamar a antiga mensagem de Cristo, na sua força original e na sua singular clareza”¹⁵¹. Esse discurso estabelecia uma relação crítica ao catolicismo ao mesmo tempo em que promovia o protestantismo. Na prática, essa postura revelou-se proveitosa, como demonstra a obra fílmica que retrata esse período em *Ponte Nova*. Mesmo diante do cenário desfavorável com expulsões precoces das terras que tentavam evangelizar, após a insistência e a reprodução da estratégia discursiva citada acima, os trabalhos desenvolvidos nas fazendas, conseguiram o aumento sistemático do número de ouvintes.

Essas estratégias discursivas reverberavam nas práticas de ambas as manifestações religiosas, o que criou um ambiente religioso tenso e minado, dando ocasião uma infinidade de relações entre as experiências religiosas, seus agentes e os fiéis. Para compreensão das condições do campo religioso e a relações de embate das manifestações religiosas na região estudada trazemos alguns exemplos relevantes.

Para ilustrar as ausências católicas na região e os constantes pedidos da população pela presença efetiva e manutenção religiosa, *Orobó Grande*¹⁵² é um exemplo desta situação. Na tentativa de solucionar a falta de clero, a população apresenta suas demandas à administração

¹⁵¹ IRWIN, 1960. op. cit.

¹⁵² Atual cidade de Rui Barbosa.

da Igreja Católica, através de sucessivos abaixo-assinados¹⁵³ feito por “todas as classes” de Orobó Grande, como o de 1906. Neste documento parte da sociedade expõe seus clamores queixosos ao arcebispo D. Jerônimo Tome da Silva, contra a ausência de um pároco para a “esquecida localidade”. Enfocam que solicitam um religioso, mas constantemente seus pedidos não foram atendidos, consideram o tratamento de “desprezo e indiferença”. Alertam também para a presença de “um pastor protestante que vai, dia a dia, aumentando o número de prosélitos para sua igreja, desfalcando assim as fileiras católicas”¹⁵⁴. Finaliza com outra justificativa para que suas queixas fossem atendidas, indicando que o número de almas no local e a condição financeira seriam suficientes para manter um pároco na localidade. O abaixo assinado expunha a necessidade interna do grupo em possuir um agente religioso para manutenção da sua religiosidade. Como argumento ressaltavam seus constantes pedidos e para o perigo de outra experiência religiosa e seus efeitos na localidade, além da suficiência financeira.

Importante não deixarmos de pensar nas diversas relações que se apresentaram no interior, e fugir da generalização que apontam o interior com a ausência do clero, e diretamente o favorecimento protestante como algo direto. Pelo contrário, era comum, lugares sem a presença do clero, resistirem às investidas protestantes, como o exemplo citado acima que, mesmo com sem a presença efetiva de um agente católico, parte da população questionava a presença protestante, muito embora outras pessoas cedessem às investidas, o fato em questão é que mesmo sem a presença do pároco, parte da sociedade permanecia fiel ao catolicismo.

Um exemplo dessa resistência ao protestantismo, longe da presença efetiva de agentes católicos, ocorreu em Morro do Chapéu, e foi registrado nas folhas do Correio do Sertão, que relata uma ocasião em que os ministros protestantes presbiterianos Manoel Antônio Silva e Alexander Reese foram fazer duas “conferências” autorizadas pelo intendente, no salão municipal, este ficou vazio, sendo visitado apenas por crianças a vaiar. Relata também que a autorização gerou insatisfação por parte da sociedade local, com discussões¹⁵⁵. A mesma cidade foi visitada meses depois pelo missionário Alexander Reese e o ministro Augusto Dourado, e foi novamente desaprovado pela população, que não aceitou os “propagandistas

¹⁵³ Abaixo assinado ao Snr A. Jerônimo Thomé da Silva Bahia, 26 de janeiro de 1906. 2 livro. Arquivo da Cúria Metropolitana/ Laboratório Eugênio Veiga. Livro de Correspondência. (1894-1924). Estante 6; Caixa 3.

¹⁵⁴ Ibidem

¹⁵⁵ Conferências evangélicas e Pequenos Pormenores. Correio do Sertão, Morro do Chapéu, ed 219,18-julho-1921. p.2

de Lutero” acusando-os de distribuírem convites convocando a todos para uma conferência, escondendo o motivo real de propagar sua fé em um culto protestante. Criticaram também a liberação do prédio público para ser usado para ponto de culto da “seita”¹⁵⁶.

Os locais com a presença efetiva e antiga do clero, por sua vez, não eram simplesmente deixados de lado pelos protestantes. Em várias oportunidades conseguiram conquistar fieis e iniciar trabalhos, organizando diversas igrejas, como em Canavieiras. A situação desta cidade é exposta na correspondência do Padre Justino José de Santana para o Arcebispo D. Jerônimo Thomé da Silva Bahia, no documento relatava os problemas de “indiferentismo em matéria de religião...” e o crescimento dos reformados. Em sua carta, ele informa que “o protestantismo se aproveitando da ignorância de uns e de pequeninas paixões de outros, tem se alastrado muito”¹⁵⁷.

Em outra situação, a presença presbiteriana em Monte Alegre, levou uma pessoa, não mencionada, a enviar uma nota ao jornal Correio do Sertão¹⁵⁸, expressando sua contrariedade com a presença protestante na cidade. Como título “Alto La Senhor! (da Igreja Presbiteriana)”, o autor não revelado na matéria, fala em nome do povo da cidade, que “não é assim tão atrasado que não conheça seu dever católico”, informando que o “tabaréu” daquela localidade conhece o evangelho explicado na igreja todos os domingos, e não se deixará levar tão facilmente, além de não aceitar as falas contra a virgindade de Maria Santíssima. Nesta mensagem percebemos que boa parte das pessoas ligadas ao catolicismo, quer seja clérigo ou não, atribuía a conversão ao protestantismo à falta de instrução, ou fraqueza. Ademais, a interpretação bíblica de Maria era algo sempre questionado pela população. Em Monte Alegre, a presença efetiva da igreja contribuiu para o reforço dos dogmas católicos e de sua crença, contra as investidas protestantes. Esses exemplos são importantes ao demonstrar a diversidade de relações de embates no campo religioso, estas que não se apresentavam de forma unificada. Desta forma entendemos que a presença católica não garantia o insucesso protestante, mas dificultava, assim como sua ausência não favorecia, mas de certa forma facilitava o trabalho evangelístico.

¹⁵⁶ Culto Protestante. Correio do Sertão, Morro do Chapéu, ed237. 22-janeiro-1922. p.1

¹⁵⁷ Correspondência ao Smr. Jerônimo Thomé da Silva Bahia. Padre Justino José de Santana, 28 de fevereiro de 1912. Arquivo da Cúria Metropolitana/ Laboratório Eugênio Veiga. Livro de Correspondência. (1894-1924). Estante 6; Caixa 3.

¹⁵⁸ Alto lá Senhores! (Da Igreja Presbyteriana). Correio do Sertão, Morro do Chapéu, ed. 14, 14- outubro-1917. p.2

A expansão protestante produziu diversas críticas por parte do clero, e por parte da sociedade, algumas publicações feitas em Salvador ou em outros lugares do Brasil sobre diferentes assuntos eram endossadas pelo Correio do Sertão, um jornal notadamente católico. Em uma matéria replicada de uma revista de São Paulo, assinada pelo escritor Medeiros Albuquerque, que publicou a opinião do arcebispo de Mariana em Minas Gerais, coloca em xeque as motivações da evangelização dos católicos brasileiros, apontando para o alto número de católicos, nos Estados Unidos, país sede da atividade missionária. O arcebispo atribuiu ao protestantismo norte americano a função de produzir uma propaganda comercial, através de sua “propaganda insidiosa e lenta, que estão fazendo em nosso país, sob a aparência de preocupações meramente pedagógicas e religiosas”¹⁵⁹.

O periódico, em sua matéria mais ácida relacionada aos protestantes, tem críticas diretas aos investimentos feitos e às suas reais motivações. O texto é uma repostagem de uma matéria do Mensageiro da Fé¹⁶⁰, que se referia à atuação missionária batista em outro local, mas postado no Correio do Sertão embora não citado no texto, possivelmente fazia inferência aos presbiterianos que trabalhavam na região.

Somente os protestantes americanos fundam por toda parte (...) colégios americanos batistas (...) somente os protestantes americanos andam pelos sertões ou pelo arrabaldes, onde encontram falta de instrução suficiente (...) ignorantes (...) poucos instruídos e menos escrupulosos para, com esses convertidos ou pervertidos organizarem sítas ou igrejas (...) Somente os americanos mandam vir dos Estados Unidos milhões e milhões de dólares para fins religiosos ou de propaganda... vendem sua crença em troca das vantagens (...) Por acaso serão os protestantes americanos mais sérios, mais zelosos da fé e mais cheios de amor de Deus e de Jesus Cristo? Completamente enganado andaria quem assim pensasse. Nenhum amor à verdade, nenhum desejo de difundir o reino de Jesus, nem de salvar as almas existe entre esses pretensos missionários americanos¹⁶¹.

Ancorando sua proposta no livro Ilusão Americana, de Eduardo Prado¹⁶², indicam, nas intenções missionárias, a pretensão de que a “América seja toda dos Americanos do Norte”, mas esse objetivo não poderia ser alcançado sem a preparação, por isso estavam interessados em desenvolver a influência, criando o amor e a admiração pela América do Norte no povo que queria conquistar. Para isso, os obstáculos da religião a língua seriam derrubados. Por

¹⁵⁹Pela Religião. Correio do Sertão. Morro do Chapéu. Ed 201, 15-maio-1921. p. 1 (matéria principal)

¹⁶⁰Propaganda Protestante Americana. Qual sua razão de ser?. Correio do Sertão, Morro do Chapéu, Ed 197. 17-abril-1921, p.1 e 2 (matéria principal).

¹⁶¹ Ibidem, p.1

¹⁶² Proveniente de uma família da elite cafeeira paulista. Intelectual e bacharel em Direito, membro da Academia Brasileira de Letras.

isso a “derrama de dólares” pelos “pseudos pregadores”. Concluindo que todo esse zelo e propaganda religiosa era “Simples política para fazer do Brasil, em época mais ou menos remota, uma parte da União Americana”¹⁶³. Para o autor, essa ação passa despercebida pelos “míopes” estadistas brasileiros, que veem com benevolência todas essas ações. Na matéria indica que os protestantes utilizam como armas de sedução, aspectos de sua cultura como esportes e divertimentos, pelas facilidades educativas dos colégios americanos. Encerra indicando o artigo de duas páginas como brado de alarme¹⁶⁴, propondo aos americanos, para um convívio harmonioso, deixassem de fazer as propagandas que ameaçam a soberania nacional. Essas matérias serviram para reforçar o pensamento de resistência ao protestantismo. As pessoas que tinham acesso aos jornais poderiam utilizar de seu discurso para construir representações acerca deste grupo religioso. Tornando os meios de divulgação mais uma ferramenta de resistência à mensagem reformada.

Diante dos diversos centros de resistências na luta pelo vasto campo religioso baiano, as diferentes confissões protestantes tenderam a trabalhar em cooperação, afinal, possuíam objetivos singulares. Nesta conjuntura, os presbiterianos, episcopais e metodistas desenvolviam relações de cooperação, entretanto os batistas eram poucos dispostos a entrar em acordos com outras denominações, postura que gerou diversos embates principalmente com os presbiterianos. A justificativa para essa conduta batista encontra-se nas suas “convicções inabaláveis”¹⁶⁵ em relação às doutrinas. Eles acreditavam possuir a verdadeira interpretação bíblica ancorada no novo testamento, interpretação que deveria ser difundida em detrimento das outras. Para os batistas, as motivações de “consciência” limitavam o trabalho em conjunto com as outras denominações, contudo reconheciam que as atividades missionárias de diferentes instituições contribuía para o progresso do reino de Deus¹⁶⁶. Sobre este contexto Elizete Silva nos informa que as doutrinas peculiares dos batistas impunham práticas diferenciadas, como o batismo por imersão e apenas de pessoas adultas, diferente de todos os outros segmentos atuantes na Bahia. Ademais, os batistas se

¹⁶³ Propaganda Protestante Americana. Qual sua razão de ser?. Correio do Sertão Morro do Chapéu, Ed 197. 17-abril-1921, p.1 e 2 (matéria principal).

¹⁶⁴ Ibidem

¹⁶⁵ CRABTREE, A. R. História dos Batistas do Brasil até 1906. Rio de Janeiro. Casa Publicadora Batista, 1962. p. 244

¹⁶⁶ Ibidem, loc. cit.

consideravam mais bíblicos e fieis as doutrinas dispostas no novo testamento, o que os tornavam mais puros¹⁶⁷.

Inicialmente, as relações entre presbiterianos e batistas tenderam à harmonia. Segundo Emile Leonard, foi por sugestão presbiteriana que o pioneiro batista, reverendo Willian Bagby se instalou na Bahia em 1882¹⁶⁸. Essas denominações eram as únicas de caráter missionário atuando em solo baiano, o que levou, desde o início das atividades, a estabelecerem relações, a fim de definirem estratégias de limites de atuação. Ainda no momento inicial dos trabalhos, foi proposta a divisão da Bahia em territórios de atuação predeterminados para cada instituição. O acordo celebrado no início da década de 1880 teve como representantes os missionários Blackford pelos presbiterianos, e Kolb pelos batistas. Em 1900, os tratados foram refeitos com referência no mais antigo. Este novo o acordo celebrado reconhecia como territórios de influência e atuação dos Batistas as cidades de: Valença, Camamu, Ilhéus, Caravelas, Canavieiras, Porto Seguro, Alcobaça, Nazaré, Amargosa, Mata Alagoinhas¹⁶⁹, Juazeiro, Remanso, Rio São Francisco, Rio Grande¹⁷⁰, Condeúba, Caetité, Brejo Grande¹⁷¹ e municípios de Currálinho¹⁷², São Felipe e Paraguaçu.

Como território de influência e atuação presbiteriana, foram determinadas as cidades de: Cachoeira, Feira de Santana, Camisão, Maricas¹⁷³, Lavras¹⁷⁴, Santo Amaro, Serrinha, Jeremoabo, Bom Conselho¹⁷⁵, Monte Santo, Bonfim¹⁷⁶, Jacobina, Urubu¹⁷⁷, Correntina, Monte Alto¹⁷⁸. Além dos municípios de São Félix, Maragogipe, Andaraí, e o estado de Sergipe e do Vale do São Francisco, no estado de Minas Gerais. Neste acordo ainda indicava as cidades de Salvador e Itaparica como territórios de ocupação conjunta, e as cidades de Inhambupe e Itapecuru para aqueles que primeiro se estabelecessem no local¹⁷⁹.

¹⁶⁷ SILVA, 1998. op. cit. p. 58

¹⁶⁸ LEONARD, 2002. op. cit. p. 142

¹⁶⁹ Possivelmente distrito de Alagoinhas

¹⁷⁰ Possivelmente atual cidade de Barra.

¹⁷¹ Distrito de Miguel Calmon

¹⁷² Possivelmente atual cidade de Castro Alves

¹⁷³ Acreditamos possuir erro de grafia, referindo-se a Maracas.

¹⁷⁴ Cidades da região das Lavras: (Lençóis, Wagner; Palmeiras; Rui Barbosa e Mucugê)

¹⁷⁵ Atual Cícero Dantas

¹⁷⁶ Senhor do Bonfim

¹⁷⁷ Atual Paratinga

¹⁷⁸ Atual Palmas do Monte Alto

¹⁷⁹ Old Central Brazil Mission Minutes (1897-1912) Cópia de uma circular da Junta. Ano - 1900

A essência do acordo de território¹⁸⁰ era direcionar as ações e evitar conflitos entre as missões, ampliando seu foco de luta para outras experiências religiosas, e neste caso, principalmente a Igreja Católica. O acerto também visava maximizar o alcance do protestantismo em solo baiano, em função da sua grande extensão territorial e do número de trabalhadores insuficientes para cobrir todo o Estado. Nestas circunstâncias trabalhar na mesma área possivelmente concorreria para que outros locais ficassem sem o alcance das atividades missionárias.

A Geografia da Religião, um campo novo de estudo dentro da Geografia Cultural, nos indica caminhos para tratar a religião no contexto geográfico, relacionando a apropriação de determinados segmentos do espaço e sua influência nas relações de poder e dominação. Assim, ela ajuda a pensar as relações do espaço a partir do entendimento das estratégias religiosas de atuação, por pensar que a poderosa estratégia geográfica de controle de territórios e coisas pode ampliar muitas vezes o controle sobre as pessoas¹⁸¹. Desta maneira, dividir os territórios implicava o reconhecimento da reserva legal da atuação das vertentes protestantes, sua influência nos seus domínios e na sua responsabilidade na gestão do campo religioso.

Analisando o mapa desta divisão percebemos que os Batistas se concentrariam no sul do Estado da Bahia, com participação em outras cidades esparsas, enquanto que os Presbiterianos se concentrariam no Recôncavo e na Chapada Diamantina e na região Norte do Estado. Mesmo com a predisposição em definir regras de convivência e limites de atuação, as relações entre as missões nem sempre foram harmônicas. Sobre este aspecto, Canavieiras é uma das cidades centrais na discussão de território, mesmo estando, pelo acordo, sob a jurisdição batista, tinha presença presbiteriana, e com número considerável de fieis, se comparado às outras cidades que possuíam a presença presbiteriana. Segundo Crabtree a atuação presbiteriana em Canavieiras teria quebrado o acordo celebrado entre as missões. A “invasão” feita pelo reverendo Willian Alfred Wallddel em 1904, promovendo o rebatismo de fieis¹⁸², teria desrespeitado o tratado entre as missões. Mencionando o artigo escrito pelo missionário Taylor no jornal batista, Crabtree revela o profundo entrecimento do missionário com a violação do acordo. Além de invadir o território, os presbiterianos rebatizaram as crianças por aspersão e para justificar sua atuação empreenderam discurso de

¹⁸⁰ Ver mapa em anexo com a divisão territorial entre as missões Batista e Presbiteriana.

¹⁸¹ ROSENDHAL. Zenir. Geografia e Religião uma proposta. *Espaço e Cultura*, Ano I, 1995

¹⁸² CRABTREE, A. 1962. Op. cit. p. 244

igualdade de objetivos entre os presbiterianos e batistas. Sobre a controvérsia da presença presbiteriana em Canavieiras encontramos referência no livro de Júlio Ferreira que nos indica a uma possível explicação para a quebra do acordo. Utilizando as palavras do reverendo Henry Mc Call, que atuou na região, ele nos informa que:

Sete dos melhores membros de nossa igreja em cachoeira entristeceram-nos ao dizer que iam mudar-se para Canavieiras, a cem milhas da costa mais ao Sul. Mas a nossa tristeza se transformou em júbilo dentro em breve, ao recebermos telegramas pedindo-me que fosse até lá, visto que quarenta pessoas queriam fazer profissão de fé. Isso lá pelo fim de maio de 1905. Quatro meses depois, levei também minha esposa e quatro filhos, e gastamos um período encorajador em canavieiras... afinal recebemos mais de quarenta profissões de fé¹⁸³.

Embora não mencione o ano de mudança dos fiéis, muito possivelmente tenha ocorrido em 1904, o mesmo ano que o missionário presbiteriano Waddell foi acusado de invadir o campo. Após o ano de 1905, o reverendo Mc Call relata tranquilamente que a região foi visitada outra vez por ele, sem, contudo, mencionar os acordos. Esse incidente gerou uma fissura que por muito tempo, provocou embates entre as confissões, impedindo trabalhos conjuntos. As palavras do reverendo Taylor ajudam a justificar o endurecimento da postura batista após o incidente:

Por 20 anos, com os pastores Blackford e Kolb vivi em perfeita paz, sem divisão de campo; mas, com a chegada do Pastor Waddell, foi proposta a divisão e em pouco violado o acordo, como acima se vê, sendo o mesmo dissolvido, trabalhando cada um onde quer; (...) não nos traz nenhum prazer registrar esse infeliz incidente. Por outro lado, é motivo de satisfação o encontrarmos raramente tais incidentes em nossa história¹⁸⁴.

A partir de então, os acordos foram desconsiderados e, em muitos locais, as áreas de influência eram divididas. Em 1911, observando as áreas de jurisdição do acordo feito, percebemos cidades com atuação conjunta das duas missões, tanto em cidades que, pelo acordo, estariam sob a responsabilidade batista quanto presbiteriana. Nas atas presbiterianas acessadas, não encontramos referência a esta quebra de acordo, apenas encontramos informativo das relações entre as missões. Os missionários presbiterianos registraram suas reclamações acerca das constantes invasões dos Batistas, distribuindo material evangelístico como seus jornais¹⁸⁵. Registram também queixas aos métodos de trabalho Batistas do sul da Bahia, por não permitirem que outra Missão trabalhasse com eles, indicando melhor relações

¹⁸³ FERREIRA, 1992b op. cit. p. 91-92

¹⁸⁴ CRABTREE, A. R. 1962. Op. cit. p. 244

¹⁸⁵ Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938). Salvador, (23 de novembro-01 de dezembro de 1917). p.3

com os metodistas¹⁸⁶. A MCB chegou a pedir orientação do Conselho acerca de como agir com as outras denominações que se recusavam dividir os campos, desrespeitando seu trabalho e evangelizando em área que o trabalho já estava sendo feito¹⁸⁷. Quando, nas atas, registram algo referente aos limites de atuação, os presbiterianos deixam claro o respeito aos limites, evitando trabalhar no mesmo local de atuação batista, exemplo da situação em Goiás. Este fato pode indicar que o incidente com o reverendo Waddell pode ter sido um caso isolado ou apenas que o respeito aos espaços pelos presbiterianos poderia ser parcial e seletivo. Podemos pensar este posicionamento como uma postura da MCB após invasão de Canavieiras, entretanto, nas atas acessadas a Missão não menciona nada relacionado a quebra de acordo. Acreditamos que, para empreender uma postura de acusação dos Batistas, os presbiterianos possivelmente deveriam o respeitar aos limites, ainda que de forma seletiva. Ressaltamos que, mesmo o novo acordo do início do século XX durando pouco tempo, é importante trazer à tona essa divisão para nos ajudar a pensar as estratégias que as instituições missionárias protestantes estabeleceram na Bahia em determinado período.

Para compreender o desenvolvimento do trabalho presbiteriano no universo religioso baiano, comparamos as suas ações com os batistas, os únicos que desenvolviam o trabalho de caráter missionário. Para relacioná-los de forma quantitativa, optamos em cruzar apenas os números de membros e igrejas de as ambas instituições nos anos iniciais. Embora saibamos que análises comparativas devem respeitar às especificidades, faremos de uma maneira geral, sem analisar outros fatores, como número de missionários, recursos financeiros entre outros. Os dados acessados nas atas da MCB possuem um recorte relativamente curto de quatro anos, sua data final se relaciona com a criação do Presbitério Bahia-Sergipe e a passagem das igrejas para sua administração, saindo da manutenção da Missão. Para esta análise, utilizaremos apenas os números de profissões de fé¹⁸⁸, e membros, entre 1903 e 1907.

As profissões de fé não podem ser confundidas com o número de membros, pois o registro de profissão é feito de forma unificada e leva em consideração a soma do número de profissões ao longo do trabalho, já o número de membros é o número real de pessoas na igreja no momento do senso; logo, se forem comparadas as profissões de fé com o número de

¹⁸⁶ Ibidem, Ponte Nova, (18-28 de outubro de 1910) p.3

¹⁸⁷ Ibidem, Problemas Missionários. Salvador, (26 de novembro – 06 de dezembro de 1921). p.4

¹⁸⁸ Parte do ritual necessário para torna-se membro da igreja. Consistia na declaração pública na crença de Jesus Cristo como filho de Deus e salvador de sua vida; na afirmação da convicção nas Bíblia como única regra de fé e prática, além de assumir o compromisso na frente da congregação de manter uma vida cristã espelhada na doutrina da igreja. Após o rito seria batizado por aspersão e passaria ao rol de membros com todos os direitos e deveres.

membros por ano, esses dados tendem a diferir e, geralmente o número de membros será menor. As justificativas para a diferença nos números de membros são diversas, ao longo dos anos poderiam ocorrer transferências de igreja, mudança de confissão, demissão (expulsão) ou mesmo o óbito do fiel. Apresentamos abaixo o quadro com o número de profissões de fé que são registrados nas atas acessadas entre os anos de 1903 e 1907.

Tabela 1: Número de Membros e Profissões de Fé

Missão Central Brasil					
Ano	Número de Membros				Profissões de Fé¹⁸⁹
	Bahia	Sergipe	Lista reserva/ Dispersos¹⁹⁰	Total	Geral
1903	391	178	-	569	Sem informação
1904	494	165	-	659	854
1905	611	202	11 ¹⁹¹	824	1042
1906	717	196	50	965	1122
1907	849	206	52	1107 ¹⁹²	1311

Fonte: Old Central Brasil Mission Minutes (1904-1938)

Esses dados referem-se ao trabalho da MCB na sua área de jurisdição, considerando as sete igrejas organizadas, além das inúmeras congregações e pontos de pregação espalhados pelo interior. Esses dados revelam os resultados de pessoas que decidiram aderir ao presbiterianismo ao longo desses anos, porém não informam o número de pessoas que frequentavam os trabalhos missionários. Acreditamos que o número possa ser bem maior, pois a profissão de fé e passagem ao rol de membros implicava em um compromisso com as normas doutrinárias da igreja, algo que exigia uma mudança de atitude na vida das pessoas algo que servia como obstáculo para aceitação da confissão¹⁹³.

¹⁸⁹ As atas informam os dados de forma unificada, de modo que não tivemos condições de separar por Estado sendo assim os números de profissões de fé levam em conta os dados da Bahia e Sergipe.

¹⁹⁰ A forma de divulgação dos dados foi simplificada com o tempo, nos anos de 1903, 1904 e 1905 os dados são tabelados por campo separadamente, sendo colocados depois em uma tabela geral. Nos anos de 1906 e 1907 existe apenas uma tabela geral, o que afetou diretamente a percepção da quantidade dos dispersos em relação ao local específico.

¹⁹¹ No ano de 1905, onze dos dispersos são contabilizados na estatística geral sem mencionar o local específico

¹⁹² A ata apresenta um erro de cálculo demonstrando como somatório final o número de 1109.

¹⁹³ Em anexo trazemos o quadro com números dos trabalhos missionários em relação a quantidade de membros. Os dados estão separados por campos e igrejas na Bahia até 1907.

Analisando o quadro de maneira geral, percebemos a concentração missionária na região do Recôncavo e Chapada Diamantina, com destaque no número de membros para Canavieiras e Palmeiras, que, se pensadas proporcionalmente, superam as cidades que possuíam um maior contingente populacional, como Salvador, Cachoeira e São Felix. As cidades, fora desta concentração são aquelas que, de alguma maneira, os missionários Batistas e Presbiterianos conseguiram abrir e fixar trabalhos. No geral, o número de membros cresceu, mesmo que sem grandes saltos. Entretanto, em alguns pontos de pregação em povoados ou cidades, os números de membros tendiam a ser instáveis. Sobre essa instabilidade podemos indicar a inconstância da visita missionária como fator preponderante.

Para orientar o desenvolvimento do trabalho evangelístico dentro de sua área de jurisdição, a MCB organizou uma política interna de procedimento¹⁹⁴. No que diz respeito às viagens missionárias, a metodologia definida tinha por preferência a articulação de baixo número de cidades e pequenas distância entre elas. Este procedimento favorecia a realização de maior quantidade de dias de trabalho e possibilitava retornos mais curtos, desta maneira não deixariam as cidades sem manutenção por muito tempo. Estas estratégias visavam melhor aproveitamento do trabalho, pois uma área vasta de trabalho dificultaria a presença constante do missionário e concorreria para o insucesso das ações. Nas cidades com congregações fixas, as viagens missionárias deveriam ter uma recorrência menor, pois já possuíam agentes para sua manutenção. Essa política sugeria que missionários de cidades e campos próximos trocassem visitas, para dinamizar os trabalhos em ambos os lugares. Reconheciam também a necessidade de possuir um centro de base para o apoio nos campos, um local central para, a partir dele, evangelizar as cidades e povoações vizinhas. Por fim, indicavam a importância da preparação de leigos, com conferências instrutivas, para ajudá-los nos trabalhos nas congregações e para serem utilizados no evangelismo, se possível em regime de voluntariado, com viagens limitadas de algumas semanas a cada ano.

Os mecanismos de evangelização organizados pelas missões protestantes não eram exclusivos, tanto a instituição missionária batista quanto a presbiteriana, que atuaram na Bahia, possuíam ações semelhantes, entretanto demonstravam diferenças pontuais em alguns locais. A atuação da Missão Presbiteriana no Brasil pode ser dividida, de modo geral em duas grandes áreas de concentração: as capitais e o interior. Cada um desses espaços exigia um

¹⁹⁴ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938. Política de Evangelização. Ponte Nova, (9-19 de setembro de 1933) p. 3-4

trabalho diferenciado, a partir dos interesses específicos. Nas capitais, como já mencionado, uma das estratégias mais utilizadas pelo protestantismo foi a adoção de "identidades" que o vinculassem às causas como o progresso, a civilização e a modernidade, que serviram, em um momento inicial para atração das elites na tentativa de aceitação e consolidação em território brasileiro. Nas áreas interioranas, a atuação teve um caráter mais pessoal e fundamentalmente alicerçado nos trabalhos educacionais, com as escolas paroquiais.

A atividade missionária se moldava às realidades específicas de cada local, contudo sua atuação seguia uma espécie de roteiro. Não queremos, com isso, apontar para uma análise engessada nas práticas evangelísticas, mas salientar que existia um plano de ação e que ele tomava contornos específicos de acordo com a experiência local. Os principais mecanismos de propagação do evangelho da Missão Presbiteriana em boa parte se assemelham aos da Missão Batista, relatados por Marli Teixeira¹⁹⁵, como os Jornais (institucionais ou seculares); distribuição de literatura religiosa (principalmente bíblias, livros e panfletos); conversão familiar, viagens evangelísticas; criação de escolas. No caso presbiteriano, soma-se a essas práticas o trabalho médico desenvolvido em poucos lugares.

A partir das experiências encontradas nas histórias das atividades missionárias nos anos iniciais na Bahia, encontramos um padrão de atuação, no qual cada mecanismo se articulava com o objetivo missionário à sua forma. Geralmente, a chegada dos missionários era precedida pelo trabalho dos colportores ou pelos próprios missionários, distribuindo literatura religiosa. Neste momento o trabalho estava focalizado em estabelecer contato, e o diagnóstico da localidade, para assim averiguar o potencial de realização de um trabalho futuro que seria efetivado pelas viagens evangelísticas. Após o reconhecimento da potencialidade do local, as viagens se tornavam constantes, com a organização de pregações em praças e, a partir da aceitação, buscavam locais para cultos, geralmente era utilizado a casa de alguma pessoa sensibilizada pela mensagem, tornando, posteriormente, aquela casa em ponto de pregação. Poderiam também alugar casas, estabelecimentos locais, ou solicitar dos poderes públicos a permissão de utilização de seus espaços para realizar "palestras". Esta última alternativa foi bastante utilizada e indicada pelo Rev. Chamberlain que informava na

¹⁹⁵ TEIXEIRA, 1975. op. cit. p. 57 – 91

época em que esteve trabalhando no interior da Bahia, não ter tido, nas cidades visitadas, nenhuma negativa das solicitações de utilização da sala do Júri pela Intendência¹⁹⁶.

Acrescentava que “as salas de intendências têm sido franqueadas ao evangelho, e as reuniões assistidas pelas autoridades e pelo povo”¹⁹⁷, indicava uma oportunidade que deveria ser “abraçada”, pois poderia ser futuramente negada¹⁹⁸. Em outras situações, essa alternativa encontrava muita resistência, porque a população desconfiava dos interesses dessas atividades. Quando o trabalho era desenvolvido em uma casa, as atividades se organizavam para o desenvolvimento da conversão família. Neste caso, era comum à conversão do líder da família que geralmente era seguido pelos outros membros, a conversão líder da família, poderia também influenciar na conversão dos amigos mais próximos, ajudando no movimento de conversão de casa em casa e “fazenda e fazenda”. Com uma casa ou local próprio funcionando como base nas localidades, criavam pequenas escolas de caráter alfabetizador, para ensinar a leitura da bíblia e atrair mais pessoas, com a proposta de alfabetização.

Todas essas atividades exigiam do missionário o estabelecimento de uma relação de proximidade, e até afetividade criando laços fraternos, que concorriam para aumentar a confiança, como demonstrado no trecho abaixo:

O caminho era esse: ir à casa deles; entrar; ler a bíblia, explicá-las; orar com eles, e por eles, inclusive por sua conversão. Identificar-se com eles, comer sua comida, dormir em seus catres ou no chão, em couros curtidos. Aprender e lhes querer bem; ir embora com saudades¹⁹⁹

O trabalho desenvolvido no interior do Estado, mesmo longe de uma presença mais sistemática da Igreja Católica, sofreu grande rejeição; porém, ao longo do tempo, essas resistências se amenizaram diante do constante trabalho protestante. Entendemos que a distribuição da literatura era uma das peças centrais na estratégia protestante. A igreja tradicional tentava descredibilizá-la através dos discursos mencionados anteriormente, chamando-a, em alguns lugares do “livro de capa preta” e “livro do diabo”²⁰⁰. A difusão deste pensamento era uma tentativa do afastamento das pessoas desta literatura e,

¹⁹⁶ FERREIRA, 1992. Op. cit. p.469

¹⁹⁷ Ibidem, p.471

¹⁹⁸ Ibidem, p. 469

¹⁹⁹ RIBEIRO. 1991. Op. cit.

²⁰⁰ Jairo Hayne Bastos conta em depoimento que assim era chamada o livro trazidos por estes agentes religiosos, seu avô ao receber uma dessas bíblias passou um ano lendo escondida, com medo de retaliações da família que era católica, logo após se converteu ao protestantismo. BASTOS, Jairo Hayne, 87 anos, entrevista realizada em 10-02-2014

consequentemente da brecha inicial à mensagem protestante. Geralmente, as bíblias eram deixadas nas casas para criar confiança, numa tentativa de apoio à liberdade de leitura, posteriormente o missionário voltava para esclarecimento de dúvidas e, assim, à pregação. Este foi um mecanismo eficaz, uma vez que a Igreja Católica não orientava a leitura individual do livro sagrado. Devido ao perigo do interior e a perseguição, esta foi uma prática comum presbiteriana, principalmente com as elites locais, que possuíam influência na sua região. A distribuição desta literatura foi responsável por conversões de pessoas influentes política e economicamente, como o Coronel João Dourado.

O coronel residia na Fazenda Canal²⁰¹, e teve seu primeiro contato com o protestantismo através de outro coronel chamado Benjamim Nogueira em 1902, um bque após uma estada em sua fazenda, deixou de presente uma bíblia. Após realizar leituras de maneira individual, o coronel passou a pregar o evangelho sozinho até encontrar, em 1903, o reverendo Pierce Chamberlain em Senhor do Bonfim. Lá, o convidou para visitar as localidades que vinham pregando e tirar as dúvidas que tinham sobre a bíblia, sendo batizado pelo reverendo em seguida. Em 1905, organizou uma congregação, sendo eleito presbítero pelo reverendo Alfred Waddell. Na época, a igreja era frequentada por mais de cem pessoas²⁰². Essas conversões se revelaram significativas ao possibilitar proteção e apoio aos protestantes em um território minado politicamente.

As condições para o desenvolvimento do trabalho missionários na Bahia eram as mais adversas, sofriam com a falta de estrutura médica, de transportes, de saneamento, entre tantas outras. Essas condições tornava a empreitada missionária mais árdua e, com isso, ampliavam o sentimento de missão, de “ir aos confins da terra e levar o evangelho”, como idealizado pelo fervor religioso. A atitude missionária de trabalhar em um campo tão adverso era algo perigoso, mas o agente religioso se empenhava em realizar, ainda que muitas vezes tenha custado as suas vidas. Não são raros os casos de morte de missionários em campo²⁰³. Como a

²⁰¹ Atual cidade de João Dourado

²⁰² MATOS, Alderi. *Coronel João Dourado (1854-1927)* Instituto Presbiteriano Mackenzie. São Paulo. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/10197.html> Acessado em 13-06-2013. Ver também em FERREIRA, 1992b op. cit. p. 145-1946

²⁰³ Dentre os casos de morte missionária em campo nos anos iniciais os mais conhecidos são: A esposa do primeiro missionário Ashabel Green Simonton, Hellen Murdoch que faleceu ao dar à luz ao filho do casal em 1864. O missionário faleceu 4 anos depois de febre com apenas 34 anos. A missionária Mary primeira esposa do reverendo Willian Alfred Waddell morreu junto com filho no parto. O casal Chamberlaim após o surto de febre amarela perdeu dois filhos e dois ficaram seriamente doentes. O médico missionário Walter Welcome Wood,

Bahia praticamente não possuía estrada de rodagem as viagens eram feitas em todos os transportes possíveis trem, barco²⁰⁴, e principalmente, no lombo de animal²⁰⁵. Os missionários antes de ir a campo, já sabiam das condições, ainda assim se alistavam como voluntários para desenvolver seu trabalho religioso.

As diversas representações acerca das atividades evangelísticas nos anos iniciais, reforçam as dificuldades encontradas pelos missionários, dando um tom de heroísmo nas ações em meio às adversidades. As condições climáticas como forte sol, calor, relevo inconstante e vegetação árida impunham desgastantes deslocamentos e poucos locais de abrigo. Uma frase emblemática, recuperada do filme “O Punhal”, demonstra a percepção missionária da relação com a natureza: “onde quer que o missionário fosse o sertão lhe dava uma face hostil”²⁰⁶. As condições estruturais e de logística na Bahia era um fator que dificultava o trabalho missionário, razão pela qual muitos dos missionários novos “passavam como meteoro”²⁰⁷ pelo Estado. Entretanto, os que permaneciam eram considerados exemplos de amor e dedicação à obra.

As perdas de vida missionária relatadas em atas, nos ajudam a compreender como a MCB relacionava as condições de trabalho e a atuação dos missionários em campo. Entre vários casos registrados, destacamos dois para exemplificar essa questão. Ao registrar a morte da missionária Constance W. Reese, a MCB ressalta seus anos de “trabalho duro” desde o início de suas atividades em 1909, percorrendo extensas turnês evangelísticas em Estância, Bonfim, Ponte Nova, Caetitê, Condeúba, Salvador e Montes Claros. Informa também que a missionária trabalhava visitando os doentes, “curando suas doenças com habilidades”, e sua vida doada à causa de Cristo era um exemplo de “auto sacrificio”, com “coragem e persistência” se tornando “inspiração para todos”²⁰⁸. Ao relatar a vida da missionária, a MCB destacou as dificuldades encontradas nas longas distâncias percorridas, ressaltando a opção na

perdeu duas esposas vítimas de doenças em Ponte Nova. O missionário Henry Mc Call perdeu sua esposa de febre amarela em 1902 em Palmares. FERREIRA, 1992a, op. cit., p. 472-475; FERREIRA, 1992b, op. cit. p.91

²⁰⁴ Encontramos o exemplo do casal Mc Call que foram obrigado viajar dois dias pelo rio e trem e seis dias por mula, optaram por essa forma invés de ir três semanas por mula sobre a terra para reunião da Missão em Ponte Nova. Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Ponte Nova, (18-28 de outubro de 1910). p.4

²⁰⁵ Ao analisar o percurso do missionário estima-se que o reverendo Mc Call andasse cerca de 5 mil km por ano. FERREIRA, 1992a. op. cit.

²⁰⁶ IRWIN, Richard. Op. cit. (Filme)

²⁰⁷ Coleção Lenington Esteves. Pasta Bahia – (Antigo) Arquivo Presbiteriano. In. FERREIRA, 1992b. op. cit. p.97

²⁰⁸ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Ponte Nova, (1 - 10 de dezembro de 1932). p. 2-3

continuidade do trabalho, em detrimento de sua opcional desistência. A vida e morte da missionária servia como exemplo de autosacrifício em prol dos objetivos religiosos para todos aqueles que atuavam nos campos.

Outra perda registrada em ata com profundo pesar foi a do reverendo João Capistrano Nonato de Souza, morto a caminho da reunião anual em Ponte Nova²⁰⁹. João era um leigo convertido que se tornou um ministro protestante. Segundo as atas, um dos “primeiros a acreditar no interior da Bahia”, e ainda de acordo com o registro ele “suportou o peso da perseguição daqueles primeiros dias” resistindo durante todos os anos “enquanto o amor de muitos tem se esfriado”. Para a missão, o reverendo tinha prestado sinceros serviços, sendo ordenado em 1912, era “incansável em seus esforços evangelísticos” nos tempos árduos e perigosos dos “feudos políticos”. A Missão registrou seu ressentimento com a perda deste missionário, ressaltando que tal evento agravava a situação do campo em tempos de trabalhadores tão escassos. Esses exemplos ajudam a compreender as tensões vividas pelos missionários diante da conjuntura do interior do Estado. Estruturalmente as condições de transporte e as que afetavam diretamente a saúde eram as mais patentes registradas em ata, fator que contribuía para a desistência de muitos, que solicitavam de mudança de campo.

Os missionários que se candidatavam ao trabalho em campo possuíam formação acadêmica em diversas áreas, que normalmente influenciavam na sua atuação no campo. Embora o trabalho missionário pudesse ser realizado em qualquer local do mundo, os agentes religiosos possuíam a prerrogativa de escolher onde atuar. Um documento importante para perceber a autonomia do missionário na escolha do campo era o questionário feito antes das primeiras férias. O questionário possuía interrogações acerca das adversidades do campo, condições de trabalho e saúde, fatores relevantes para o retorno dos missionários ao campo após o fim do descanso anual. O questionário investigava também a satisfação pessoal com o trabalho desempenhado, propondo uma auto-avaliação na qual o missionário indicava qual seria a melhor área de atuação para suas tarefas para a “causa de Cristo”. Por fim, o relatório médico era uma exigência indispensável para acompanhamento da saúde do missionário, devendo ser anexado ao questionário²¹⁰. Com relação aos cuidados de saúde, anualmente os

²⁰⁹ Old Central Brazil Mission – Minutes. (1904-1938). Ponte Nova, (11-16 de novembro de 1918). p. 2

²¹⁰ Ibidem – Salvador, (12-22 de dezembro de 1934) p. 2

missionários deveriam apresentar ao responsável da saúde da Missão exames médicos, para ser analisado e orientado a partir das suas condições de saúde.

Apesar de o trabalho ter uma motivação religiosa, a missão possuía uma legislação que regulamentava uma série de direitos e deveres dos missionários, mesmo seu regime de trabalho estando regido pelo voluntariado. Entre os direitos que os missionários possuíam destacamos: salário, salário por filho, passagens, fourlogh²¹¹ férias²¹², auxílio de despesas médicas e pagamento de estudos nas férias (geralmente em áreas que, no retorno ao campo, ajudariam nos trabalhos)²¹³. A série de direitos, não garantia o desenvolvimento de um trabalho perfeito, constantemente os missionários buscavam melhorias nas condições de trabalho. O auxílio recebido para as viagens muitas vezes não eram suficientes, o que os levava a buscar por avanços salariais junto ao Conselho, como na solicitação exposta a seguir, na qual informava que os missionários realizavam “...viagem por oito e dez meses por ano na mula na volta aos trópicos (volta de férias), muitas vezes, em parte, à sua própria custa”. Reforçavam que os missionários “não procuram luxo; mas gostaria de receber mais ajuda na obtenção de melhores equipes de mulas”²¹⁴.

Um dos temas que chamava a atenção da missão era a questão econômica. A movimentação financeira do missionário em campo era observada de perto pelo tesoureiro. Uma das formas de acompanhamento era a lista que constava as propriedades que os missionários possuíam, através da compra com seus recursos próprios ou com a ajuda da missão. Em alguns casos, quando os missionários saíam do campo suas propriedades eram passadas para missão. O envolvimento de missionários em setor financeiro como empréstimos ou especulação imobiliária, comércio ou outras formas era expressamente proibido²¹⁵. Reginaldo Wheeler²¹⁶ alertava que “o dinheiro nunca pode tomar o lugar da vida consagrada e eficiente serviço do missionário (...), mas o dinheiro em si representa a vida e serviço; ele pode ser usado pelo missionário e por Deus para ajudar a promover a obra da

²¹¹ Período em que cada missionário deveria retornar ao seu país, geralmente nas suas primeiras férias.

²¹² A cada três meses de serviço o missionário tinha o direito de tirar um mês de férias, geralmente passavam no sul do Brasil, com parte dos encargos pagos pela Missão CENTRAL BRASIL MINUTES (1904-1938)

²¹³ Em suas férias o missionário Samuel Graham responsável por Ponte Nova foi estudar administração escolar, agricultura sub-tropical e contabilidade. Sua esposa Ruth Graham estudou ciência do ensino primário e métodos domésticos. Dr. Wood em suas férias se especializou em Medicina tropical

²¹⁴ Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938) Ponte Nova, (20 de dezembro de 1927) p. 10

²¹⁵ Ibidem. Regras Diversas. Ponte Nova, (1-10 de dezembro de 1932) p.9

²¹⁶ Reginaldo Wheeler, secretário executivo da Missão Latino-Americana da Junta Estrangeira

Igreja”²¹⁷. Wheeler entendia que os recursos obtidos pelos missionários deveriam ser para suprimir as suas necessidades e de sua família, sua atenção deveria estar naquilo para o que foi “chamado”, na propagação da fé e não em interesses de enriquecimento.

1.4 Os Presbiterianos na Chapada Diamantina: os Caminhos para Ponte Nova.

Os presbiterianos, antes de adentrarem o interior, se fixaram em Salvador em 1872, seguindo depois para Cachoeira, cidade que organizou a sua segunda igreja em 1875. A maior cidade do Recôncavo se revelou estratégica para os planos da missão, por estar às margens do rio Paraguaçu e ser cortada pela estrada de ferro, dois dos meios de transporte mais importantes para o interior da Província. A predileção estratégica pelas viagens missionárias ao interior, produziu inúmeros núcleos evangelísticos, o que gerou, no início do século XX, a formação de várias igrejas. Para compreender a dinâmica do trabalho missionário e sua concentração no interior, destacamos que, das vinte e sete primeiras igrejas organizadas como resultado da ação missionária e passadas para administração do Presbitério Bahia-Sergipe ao longo do século XX apenas duas estavam sediadas na capital.

Com o passar do tempo e a evolução do trabalho, os missionários alegaram a necessidade da ampliação do número de agentes em campo devido à imensidão do território, sendo necessária a ocupação dos espaços, para não deixar a população sem assistência e assim viesse a esmorecer na fé reformada. Para atender à necessidade, apresentaram uma proposta de criação de um local que viabilizasse a formação de candidatos a um ensino teológico, sem precisar ir ao seminário, este local de formação seria uma escola diferenciada, específica para criação de mão de obra para o trabalho de evangelização, com a formação de professoras para as escolas paroquiais rurais e evangelistas. Esta estratégia não era algo novo, já havia sido pensada e proposta pelo missionário George Chamberlain desde o início dos trabalhos no Brasil.

A questão educacional sempre gerou discussões no meio presbiteriano. No início a promoção de serviços educacionais serviu para aceitação e consolidação do protestantismo. Com o passar do tempo sofreu duras críticas, por não gerar o resultado esperado no que se referia à conversão das pessoas. Os críticos alegavam que as escolas estavam desenvolvendo

²¹⁷ Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938). Sugestões para assegurar fundos para propriedades. Ponte Nova, (11-15 de maio de 1925) p. 2-3

um trabalho que desviavam do objetivo evangélico, alertando os missionários para reformulação das escolas existentes para este objetivo, promovendo escolas com clara função evangelística. Das existentes no início do século XX na área da MCB, uma das poucas abertas se encontrava em Aracaju, a qual não tinha um número suficiente de alunos, além de possuir altos custos e não produzir o resultado esperado, mas, pelas condições específicas do local, necessitava ficar aberta, para auxiliar na contínua aceitação, uma vez que benefícios indiretos trazidos por elas serviam de proteção e manutenção da presença protestante. A necessidade de um plano mais direto para escolas nas residências, uma escola central capaz de produzir professores para as demais e preparar rapazes para o ministério foi proposto oficialmente em reunião da MCB²¹⁸, impulsionado pelo missionário Willian Alfred Waddell. Analisando as condições e a proposta, a Missão concordou e autorizou a busca pelo local ideal para construção desta iniciativa.

A atuação missionária no interior da Província e, posteriormente, no Estado da Bahia seguia a norma de especificação de áreas de atuação para cada missionário. A Chapada Diamantina foi desbravada por um dos grandes nomes do presbiterianismo no Brasil, o reverendo George Chamberlain que veio em 1892 para Bahia socorrer às necessidades da igreja em Salvador e Cachoeira. Entretanto, não se limitou a ministrar nessas igrejas, atendeu às incumbências do sínodo, evangelizando em regiões além das igrejas, se ausentando-se várias vezes para realizar viagens pelo interior. Com a sua saída da região, o reverendo William Alfred Waddell²¹⁹ herdou seu lugar, ampliando seu trabalho de forma considerável. Ao que tudo indica, que foi o organizador das igrejas de Palmeiras e Orobó em 1902²²⁰, e em João Dourado em 1905.

²¹⁸ Old Central Brazil Mission Minutes (1897-1912) Estância, Sergipe. (12 de dezembro de 1904) p. 8-18

²¹⁹ Nasceu em 1862, em Nova Iorque, aos 30 anos recebeu o título de Doutor, possuindo formação em Teologia e Engenharia, viera de São Paulo onde dirigiu o Colégio Mackenzie

²²⁰ MATOS, Alderi. *Primeiras Igrejas Presbiterianas do Brasil (1862-1903)* Instituto Presbiteriano Mackenzie. São Paulo. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/10268.html> Acessado em 13-06-2013

Foto 5: Reverendo Willian Alfred Waddell



Fonte: Arquivo Presbiteriano – São Paulo.

Nas suas caminhadas pelo seu campo de trabalho, o reverendo Waddell tentou criar a escola central em Feira de Santana, Itaberaba, Lençóis e Palmeiras, mas sofreu recusas locais por ser uma iniciativa protestante. Possivelmente, tenha tentado transformar a escola existente em São Felix nesse centro, mas por algum motivo que ainda não está claro, não foi possível. Em uma de suas viagens missionárias, o reverendo observou uma fazenda que possuía os atributos necessários para o seu empreendimento: era abastecida por um rio, longe da presença mais sistemática da igreja católica e das lideranças políticas locais.

Ao contrário do pensamento local, que é comumente reproduzido pelos moradores ao se referirem à chegada dos missionários, sua relação com a região não foi repentina nem gerada pelo acaso. As atividades em Cachoeirinha²²¹ existiam há anos, e o reverendo Waddell conhecia o local, por isso alugou uma residência perto para trabalhos missionários. Após iniciar o trabalho, conseguiu alugar e, posteriormente, comprar a Fazenda Ponte Nova do tenente-coronel da Guarda Nacional Luís Guimarães, este que, segundo Ester Nascimento por ter vendido essa propriedade foi excomungado pela Igreja Católica²²².

Os dois grandes centros de resistência da nova mensagem protestante na Chapada Diamantina foram, na esfera religiosa, a Igreja Católica e, na esfera política, os líderes locais. No campo político, a região das Lavras foi o local na Bahia onde o coronelismo encontrou sua maior expressão, bandos armados sob a liderança de um líder político lutavam entre si, por poder, dinheiro e controle social. O ambiente conflituoso por natureza era católico e não se fazia cumprir a liberdade religiosa decretada no início da República.

²²¹ Localizada a 12 km de distância de Ponte Nova.

²²² NASCIMENTO, 2005, op. cit. p. 90

Até a primeira década deste século, as famílias lavristas, sobretudo a aristocracia do diamante, só admitiam e professavam o catolicismo, tendo em vista não só a influência, mas, sobretudo a intolerância do padroado, que era absoluta nos sertões longínquos. Antes essa evidência a missão presbiteriana que no fundaria no alvorecer do século XX, a comunidade de Ponte Nova, numa fazenda abandonada à beira do rio Utinga, hoje sede do município de Wagner, lutaria com as mais serias dificuldades para conseguir autorização dos chefes políticos regionais para se instalar na Chapada Diamantina, não tendo nenhum deles permitido, em princípio, a fixação missioneira em seus respectivos domínios. “Protestantismo” – diziam - “é negócio do demônio”²²³.

Na região em que o poder político e militar se concentrava nos coronéis, as relações do campo religioso estavam sujeitas as decisões desses líderes. Neste contexto o cristianismo, enquanto religião tradicional, gozava de apoio em detrimento das outras manifestações religiosas. Dentro do cristianismo, o catolicismo possuía hegemonia e expressividade, entretanto, até mesmo os agentes católicos eram perseguidos e expulsos se interferissem nos negócios locais ou tivessem atitudes consideradas na ordem moral “afrontosos as sociedades”²²⁴. Os agentes católicos poderiam ser afugentados, mesmo antes dos trâmites legais de solicitar via abaixo assinado ao arcebispo a troca do religioso. Os coronéis utilizavam de mecanismos repulsivos como “colocar fezes” na frente da residência do religioso para forçar sua retirada “voluntária” e evitar o processo legal, que poderia demorar. Nota-se que as querelas dos coronéis endereçavam-se aos agentes católicos e não ao catolicismo, pedia-se a mudança do religioso e não da igreja. Acreditamos que a atuação da nova proposta de credo para se instalar, além de superar as desconfianças de sua presença estrangeira, deveriam também obedecer às condições políticas e morais impostas aos católicos.

No cenário religioso da região, a presença maior da Igreja Católica obedecia à normalidade dos outros espaços do Estado: as cidades que tinham determinada importância econômica possuíam igrejas e nas comunidades distantes a religiosidade era sustentada pelas missões sazonais. Na região a freguesia mais próxima de Ponte Nova era a de Bom Jesus da Boa Esperança do Riachão de Utinga fundada em 1887. Mesmo com relativa proximidade de quase 23 quilômetros entre a freguesia e Ponte Nova, a presença católica se fazia pelas missões de tempos em tempos. Possivelmente o número pequeno de habitantes da localidade tenham influenciado na ausência da igreja, o que facilitou o estabelecimento e os trabalhos

²²³ MORAES, Valfrido. Jagunços e Heróis: a civilização do diamante nas lavras da Bahia. 5 ed. Bahia. ALBA, 1997. p. 45-46- nota 2

²²⁴ Ibidem, p.42

presbiterianos sem maiores problemas. Essas missões eram comumente retratadas na secção de religião, nas páginas do Correio do Sertão que anunciava os ofícios para preparar fiéis e, posteriormente, divulgava os resultados dessas visitas com número de crismas, batismo, casamentos etc. A presença católica na localidade certamente foi influenciada pela sua ausência física, como se percebe nas palavras de uma memorialista:

O culto católico não passava de um punhado de fiéis na sua maioria mulheres que se reuniam em datas especiais comemorativas (...) O Padre Ramos residente em Utinga visitava os fiés católicos no máximo três vezes ao ano em ocasião de casamentos, batizados (...)²²⁵.

Outra manifestação religiosa conhecida na região das lavras no período investigado foi o Jarê, uma experiência religiosa derivada das religiões de matriz africana que assumia contornos próprios em diferentes ambientes. Embora seja difícil enquadrar o Jarê em uma classificação estática diante de sua diversidade de origem e das simbioses com outras manifestações que resultou em uma mescla de crenças e rituais. Entendemos o Jarê a partir da contribuição dos estudos de Ronaldo Senna, que o entende como uma expressão religiosa nascida nas lavras, de uma adaptação das diversas manifestações religiosas afro-brasileiras, que dividia espaço e se relacionava com experiências místicas vivenciada no “mundo mágico do garimpo”²²⁶ e religiosas, com o catolicismo oficial e popular²²⁷.

Esta experiência conviveu com as sucessivas perseguições dos grupos religiosos, e dos chefes locais. O tratamento dado ao Jarê e às manifestações com matriz africana é retratado no trecho do livro de Américo Chagas, que demonstra o panorama das lavras em diversos aspectos. Chagas relata como alguns chefes locais agiam em relação às religiões afro-brasileiras nos seus domínios segundo ele “a feitiçaria ali era terminantemente proibida. Os feiticeiros, eram por ordem do chefe, expulsos dos seus domínios, por meios drásticos”²²⁸. Mesmo com a perseguição, esta experiência religiosa resistiu se adaptando-se às realidades locais, incorporando outras características, longe das lavras. Onde as atividades de agricultura e pecuária predominavam, ela apresentava outras faces religiosas.

As manifestações religiosas mais tradicionais do Jarê, se situavam-se nas cidades de Lençóis, Andaraí e Palmeiras. As presentes na cidade de Wagner e Bela Vista de Utinga por

²²⁵ ALMEIDA, 2004. op. cit. 97

²²⁶ Uma das faces desse mundo mágico era a crença que os astros pudessem revelar os locais das pedras preciosas.

²²⁷ SENNA, Ronaldo Salles. Jarê - *Uma Face do Candomblé: Manifestação Religiosa na Chapada Diamantina*. Feira de Santana: UEFS, 1998. P. 86

²²⁸ CHAGAS, Américo. *O Chefe Horácio de Matos*. 3ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia –ALBA, 2012. p.26, nota 8

serem rural, modificaram sua atuação, porém mantiveram alguns aspectos do Jarê tradicional praticado próximo ao garimpo²²⁹. Se nas Lavras o Jarê uniu-se às práticas mágicas locais junto com o catolicismo popular, fora deste local ele geralmente era praticado longe das cidades em ambientes rurais em casas isoladas, devido às perseguições. As características religiosas do jarê “rural” consistiam nos rituais de cura, mais que nos de festa, por ser menos visível socialmente, trabalhando no silêncio para manutenção religiosa.

A atuação do Jarê nas relações de concorrência do campo religioso lavrista deve ser entendida a partir da perspectiva que o culto afro-brasileiro mantém em relação ao número de fiéis. A característica dessas manifestações religiosas se limita à manutenção da necessidade de sustento do funcionamento da organização e do grupo, pois o proselitismo, pedra angular de seus concorrentes, não é a sua principal preocupação. Belamy Almeida, no seu livro memorialista, relata a visão que muitos tinham sobre o Jarê e a quantidade de fies que arrebatava: “terreiros de macumba era comum (...) para os lados de Utinga, atraía muita gente”²³⁰. Em Ponte Nova, porém, como ressalta Senna, sofria a concorrência da “maré presbiteriana”²³¹.

Nesse cenário religioso e político complexo, as condições para a compra e estabelecimento da Missão em Ponte Nova foram favorecidas por alguns fatos. A recusa das outras cidades em receber uma instituição protestante foi reforçada pela presença física ou de pessoas ligadas à Igreja Católica, que criavam e reproduziam imagens negativas dos protestantes. A localização geográfica de Ponte Nova contribuiu para o estabelecimento da missão. Por ser uma localidade que estava distante das maiores cidades, não possuía um grande contingente populacional, e não possuía grandes chefes políticos morando na localidade, por fim, não contava com igreja fisicamente estabelecida. Ademais, a fazenda estava fisicamente abandonada²³² e sua compra foi efetuada de um tenente-coronel convertido ao protestantismo. Acreditamos que a conversão do Coronel João Dourado e sua elevação ao cargo de presbítero tenha ajudado na manutenção dos presbiterianos na região.

No que se referem às questões políticas da região, os missionários não ofereciam perigo aos coronéis por não tomar partido nas brigas políticas entre eles. A fundação da

²²⁹ SENNA, 1998. op. cit. 86

²³⁰ ALMEIDA, 2004. op. cit. p. 53

²³¹ SENNA, 1998. op. cit. 85

²³² MORAES, Valfrido. op. cit. p. 46, nota 2

escola, logo após a compra da fazenda e posteriormente a criação do hospital, colaborou para maior aceitação das elites políticas locais. São comuns nas folhas do periódico do Correio do Sertão as notícias das viagens médicas da elite local (especialmente a militar) para se tratar-se com os médicos americanos em Ponte Nova. Lá os familiares e pessoas próximas aos coronéis se tratavam, gerando um profundo respeito por aquele pedaço de terra e, conseqüentemente, pelo trabalho social da Missão. Nas páginas do Correio do Sertão²³³, nos anos 1920, é comum ver matérias registrando os embates na Vila Wagner. Em um dado momento, as famílias foram retiradas da localidade, entretanto em Ponte Nova, localizada perto dos embates não se ouvia notícias de invasão. Uma memorialista relatou como as querelas políticas e militares ganhavam outro contorno em Ponte Nova. “Nas brigas de Horácio de Matos e os seus contrários, quando um jagunço ou um soldado conseguia ser hospitalizado, estava na Cidade Refúgio. Mesmo havendo lá enfermos inimigos, lá eram amigos”²³⁴.

O início do trabalho com a fundação da escola na fazenda ainda alugada não demorou em chamar atenção das pessoas a procurarem o serviço educacional, o que levou o aumento do número de moradores na localidade. Mais tarde o local revelou a grande necessidade de intervenção médica e sanitária, afim de combater as doenças e aumentar a qualidade de vida dos missionários e da população que moravam no local. Diante da alta procura pelos serviços oferecidos às diversas camadas da população do interior da Bahia, o trabalho da Missão nas áreas educacional e médica evidenciou uma grande oportunidade de difusão da fé presbiteriana.

A atuação presbiteriana obedecia a sua forma de pensar e agir no mundo, pautada na racionalidade, no pragmatismo e religiosidade, impulsionada pelo puritanismo. Este modo de vida, classificado como civilizado, trazia ao interior a sua forma cristã e ascética de viver. Assim, intervir no sertão baiano concorria para modificar os costumes da sociedade local, retirando de suas vidas as práticas tradicionais e encantadas em caminho de uma vida baseada na educação formal, medicina oficial e na ciência e empirismo, como mediação do homem e o meio. Propagavam uma vida pautada na dieta alimentar equilibrada, enquanto que no campo educacional os ensinamentos deveriam ser voltados para melhor utilização no ambiente vivido, ancorado na ciência e longe de superstições. A promoção desse modelo de vida foi

²³³ Villa Wagner. Correio do Sertão. Morro do Chapéu. Ed. 187. 06-fevereiro-1921, p.3;

Wagner está alarmada. Correio do Sertão. Morro do Chapéu. Ed. 188. 13-fevereiro-1921, p.3. ;

O Sertão Baiano novamente conflagrado. Correio do Sertão. Morro do Chapéu Ed, 189, 20-fevereiro-1921, p. 3

²³⁴ GALVÃO, 1993. Apud NASCIMENTO, 2007a op. cit. 74

orientada por agências institucionais locais legitimadas para tal: a escola na esfera educacional; o hospital na esfera médica. Estes centros articulados à sua forma contribuiriam na proposta de mudança cultural. Para localizar o trabalho e importância adquirida pelo trabalho educacional e médico para a região, faz-se necessário observar as condições específicas em que ele atuou, elementos que são objetos dos próximos capítulos, junto com a vinculação destas atividades a atuação evangelística.

CAPÍTULO II

2. EDUCAR PARA SALVAR: O INSTITUTO PONTE NOVA NO PROJETO DA MISSÃO CENTRAL

Neste capítulo, analisaremos a obra educacional desenvolvida em Ponte Nova, sua importância dentro do projeto da Missão Central, as representações criadas acerca de seu trabalho na região e os embates gerados com a evangelização direta. Para alcançar estes objetivos, foi necessário compreender as complexas relações entre os presbiterianos, sua essência religiosa e a sua concepção de educação que dialogava com a sua visão de mundo. Só depois dessa localização necessária, foi possível entender como essa forma de atuação educacional organizou seus trabalhos de acordo com a realidade educacional no Brasil e na Bahia. Posteriormente, descrevemos e analisamos a estrutura do IPN e seus desdobramentos na obra missionária. E, por fim, analisamos a tensão existente entre a evangelização direta, representada pelos missionários em campo, e a evangelização indireta, representada pela obra educacional.

Diante desses objetivos, o desafio deste capítulo foi tentar compreender como se efetivou a obra educacional, percebendo suas nuances e tensões dentro de um ambiente educacional que conflitava a ênfase religiosa com a essência liberal. Outro fator que revela determinada complexidade analítica é a tentativa de mensurar os resultados religiosos oriundos da obra educacional, principalmente porque não é uma equação simples e direta, mas resulta numa análise complexa da investigação de um todo maior.

Para entender a educação promovida pela Missão Presbiteriana no Brasil, precisamos, antes, compreender a concepção educacional que orientou este trabalho, para, a partir de

então, analisar como ela se relacionou com a realidade brasileira em um contexto histórico específico. Antes mesmo de analisar a educação dentro da ótica presbiteriana, convém evidenciar como a educação pode ser percebida em determinadas sociedades. O processo educativo, para além do propósito de transmissão, construção ou mediação de conhecimento, na maioria das situações está condicionado a objetivos e funções que extrapolam o ato de educar; desta maneira não pode ser pensada de forma neutra. O processo educativo pode estar vinculado, de forma explícita ou implícita, a interesses de projetos políticos, econômicos, sociais, religiosos e ideológicos. Nesse sentido, a educação não está encerrada em si mesma no ato de educar, de ensinar a compreensão códigos linguísticos, matemáticos ou técnicos, que alfabetizam e disseminam informações. Educar é entendido neste trabalho como um ato político que, ao disseminar conhecimentos, contribui na formação, tipos de comportamentos, representações, visões de mundo, entre tantas outras funções.

No Brasil, o campo educacional, por muito tempo, não esteve na agenda de elementos essenciais para a sociedade. Na Colônia, a promoção da educação foi negligenciada pelo Estado, ficando a cargo de instituições privadas que, ao disseminar a educação, faziam de forma exclusiva. No Império, mesmo com a disposição constitucional que visava à efetivação da educação para todos, o cumprimento da lei esteve longe de tornar-se realidade. Os sucessivos avanços tecnológicos e mudanças econômicas no mundo refletiram no país de uma maneira considerável, alterando a visão de uma parcela da sociedade, que passou a enxergar na educação a peça chave para o progresso do país. Entretanto, a realidade educacional brasileira era considerada como um ensino débil quantitativamente e atrasado pedagogicamente. Estas condições tornaram o campo educacional promissor para as ações que buscassem seu desenvolvimento. Neste contexto, as agências missionárias que vieram ao Brasil em meio à proibição jurídica enxergavam nessas condições educacionais uma preciosa oportunidade de inserir-se na sociedade e disseminar sua fé. Fator que legou ao programa educativo ser uma das “primeiras e mais importantes da expressão da obra missionária”²³⁵. Uma das percepções da época acerca da relação da religião com a educação afirmava que:

É neste campo negligenciado de educação primária e secundária que as missões e igrejas brasileiras têm sua maior oportunidade. As pessoas estão ficando mais ambiciosas em relação à educação de seus filhos e estão dispostos a pagar por esta educação em escolas particulares. Agora as escolas americanas são bem aprovadas. Além do ensino dos assuntos

²³⁵ ARNOLD, 2012. op. cit. p. 69

normais também temos a oportunidade de ensinar aos alunos sobre Jesus e sua vida²³⁶.

Em um contexto amplo, em que as características capitalistas assumiram contornos de modernidade, as escolas protestantes das capitais, ao fornecer um ensino pautado nos princípios de cientificismo, industrialismo e liberalismo, ganharam uma imagem positiva frente às elites, tornando-se responsáveis pelo sucesso da defesa da mensagem protestante. Numa relação de mutualismo, os ensinamentos trazidos pelos norte-americanos poderiam contribuir para formação da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que gerava respeito e proteção para essa experiência religiosa.

Além da influência que poderá ser exercida numa camada da sociedade que mantém parcela do poder político no momento, o estabelecimento de bons cursos secundários dá ao grupo minoritário religioso que se implanta um certo grau de respeito e autoridade de que tanto necessita²³⁷.

Vistos como vanguardistas em sua metodologia e prática pedagógicas esses centros eram considerados de grande importância para o futuro do país. Em uma análise da ótica missionária acerca das características do ensino brasileiro em comparação ao norte-americano implantado, Jether Ramalho nos informa as principais percepções desses religiosos. Segundo este, os missionários viam como principais características no sistema de ensino brasileiro o forte autoritarismo e verticalidade, sem o encorajamento da participação dos alunos em questionamentos. Era uma prática alicerçada em uma pedagogia essencialmente mnemônica, com lições apresentadas de forma monótonas, quase sempre ditadas, sem praticamente a elaboração e assimilação pelos alunos. Possuíam a ênfase nas disciplinas de Línguas, Literatura, Filosofia e História, já as disciplinas Físicas e Naturais eram lecionadas sem o uso de laboratório e experimentação, resumindo-se aos estudos sem trabalho de campo. Os estudos eram baseados nas realidades europeias, sem releitura com a realidade local, e a orientação educacional não possuía uma vinculação pedagógica entre as disciplinas oferecidas no mesmo período, gerando estudos em “tanques isolados e rasos”, com isso favorecia o cultivo do “enciclopedismo”. Observavam também a falta de preparo profissional dos professores, que não possuíam formação na área. Era aceita qualquer pessoa que tivesse diploma, a exigência apenas de tempo para as aulas favorecia a atração de pessoas que

²³⁶ WHITE, M.G. Apud SILVA, 1998. Op. cit. 207

²³⁷ RAMALHO, J. P. *Colégios protestantes no Brasil: uma interpretação sociológica da prática educativa dos colégios protestantes no Brasil no período de 1870 a 1940*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 77

precisavam de renda; sem, no entanto, possuírem a capacitação pedagógica. Desta maneira eram raros os professores formados com a preparação ideal. Para os missionários, o ensino brasileiro reproduzia a tradição portuguesa, regada à rigidez no ensino e à separação de alunos pelo sexo, sem incentivo à coeducação. Finalizavam com a percepção de que a essência educacional não possuía um sentido prático, por ser distante da realidade, com um curso secundário, de caráter elitista e, no geral, desenvolvido com a desvalorização dos trabalhos manuais e industriais, além do desprezo pela educação física, sem obrigatoriedade e atenção necessária.

Pelo plano educacional missionário apresentado em 1871²³⁸, a educação proposta tinha como característica a substituição do ensino de estudo em voz alta, decoração excessiva, de pouco estímulo ao raciocínio, para o método intuitivo e estudo silencioso. Os programas de ensino utilizavam compêndios de disciplinas específicas, produzidos a partir dos métodos americanos. O arranjo serial se organizaria em primário, ginásio e colégio. O calendário possuiria aulas nos cinco dias da semana e período anual de 190 dias, com a instituição do princípio coeducativo. No plano sócio, político e religioso, a escola se orientaria pelos princípios de igualdade e liberalismo, pregando a não distinção racial e política, além da educação com a valorização dos princípios da moral cristã e exclusão do elemento de propaganda religiosa e abertura a todas as religiões.

Buscaram implementar uma postura pedagógica aberta e flexível, que aplicasse os métodos considerados modernos à realidade onde estariam situados. A proposta era de vincular a teoria à prática, com a aplicação do binômio experimentação-verificabilidade através do trabalho em campo e em laboratórios. Sua essência era uma educação que preparava para vida²³⁹. Incluía ainda o cuidado com o corpo, que na sua visão, era morada do espírito, assim davam tratamento diferenciado à Educação Física²⁴⁰. Essa metodologia na prática chamou a atenção do governo de São Paulo, que em 1890 utilizou como padrão o modelo de ensino para as escolas primárias e normais²⁴¹.

Natural para um grupo que pretende conquistar determinado campo produzir a desqualificação do concorrente, na visão missionária o ensino brasileiro em comparação ao modelo norte-americano era posto numa perspectiva simples e dicotômica, em contraponto

²³⁸ RAMALHO, 1976. Op. cit. p. 82

²³⁹ Ibidem, p. 154

²⁴⁰ Ibidem, p. 156

²⁴¹ Ibidem, p. 87

aos métodos atrasados e avançados, ofertando à sociedade o poder de escolha ao que melhor se adequaria aos objetivos que a sociedade deveria criar. A visão missionária, em relação à sua superioridade cultural, não era artificial e montada para adquirir espaço na sociedade brasileira, mas era uma crença a partir de sua percepção de mundo. Sobre este aspecto o missionário, A. R. Crabtree demonstra, com bastante clareza, essa visão ao declarar que “cada sistema tem a sua ideologia e as suas vantagens. Nós, evangélicos, estamos plenamente convencidos da superioridade de nossos ideais, mas o povo culto em geral não aceita o evangelho, antes de ficar convencido da cultura evangélica”²⁴². Analisando a obra educacional Ramalho observou que:

A profundidade das mudanças que a ação missionária se propõe ultrapassa o universo religioso, envolve valores culturais e éticos, atinge setores da prática econômica, tenta produzir novas perspectivas na visão de a educação formal e institucionalizada é muito importante pela sua eficácia, duração e globalidade²⁴³.

A partir dessa percepção, os protestantes atuaram no campo educacional, opondo-se a essas características que, para eles, prejudicavam a melhoria do ensino. Em um espaço curto de tempo, os centros norte-americanos alcançaram um prestígio considerável, em um ambiente que suas ações, ao contrapor o ensino tradicional, propuseram “inovações tecnológicas” que ultrapassavam o campo educacional.

Esses fatores ocasionaram o sucesso dos colégios e da própria expansão do movimento protestante, principalmente de tradição norte-americana, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Propiciando a defesa da permanência desta confissão religiosa, como registrado em ata, a visão sobre o trabalho em São Paulo “são simpáticos à escola de São Paulo e acredito que ele fez, e está a fazer muito pela causa em toda a terra”²⁴⁴. Assim, a escola ajudava na quebra dos preconceitos e gerava elogios ao protestantismo para a comunidade²⁴⁵.

Se, por um lado, os resultados da atuação educacional eram considerados exitosos; por outro, analisado pelo ponto de vista religioso, eram questionados por setores de dentro da igreja. O modelo educacional liberal implantado pelas missões possuía pontos conflitantes que geravam tensões e embates com a visão proselitista religiosa. Analisando esse contexto de

²⁴² CRABTREE, 1962. op. cit. p. 139

²⁴³ RAMALHO, op. cit. p. 76

²⁴⁴ Old Central Brazil Mission Minutes (1897-1912) Estância, Sergipe. (12 de dezembro de 1904) p. 12

²⁴⁵ Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938) Salvador, (3-13 de dezembro de 1928) p. 6

conflito, Ramalho aponta o ardor missionário e liberdade religiosa como pontos de difícil conciliação que geravam diversos conflitos²⁴⁶. O cerne da tensão era justamente a falta de encaixe do pensamento proselitista missionário e o liberal, afinal, era muito difícil para os missionários que introduziam o protestantismo no Brasil no final do século XIX, “fazer uma delimitação clara entre a prática educativa consubstanciada nos seus colégios e sua prática religiosa”²⁴⁷. A visão de mundo pragmática, racional e liberal impunha sérios conflitos à essência religiosa dos missionários, esses dois polos ambíguos conflitavam a visão religiosa com a visão de mundo.

De um lado princípios liberais que afirmam a liberdade de crença; do outro, as ênfases religiosas que privilegiam o ardor evangelístico tão necessário à expansão de uma nova visão religiosa, de certa forma hostil. A conciliação sempre difícil, dependia do grupo para pender ora para o proselitismo ora para atitudes mais liberais²⁴⁸.

Separar as duas essências da atuação missionária era tarefa difícil, principalmente porque muitos missionários, em diversas partes do mundo, não eram “capazes de separar os postulados de sua fé dos elementos constituídos de sua vivência, de seus valores e de sua cosmovisão”²⁴⁹. Essa dinâmica influenciou as relações educacionais promovidas pelas instituições, entretanto mostrou-se diferenciada a depender do contexto e da escola. As práticas proselitistas em escolas das capitais, que poderiam ter uma resistência maior, deveriam ser mais veladas, já nas escolas do interior havia maior liberdade para o proselitismo ser posto em prática, inclusive com disciplinas ofertadas no currículo. Essa tensão vivenciada entre o proselitismo e a liberdade religiosa era reflexo da atuação missionária em seu país de origem, local onde nunca tivera que se confrontar com outras experiências, uma vez que o protestantismo era dominante²⁵⁰. A forma encontrada de conciliar essas ambiguidades foi apresentar a religião como “base de uma vida digna, útil e patriótica”, desta maneira o proselitismo não seria declarado, mas expresso na preocupação de disseminar os valores do cristianismo fundamentais para o cidadão que deveria se formar²⁵¹. Dentro dos centros educacionais com essência liberal, a conversão dos alunos deveria ser impulsionada pelo exemplo do testemunho dos convertidos e não pelo ensino proselitista.

²⁴⁶ RAMALHO, 1976. op. cit., p. 71

²⁴⁷ Ibidem, p.69

²⁴⁸ Ibidem, p.76

²⁴⁹RAMALHO, 1976. op. cit. p. 43

²⁵⁰ Ibidem, p. 146

²⁵¹ Ibidem, p. 147

Após a localização da essência do trabalho educacional missionário em um nível geral, analisaremos como essas características se relacionaram com a realidade do projeto educacional da MCB, haja vista que os objetivos e local de atuação se diferenciam em alguns aspectos.

2.1 Missão Central e o seu Projeto Educacional.

A educação como alternativa para o trabalho presbiteriano no Brasil foi pensada desde o início das atividades missionárias no país. O primeiro missionário a desembarcar em terras brasileiras, o reverendo Ashbel Green Simonthon, em seus primeiros meses de observação da sociedade local, registra em seus escritos a necessidade da educação para sucesso protestante. Ele indicava o estabelecimento de escolas como “meio indispensável para assegurar o futuro da igreja evangélica no Brasil”²⁵². Convém ressaltarmos que, no momento em que ele teceu essas observações, os protestantes estavam proibidos de qualquer tipo de proselitismo. Desta forma, o estabelecimento de escolas ajudaria no contato com pessoas, o que possibilitaria a disseminação da palavra reformada. Para além disso, Simonton observava que uma membresia analfabeta inviabilizaria o desenvolvimento religioso dos fiéis, pois, em um país majoritariamente analfabeto, a evolução da mensagem protestante seria dificultada, uma vez que a experiência religiosa protestante tem como pressuposto fundamental o sacerdócio universal mediante a leitura pessoal da bíblia, além de toda uma produção de uma literatura religiosa que auxiliava no doutrinamento. A eliminação do analfabetismo era fundamental para o desenvolvimento religioso do fiel, em razão de que seus cultos eram alicerçados na leitura da bíblia e pautados na participação direta dos ouvintes.

A matéria “Evangelização por meio da Educação”, publicada no periódico presbiteriano “Puritano”, demonstra as diversas relações possíveis entre a educação e a evangelização:

Todo cidadão patriota, desejando o bem da pátria, deve combater o analfabetismo, mas o cristão, ainda mais. Pois, quanto maior o número daqueles que sabem ler, quanto mais terá a palavra de Deus na casa do povo; e entrando o livro de Deus entra a luz. O ideal que cada crente saiba ler, e que cada lar seja uma escola para ensinar outros. Assim este dom precioso torna-se um meio de evangelização (...) Aqui no Brasil há diversos colégios evangélicos, além de escolas paroquiais; e os crentes devem não somente dar apoio moral e fazer sacrifícios para mandar seus filhos para essas

²⁵² SIMONTON, Ashbel Green. APUD. SILVA, 2009. op.cit. p. 76

instituições, mas também devem orar para que sejam os mesmos centros de evangelização²⁵³

A educação, antes de ser um desejo religioso, era encarada como um dever cidadão e premissa patriótica. O cristão, neste contexto, deveria apoiar a educação para além de seu dever patriótico, pois a educação seria peça central para as necessidades teológicas, afinal, a leitura, considerada o “dom precioso”, era necessária para o acesso à palavra de Deus e disseminação da fé. Em um país com altos índices de analfabetismo, as escolas seriam locais propícios para tornarem-se centros de evangelização e locais importantes para o ensino dos filhos dos “crentes”, livrando-os do analfabetismo e da possível contaminação religiosa em unidades de ensino católica. Necessário ressaltar que a estratégia não se limitava aos analfabetos, os missionários aproveitavam os alfabetizados para disseminar materiais evangelísticos, aproveitando “a educação e o preparo intelectual da classe literária como meio de evangelização”²⁵⁴.

O sistema escolar brasileiro apresentava inúmeras debilidades, principalmente quanto ao seu alcance, e a zona rural era a mais prejudicada. Mediante a inoperância do Estado e as grandes lacunas educacionais, os presbiterianos visualizaram nessa falha uma grande oportunidade e, a partir de então, tornaram-na em principal estratégia para propagação de sua mensagem. A percepção do contexto educacional no Brasil era compartilhada pelas outras denominações, como os Batistas, que reconheciam o poder e a influência que a instituição educacional apresentava, apontando para necessidade de um programa de educação cristã nas ações missionárias, algo explícito nas palavras do reverendo batista E. Taylor “fazer dele [educação] um grande poder para o Reino de Deus”²⁵⁵.

A atuação educacional presbiteriana, de uma forma mais ampla, possuía duas concentrações espaciais: as capitais e grandes cidades e o vasto interior. Nas escolas maiores das capitais, além de oportunizar os filhos de protestantes um ensino ideal e tentar converter outros alunos, possuíam objetivos mais ideológicos na conquista de espaço e influência na sociedade. As escolas paroquiais criadas no interior, além de abrir espaço para a evangelização, possuíam a função instrumental de alfabetizar as pessoas para sua vida na fé²⁵⁶. Nas cidades maiores, as estruturas das escolas eram diferenciadas, com currículos mais

²⁵³Evangelização por meio de educação. PURITANO, Rio de Janeiro. 15-11-1923.

²⁵⁴ Ibidem

²⁵⁵ CRABTREE, 1962. Op. cit. 136

²⁵⁶ MENDONÇA, 2008 op. cit. p153

complexos, que ensinavam e difundiam o modelo sociopolítico norte-americano, atraindo assim as elites econômicas e políticas que viam com bons olhos esses ensinamentos.

Na educação, a propagação religiosa deveria ser feita indiretamente, as escolas não deveriam ser exclusivas aos protestantes, razão pelas quais muitos liberais buscavam matricular seus filhos, atraídos pelo ensino considerado inovador e vanguardista, em comparação aos existentes no Brasil. Em Salvador, a possibilidade da construção de uma escola para facilitar as relações com a sociedade foi fator preponderante no processo de construção do colégio presbiteriano. A escola soteropolitana foi idealizada para ter um padrão elevado, organizada para atender inicialmente às famílias dos “crentes” e pessoas que, embora não tivessem contato com o evangelho, possuíam “confiança nos métodos educacionais americanos”²⁵⁷ tornando-se uma ferramenta evangelística²⁵⁸.

No interior, as escolas paroquiais eram necessárias para o andamento da fé reformada, eram construídas em pequenos núcleos, organizadas nas casas ou em pontos onde os missionários pregavam e encontravam pessoas interessadas na mensagem protestante. Possuía o nível primário, servindo como “instrumentos educacionais e (...) agências de evangelização”²⁵⁹. Em muitos lugares em que a educação fornecida pelo Estado não chegava, essas escolas contribuíram para a formação educacional do povo interiorano.

A promoção da educação era um mecanismo secundário dentro da lógica evangelística, as ações da MCB tinham como estrutura básica as viagens missionárias ao interior, entretanto o espaço geográfico de responsabilidade da Missão era vasto demais para o pequeno número de missionários que ela possuía no campo. Os poucos existentes dividiam-se entre as viagens para evangelização e o trabalho nas escolas. Mesmo com sobrecarga de trabalho aos escassos missionários, a MCB não abria mão das atividades educacionais, que necessitava de “ventos de escola”²⁶⁰, elemento vital para o projeto de conquista do território em que atuavam.

No final do século XIX, a MCB possuía algumas instituições educacionais, como o Internato Feminino na cidade de Bonfim, Internato Feminino e Masculino em Cachoeira, Escola Paroquial em Cachoeira e outra em Salvador; três escolas paroquiais em Canal, Cachoeirinha e São João; e a escola de São Felix, até então considerada a escola Central. Nas

²⁵⁷ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Política Educacional. (4-11 de dezembro de 1926) p. 6

²⁵⁸ Ibidem

²⁵⁹ Brazil Council Minutes (1912-1937). Esboço da Política Educacional. Ponte Nova, (18-25 de dezembro de 1929) p. 61-64

²⁶⁰ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Estância – Sergipe, (12-19 de dezembro de 1904) p.4

escolas existentes, a vinculação da educação com a causa evangélica não estava ocorrendo da maneira ideal, o que gerou críticas à atuação educacional pura e simples. As críticas giravam em torno da alegação de que as escolas existentes estavam desenvolvendo um trabalho que desviavam do objetivo evangélico, trabalhando de acordo com as necessidades educacionais, e não das necessidades evangélicas²⁶¹. Diante dessas condições, a MCB definiu pela reformulação das escolas existentes, que deveriam possuir “um espírito evangélico manifesto”²⁶², a partir de então foi pensado um novo plano de trabalho escolar que não deveria apenas continuar, mas se expandir da maneira ideal.

Para solucionar os problemas de mão de obra para as escolas e o trabalho evangélico, o reverendo Willian Alfred Waddell, o superintendente das escolas da MCB²⁶³, propôs, em reunião, a criação de uma escola central que atuasse especificamente na formação de professoras para as escolas primárias bíblicas e para treinar jovens para o trabalho leigo na igreja e encaminhar alguns deles para o ministério²⁶⁴. Esta escola seria fulcral para manutenção e expansão presbiteriana, haja vista que o número de missionários comparado à vastidão da área de jurisdição da MCB era ínfimo, e os poucos que possuíam deveriam trabalhar diretamente na evangelização, pois eram os mais preparados para tal atividade. Além da escola central, o projeto educacional previa a organização de mais três modelos de escolas: as escolas paroquiais mantidas em maior parte ou totalmente pelos “clientes” da igreja; as escolas missionárias abertas em casas de missionários ou em quaisquer outros pontos que favorecessem ao evangelista professor alcançar novos fiéis; e escolas com internatos para os filhos dos “crentes”²⁶⁵ acessarem uma educação mais complexa, diferente das escolas paroquiais e missionárias, que basicamente atuavam com alfabetização.

Para a MCB, o plano educacional se justificava por ser estratégico para inserção na sociedade e evangelização, além de ser mais econômico. Ao analisar os custos com missionários e a formação de professores e relacioná-los a seus resultados quantitativos, a Missão chegou à conclusão de que, conforme suas experiências, o professor era tão eficaz quanto um evangelista e custava muito pouco em comparação, tendo em vista que o professor poderia ser pago pela localidade que atuaria, além de ser bem visto e não ter a resistência

²⁶¹ Old Central Brazil Mission Minutes. (1897 – 1912). Estância – Sergipe, (12-19 de dezembro de 1904) p.13

²⁶² Ibidem, loc. cit.

²⁶³ Ibidem, São Felix, (3 de julho de 1900).

²⁶⁴ Proposto antes e reforçado nas atas do Conselho. Brazil Council Minutes (1912-1937). . Projeto de Escolas. Ponte Nova, (dezembro de 1927).

²⁶⁵ Ibidem

direta que muitas populações nutriam em relação aos missionários²⁶⁶. Na evangelização direta, os missionários sentiam a grande resistência do povo e das outras agências religiosas, como mostrado no primeiro capítulo.

O reverendo Waddell, responsável pela administração das escolas, encarregou-se de encontrar um local ideal para a construção da escola modelo. Até aquele momento consideravam a escola que funcionava em São Félix como a Central. Ela foi organizada em 1900 e planejada para funcionar experimentalmente por três anos e meio²⁶⁷. Pelo plano descrito, deveria possuir internato com ensino primário, secundário, curso industrial e normal, com atendimento de ambos os sexos²⁶⁸. Essa escola teve uma queda no número de alunos: de 50, em 1901; para 29, em 1902. Creditam-se a esse decréscimo as críticas recebidas na educação mista, com alunos de ambos os sexos estudando juntos. Os críticos alegavam a falta de cuidado e atenção na relação entre os alunos²⁶⁹. Segundo Alderi Mattos, não se sabe ao certo o motivo da escola central não permanecer em São Felix. Para Ester Nascimento, a falta de um manancial de água foi um dos fatores determinantes para que a escola central vinculada ao novo plano não fosse realizada em São Felix, buscando assim estabelecer-se nas cidades mais desenvolvidas economicamente²⁷⁰.

Mesmo com as condições educacionais do interior urgirem por escolas, a tentativa de instalação do empreendimento missionário sofreu resistências religiosas que foram fundamentais para que não se permitisse a construção da escola em algumas cidades, resultando na sua criação em uma fazenda “escondida”, em local de difícil acesso na Chapada Diamantina. A escolha do local para a construção da escola central não foi necessariamente pela escassez dos serviços educacionais, inicialmente este fator não foi considerado como preponderante, só depois mostrou-se ideal, sendo apontado como necessário às futuras escolas nos mesmos moldes. A localidade de Ponte Nova não possuía escola, como também não possuía uma população local que justificasse sua construção. As constantes recusas tornaram inviável a criação da escola nas grandes cidades da região, desta maneira a fazenda distante dos centros opositores ao protestantismo foi ideal para essa construção.

Ponte Nova foi a primeira escola central fundada pela MCB para atender ao projeto de produção de quadros para evangelização, constituindo-se em uma experiência vital para as

²⁶⁶ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Salvador. (25-30 de novembro de 1916) p. 3

²⁶⁷ Old Central Brazil Mission Minutes. (1897-1912) Salvador (3 de dezembro de 1902)

²⁶⁸ Ibidem

²⁶⁹ Ibidem

²⁷⁰ NASCIMENTO, 2007a. op. cit. p. 59

próximas realizações deste âmbito. Ela ajudou a propor, a partir dos erros e acertos retirados da experiência, as condições necessárias para a instalação de novas escolas. As atas do Conselho das Missões descrevem como condições necessárias para que as cidades ou povoados abrigassem as estações do “tipo Ponte Nova”: densidade da população protestante, condições de higiene, disponibilidade da água, a fertilidade do solo, edifício central, transporte, materiais de construção, tamanho e natureza do corpo de estudantes e as condições políticas²⁷¹.

Se pensarmos as condições iniciais dos trabalhos em Ponte Nova e os recursos eleitos posteriormente à sua organização como ideais para as novas escolas, percebemos que Ponte Nova atenderia apenas a alguns requisitos, como: disponibilidade de água com o abastecimento do rio Utinga, solo fértil da fazenda e um edifício central utilizado pelos missionários. E como requisitos contrários: número de pessoas inicial baixo, as condições precárias de saúde: sem saneamento e com ambiente favorável à proliferação de doenças, os meios de transporte eram escassos e o local era de difícil acesso, além das condições políticas tensas, com inúmeros embates com as forças políticas da região. Ponte Nova foi escolhida depois de recusas, pelo fato de disponibilizar os requisitos essenciais, mesmo estando aquém das cidades mais desenvolvidas na região, fator que contribuía com o isolamento das perseguições, algo considerado preponderante para as futuras estações. A indicação dos recursos necessários e observações de outros que poderiam ajudar ou dificultar o trabalho foi feito pelo Conselho das Missões, como resultado do amadurecimento das experiências em Ponte Nova. Entre eles destaca-se o transporte; que impôs sérias dificuldades na aquisição de materiais e nas saídas evangelísticas; o solo fértil do local que contribuiu para a promoção da agricultura; o rio, como abastecimento de água e também como proliferador de doenças. Outro fator que não consta na lista de requisitos, mas podemos compreender como experiência de Ponte Nova é a indicação de a escola ser escolhida em um local “isolado” sem influências opostas ao evangelho citada na criação da escola em Goiás²⁷².

O IPN, como escola central da Missão, ocupou local principal nas pautas das reuniões da Missão, nelas o relatório dos trabalhos do IPN eram lidos e discutidos entre os membros,

²⁷¹ Brazil Council Minutes (1912-1937). Projetos de Escola. Ponte Nova, (dezembro de 1927) / Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Localização das Escolas tipo Ponte Nova. Salvador, (3-12 de dezembro de 1928)

²⁷² Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938). Política para futuras escolas. Ponte Nova, (16-24 de outubro de 1922) p. 5-6 / Brazil Council Minutes (1912-1937). Trabalho Futuro. Ponte Nova, (22-29 de dezembro de 1922)

dos quais dois ou três do alto escalão missionário ou da administração residia na localidade da escola. As necessidades locais tornaram-se prioridade, dada a alta procura pelo ensino que se destacava na região em que a educação era coisa rara, a inovação do ensino e a estrutura do local, difundiu o pensamento de que em Ponte Nova havia ensino de qualidade, gerando uma verdadeira corrida pela busca de uma vaga em seus cursos, quer seja no regime de internato ou externato.

Recuperamos do Correio do Sertão um artigo que demonstra uma das diversas representações criadas pelo trabalho educacional desenvolvido no IPN. Os recorrentes adjetivos elogiosos para tratar de Ponte Nova podem ser compreendidos pelas condições educacionais do interior do Estado. Para o periódico, o trabalho desenvolvido pelo IPN é qualificado e oferecido a diferentes camadas sociais, como se percebe no trecho a seguir: “em Ponte Nova tem o sertanejo, um excelente colégio preparatório especialmente destinado à educação de pessoas pobres, com um método eficiente de ensino, que eleva o nível dos nossos melhores educandários (...)”²⁷³. Para o jornal o IPN, não só se educava com eficiência, mas também se promovia a popularização da educação, influenciando na qualidade do ensino local, com a formação de professores que disseminavam seus novos métodos.

O modelo de educação norte-americano, voltado para o meio em que a escola estava organizada e vinculada ao trabalho, criou uma estrutura na fazenda voltada ao trabalho escolar e suas demandas, com equipamentos que auxiliavam nas tarefas e forneciam à fazenda alimentos e equipamentos necessários. Na marcenaria, eram feitos os móveis, e na horta, as frutas e verduras para alimentação de todos, e certa medida para a comunidade²⁷⁴. Para melhor atuação na agricultura, foram adquiridos equipamentos para o Departamento de Agricultura e Indústria, aumentando a complexidade da atuação, requerendo cada vez mais uma presença efetiva dos seus diretores, enquanto os missionários faziam viagens pelo campo evangelizando. Ponte Nova foi aumentando sua importância dentro do trabalho da MCB, alterando seu plano ideal de escola para uma base maior de trabalho missionário.

Com o constante desenvolvimento do IPN, a quantidade de pessoas qualificadas para tomar conta era insuficiente, ocupando então os missionários que deveriam estar em campo trabalhando com a evangelização direta. Assim foi requisitada nos relatórios a ampliação de trabalhadores “competentes” e especializados nas áreas de educação e agricultura. Em 1915, o

²⁷³ Correio do Sertão, O Problema rodoviário da Bahia: Ponte Nova deve ser um centro rodoviário no sertão. Morro do Chapéu. Ed. 528. 01-abril-1928.p. 1 (matéria principal)

²⁷⁴ALMEIDA, 2004. Op. cit. p. 30

reverendo Cassius Edwin Bixler, responsável pela sistematização, solidificação e ampliação da estação Ponte Nova, ocupava a direção geral, dirigindo o trabalho da classe normal de ensino e da contabilidade, além de continuar viajando e evangelizando o campo de Lençóis. As condições árdas que o contínuo desenvolvimento da fazenda, da escola e da manutenção da evangelização do campo impunham aos missionários, tornou-se praticamente impossível de ser realizada por uma pessoa, levando o pedido de auxílio ao Conselho de Nova Iorque, com a sugestão de envio de um educador, mesmo que fosse “leigo”, não missionário, casado ou com o mínimo de conhecimento em contabilidade, para assumir o comando de Ponte nova e da Escola Normal para que o reverendo Bixler pudesse dedicar-se ao desenvolvimento do departamento de agricultura, indústria e continuar suas viagens de campo²⁷⁵.

As necessidades de missionários, evangelistas ou técnicos de áreas específicas para trabalhar em Ponte Nova eram patentes, e a Missão não poderia suprir todas as demandas. Diante dessas condições, a MCB colocou em evidência que a pretensão de abastecimento do campo era prioridade, argumentando que, se houvesse necessidade de escolha entre um agricultor e evangelista, deveriam prescindir do agricultor e enviar o evangelista²⁷⁶:

Um agricultor para Ponte Nova não fará nada para resolver a nossa necessidade de evangelistas treinados. E se a vinda de um agricultor vai reduzir a nossa quota de evangelistas, em seguida, nós preferimos prescindir do agricultor²⁷⁷.

Tempos depois, a Missão sugeriu um especialista para a área da agricultura, a fim de que o missionário se dedicasse basicamente à evangelização. Solicitaram um agricultor com dois anos de experiência e especialista na “agricultura brasileira”, ele deveria manter-se atualizado nas leituras de revistas e boletins agrícolas, e principalmente deveria ser de “caráter cristão e possuir um espírito missionário fervoroso”²⁷⁸. Este funcionário receberia um salário por dois anos e depois deste tempo deveria trabalhar de forma autossustentável, ou seja, sendo pago pela venda da produção dos alimentos. Este anseio foi atendido para o melhor aproveitamento dos trabalhos em Ponte Nova, com a nomeação do professor-agricultor-missionário Samuel Irvine Graham. Preparando-se no idioma para assumir, em 1924, a responsabilidade da fazenda e da escola, liberou o Missionário Bixler para “o trabalho evangelístico entre os milhares que vêm anualmente à Ponte Nova consultar-se o Dr. Wood e

²⁷⁵ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Ponte Nova, (10-18 de novembro de 2015). p.3

²⁷⁶ Ibidem. Nossas Necessidades. Salvador, (24 de novembro – 02 de dezembro de 1920). p. 5

²⁷⁷ Ibidem

²⁷⁸ Ibidem. Ponte Nova, (22-29 de outubro de 1919). p. 3

fazer as excursões e a evangelização quando ele as julgue necessárias”²⁷⁹. Este exemplo prático de escolha entre um profissional para atuar na fazenda e um missionário é importante para percebermos como a Missão entendia que o evangelismo era sua função principal, entretanto não deixavam de investir na sua estação, a ponto de ser um local que possibilitasse a melhor formação para os alunos que nela estudassem.

2.2 Instituto Ponte Nova Estrutura e Organização.

As atividades educacionais em Ponte Nova formaram-se inicialmente com pequena escola, criada no prédio central da fazenda em 1906. Este embrião do IPN foi organizado a partir de práticas educacionais norte-americanas consideradas com currículo adaptado ao local em que atuaria. Era uma instituição confessional (pautada em princípios religiosos do presbiterianismo), de natureza particular e sem fins lucrativos, fundado essencialmente para atender à clientela dos filhos de “crentes”. Oferecia, nos primeiros anos de organização em regime de internato e externado, o curso Primário, Normal²⁸⁰, e Secundário, com um currículo diferenciado e princípio coeducativo (educação para ambos os sexos no mesmo ambiente)²⁸¹.

Organizou-se financeiramente no sistema de “self-help”, no qual o estudante contribuía com trabalhos na fazenda e com ajuda financeira e a Missão arcava com as despesas dos salários dos professores e os equipamentos. Aos que não podiam pagar, era disponibilizada uma determinada quantidade de bolsas de estudos. Muito embora seu objetivo principal fosse enviar rapazes ao ministério, preparar outros para o trabalho de leigo na igreja e de formar jovens preparados para o ensino nas escolas no interior da Bahia, sua orientação foi de escola-fazenda, com ensinamentos voltados para o ambiente que viviam, preparando “os jovens para o serviço e utilidade em qualquer caminhada da vida”²⁸². Adeptos do pragmatismo, ensinavam aos alunos como atuar no meio em que viviam os homens com as tarefas do campo e atividades específicas, como marcenaria, padaria, serviços domésticos e mais tarde o curso comercial. O curso comercial, pensado em ser ministrado no IPN no ano de 1927, era visto como de grande valia aos que não ingressassem no ministério nem na

²⁷⁹ Ibidem. Salvador, (26 de novembro – 6 de dezembro de 1921) p. 7

²⁸⁰ Após completar o Curso Normal de cinco anos equiparado ao curso oficial do Estado, a aluna recebia o Diploma de professora Primária reconhecida pelas leis Estaduais

²⁸¹ Ensino conjunto para ambos os sexos juntos.

²⁸² Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Bom Gosto do Canella, Bahia. Políticas Educacionais. (4-11 de dezembro de 1926) p. 6-7

profissão docente, pois ajudaria no trabalho administrativo e secretariado, podendo servir nas dependências do hospital, clínica, escola e nas propriedades do IPN dada a sua necessidade.

O IPN foi a primeira instituição de ensino secundário da MCB a ser instalada numa área rural, funcionando como polo irradiador de professoras e futuros evangelistas e pastores presbiterianos na região sob sua jurisdição, servindo de instrumentos reprodutor de um modelo de vida “civilizado” para os sertões. O IPN tinha sua função bem delimitada no projeto da MCB, entretanto era uma escola e, como tal, também possuía sua função na formação do indivíduo, em um momento histórico na sociedade brasileira e baiana em que a escola deveria desempenhar um papel específico: eliminar o analfabetismo e promover uma construção moral e cívica, além de promover práticas consideradas de sociedades civilizadas e disseminar hábitos alimentares e higiênicos. A escola propunha-se a legitimar novas concepções no campo da educação, articuladas a estratégias religiosas de intervenção na área sob sua jurisdição e ainda tentavam introduzir mudanças no comportamento dos seus alunos. A educação oferecida pela escola foi idealizada para funcionar como um instrumento capaz de unificar, disciplinar, moralizar e homogeneizar os alunos que para ali acorressem, com vistas à efetivação de um projeto de sociedade²⁸³.

O IPN inicialmente abrigou os filhos dos convertidos ao protestantismo²⁸⁴, os primeiros alunos foram enviados após os pais serem informados da escola criada pela Missão por meio dos missionários em viagem evangelística. Entretanto, em poucos anos, essa instituição alcançou destaque no cenário educacional, atraindo uma quantidade considerada de alunos afora do meio protestante. Com o aumento da procura por vaga na escola, que contava também com aluno de outros Estados, a seleção do alunado passou a ser bem criteriosa, exigindo uma rigorosa supervisão dos missionários, a fim de eliminar os estudantes “indesejáveis”²⁸⁵, que destoavam do padrão de comportamento exigido pela escola. Para a matrícula, exigia-se, por requerimento ao diretor:

Certificado de aprovação do último ano da escola elementar; certidão de idade de 12 anos completos ou há completar no ano corrente; atestado de revacinação antivariólica; atestado médico que provava não sofrer moléstia contagiosa, repugnante ou nervosa e não ter vício ou defeito físico

²⁸³NASCIMENTO, 2007a op. cit. p. 161

²⁸⁴ As atas registram três origens diferentes do corpo do alunado: as famílias dos protestantes espalhadas pelo estado e fora, as famílias de alunos de que residiam em Ponte Nova e as famílias de fora.

²⁸⁵ Old Central Brazil Mission Minutes (1912-1937). Futura Política Escolas. Ponte Nova, (16-24 de outubro) p. 5-6

incompatível com a vida escolar; e o atestado de boa conduta firmado por três pessoas idôneas.²⁸⁶

Sobre a composição social e religiosa do quadro do alunado, existia uma clientela diversificada, predominavam alunos oriundos de famílias com uma melhor situação financeira, pois naquele momento poucas famílias possuíam condições de pagar pelo ensino e também muitas crianças e adolescentes necessitavam trabalhar para ajudar na manutenção doméstica. Embora as condições econômicas fossem difíceis, muitas famílias desdobravam-se para possibilitar a educação de seus filhos²⁸⁷

Muitas famílias passaram a trabalhar para a Missão. Geralmente obtinham bolsas para que os filhos pudessem estudar. Outros, custeavam os estudos dos filhos com o próprio salário. As profissões abrangiam desde sapateiros, marceneiros, lavadeiras, arrumadeiras, cozinheiras, eletricitas, motorista, chefes de cozinha, entre outras²⁸⁸.

É importante ressaltar que os valores das mensalidades eram diferenciados, a depender do regime do curso, quer fosse externato ou internato²⁸⁹. O regime internato possuía o maior valor de mensalidade. Geralmente era utilizado pelas famílias com melhor condição financeira. Ideal para os alunos que residiam em cidades distante de Ponte Nova. Ao se matricular no internato moravam na escola com todo suporte necessário. Quando as vagas já haviam sido preenchidas muitos matriculavam-se no externato e abrigavam-se em pensões na cidade. Em alguns casos muitas famílias ao matricular seus filhos no externato mudavam-se para região, alugando ou construindo casas para residir durante o período de aulas.

Para as famílias que não tinham as mínimas condições de matricular seus filhos, a MCB disponibilizava bolsas de estudos. Esta ação assegurava a muitos que não possuíam condições financeiras a oportunidade de estudos, diversificando a composição social da escola. A conduta do bolsista era observada de perto, com a exigência de uma conduta

²⁸⁶ Instituto Ponte Nova. Prospecto escolar. 1949-1950

²⁸⁷ Belamy Almeida relata que sua família se mudou de Palmeiras para Ponte Nova, pelo ambiente cristão para os filhos, pela escola, além do hospital para tratamento de seu pai. Seus pais trabalharam como lavadeira e sapateiro, para manter o sustento e para pagar a mensalidade da escola para os sete filhos. ALMEIDA, op. cit. p. 262-263

²⁸⁸ MORAES, 2008. Op. cit., p. 263

²⁸⁹ Os pagamentos eram divididos em duas ou quatro prestações. Em caso de atraso eram acrescidos dez por cento no valor da mensalidade. Em casos de atraso os alunos eram impedidos de prestar os exames semestrais ou finais. Havia uma política de desconto para irmãos. No externato, descontava dez por cento para dois irmãos, quinze para três e vinte para quatro. No internato, descontavam cinco por cento para dois irmãos e dez para três. Instituto Ponte Nova. Prospecto escolar. 1949-1950

exemplar com médias sete. Geralmente era atribuída aos bolsistas a chefia dos serviços realizados por todos os alunos, como limpeza de prédios, distribuição de alimentos, etc²⁹⁰.

Pela definição de Antônio Mendonça,²⁹¹ as escolas do projeto educacional presbiteriano estavam vinculadas à necessidade estratégica da causa evangélica, com vistas à manutenção, ao apoio das elites políticas e econômicas e a inserção e manutenção onde eram construídas, variando de grandes centros até as simples escolas paroquiais. Uma das razões para esta afirmação foi a estrutura curricular. Para ele, enquanto na cidade o currículo era mais complexo e cheio de novidades, se comparado ao ensino tradicional, nas escolas paroquiais eles seriam bem mais reduzidos, com o objetivo apenas funcional de alfabetização.

Pensando nestes termos, o IPN se constituía uma escola à parte, por não se encaixar nestas definições, dada à complexidade do currículo e de sua estrutura, pois era a primeira escola secundária a ser criada na zona rural. Ester Nascimento, analisando os currículos a partir de 1914 da Escola Americana de São Paulo e o Instituto Ponte Nova, verificou que, enquanto a escola paulista preparava o aluno para o magistério e o comércio, a escola do interior da Bahia estava direcionada a preparar para o magistério, evangelização e a agricultura, o que revela que as escolas em ambientes diferenciados possuíam adaptação estratégica de atuação. Observou também que as aulas com trabalhos manuais em São Paulo ocorriam nos dois últimos anos do curso secundário, na IPN, as aulas práticas iniciavam-se no primeiro ano do curso primário, com aulas voltadas à utilidade na região em que viviam. A divisão dos trabalhos obedecia à faixa etária e o sexo dos alunos, os garotos cuidavam das atividades “braçais”: aprendiam a cuidar da horta, pasto e, na oficina, trabalhavam com madeira, produzindo muitos dos móveis usados em vários prédios da fazenda. As garotas aprendiam as tarefas “do lar”, como lava roupa, bordar, cozinhar e administrar a casa. O ensino era pensado de forma racional para que os alunos dominassem as técnicas e fossem capazes de atuar da melhor forma em seu ambiente, quer seja na casa, fazenda ou cidade.

Os alunos interessados em matricular-se na escola deveriam seguir as exigências informadas no ato da matrícula. Para além das questões comportamentais, havia a obrigatoriedade de os alunos participarem das atividades cotidianas de inspiração religiosa. Os presbiterianos não obrigavam os alunos a adotarem a sua confissão, em seu regimento constava a liberdade religiosa como prática. Os alunos eram aceitos independente de suas

²⁹⁰ Presbiterianismo em Marcha. Por João Dias do Araújo. O Puritano, Rio de Janeiro, ano LV, 2038. 25/08/1953.

²⁹¹ MENDONÇA, 2008. Op. cit. p.144-167

convicções religiosas, mas as obrigações com a igreja local eram indispensáveis. No prospecto informativo da escolha reforçavam os seus princípios educacionais baseados na essência religiosa.

Vida escolar baseada nos princípios que regem a família cristã. Entende que o homem tem um corpo e mente, porém uma alma, todo esforço é feito para que, num ambiente cristão, possa o aluno desenvolver o seu caráter, que consideramos – a saúde da alma.

Estudo bíblico como parte dos trabalhos regulares de aula. Sem obrigarem a ninguém as nossas ideias e convicções religiosas, consideramos que os conhecimentos dos princípios fundamentais da fé cristã são indispensáveis a todo homem culto²⁹²

A tonalidade religiosa que regia o cotidiano no ambiente escolar e estava presente no currículo tinha por objetivo formar um cidadão sob a moralidade cristã independente de sua conversão. A escola era organizada para ensinar aos jovens os princípios básicos do protestantismo, mesmo que não se convertessem em seu processo de construção educacional, os alunos teriam o contato com a crença reformada. O ensino tinha uma pesada coloração da cultura religiosa, com disciplinas diretamente ligadas à Bíblia, para realizar seus objetivos de criar um bom cristão, que cumprisse os mandamentos das Escrituras Sagradas. Era também objetivo formar um cidadão ativo nas decisões políticas, incentivando o amor ao seu país, objetivos expressos na fachada do IPN: “Deus e Pátria aqui sempre lembrados”. Para realizar seus objetivos direcionavam a estrutura curricular:

Dentro do currículo formal do colégio, a educação religiosa e a moral basicamente se fundiam. O ensino religioso era obrigatório e todos os alunos matriculados tinham obrigações com a igreja local, participando do coral, da reunião de mocidade, da escola dominical e do culto à noite. Durante a semana eram realizados alguns cultos rápidos em vários momentos do dia: após o café da manhã, após o jantar, no início das aulas, após o recreio. Todas as apresentações especiais que não fossem cívicas baseavam-se em histórias bíblicas²⁹³(...) o ensino da doutrina cristã baseado na leitura diária da Bíblia, procurando incutir nos alunos os princípios do cristianismo e que estes fossem colocados em prática no dia-a-dia. A leitura e o estudo da Bíblia, o canto de hinos e orações, bem como a assistência de todos os alunos aos atos religiosos da igreja presbiteriana local, fazia parte do currículo e do regulamento interno da instituição.²⁹⁴

Inicialmente, o currículo primário²⁹⁵ era formado pelas disciplinas de Leitura, Caligrafia, Linguagem, Gramática Portuguesa e Aritmética. Incluindo, a partir do terceiro

²⁹² Instituto Ponte Nova. Prospecto escolar. 1949-1950

²⁹³ NASCIMENTO,2005. Op. cit. p. 109

²⁹⁴ Ibidem, p. 111

²⁹⁵ O ensino primário era composto inicialmente por seis anos de estudo, mais tarde foi reduzido a cinco.

ano, Geografia. Constavam também no currículo as disciplinas de Música, Desenho e Calistenia²⁹⁶. No ensino secundário, somavam-se às disciplinas anteriores História da Pátria e Ciências. Em 1919, a escola ampliou o curso complementar em mais um ano, dando formação agrícola, acrescentando as disciplinas de Botânica e Agricultura, também a formação evangelística específica para os rapazes com as disciplinas de Latim e Grego, e na formação pedagógica específica para meninas incluía Português, Metodologia e Psicologia²⁹⁷. O Ensino da Constituição brasileira era realizado no sétimo e oitavo ano, neste último incluía também higiene. Em todas as séries havia uma disciplina relacionada à Bíblia, com histórias do velho e novo Testamentos, além da vinculação de outros ensinamentos ao texto sagrado, como música e desenho. Estes currículos sofreram alterações ao longo dos anos devidos às reformas propostas pelo Estado, estas mudanças não são objeto deste trabalho, algo que já foi realizado pelo trabalho de Ester Nascimento. Em nossa análise, queremos apenas evidenciar que, mesmo com as alterações de currículo, os conteúdos religiosos permaneceram.

A pedagogia adotada orientava-se pelos métodos intuitivos usados nas escolas do seu país de origem, vinculando a teoria à prática, atentando-se às condições locais para sua efetivação e organização com uma postura considerada de vanguarda em comparação à prática pedagógica brasileira. Valorizavam a observação e a experiência pessoal como produtora do conhecimento, a escola não se resumiria a alfabetizar, mas em orientar o aluno a avançar no processo de aprendizagem, saindo das limitações impostas pelo ensino tradicional. Eles introduziram o método intuitivo e a leitura silenciosa, suplantando a forma tradicional brasileira que privilegiava a leitura em voz alta e a decoração sem raciocínio.

As práticas escolares previam a superação do dualismo entre o pensamento e a ação, traduzidas no ensino experimental no qual o aluno aprendia fazendo, realizava experiências para testar teorias, fazia excursões para aprender *in loco* as características do relevo e da vegetação locais. O ensino possuía um caráter prático, utilitário, no qual o aluno aprendia o que era útil para si e para a vida em sociedade.²⁹⁸

Somadas às tradições do pragmatismo norte-americano, davam grande ênfase ao treinamento manual, à ginástica e aos esportes em geral. Em sua prática pedagógica para construção cívica e moral, incrementava o combate aos vícios, como álcool, fumo, tabaco, bem como jogos de azar²⁹⁹. Além de promover atividades extracurriculares, que ampliavam a

²⁹⁶ NASCIMENTO, 2007a. op. cit. p. 195

²⁹⁷ Ibidem, loc. cit.

²⁹⁸ Ibidem p.112

²⁹⁹ Ibidem, loc. cit.

atuação do aluno, como o teatro, grêmio, coral, entre outras atividades que reforçavam valores cívicos, apresentados à sociedade em eventos abertos, como desfiles realizados nas ruas da localidade e das cidades vizinhas. Essas atividades ajudavam na promoção da escola e dos valores protestantes. As atividades realizadas pelo IPN marcavam o calendário e eram esperadas pela população como os tradicionais desfiles realizados pelos alunos. Devido à grande ingerência cultural da missão em Ponte Nova, os eventos realizados e as datas comemorativas eram ligados à religiosidade protestante. As datas cívicas e os eventos ligados à cultura local possuíam pequena força, e as datas ligadas ao catolicismo não tinha grande expressão.

Foto 6: Desfile Cívico – Possivelmente década de 1940



Fonte: Arquivo IPN

No desfile cívico, os alunos caminhavam pela comunidade em datas comemorativas relacionados à exaltação à pátria, exercitando os valores aprendidos na escola. Os eventos eram esperados pelos alunos que se dividiam em diversas funções dentro dos desfiles, peças, etc. Nesta foto, observamos, à frente, a pequena banda e a comissão de porta-bandeiras, seguida pelas normalistas facilmente reconhecidas por suas vestes diferenciadas, com saias ao “tornozelo”, seguidas pelas as estudantes da escola de enfermagem que se destacam pelo uniforme com “branco impecável”. Neste registro, existe uma pequena quantidade de observadores, a maior parte das pessoas esperavam na praça onde havia o maior número de casas e eram realizadas as principais apresentações. Nota-se também o padrão seguido

metricamente, caminham perfilados, demonstrando coordenação, servindo para os que assistiam o desfile como exemplo de rigor e de beleza. Os desfiles e atividades da escola eram também apresentados em outras cidades, momentos que serviam para divulgação da escola.

Em propaganda e em benefício do Colégio e IPN, procedente dali, esteve há poucos dias, em excursão pelo município de Irecê, onde levaram, festivamente, instrutivas e religiosas representações dramáticas nos povoados de Lapão e Gameleira, uma distinta caravana e diversas pessoas, sob a direção do snr Dr S. Irvine Graham, regente da referida Escola. Estes caravaneiros, de regresso para aquela aprazível localidade, tiveram de passagem nesta cidade³⁰⁰

O IPN, como principal escola da MCB, dispunha de recursos que possibilitaram a construção de estrutura qualificada e boa para os padrões educacionais do interior brasileiro. Os equipamentos, como vitrolas, aparelho cinematográfico, coleção de livros e discos em inglês e francês, mapas para estudos de diversas disciplinas, globo terrestre, laboratórios de química, física, e biologia³⁰¹ somavam às aulas de campo nos rios, matas hortas etc. A quadra de esporte era um dos grandes equipamentos usados pelos alunos:

(...) durante a década de 1930, foi construída uma praça de esportes com campos de futebol, beisebol, voleibol e basquetebol. Os dois primeiros campos eram revestidos de grama. Existiam dois vestiários, masculino e feminino, caixa para saltos em altura e distância, com as respectivas pistas; aparelho para saltos em altura; quatro barras simples; suportes para cordas. Possuía rede de voleibol e bolas; tabelas de basquetebol e bolas; balizas de futebol e bolas; rede, raquetes de tênis e bolas; bastões para revezamento; um dardo; luvas, bolas, *bats* e máscara para softbol; um peso esférico; cordas para salto; cordas para tração; cordas para subida; cronômetro; trena; bola de *rugby*. Os alunos praticavam natação no rio.³⁰²

Os conhecimentos de agronomia eram colocados em prática principalmente no pomar que, segundo o relato memorialista, possuía mais de vinte tipos diferentes de frutas e vasta variedade de verduras, como cenoura, repolho, beterraba, espinafre, couve-flor, acelga, berinjela, nabo, vários tipos de pepino, cebola e tempero³⁰³. Alternando ao maxixe, abóbora alface e banana recorrentes na dieta local. Com o trator adquirido em 1930, com grades de disco, dentes e semeadura implantaram novas técnicas no cultivo das frutas, verduras, feijão e

³⁰⁰ Pelo Colégio Ponte Nova. Correio do Sertão, Morro do Chapéu. Ed. 907. 7-junho-1935

³⁰¹ NASCIMENTO, 2007^a. Op. cit. p. 157

³⁰² Ibidem p. 160

³⁰³ ALMEIDA, 2004. op. cit, p.29

Neste mapa com a planta da fazenda observamos a disposição dos prédios criados ou mantidos pela Missão para servir aos interesses. O número um representa o prédio de entrada da fazenda; o número dois, o sobrado inicialmente utilizado como residência dos diretores; o número três, o campo de futebol, que tem à sua direita os campos de baseball, basquete e vôlei; no número quatro encontram-se os prédios de aula; o número cinco, o local do internato masculino; o número seis, o local do internato feminino; o número sete, a serraria; o número oito o rio Utinga que limitava a propriedade e acompanhava por cerca de 2km da propriedade, por fim, o número nove, localiza a ponte que ligava a fazenda a outra parte da localidade. Na parte esquerda do rio, encontra-se um aclave, de modo que, para ir ao povoado era necessário subir uma ladeira, maior parte das casas da localidade se localizavam na “parte de cima” do ambiente, o que proporcionava uma visão ampla dos prédios da fazenda³⁰⁶. A grande parte do mapa, retrata a parte plana da fazenda, entretanto, logo após o prédio de aula (número quatro), existe um aclave que deixava os internatos na parte superior, ideal para observação do alunado.

Foto 7: Prédio Principal da fazenda.



Fonte: Acervo IPN

Já havia sido construído quando a fazenda foi adquirida, sendo ampliado tempos depois. Abrigou inicialmente as aulas em 1906. Posteriormente foi transformado em Internato Feminino e depois casa dos diretores.

³⁰⁶ Verifica foto: “Panorama geral do povoado com enfoque nos edifícios construídos pela Missão” na página 175.

Foto 8: Fachada do prédio principal de aulas.



Fonte: Acervo do IPN

Construído para ser o prédio central de aulas, possuía um formato de ferradura, abrigando nele as salas de aula normais e outras específicas, para ensino de matérias como Botânica, Zoologia e Geologia, além dos laboratórios de Química e Física

Foto 9: Internato Masculino.



Fonte: Arquivo do IPN

Foto 10: Internato Feminino



Fonte: Arquivo IPN

O Internato masculino, chamado “Pavilhão Waddell” foi construído em 1927, sendo demolido na década de 1970, dando lugar a um prédio maior utilizado para o ensino técnico. O Internato Feminino, chamado de “Pavilhão Bixler”, era o maior edifício construído, com dois andares abrigava o refeitório, cozinha, padaria, despensa, lavanderia, pocilga, e aviário do IPN. Possuía também dormitórios para professoras, quatro e banheiros. Localizavam-se na parte mais alta da fazenda, o que facilitava a vigilância do alunado feminino em seus afazeres ao longo da fazenda.

A quantidade e variedade de recursos presentes no IPN influenciou na qualificação do ensino e nas representações criadas acerca da escola, aumentando a procura pelo seu ensino. A disposição tecnológica, pedagógica e didática que contribuía para o processo de ensino e aprendizagem vinha a cargo de muita exigência. Ponte Nova prezava por um tipo ideal de postura, tanto dos professores quanto dos alunos, e a sua rigidez e disciplina ressoavam, de diferentes formas, para alguns traços importantes para construção moral dos alunos e para outros excessos. Mesmo com as críticas possíveis, a procura pelo ensino era considerada alta³⁰⁷. A aceitação do estudante dependia da “qualidade do caráter” e da aceitação por parte de seus pais e a submissão “em tudo” dos seus filhos aos princípios e regulamentos do

³⁰⁷ As atas de matrícula do ano de 1928 registram o número de 64 alunos na escola secundária, destes 32 eram do sexo masculino e 32, do sexo feminino. Na escola primária, o número de matrícula foi de 99, com 45 do sexo masculino e 54 do sexo feminino. (Registro de Assiduidade dos Alunos da Escola Secundária, 1928).

estabelecimento³⁰⁸. O prospecto do IPN informava que “Os alunos do Instituto Ponte Nova não ignoram os fins e os princípios que animam a diretoria e o corpo docente, que são visar-lhes seriamente uma instrução sólida; formação de caráter forte, virtuoso, ordeiro e patriótico”³⁰⁹. Para obter-se a boa ordem, a harmonia, o respeito mútuo e a cordialidade, o regimento interno definia as proibições e as ações ideais aos estudantes, estas ações que deveriam ser a “proteção aos verdadeiros interesses da educação”. Entre as normas do regimento interno, destacamos: a manutenção da ordem dentro e fora da escola; evitar conversar alto e jogar papel ou objetos inúteis no chão; não sair dos terrenos nem frequentar casas dentro e fora da fazenda sem permissão; não consumir bebidas alcoólicas e fumo nem portar qualquer tipo de armas. Além disso, o recebimento de encomendas ou cartas só poderia ocorrer por via da secretaria. O regimento ainda legava ao Diretor o direito de despedir do instituto qualquer aluno que recusasse obedecer ao regulamento por qualquer motivo.

Essas normas buscavam regulamentar o comportamento e, através de uma rígida disciplina, normatizar os comportamentos e produzir o modelo ideal de postura e ações dos alunos. Os incidentes ocorridos em São Félix anos antes serviram de experiência para reforçar a disciplina e vigilância em Ponte Nova. Valorizavam a obediência e a preservação da ordem, com a observação das hierarquias. Casos de indisciplina de alunos que desviavam da ordem existiam e eram tratados sem muito alarde. Em um local que os castigos físicos eram proibidos, as punições eram feitas de forma proibitiva, a recorrência e proporção dos desvios poderia ocasionar a expulsão. Essa postura era disseminada para as escolas paroquiais também. A educação de moças e rapazes juntos exigia uma atenção redobrada, as diretoras do internato geralmente monitoravam de perto o dia a dia das meninas. Ponte Nova, sob esse aspecto, construiu uma representação de severidade. “O menino indisciplinado ouvia uma ameaça: mando-te para Ponte Nova! E o infeliz continha-se alarmado porque o conceito era que o Colégio era uma espécie de detenção para amansar meninos bravos”³¹⁰.

As punições traduziam-se nas seguintes formas de proibição: não sair para “rua”, não praticar determinados esportes, castigo no escritório do diretor, escrever sentenças. E tudo era comunicado aos pais, tanto os atos como as punições ou até mesmo a suspensão de determinadas atividades da igreja³¹¹. Havia controle das saídas dos internos, os

³⁰⁸ Instituto Ponte Nova. Prospecto escolar. 1949-1950

³⁰⁹ Ibidem

³¹⁰ FERREIRA, 1992b. Op. cit. p. 94

³¹¹ Presbiterianismo em Marcha. Por João Dias do Araújo. Puritano, Rio de Janeiro, ano LV, 2038. 25/08/1953.

indisciplinados ficavam proibidos de sair do colégio, e as visitas à cidade só com companhia. As normalistas deviam adotar uma espécie de simplicidade no vestir, com o corpo praticamente todo coberto, apenas com as mãos e o rosto a serem vistos. Entretanto, existia um estímulo à correção, e isso se dava em forma de premiações. O aluno do IPN, dentro e fora do instituto, levava seu nome e deveria zelar por ele, sendo eternamente vigiado por isso. É válido ressaltar que não foram poucos os casos de transgressão e casos de indisciplina tratados com muito rigor, se pensarmos em crianças e adolescentes querendo fugir de um normatização e disciplina imposta sob o controle de seus corpos e vontades, esses casos soam como algo natural.

Analisando o universo de relações culturais, não possuímos uma grande quantidade de fontes que nos informam acerca desta questão, contudo algumas obras memorialistas e entrevistas nos ajudam a compreender certos aspectos da relação do trabalho missionário com a cultura local. Acreditamos que, na introdução de novas práticas culturais, era inevitável ocorrerem trocas, assimilações, tensões e negociações. A proposta de trazer para o afastado sertão elementos considerados civilizacionais foi incorporada, redimensionado, relida pelos sujeitos e por suas diversificadas condições e contatos com esses elementos.

Uma das mais fortes contribuições missionárias foi sentida na influência sobre a dieta alimentar. Os alunos que viviam na escola e tinham seu tempo regulado por ela, sofreram a influência direta na regulação de tempo de alimentação e na diversificação dos tipos de alimentos. Essa proposta de mudança alimentar normalmente causava estranheza, e os mais resistentes à essa adaptação eram acompanhados de perto na mesa da diretora³¹². A criação de espaços que possibilitaram essa mudança foi essencial para este trabalho, o pomar próximo ao rio, aviário, pocilga e pasto abastecia a fazenda e alimentava seus alunos internos. Belamy Almeida nos informa que uma das práticas “subversivas” mais corriqueiras era a “tentação do pomar”. Neste local os alunos não poderiam comer as frutas sem ordem e limites característicos da dieta. Porém eles costumavam cortar as frutas e escondê-las no pomar, jogando as partes não comestíveis no rio. Isto acontecia mesmo sob a supervisão de um dos mais severos missionários, o Samuel I. Graham, professor de agricultura, o mesmo que, no final do mês, saía “em casa e em casa” entregando os boletins com as notas aos pais, nos chamados dias de “alegria e derrama”, em que os reprovados com notas vermelhas geralmente

³¹² ALMEIDA, 2004. Op. cit. p. 29

eram castigados fisicamente com “surra de currião ou palmatória” pelos pais que não aceitavam a reprovação. Além da surra dada pelos pais, outros castigos eram utilizados, como proibição de banho no rio e “jogar bola”³¹³.

Pensando em modelo de postura social, a ética puritana prezava pela leitura da Bíblia e respeito ao descanso dominical, além do afastamento de práticas condenadas pela vida ascética, separada do mundo, como a abstinência do álcool e do fumo, proibições dos jogos de azar e festas. Buscavam uma racionalidade, valorizando a ciência e criticando aspectos da fé católica apegada em superstições. Essas novas propostas de vida não deixaram de gerar tensões. Na escola, além das práticas ensinadas no hospital, somavam-se os ensinamentos culturais norte-americanos, tais como as práticas esportivas de basquete e beisebol. Embora os missionários tivessem uma visão de cultura polarizada em alguns aspectos, não pensavam na tentativa de substituição cultural, mas acrescentar com elementos de fora. O nacionalismo era uma das bases ensinadas na escola, seu lema era: “Deus e pátria aqui sempre lembrados”, a literatura nacional bem como história e geografia do Brasil eram disciplinas centrais, as duas últimas, junto com a língua portuguesa, eram obrigatórias para os missionários que pretendiam ir a campo.

Embora as práticas, costumes e valores, “dignos” de uma sociedade civilizada, fossem apresentados à população local com orientação a serem seguidas, não quer dizer que foram assimiladas como um todo, sem que sofressem releituras da população local.

É preciso, (...) postular que existe um espaço entre a norma e o vivido, entre a injunção e a prática, entre o sentido visado e o sentido produzido, um espaço onde podem insinuar-se reformulações e deturpações. (...) nem a cultura imposta pelos antigos poderes foram capazes de reduzir as identidades singulares ou as práticas enraizadas que lhes resistiam.³¹⁴

Aconteciam as apropriações, elaborando interpretações locais sobre a proposta passada, dando novo significado e até mesmo transformando. A cultura tradicional apresentava-se rebelde, resistindo em determinadas práticas e fazendo releituras a partir de sua experiência, encontrando em sua insistência a manutenção de seus costumes em seu cotidiano, de algo que é constituinte de sua vida, algo que já conhece e de certa forma confia. Embora pense as relações do universo cultural de forma diferenciada do autor que estrutura minha análise, a passagem de Edward Thompson é muito salutar quando informa que a

³¹³ Ibidem, p. 31

³¹⁴ CHARTIER. 1995, op. cit. p. 179-192.

“cultura popular é rebelde, mas o é em defesa dos costumes. A cultura tradicional (...) quase sempre resiste, em nome do costume, às racionalizações e inovações (...) que os governantes (...) querem impor³¹⁵”.

De fato, as propostas de uma reeducação alimentar para os alunos do colégio foram efetivadas com sucesso, na medida em que ele vivia e era seguido por um rígido controle de professores e diretores, mas, fora dali, em suas casas e com a falta de diversidade dos alimentos, não poderiam seguir tal dieta, bem como as práticas dos esportes típicos dos Estados Unidos. Embora praticassem nas aulas de Educação Física, o desejo pelo futebol e brincadeiras locais não desapareceram. Quando era ensinado o “Baseball”, com todas as técnicas, era um esporte muito praticado nas aulas de Educação Física, porém não passou da década de setenta³¹⁶, data que os missionários foram embora. Na área da educação, muito foi assimilado pelos estudantes, novos costumes para o seu dia a dia, principalmente pela proposta pedagógica diferenciada dos padrões educacionais brasileiros. Nos depoimentos os ex-alunos fazem questão de evidenciar que aprenderam latim, francês, além do inglês.

A proposta de mudança nestes aspectos sociais para os não religiosos era motivo de maior resistência e de criação de mecanismos que burlassem a supervisão. As expulsões, cartas enviadas aos pais demonstram que, mesmo com a rigidez e vigilância, haviam inúmeros casos de transgressão. O aluno e depois diretor Márdio Brito enfatizava em seu discurso a rigidez do IPN e que os garotos tentavam burlar as regras, na época em que estudou, na década de 1960. Ele credita também certa limitação cultural imposta pelos presbiterianos que não partilhavam e não incentivavam eventos antigos e costumeiros como as festas³¹⁷, razão pela qual, em Ponte Nova, determinadas tradições enfraqueceram-se e até desapareceram com o tempo.

Embora mostre o tratamento diferenciado com relação ao gênero, prática comum na época, o IPN rompeu barreiras ao inovar, promovendo a educação para ambos os sexos desde sua fundação, gerando certo desconforto no início e sendo superado mais tarde. O sistema de ensino em Ponte Nova não ficou imune às críticas, a educação mista foi encarada inicialmente de forma desconfiada pelo conservadorismo local, e a rigidez das normas e os trabalhos manuais realizados pelos alunos também eram motivo de desaprovação por muitos. Mesmo

³¹⁵ THOMPSON, Edward Palmer. “Introdução: costume e cultura”. In Thompson. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 13-24.

³¹⁶ ALMEIDA, 2004. Op. cit. p. 34.

³¹⁷ BRITO, Márdio, Ex-diretor do IPN, entrevista realizada em 07-02-2014

diante disso, os pais matriculavam seus filhos, acreditando na qualidade do ensino para formação dos mesmos. Em entrevista à Márcia Gonçalves, uma ex-aluna e moradora de Wagner relata que “as famílias aceitavam as regras porque a única escola que existia era essa. Os pais sabiam que a escola estava oferecendo o que era de melhor para os seus filhos”. A qualidade do curso creditada a Ponte Nova ajuda a compreender a quantidade de pessoas que procuravam matricular seus filhos. Se para capital o modelo de ensino era inovador, para o interior valeria o esforço de longas viagens, a submissão ao rigor, desconfiança inicial do sistema co-educativo e de uma possível sedição religiosa ao protestantismo. Sobre a possibilidade de conversão, os pais católicos sabiam das exigências e ainda assim matriculavam os filhos, pois, dada a credibilidade do IPN, valia subordinar-se às exigências. Embora não conste dados acerca da conversão de alunos católicos, encontramos nas entrevistas casos de alunos católicos convertidos ao presbiterianismo e de alunos que permaneceram católicos.

2.3 O Instituto Ponte Nova e a Educação no Interior da Bahia.

O Brasil, ao longo de suas duas primeiras organizações políticas administrativas, não deu um tratamento prioritário no que tange à educação formal. Ao longo da Colônia e Império, a educação evidenciou-se enquanto privilégio de poucos e, neste contexto de exclusividade, o processo educativo esteve vinculado principalmente a objetivos religiosos e políticos. Inicialmente, o ensino primário foi promovido por ordens religiosas, e o superior, só organizado no início do século XIX, era reservado às elites política e econômica. Na República, a educação teve seu papel redimensionado com a desvinculação da influência religiosa e incorporação do papel civilizador. A promoção da educação numa perspectiva universalista foi um dos grandes desafios deste arranjo político, que encontrava nas condições econômicas do país um dos graves empecilhos para esse projeto. Assim, educar com qualidade e promover a popularização do ensino eram uma missão a ser construída basicamente do zero. A instrução educacional pelo projeto modernizador e progressista que se pensava para o Brasil seria a responsável por construir o tipo de sociedade ideal para o futuro do país, ela seria responsável em moldar um tipo de cidadão patriota e civilizado. O analfabetismo foi eleito como elemento essencial a ser eliminado na promoção da educação, considerado o grande “mal” que barraria o progresso nacional.

Pretendia-se “libertar o povo da ignorância”. A bandeira da alfabetização surgia como uma cruzada moral de salvação da nação, como a solução para todos os males. A compreensão da ignorância como doença, dos analfabetos como seres que “vegetavam”, a formulação “povo-criança”, a ser educado e preparado para transformar-se em “povo-nação”, levavam a um projeto autoritário de educação escolar.³¹⁸

A escola, aliada ao projeto de remodelamento da sociedade, se encarregaria de criar um tipo de cidadão com valores morais e cívicos necessários para o futuro do país. Esse projeto tornou-se um grande desafio, pois incidiria na mudança de uma realidade enraizada na sociedade há séculos. Educar neste sentido não seria apenas transferir conhecimentos, mas formar um tipo ideal de cidadão, modificando suas práticas em consonância com as características eleitas para a nova sociedade. Neste momento de reforma urbana que visava atender à demanda estrutural das cidades com sua vinculação à modernização, as escolas seria o agente ideal para difusão dos modelos higienistas, voltados à disciplinarização das pessoas, principalmente das camadas populares.

Mesmo com o pensamento voltado para a valorização da educação no plano ideal, no plano real as ações eram outras, os problemas não eram novos, mas as soluções custavam a aparecer. Estas esbarravam na falta de recurso e vontade política que desvinculasse a abertura de escolas e investimentos dos conchavos políticos.

Apesar dos recorrentes discursos que apontavam a educação e a instrução como possibilidades para se obter o progresso, a modernização do país e o desenvolvimento do Estado, a realidade mostrava que ainda se vivia numa velha Bahia atrasada e excludente, na qual os embates políticos e a crise econômica atingiam fortemente o sistema educacional, condicionando a sua expansão, marcada há muito tempo pela falta de recursos para o aparelhamento de escolas, para construção de prédios escolares e para o pagamento de professores (...) Ora, e essa realidade precária se estendeu ao longo de décadas, e era compartilhada pela maioria das escolas, tanto na capital quanto no interior, onde a crise era mais grave.³¹⁹

No plano político, as disputas internas e regionais inviabilizavam um projeto maior de governo, pois os interesses pessoais e oligárquicos definiam onde os recursos seriam investidos. Para ilustrar o panorama da educação no estado da Bahia, encontramos o relatório do IBGE, de 1907, que computava 28 unidades de ensino secundário, com 2.117 matrículas, contando com um corpo docente de 190 professores³²⁰. O ensino pedagógico possuía apenas duas unidades escolares com 170 matrículas. Em 1914, a realidade da disposição do ensino

³¹⁸ CAVALIERE, Ana Maria. Anísio Teixeira e a Educação integral. Paidéia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2010. Vol. 20, (249-259). 251

³¹⁹ LUZ, 2009. Op. cit. p. 27

³²⁰ IBGE. Séries de estatísticas e retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE 1986. V. 3 Pg 157 -160

em número de escolas era de 128 na capital, para uma população de 310 mil pessoas, e 696 no interior, para uma população de 2.200.000 de pessoas. Destas escolas, 584 eram mantidas pelo Estado e 128, pelos municípios³²¹. Na maioria dos 142 municípios que compunham o Estado, a instrução pública permanecia como “objeto de luxo, ao alcance dos abastados”³²². As escolas concentravam-se em municípios economicamente importantes, com expressão política, revelando a impotência de o Estado levar o ensino para além das relações de interesses políticos. Eram poucos os municípios que tinham condições e vontade de investir suas receitas na educação, que era reforçada por instituições privadas, ordens religiosas e associações beneficentes³²³. Um dos indícios da falta de atuação estatal na educação no interior foi a carência de um projeto ou simples esboço de ação governamental para as necessidades educacionais do interior³²⁴. Havia o reconhecimento de determinados políticos da importância dos professores neste projeto de educar o povo baiano, levando-os à “civilização” e tornando-os “verdadeiros cidadãos”. Em seu discurso acerca da função do professor, J. J. Seabra afirmava que:

professorado, tem a função altamente civilizadora de preocupar-se antes de tudo com o objetivo do ensino primário, que é habilitar o homem a ser cidadão... fundamental pagar pontualmente aos professores exigindo deles constância e dedicação as suas escolas, tratando-os “como verdadeiros missionários da civilização”.³²⁵

Ainda que a “missão sacerdotal” da instrução fosse legada a sua responsabilidade, muitos professores recusavam-se a ir ao interior, pois era visto por muitos como lugar hostil e inóspito, a mercê dos grandes donos de terras e dos desmandos e conflitos armado, além de ser local sem atrativos culturais. Os professores vivenciavam, continuamente, problemas com falta de estrutura e baixos salários, que constantemente atrasavam, gerando insatisfação e greves. A falta de professores e o baixo número de escolas agravavam a situação do interior, o que tornava um problema para quem almejava construir uma sociedade instruída, que rompesse as barreiras da capital.

³²¹ (SEABRA, J. J. Mensagem apresentada à Assembleia Geral Legislativa do Estado da Bahia. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1914, p. 60-61.) apud LUZ, 2009. Op. cit. p.49

³²¹ IBGE. Séries de estatísticas e retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE 1986. V. 3 Pg 157 -160

³²²LUZ, 2009. Op. cit. 99

³²³ TAVARES, Luis Henrique Dias. Fontes para o Estudo da Educação no Brasil - Bahia. Ed. 2ª, Salvador: UNEB.

³²⁴ LUZ, 2009. Op. cit. 19

³²⁵ SEABRA, J. J. Mensagem apresentada a Assembleia Geral Legislativa do Estado da Bahia. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1922, p.12 e 13. Apud LUZ. Op. cit. p. 75

Na Chapada Diamantina, as condições educacionais eram o reflexo do que foi posto. Localizada no centro da Bahia, possuía uma quantidade pequena de escolas, ademais as relações políticas não privilegiavam a sua região. Para identificar as condições educacionais locais, o Correio do Sertão foi fundamental, por possuir inúmeras matérias que abordavam o tema. Assuntos relacionados à educação eram recorrentes nas páginas do periódico, pois o tema era considerado pelos editores como peça central para o desenvolvimento da região. Os editores estavam sempre atentos às publicações dos jornais da capital, republicando as matérias que coadunavam com seu pensamento em relação à educação no Estado. Essas matérias em geral possuíam um conteúdo crítico às condições educacionais do interior, ressaltando as diversas fragilidades na região de sua área de influência e externando os desejos de uma efetiva política educacional para o “sertão”.

A concepção de educação predominante para este periódico era a “salvadora”, responsável em retirar as pessoas da “ignorância”, qualificando-as para viver civilizadamente. Nas representações extraídas das páginas do Correio do Sertão, a instrução educacional aparece aliada ao discurso civilizatório, cumprindo a função de garantir um “futuro sólido às nações e raças”³²⁶. A escola seria o local em que os valores fundamentais, como o amor à pátria, a dignidade pessoal e outras virtudes seriam trabalhados, afinal, era considerado pelos editores como local do “templo bendito erigido pelos povos civilizados”³²⁷. A visão exposta no Correio do Sertão acerca do estágio de desenvolvimento da região equivalia ao discurso reproduzido desde o final do século XIX na capital. Neste discurso a modernidade e civilização davam a tônica da sociedade a ser buscada, tanto em práticas sociais quanto em tecnologia e estrutura das cidades. Para o jornal, a palavra sertão ressoava como antítese de progresso e modernidade, como reduto da ignorância e de um povo “divorciado da civilização”³²⁸, resultado do esquecimento dos governantes; porém acreditavam que essa situação poderia ser alterada com investimento estatal na instrução educacional.

Analisando as condições educacionais da Chapada Diamantina em 1918, encontramos uma situação considerada preocupante. Na edição de número 60, em sua primeira página, o jornal alerta para o grande número de crianças trabalhando nas atividades agrícolas, o que os distanciavam das escolas. Na matéria, ressaltaram a condição de “ignorância” em que as

³²⁶ A Escola. Correio do Sertão. Morro do Chapéu, Ed. 22; 09-dezembro-1917. p. 2

³²⁷ Ibidem, loc. cit

³²⁸ O Problema rodoviário da Bahia: Ponte Nova deve ser um centro rodoviário no sertão. Correio do Sertão. Morro do Chapéu. Ed. 528. 01-abril-1928.p. 1 (matéria principal)

peessoas permaneciam sem acesso à educação, por não “enxergar nada em sua volta exceto seu pequeno mundo, propensos ao crime e à perdição”³²⁹. Além da ignorância, o periódico reforça que a falta de educação seria um fator facilitador do ingresso dos jovens em uma vida de transgressão à lei, perturbando a ordem e prejudicando o desenvolvimento da região.

As condições educacionais da região era o reflexo da falta de proximidade das relações políticas com o poder central sediada na capital, como ressalta José Augusto Ramos Luz³³⁰: “a Chapada Diamantina só entrou em pauta dos poderes públicos estaduais nas questões políticas e educacionais devido a Revolta Sertaneja em 1920”³³¹. Até então, a vasta área da Chapada estava sem o suporte estatal, tão necessário para a organização de qualquer tipo de políticas públicas, principalmente as educacionais. Mesmo o episódio promovendo a entrada da região na agenda estatal em outros setores, a educação ainda ficou distante de ter suas necessidades atendidas.

Em uma republicação do “A Tarde”, de 10 de maio de 1921, encontramos um texto dirigido à Câmara dos deputados, que tratava das condições educacionais para o interior. Este artigo ganhou destaque, com a matéria intitulada “Escolas e mais escolas é o que o sertão precisa”³³². Neste texto a educação, na instância da instrução primária, é colocada como base do progresso e civilização moderna. O autor ainda indicava que as grandes nações consideradas por eles destacavam-se no combate ao analfabetismo, enquanto no Brasil, em especial o interior do Estado, a instrução figurava nos patamares do esquecimento³³³.

Em visita do Interventor Federal Juracy Magalhães em 1933, a cidade de Morro do Chapéu, um advogado local Jubilino Cunegundes, discursou no salão do paço municipal, como representante de Bella Vista de Utinga, Riachão e Wagner, exortando para as inalteradas necessidades locais:

(...) é conhecendo o interior do estado, viajando as cidades sertanejas, as villas, os arraiais, as fazendas, as casas de taipa ... conhecendo seu povo, os seus costumes, que podereis governar bem a Bahia, por que só assim

³²⁹ O Analfabetismo. Correio do Sertão. Morro do Chapéu, Ed. 60. 01-janeiro-1918. p. 1 (matéria principal)

³³⁰ LUZ, 2009. Op. cit. p. 21

³³¹ A revolta Sertaneja foi um conflito ocasionado pelo resultado das eleições de 1919. Alguns coronéis de diversas regiões do Estado, ente elas a Chapada Diamantina, eram contrários às intervenções do governador Antônio Moniz em assuntos municipais. Diante da ingerência do governo central, organizaram levantes e combates, que resultaram em uma intervenção federal que, após negociações, interromperam os conflitos. Como resultado, foram assinados convênios que asseguravam garantias políticas aos líderes da revolta em sua região.

³³² Escolas e mais Escolas: É o que mais o Sertão precisa. Correio do Sertão. Morro do Chapéu, Ed. 204. 05-junho-1921, p. 1 (matéria principal)

³³³ Ibidem, loc. cit.

sabereis de nossas necessidades, só assim podereis estudar e resolver os assuntos que nos interessam ... A instrução, o fator principal da grandeza de um povo... Escolas, snr interventor, para instruir o povo³³⁴.

Ainda no ano de 1937, as condições pareciam inalteradas, o ensejo pela mudança nas condições educacionais foi expresso na matéria intitulada “Escolas – É que o mais o sertão precisa”³³⁵. Nesta, o jornalista informa o acordo feito pelo Interventor Juracy Magalhães que indicava a criação de 350 escolas primárias na Bahia, sendo 320 no interior. Finalizou a matéria com a crença de que o problema da educação, com a criação destas centenas de escolas, seria resolvido, alertando para a necessidade de que elas tenham um funcionamento regular, para que os pais do sertão não tivessem que se sacrificar em pagar escolas para os filhos, pela falta de escolas ou pela regularidade de aulas nos locais que possuíam.

A pauta central de resolução dos problemas educacionais, a criação de novas escolas, não seria o suficiente para resolver ou amenizar os problemas com a educação. No contexto em questão, era imprescindível a melhoria das escolhas existentes, pois estas contavam com diversos problemas. Entre eles, as condições estruturais precárias, pois as poucas escolas espalhadas pela vastidão do sertão, estavam “sem mobiliário, sem higiene, sem condições pedagógicas, sem fiscalização”³³⁶. Outro entrave que se somava à falta de condições das escolas era os pagamentos dos professores que tinham seus vencimentos atrasados e viviam “pobres famintos”³³⁷, pois os municípios não possuíam estrutura financeira para manter os salários em dia, haja vista que arrecadavam “o mínimo necessário, não podendo sustentar mais que duas ou três escolas”, ademais os municípios de grande extensão possuíam vários povoados³³⁸ e não tinham como manter os serviços educacionais em cada um deles.

Como visto, os problemas educacionais possuíam outras origens considerando que o problema do ensino não se resolvia com a abertura de escolas, mas também com o preparo de professores, sobretudo no interior. Em 1907, haviam duas escolas na Bahia responsáveis pelo ensino pedagógico; vinte anos depois, havia apenas três. Somado à falta de centros formadores de professores, outra razão que concorria para a falta de professores nas escolas do interior, era a necessidade de professores locais, pois muitos, vindos de outras localidades,

³³⁴ Representando Bella Vista de Utinga, Riachão e Wagner. Correio do Sertão. Morro do Chapéu, Ed. 787. 19-março-1933. p.1

³³⁵ Escolas – É o que mais o sertão precisa. Correio do Sertão. Morro do Chapéu, Ed. 1012. 11-junho-1937. p.1

³³⁶ Eduque-se o Povo. Correio do Sertão. Morro do Chapéu, Ed. 859. 05-agosto-1934, p1 (matéria principal)

³³⁷ Ibidem, loc. cit.

³³⁸ Escolas e mais Escolas – É o que o sertão precisa. Correio do Sertão. Morro do Chapéu. Ed. 607. 5 de junho de 1921

faltavam constantemente. Em tom crítico, o Correio do Sertão denunciava que os professores vinham de fora, fechavam as escolas por desculpas de feriado ou simplesmente abandonavam³³⁹. Não eram poucas as escolas que passavam meses sem aulas, por seus professores residirem em outras localidades.

Outro obstáculo relacionado à presença de professores foi a prática recorrente de educadores que se deslocavam ao interior para tomar posse da cadeira por causa dos vencimentos e em seguida pediam licença, voltando à Capital. Tentando justificar essa repulsa de professores em atuar no interior, o Correio do Sertão aponta como fatores decisivos para o retorno à capital a:

vida via monótona do sertão (...) nessa tranquilidade de consciência que soem ter as localidades sertanejas, onde se não ouve o constante buzinar dos carros, nem sente o cheiro da gasolina, não se vê o esplendor a luz elétrica... nem se goza a sensação dos grandes filmes e nem o encanto das praias com o marulhar das ondas mansas! Nada disso³⁴⁰.

A falta de atrativos, costumeiros dos grandes centros, é apontada como um dos fatores para afastar os educadores do interior baiano, não podemos esquecer que as condições sanitárias, transportes, entre outras impunham enormes dificuldades que eram relevadas no processo de deslocamento ao interior para lecionar. Essas condições educacionais ajudam a entender a importância que o IPN adquire para as condições educacionais do interior, neste caso específico, para a região da Chapada Diamantina, local em que educadores da capital recusavam-se a ir deixando-o vago de instrução, gerando um ambiente propício para os educadores formados pelo IPN atuarem na disseminação dos elementos culturais e religiosos aprendidos na instituição. Na região, Ponte Nova ganhou destaque como centro que preparava professores para eliminar “o mau do analfabetismo no sertão”, fato destacado na matéria do Correio do Sertão:

Lençóis tem três escolas municipais, seis subvencionadas pela intendência e três estaduais, todas as quais já servem muito para o desabamento, no grosso o analfabetismo. Está necessitando, porém de uma escola complementar e de um prédio escolar. Se não fosse o modelar estabelecimento de ensino de Ponte Nova, estaria sem professores para os seus rapazes, e o colégio já não pode mais atender aos pedidos de matrículas, tal a concorrência que tem tido de alunos até dos Estados de Sergipe e Alagoas!³⁴¹

³³⁹ Ibidem

³⁴⁰ Eduque-se o Povo (Oswaldo Deurado). Correio do Sertão, Morro do Chapéu, Ed. 859. 05-agosto-1934, p.1 (matéria principal)

³⁴¹ Palavras do Diário de Notícias. Correio do Sertão. Morro do Chapéu. Ed. 380, 26-outubro-1924. p. 2

Sobre a atuação do IPN na produção de professores, encontramos em algumas obras o número de 60 escolas abastecidas com os professores oriundos de Ponte Nova na Bahia e nos Estados vizinhos. De acordo com Ester Nascimento, entre 1907 e 1939, o IPN formou cinco rapazes baianos e 76 moças, das quais 68 eram baianas, seis sergipanas, duas piauienses³⁴². O quadro exposto pela autora relaciona os formandos e local de trabalho após a formação, indicando-nos que os professores formados atuaram em oito diferentes estados e, no mínimo, 36 cidades³⁴³.

Pensando nos modelos educacionais a serem desenvolvidos no estado, o IPN aparece enquanto vanguardista e materializador de um tipo de educação, pensado desde o final do século XIX. Era um ideal pedagógico sob a influência de pensadores como Anísio Teixeira, Alberto Torres e Miguel Couto.

A preocupação com um tipo de ensino que valorizasse a cultura local e as especificidades regionais foi uma das questões presentes na educação brasileira desde o final do século XIX. A escola deveria promover o desenvolvimento do meio rural, educando o homem no campo. Os professores deveriam estar aptos a lidar com as especificidades do interior do país (...) Era o que se chamava de “ruralização do ensino” e o que alguns a partir de 1930 chamaram de “ruralismo pedagógico”³⁴⁴

Em 1925, Anísio Teixeira, em seu relatório na Inspeção Geral de Ensino, aponta para as falhas do modo em que a alfabetização era realizada no estado. Para ele, esta mostrava-se “parcial e incompleta”, que não preparava para o trabalho nem para a vida³⁴⁵. Esta concepção educacional de Teixeira era declaradamente inspirada em Dewey, o mesmo pensador que orientava a nação norte-americana de educação implementada no IPN. A realidade do sertão não se encaixava na formulação da escola primária, por não compreender nem trabalhar sua realidade, o que refletia a falta de conhecimento do interior do Brasil que, em idos do século XX, continuava desconhecido. Para Miguel Couto, o ensino primário teria uma função no projeto nacional de eliminar os entraves que impediam o avanço. Nesta perspectiva, o ensino primário deveria ser disseminado nos lugares mais distantes do estado, em institutos centrais, sob a direção de pedagogos e higienistas, com aparato tecnológico que atraísse alunos de toda

³⁴² NASCIMENTO, 2007a. op. cit. p. 188-190

³⁴³ Ibidem, loc. cit.

³⁴⁴ LUZ, 2009. Op. cit. p.84

³⁴⁵ Ibidem, p.96

região e permitisse às crianças do interior a aprender os modelos ideais de higiene e educação, disseminando em suas localidades o que foi aprendido³⁴⁶.

No Correio do Sertão, a valorização destes ambientes diferenciados de ensino também foi destaque em matéria de capa, intitulada de “Institutos Louváveis”³⁴⁷, feita a partir do primeiro congresso de ensino regional e formulada a partir das ideias de Alberto Torres, que destacavam a instrução técnica, ensino regional e agricultura, ressaltando a importância de saber viver consoante ao meio em que atua. Indicava também a necessidade da disseminação das escolas rurais, onde se ensinasse a agricultura moderna, para a “criança futura” que manobrasse instrumentos agrícolas no “solo abençoado da pátria”. Continuavam em propor escolas primárias “típicas rurais”, que não só eliminassem o analfabetismo, mas que fossem “escola granja”, com:

jardim, horta, pomar, parque de criação de animais domésticos, apiários, instalações para prática de pequenas indústrias domésticas, artes populares entre outros vários conhecimentos indispensáveis à vida prática do indivíduo.³⁴⁸

No plano ideal, as contribuições para um ensino que atendesse às especificidades do Brasil vinham de diversas formas, entretanto pôr em prática era o amplo desafio. Se a criação das escolas primárias era difícil, tais institutos eram um sonho irreal. A proposta encontrada nesta matéria, definia o IPN, que colocava em prática o modelo idealizado, por possuir uma estrutura escolar que reproduzia as escolas rurais norte-americanas, estas que eram o desejo desses pensadores brasileiros. A essência do pensamento educacional dos missionários construído em seu país de origem vinculava a escola e o trabalho, orientando-os pela realidade local.

Após décadas de funcionamento, a Missão viu a necessidade de credenciar o IPN ao Estado. Esse credenciamento serviria para que os professores formados no IPN pudessem ser nomeados para escolas do governo³⁴⁹. Para isso, agentes do governo visitaram as instalações para inspeções, e exigiu a adequação às normas de ensino estabelecidas. A associação estatal ao IPN foi encarada de duas maneiras pela Missão: seria proveitoso ao fornecer recursos ao pagamento dos professores, entretanto poderia interferir nos objetivos evangelísticos que

³⁴⁶ Ibidem. p.85

³⁴⁷ Institutos Louváveis (Oswaldo Dourado). Correio do Sertão, Morro do Chapéu, Ed. 886, 10-fevereiro-1935. (matéria principal)

³⁴⁸ Ibidem, loc cit.

³⁴⁹ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Política Educacional. Ponte Nova, (9-19 de setembro de 1933) p. 7

estavam na essência do trabalho escolar. Diante desta situação, o Conselho Brasil orientou a cautela no processo de reconhecimento governamental, pois poderia gerar um problema educacional, financeiro e espiritual. A provável mudança no currículo para satisfazer às exigências do Estado poderia causar problemas aos interesses da Missão, de modo que indicaram condições a serem observadas na vinculação com o ensino estadual. Entre as exigências postas pela Missão, estão o número de matrícula que não deveria “pôr em perigo o caráter evangélico da instituição”³⁵⁰, a mudança também não deveria alterar a preparação de alunos para o trabalho de leigos nas escolas e igrejas, nem atrapalhar sua formação evangelística. E, principalmente, o estudo da Bíblia não poderia ser deixado de ser realizado. Sinalizavam também a continuação do regime de “self-help” e o ensino da “arte de casa”, além do curso simples e prático de agricultura para os meninos.

A escola continuaria com sua mensagem religiosa, através do ensino da Bíblia em todas as classes, empregando professores evangélicos e levando os alunos às escolas dominicais na igreja. As escolas paroquiais, neste contexto, continuariam a ser incentivadas para os filhos dos “crentes” e como “alimentadoras” de Ponte Nova. As exigências propostas pela Missão possivelmente sofreram algum tipo de resistência, as atas indicam que, para manutenção de seus princípios, foram necessários estudos de como organizar o credenciamento e suas necessidades. Ressaltaram em ata o processo que levou um estudo do “problema de manter a influência direta forte em nossas duas escolas sob inspeção do Governo”³⁵¹. Além de Ponte Nova, a outra escola mantida pela MCB sob inspeção foi a “Escola Bahiana”, sediada em Salvador. Na época, contava com o ensino ginásial, criado após a indicação feita pelo reverendo formado em Ponte Nova, Otacílio Alcântara, que argumentava a perda em benefício de não ter um ginásio de inspiração protestante na cidade mais importante do estado, com um campo tão grande de trabalho, o que concorria para que os estudantes das escolas primárias do interior, até mesmo os de Ponte Nova ao encaminharem-se para capital fossem forçados a entrar em uma escola pública ou romanista ou escolas ginásiais, com “resultados desastrosos”³⁵². As atas registram que essa decisão pareceu acertada, pois reconheceu o crescimento em “número e influência do Gymnasio Americano”.

³⁵⁰ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Política Educacional. Ponte Nova, (9-19 de setembro de 1933) p. 7

³⁵¹ Ibidem, Programa Centenário. Salvador, (10-18 de dezembro de 1936)

³⁵² Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Ponte Nova, (6-20 de dezembro de 1929)

De alguma forma, as instituições conseguiram manter as influências evangélicas no processo de sua vinculação ao ensino estadual.

Analisando o relatório de verificação da instituição do ano de 1957, Ester Nascimento identifica o reconhecimento do Estado ao trabalho feito pela instituição que promovia um melhor aproveitamento dos recursos locais, nas palavras da Missão, o IPN tinha como objetivo “tornar mais amena e saudável a vida e uma maior integração ao ambiente”³⁵³. Para Márcia Gonçalves, o IPN transformou-se em um “centro de referência em educação, tanto na disciplina quanto na oferta e na qualidade do ensino”³⁵⁴. Ao longo dos anos, o IPN abrigou o curso do ensino primário, secundário, preparatório para pastores e, anos depois, o curso de auxiliar de enfermagem e técnico agrícola. Abrigou também o Instituto Bíblico Waddell, criado em 1956, com objetivo de capacitar professoras e enfermeiras na construção de congregações, pontos de pregação e auxiliar nos trabalhos em andamento. O IPN foi dirigido pela Missão Central até 1971, quando foi passado para administração de uma associação formada por pessoas da localidade. Posteriormente foi integrado à rede pública educacional da Bahia, quando passou a ser regido pelas normas educacionais e pedagógicas estatais.

As atividades educacionais desenvolvidas em Ponte Nova atraíam uma quantidade considerável de pessoas para utilizar-se dos serviços, o que despertou na Missão o olhar mais cuidadoso para este trabalho, que suplantava, o número da evangelização direta feita pelas viagens missionárias. A Missão, analisando seu trabalho, concluiu que a obra educativa, nos últimos anos, tinha sido construída baseada em Ponte Nova, o que possibilitou o surgimento de inúmeras escolas primárias nos moldes autossustentáveis dentro dos limites da Missão, sendo abastecidas por professores formados em sua escola central, com a incorporação do trabalho médico, legando ao evangelismo novas condições. Nesse cenário, a estação Ponte Nova e toda sua estrutura tornou-se o centro referencial pela sua relevância.

O trabalho educativo da Missão, que se adequou às necessidades evangelísticas e criou sua escola-base no centro da Bahia, tornou-se uma das peças-chaves para o desenvolvimento de futuras obras da Missão. Deste modo, o trabalho feito deveria ser otimizado, de maneira que pudesse expandir-se e desenvolver, para atender às necessidades e demandas crescentes. Diante do quadro de possibilidades que se apresentava ao trabalho missionário, a MCB

³⁵³ Ibidem, (31 de dezembro de 1931 – 02 de janeiro de 1932) p. 7

³⁵⁴ MORAES. 2008. op. cit. p. 21

projetou a criação de estações “do tipo Ponte Nova combinando” a parte evangelística, o trabalho educacional e médico.

(...) O MCB deseja colocar o registro sua calorosa aprovação do plano delineado para o ano em reunião do executivo para estabelecer estações do tipo Ponte Nova com agências médicas educacionais, agrícolas, e de evangelização em várias partes do interior do Brasil (...) acredita que o grande e crescente sucesso em Ponte Nova é a melhor recomendação possível de regime³⁵⁵.

O projeto de ampliação de estações obedecia à diretriz acordada em reunião, que indicava as condições ideais para instalação, para as relações das estações com a Missão e também com a igreja nacional. Pelo projeto, as instalações médicas e educacionais não deveriam se localizar em “território presbiteriano”, mas em pontos longínquos em “fronteiras da civilização”, buscando assim atuar em locais sem a presença de um trabalho evangelístico atuante, assim as possibilidades de sucesso seriam ampliadas.

Um dos pontos centrais que levou Ponte Nova a tornar-se modelo foi a transformação das resistências naturais aos protestantes com a ajuda em quebrar as oposições encontradas nos anos iniciais, levando a Missão a pensar como expandir esse padrão que estava dando certo e atender às demandas crescentes. À medida que as demandas cresciam, o IPN tendia a aumentar o número de estudantes no internato, em um dado momento quase dobrou, com o aumento de sessenta para cem. Esse acréscimo era acompanhado de perto, afinal, não poderia influenciar nos padrões rigorosos de seleção. O acréscimo quantitativo de alunos era acompanhado com a aquisição de mais equipamentos para viabilizar o progressivo aumento, que formaria quadros para as outras estações. Mesmo com esse aumento, Ponte Nova não conseguia fornecer o número suficiente de professores que a demanda exigia, além de ter um número maior de estudantes querendo estudar, sem ter como acomodar alunos vindos de diversos lugares e diferentes confissões.

O primeiro local inspirado em Ponte Nova a desenvolver uma estação missionária foi no estado de Goiás, no ano de 1912, local com a terra “vazia” e cheia de oportunidades para o evangelho. Apenas seis anos após a criação de Ponte Nova, a possibilidade de construção de outra estação alinhava-se à tentativa de expansão missionária, extrapolando os limites geográficos fixados para a MCB. Inicialmente, foi feita uma viagem de reconhecimento, na qual a criação da escola mostrou-se prioritária. Na segunda viagem a Goiás, em 1916, os

³⁵⁵ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Ponte Nova, (17-29 de dezembro de 1923)

missionários trouxeram uma análise mais detalhada, mostrando a necessidade de um trabalho itinerante, como o feito na Bahia, com um bom centro de base para essas viagens em uma região em que praticamente não existiam escolas³⁵⁶. Assim, o início das atividades tinha uma “necessidade imperativa”³⁵⁷. O local escolhido para criação desta estação situava-se na região da Chapada dos Veadeiros, ideal por ter grande salubridade e fertilidade. No sul do estado, havia a presença dos presbiterianos independentes e a União Evangélica, mas sem o trabalho com escolas, o que levou o relatório a ressaltar a importância do trabalho educacional na região, como diferencial para atração de alunos. No local tão “desértico”, o trabalho escolar deveria pulverizar-se em cada cidade e fazenda, algo que teria um “valor incalculável para o trabalho”³⁵⁸. A proposta de uma escola central, observava que não deveria ser nos moldes de IPN, com formação de professores, além de necessitar se localizar fora da cidade e longe das influências contrárias ao evangelho³⁵⁹.

Pelo plano, as construções das demais estações deveriam ser propostas ao Conselho em Nova Iorque, com tempo de cinco anos, e seriam criadas no sudoeste e nordeste da Bahia, localizadas, estrategicamente, em pontos distantes para melhor cobrir o estado geograficamente. Elas deveriam fornecer as condições descritas anteriormente como necessárias, como densidade da população protestante, condições de higiene, disponibilidade da água, a fertilidade do solo, edifício central, transporte, materiais de construção, tamanho e natureza do corpo de estudantes às condições políticas. Essas escolas deveriam ser criadas para suprir às necessidades de seu entorno e preparar estudantes para ir estudar em Ponte Nova e completar os estudos. A maioria da clientela deveria ser filho de “crentes” e a escola deveria, assim que possível, ser autossuficiente.

Uma terceira estação já estava em construção em Planaltina, em Goiás, com trabalhos missionários de evangelização na região e a compra de uma propriedade. Já havia a preparação de um médico para atuar no local, porém ainda não possuía nenhuma escola. Sobre a criação das outras estações idealizadas, a do Sudoeste do estado, na fronteira com Minas, foi uma proposta para possuir um público de cerca de 400 membros, sendo o missionário local autorizado a procurar o local para a construção da escola. No Nordeste, seria construída na fronteira com Sergipe para atender às necessidades dos 400 membros de

³⁵⁶ Ibidem. Proposta de Trabalho em Goiás. Salvador (25-30 de novembro de 1916) p.2-3

³⁵⁷ Ibidem, loc. cit.

³⁵⁸ Ibidem, loc. cit.

³⁵⁹ Ibidem, loc. cit.

Sergipe e uma parte dos 300, no campo de Vila Nova. A criação das estações estava ligada à presença anterior de um contingente de “crentes”. Exceto Goiás, essas escolas tipo Ponte Nova eram destinadas essencialmente para crianças crentes e, estrategicamente, só deveriam ser estabelecidas em regiões com um número adequado de pessoas da própria igreja. Todas essas estações deveriam ser criadas e orientadas a serem autossuficientes e transferidas às agências nacionais. Esperava-se que este projeto permitisse o desenvolvimento das escolas ao nível de Ponte Nova, porém o IPN seria o “centro e líder” do sistema educacional, com ênfase especial no departamento de formação do professor³⁶⁰. O plano de construção de algumas dessas estações encontrou sérias dificuldades. Sobre os motivos do fracasso das outras estações, não encontramos referências nas atas, apenas a referência à estação do Nordeste da Bahia, que não foi realizada por falta de pessoal e material, deixando a possibilidade de sua construção para o trabalho futuro. Acreditamos que as demais estações não tenham sido construídas pelos mesmos problemas desta exemplificada.

No ano de 1932, o balanço geral da área educacional administrada pela MCB informava que a instituição possuía 23 escolas privadas na Bahia, sem computar Ponte Nova e a escola de Salvador. Eram ministradas por 25 professores preparados em escolas missionárias, com o número de 767 matrículas, divididas em 394 meninos e 373 meninas³⁶¹. Neste relatório, possivelmente as pequenas escolas paroquiais não entraram nas estatísticas.

2.4 - Evangelização direta versus evangelização indireta³⁶²: A educação no centro de uma tensão.

Em si tratando dos direcionamentos da obra educacional desenvolvidos pela Missão, havia duas grandes vertentes de concepções que envolviam as experiências protestantes de caráter missionário no Brasil. Tanto a Missão e a Igreja formada pelos batistas quanto presbiterianos vivenciaram uma polarização dentro do pensamento relacionado à esfera educacional e à educação. De um lado, os defensores da educação como elemento de evangelização indireta e de obtenção de prestígio social; do outro, os críticos à educação

³⁶⁰ Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938). Futura Política Escolas. Ponte Nova, (16-24 de outubro de 1922) p. 5-6

³⁶¹ Ibidem, Ponte Nova. (1-10 de dezembro de 1932) p.2

³⁶² Júlio Ferreira definiu a evangelização direta como sendo a ação do missionário junto aos pecadores na difusão da Bíblia e a indireta como gasto de dinheiro da Missão em obra sociais, em colégios e lugares onde havia cultos regulamentares, mas há liberdade de consciência. FERREIRA, 1992a. op. cit. p. 417.

como mecanismo evangelístico, os defensores desta concepção eram a favor da evangelização direta, feita pelos missionários.

Essa polarização é entendida pelos memorialistas e estudiosos da história da igreja, em termos de nacionalidade, como que os missionários estrangeiros defendiam a vinculação da educação e evangelização, enquanto os nacionais defendiam a evangelização direta. Embora corrobore com a utilização desta dicotomia como elemento explicativo e compreensivo, alerto para a não generalização a partir da nacionalidade, pois os posicionamentos sobre a chamada “questão educacional” eram diversos e a nacionalidade não definia a postura frente à questão. Entretanto, é notório que a maioria dos nacionais e missionários estrangeiros defendiam posturas similares. Sendo assim, a utilização da polarização, com as devidas ressalvas, é necessária para compreender a composição majoritária do grupo frente à questão educacional.

É inegável que a educação foi um fator importante para a consolidação do protestantismo de caráter missionário na sociedade brasileira. Inicialmente, ela foi utilizada como principal estratégia para sua aceitação social. Acionada primordialmente pela necessidade teológica da leitura dos escritos religiosos, o desenvolvimento do trabalho educativo adquiriu com o tempo outros contornos, abrigo em si uma multifuncionalidade, somando aos objetivos teológicos a evangelização e criação de uma rede de relacionamento que forneceria prestígio e proteção.

Entretanto, a forma com que o trabalho educacional era idealizado divergia da maneira com que os grupos religiosos atuantes nas igrejas e instituições missionárias a significava dentro do contexto da obra religiosa e da realidade brasileira. As diferentes formas de concepção da obra missionária como um todo, refletia o grande abismo presente nas percepções de mundo que eram alimentadas pelas diferenças culturais de cada grupo. Dentre os inúmeros focos de desentendimentos entre os missionários e os quadros nacionais, a questão educativa sempre ocupou um lugar de destaque. O conflito desencadeado pela gestão da obra educacional tinha sua essência na forma com que a educação era desenvolvida. A ênfase na criação de grandes colégios com modelos pedagógicos considerados modernos e com a essência na liberdade social, religiosa, racial e política, seduzia as elites locais, atraindo uma considerável quantidade de alunos. Entretanto, não correspondia ao objetivo primeiro da obra missionária de disseminar sua fé.

Esta maneira de atuação educacional possuía objetivos religiosos indiretos, porém recebeu inúmeras críticas dos nacionais que as encaravam como promotoras de grandes

centros de desenvolvimentos educacionais, mas eram frágeis no desenvolvimento do proselitismo, que era afetado pela liberdade religiosa, resultando em baixos índices de conversão. Isso evidenciava para eles que as contribuições desta forma de educação surtiam mais efeito no campo social do que no campo religioso. Além disso, a utilização de uma parte considerável de recursos financeiros nas atividades educacionais impedia a construção dos seminários para formação de pastores e representava a diminuição de recursos a serem alocados na evangelização direta. Foi contra essa forma de gestão dos recursos e sua alocação no setor educacional, com objetivos diferentes dos ideais, que os nacionais criaram uma bandeira de luta para a reformulação da política educacional existente.

Na discussão educacional entre nacionais e missionários é fundamental perceber o papel que a educação desempenhava no campo religioso, dentro da visão de cada grupo, só assim é possível compreender suas posições no período em questão. A situação dos protestantes após o advento da República mudou juridicamente com a laicização do Estado; entretanto, no campo religioso, continuavam como minoria numérica e com dificuldades de ingerência na sociedade. Ao vivenciar este cenário, os missionários identificavam na educação uma das maiores estratégias para sua manutenção e expansão de seu credo na sociedade brasileira. Porém os nacionais, a partir da análise das escolas existentes e dos resultados nos anos anteriores que atuaram, discordavam do pensamento missionário por entenderem que não produziam resultados em relação à conversão. Com uma visão mais pragmática, os nacionais, descrentes dos resultados provenientes das escolas, defendiam o trabalho evangelístico direto feito por especialistas preparados nos centros teológicos. As críticas e discussões basicamente eram localizadas na atuação educacional nas capitais e nas escolas maiores do interior, que dispendiam de maior quantidade de recursos. As escolas paróquias criadas junto às igrejas eram defendidas também, pelos nacionais por possibilitar a alfabetização dos filhos dos crentes.

Encontramos, nas palavras de um missionário batista, uma análise bem elucidativa que ajuda compreender a ótica missionária relacionada ao contexto educacional e evangelístico da sociedade brasileira. A. Crabtree acreditava que o povo brasileiro não poderia ser convertido apenas pelo trabalho dos campos de evangelização, pois seria “simplesmente impossível que a religião evangélica” concorresse com o catolicismo sem munir-se do poder e influência da educação³⁶³. Para ele, a atuação católica há séculos no país conferia-lhe ampla vantagem no

³⁶³ CRABTREE, 1962. op. cit., p. 139

campo religioso. O missionário, ao analisar as condições religiosas do Brasil e relacioná-las ao seu sistema cultural, observava que a cultura norte-americana, expressa nas escolas, poderia atrair a sociedade para seus centros educacionais, oportunizando a disseminação da sua crença. Sua visão representava o pensamento missionário, que estava plenamente convencido de que seus ideais e cultura eram superiores à existente no país regado pelo catolicismo. Desta maneira, a evangelização deveria conflitar os dois “sistemas” culturais a ponto de demonstrar ao povo brasileiro a superioridade do cristianismo evangélico. Ele ressaltava a importância das escolas para o futuro da igreja e para conquista de espaço e prestígio social, pois, corroborando com o missionário Bagdy, ele afirmava que os colégios preparariam “o caminho para marcha das igrejas”, ajudando no triunfo sobre todo o inimigo e na conquista da boa vontade até dos seus adversários³⁶⁴.

Os batistas nacionais, por sua vez, discordavam da concepção educacional missionária e produziram um manifesto que criticava esse pensamento.

a educação segue a evangelização, e não a evangelização a educação. Ademais, a experiência nos ensina que as grandes quantias derivadas da evangelização e despendidas na construção de grandes colégios prejudicam a Causa e retardam o seu progresso. A pátria brasileira jamais será evangelizada pelos colégios³⁶⁵.

Os presbiterianos nacionais alicerçaram sua reprovação aos direcionamentos educacionais evocando o objetivo primeiro da instituição missionária: a promoção da evangelização, e não a educação. Na voz de um dos líderes da oposição, Carlos Pereira, considerado um “ortodoxo nativista”³⁶⁶ a “prioridade máxima para a igreja era a evangelização e todos os recursos deviam ser concentrados nela, e não em grandes colégios, que poucos frutos produziam em termos de conversões”³⁶⁷. Ele não negava a necessidade de escolas, entretanto, para ele, elas deveriam ser declaradamente confessionais e seu corpo docente deveria ser composto por filhos de “crentes”, assim como as escolas paroquiais. Pereira questionava o caráter evangelístico dos centros educacionais, pois, segundo ele, as únicas formas de contato com a mensagem era a influência direta, quando havia professores protestantes. Ao analisar o trabalho educacional destes centros, Pereira questionava a sua intenção, se era evangelização ou o trabalho filantrópico.

³⁶⁴ Ibidem, p. 69-70

³⁶⁵ Manifesto aos Batistas Brasileiros apresentado pela maioria das igrejas e pastores batistas do Norte do Brasil à Convenção Batista Brasileira, 1925, folheto de 10 páginas. APUD. LEONARD, 2002. op. cit., p. 205

³⁶⁶ LEONARD, 2002. op. cit., p. 151

³⁶⁷ MATOS, 2009, op. cit. p.21

Não somos infensos ao espírito liberal e filantrópico dos capitalistas americanos, antes somos seus admiradores, e não lhes regatearemos, por certo, como patriotas, sincera gratidão; porém, só desejamos dar o seu a seu dono, e saber se são missionários em nome do humanitarismo cosmopolita de ilustres filantropos, ou em nome da caridade salvadora do Filho de Deus; se são enviados para São Paulo pela generosidade de homens liberais, ou pela dedicação da Igreja de Cristo em sua gloriosa missão de evangelizar o mundo³⁶⁸

Os missionários norte-americanos entendiam a necessidade dos seminários, acreditavam que a escola possibilitaria a ingerência na sociedade a ponto de disseminarem, de forma arquitetada, os preceitos protestantes e converterem jovens, os quais, conseqüentemente, abasteceriam os seminários. Baseados nas experiências em campo, que os missionários apontavam para não prescindirem da utilização de colégios e seminários, como elementos importantes para a estratégia missionária de evangelização³⁶⁹. Em análise do Colégio Batista Brasileiro, o missionário Crabtree entendeu que a sua função dentro da obra missionária era auxiliar a evangelização e o treinamento de pessoas para o trabalho evangelístico, atendendo a “necessidade urgentíssima de um educandário para o treinamento de jovens nacionais para o ministério (...)”³⁷⁰. Por este motivo, justificaria a razão de existir a obra educacional realizada por estes centros educacionais³⁷¹. Observando as condições gerais do campo de trabalho, Crabtree concluiu:

Se o Brasil há de ser convertido, será conseguido pelos brasileiros. Vamos preparar nossos homens para que no futuro possam tomar os nossos lugares (...) olhemos para o futuro. Não somos imortais e a Junta não pode enviar mais missionários estrangeiros todo o sempre³⁷²

Os presbiterianos, no contexto de discussão da obra educacional, estavam polarizados e dividiram-se formalmente em: os defensores do Seminário, Sínodo; Evangelização direta, representado na sua maioria pelos nacionais; e, representado em sua maioria pelos estrangeiros, os defensores dos Colégios, Junta Missionária e evangelização indireta. Nesta dicotomia, observa-se claramente o teor de nacionalidade expresso nos direcionamentos da obra. De um lado, os defensores Sínodo, a instituição nacional formada pela reunião das igrejas nativas. De outro, a Junta Missionária, instituição estrangeira representada pelo trabalho missionário.

³⁶⁸ FERREIRA, 1992a. op. cit., p. 417 – 418

³⁶⁹ CRABTREE, 1962. op. cit., p. 239

³⁷⁰ Ibidem, p. 137

³⁷¹ Ibidem, p. 239

³⁷² Ibidem p.137

Os missionários estrangeiros produziram um “protesto sobre a questão das escolas” a ser enviado ao conselho de Nova Iorque, mantenedor principal das atividades no Brasil, para defender sua posição frente à questão educacional. Nesse documento, avaliavam a obra como essencial, com a manutenção de escolas paroquiais onde houvesse igrejas e a contínua necessidade da manutenção do trabalho educacional para preparar o ministério. Esse documento possuía um teor de crítica aos nacionais, que pediam a retirada do auxílio financeiro ao referido trabalho. E finalizaram reafirmando que as atividades educacionais concorriam “direta e poderosamente para a propagação da fé e preparação de um ministério evangélico”³⁷³.

Os nacionais, liderados pelo reverendo Pereira, escreveram um contraprotesto e enviaram também à Junta de Nova Iorque. Neste documento, ao analisarem os vinte e cinco anos anteriores de trabalho educacional, concluíram que a influência de métodos indiretos de evangelização tinha causado prejuízo na obra missionária no Brasil³⁷⁴. O documento também contestava diretamente a frase que “os grandes colégios influenciavam de forma decisiva na propagação da fé ou preparação de um ministério evangélico”. Para eles, a principal justificativa de sua afirmação encontrava-se nos resultados numéricos de conversões e ministros oriundos diretamente do trabalho educacional³⁷⁵. Por fim, considerando a conjuntura da igreja e da obra missionária, recomendavam que os auxílios fossem enviados e empregados os métodos mais diretos com o trabalho da educação e preparação de um ministério pelos seminários³⁷⁶.

Os nacionais escreveram tendo como base apenas a análise das experiências das escolas paulistanas no final do século XIX e início do XX; sem, contudo, considerar o papel que a Escola Americana desempenhou na manutenção e divulgação protestante na sociedade em que atuou. A ênfase missionária na manutenção da estrutura e organização de suas escolas na capital como elemento de proteção e prestígio social pode ser entendida como resquício das dificuldades encontradas no início do trabalho no Brasil e o pensamento missionário de que a preservação desta estrutura era uma necessidade utilitária para conservar a defesa de sua permanência na sociedade e afastar as possíveis resistências e tensões ao credo protestante. Ademais, os missionários acreditavam que a influência evangélica se daria nesses centros,

³⁷³ FERREIRA, 1992a op. cit. p. 418

³⁷⁴ Idem, 1992b op. cit. p. 419

³⁷⁵ Ibidem, loc. cit

³⁷⁶ Idem, 1992a op. cit., p. 420

mesmo que não gerasse quadros para a igreja. Os brasileiros que não vivenciaram as querelas oriundas dos anos iniciais eram pragmáticos em relação à evangelização e à utilização da educação. Além disso, os tempos juridicamente eram outros, com a República os impedimentos legais já haviam caído, o que, teoricamente, não justificava a contínua necessidade da relação de proteção. Sobre essa problemática, Jether Ramalho indica pontos pertinentes a serem observados: reconhece que a religião, enquanto base para a educação, seria importante por possibilitar a disseminação dos preceitos pelo grupo religioso e, por assim ser, não poderia ser desprezada. Do ponto de vista estratégico, ele observa que seria incoerência para um grupo minoritário, sem ingerência social e que queria atrair pessoas para seu raio de influência, promover um determinado ensino religioso exclusivo e confessional³⁷⁷.

Localizando essa discussão dentro da área de jurisdição da MCB, identificamos os objetivos diferenciados em que as escolas eram desenvolvidas. A MCB tinha consciência que a escola era um instrumento de evangelização, entretanto em cada ambiente ela possuía uma atuação diferenciada. As escolas, nas zonas rurais, tinham um proselitismo expresso e caráter alfabetizador; na capital Salvador, os objetivos de sua atuação se assemelhavam aos colégios em São Paulo. Ponte Nova, neste contexto, surge como elemento à parte, era uma escola com características das existentes nas capitais, entretanto o proselitismo era declarado e as obrigações da igreja também. Não obstante, a liberdade de crença era uma prática presente nas normas do regimento escolar.

Ponte Nova, enquanto maior estação da MCB, não ficou imune às apreciações de suas atividades. Analisando dois artigos publicados na década de 1950, encontramos diferentes percepções sobre a obra educacional realizado em Ponte Nova. O primeiro, um artigo que descrevia o histórico da Igreja Presbiteriana na Bahia, foi publicado no jornal presbiteriano de circulação local pelo reverendo Eudaldo Lima, ex-aluno do IPN³⁷⁸. Na época da publicação de seu artigo em 1951³⁷⁹, o autor era dirigente da Igreja Presbiteriana de Salvador. O outro artigo foi escrito pelo reverendo João Dias de Araújo, que pastoreou a igreja presbiteriana de Ponte Nova por sete anos e foi professor do IPN para o jornal presbiteriano “O Puritano” que

³⁷⁷ RAMALHO, 1976. Op. cit., p. 157

³⁷⁸ Seus estudos teológicos foram financiados em parte pela MCB. Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938). Ponte Nova, (16-27 de dezembro de 1935) p. 5-6

³⁷⁹ LIMA, Eudaldo. O Evangelho Na Bahia,. A PALAVRA. Campo Formoso, ano III, número VIII. P.2-5 Arquivo Presbiteriano- São Paulo

possuía circulação nacional. Seu texto tinha por objetivo informar sobre a campanha de evangelização em Ponte Nova no ano de 1953³⁸⁰.

Eudaldo Lima, em seu texto que refletia sobre a atuação missionária dos anos iniciais até a década de 50, teceu profundas críticas à ênfase presbiteriana no trabalho educacional. Por sua percepção, a evangelização direta diluiu-se na obra missionária educativa, transformando os “homens de igreja” em “homens de escola”, com empreendimentos que nem sempre traziam os resultados esperados, dando margem para que as pessoas utilizassem em proveito próprio. Para ele, em Ponte Nova, “missionários de rara estirpe” ocupavam-se de uma pequena escola em “aldeia sertaneja”, enquanto pessoas em cidades ao redor debilitam-se espiritualmente. O reverendo não contrariava a obra educativa, antes a classificava como “bendita e digna”, mas pensava que ela deveria estar ao encargo de “leigos” e pelo “elemento feminino”, e não ocupar “os melhores mensageiros” que o sertão já teria conhecido.

O reverendo Eudaldo criticou o fato de as escolas ocuparem os missionários de tal forma que deixava o vasto campo de evangelização do estado ocioso. Segundo ele, os religiosos ficavam em volta de “pequenas escolas”, como a de Ponte Nova que ocupava missionários “experimentados e bem-sucedidos na obra de evangelização”. O texto é irônico quando demonstra reprovação aos missionários que se preocupavam “em ensinar análise gramatical e História do Brasil”, trabalho que poderia ser desempenhado por outras pessoas. O reverendo Eudaldo questionava os resultados desse trabalho para a evangelização propriamente dita e concluiu que “as escolas eram missionárias sem deixarem de ser comerciais. Para ele, poderia ser economicamente certo, mas evangelicamente deixava dúvida. Sua percepção da promoção educacional entendia que o Estado deveria ocupar-se em desenvolver, e não a Missão.

Diante deste cenário, indicava a necessidade de mudar o foco dos trabalhos para a evangelização direta, pois o ambiente religioso na Bahia estava impregnado de igrejas velhas, tradicionalistas e “cheias de crendices”. Assim, enquanto os missionários ocupavam-se com as escolas com “meia centena de meninas”, cidades inteiras se “estiolavam espiritualmente à falta de um evangelho salvador”. Eudaldo termina seu artigo com um tom de saudosismo:

Obra missionária presbiteriana propriamente dita, não nos tem legado Templos dignos desse nome, nem mesmo à altura das necessidades locais, como tem feito outras missões noutras partes do Brasil. Do seu trabalho vão

³⁸⁰ Puritano, Rio de Janeiro, ano LV, n.2036. 25/08/1953. Presbiterianismo em Marcha. Por João Dias do Araújo.

ficando prédios de Colégios, belos pavilhões, memoriais [...] um dia, no futuro, nada terá sobrado de todo este heroico labutar dos dias primevos, nada terá ficado de resto, nem templos, que não há, nem mesmo escolas, onde tanto tem sacrificado o melhor de suas forças, porque estas um dia, terão sido evangélicas, mas disto só restará uma lembrança descolorida na memória dos antigos.³⁸¹

Diferente da percepção acima, o reverendo João Dias, em seu artigo acerca de Ponte Nova e seu trabalho, recupera as condições iniciais do IPN criado em 1906, apontando para sua modernização, entretanto ressaltava a permanência no mesmo ideal de “oferecer a Cristo a mocidade do sertão baiano”³⁸². Em seu texto, ele demonstra a rotina impregnada de momentos religiosos no colégio, como os cultos devocionais matutinos e a presença na escola dominical pela manhã e na igreja à noite. Fator que, segundo ele, poderia soar como uma “dose muito grande” para o estudante, mas que não era encarado desta forma pelos alunos que, em alguns casos, recebiam em forma de punição a restrição da presença na igreja aos domingos. Sinalizou a conversão de 18 alunos durante a campanha no universo de 56 pessoas e um número de 41 a publicar a fé, momento em que passavam a ser oficialmente membros da igreja. Apontava também para o período de seca, momento que a instituição realizou a manutenção do preço baixo para “servir as famílias mais pobres desta zona”, além de oferecer 24 bolsas aos filhos dos crentes mais pobres. Concluiu que, para além das conversões, “escolasticamente” o Instituto encontrava-se a “cabeceira das instituições” educacionais no Estado.

As diferentes percepções acerca de Ponte Nova são resultados das variáveis eleitas em cada análise da obra educacional. Eudaldo Lima observava o trabalho desenvolvido no setor educacional pela concentração de missionários e recursos, fator que, para ele, influenciava na escassez de pessoas capacitadas para promover a manutenção espiritual do povo da localidade e região. Para ele, havia pouco retorno em termos de conversão e as pessoas utilizavam os serviços educacionais em benefício próprio, e não se importavam com teor religioso. Ademais, em sua concepção, a promoção educacional deveria ser responsabilidade estatal e não missionária.

As variáveis observadas pelo reverendo João Dias indicavam que o trabalho educacional produzia inúmeras conversões e ajudava na divulgação da mensagem de Cristo, atendendo o objetivo primeiro da obra missionária. O reverendo observou, para além do

³⁸¹ Ibidem

³⁸² Ibidem

número de conversões que cita em seu artigo, a contribuição educacional que essa instituição oferecia ao sistema educacional da região.

Um documento importante para compreender a percepção missionária e toda sua atuação educacional foi o relatório feito para a Conferência sobre a obra Missionária no Brasil³⁸³. A Missão classifica, neste documento, sua atuação educacional no país como “inestimável”, contendo falhas e necessidade de melhorias. O documento, a partir da análise do inventário das instituições educacionais existentes, sinaliza como uma das contribuições centrais da sua obra educacional a promoção da educação em locais longínquos onde não havia escolas. O relatório indica que as instituições contribuía para elevar o nível das escolas seculares ou religiosas de outros credos, pelo exemplo, ou pela competição. Contribuíam também para a formação de bons caracteres, mesmo quando não havia conversão, mostrando que Deus deveria ocupar-se da totalidade da vida humana, através do conceito cristão de educação. O documento indicava também que o trabalho educacional influenciava na evangelização das vidas de muitos alunos pelo ensino da Bíblia e realização de cultos nas suas instituições, criando muitos líderes nas comunidades. Por fim, indicavam que as instituições também possibilitavam aos filhos das crentes escolas cristãs, além de oferecer oportunidade para as pessoas menos privilegiadas financeiramente estudarem, despertando a vocação no sentido cristão. De maneira geral, a Missão entendia que sua atuação educacional cresceu em “tamanho e influência”, atendendo às necessidades das crianças no “vasto interior da Bahia e estados adjacentes”; pois, em termos de ingerência, dezenas de escolas foram formadas no interior da Bahia sob a orientação de Ponte Nova e sua coloração cristã regada pelo presbiterianismo.

O relatório mostra a maneira mais ampla que a Missão percebia sua obra educacional, o que indica que seus objetivos extrapolavam as intenções religiosas. Isso que nos faz compreender que “a profundidade das mudanças que a ação missionária se propunha ultrapassava o universo religioso, envolvendo valores culturais e éticos³⁸⁴. Ramalho nos alerta para a observação da complexidade do trabalho educacional missionário, expandindo a compreensão para além das funções religiosas.

O problema da educação para os missionários tem um sentido mais totalizante: ultrapassa os limites de uma expressão evangélica, engloba-se

³⁸³ Conferência sobre a obra Missionária no Brasil. Relatório da Comissão número 3. Arquivo histórico Presbiteriano. São Paulo.

³⁸⁴ RAMALHO, 1976. op. cit. p.76

em uma concepção de vida. Para a tradição do protestantismo americano, religião, democracia política, liberdade individual e responsabilidade são concebidas como parte de um todo, que está envolvido por uma inflexível fé na educação³⁸⁵

É desastroso, para uma análise das atividades missionárias, perceber a educação como mero elemento evangelístico, uma vez que ela é também a efetiva reprodução cultural da cosmovisão de mundo norte-americana, e com isso colabora em diversificar o panorama educacional. Embora esteja claro que a função da obra missionaria seja a difusão do evangelho, a difusão de sua cultura e sua visão de mundo era indissociável. A visão da obra educacional presbiteriana foi múltipla e dever ser entendida como um todo. Sem a ingenuidade de pensá-la apenas como contribuição educacional desvinculada de nenhum objetivo proselitista nem enviesada apenas às funções estratégicas de propagação de sua mensagem. Ela, acima de tudo, produziu uma convergência de funções, a qual proporcionou a promoção educacional com a coloração cristã, disseminando valores específicos e convertendo, a sua maneira, pessoas ao seu credo.

Para quem almeja uma compreensão simples e direta, a tentativa de mensurar os resultados do trabalho educacional não é uma tarefa simples. Principalmente porque os resultados das atividades não estão relacionados com uma única variável. Ademais, a eleição das variáveis é feita a partir das percepções de quem as elege, sendo que estas ainda estão vinculadas a objetivos específicos. Geralmente, o número de conversão é a variável central, entretanto essa vertente não se sustenta por si só; pois, por mais que o objetivo maior do trabalho missionário tenha sido declaradamente a conversão de pessoas a sua crença, o desenvolvimento das atividades não se pautava exclusivamente na conversão, mas na disseminação dos valores cristão, na formação de um caráter baseado na Bíblia e na promoção educacional. Ademais, os missionários reconheciam que a conversão ao presbiterianismo era algo que exigia do fiel uma postura diferenciada no mundo, um abandono de seus hábitos de vida e adesão de novos conceitos, muito dos quais não estava relacionado diretamente ao seu cotidiano. Esse fator implicava numa decisão que envolvia o compromisso com uma “nova vida”, e isso não era uma decisão simples.

³⁸⁵ WILLEMS, Emilio APUD RAMALHO, 1976. op. cit. p70

CAPÍTULO III

3. “CURANDO O CORPO E SALVANDO A ALMA”: A ATUAÇÃO MÉDICO HOSPITALAR DA MISSÃO PRESBITERIANA EM PONTE NOVA.

Neste capítulo, investigamos como se organizou o trabalho médico da MCB em Ponte Nova, a partir das atividades desenvolvidas no Hospital e na Escola de Enfermagem. Após uma breve localização das condições de saúde do Estado, demonstramos como se originou e se estruturou as atividades médicas da Missão, analisando a proposta de intervenção nos cuidados com a saúde, inspiradas no projeto civilizador, e as tensões existentes entre a “arte de curar” tradicional representada pelos conhecimentos da população, e a medicina oficial, representada pelas instituições missionárias. Em seguida, analisamos a vinculação existente entre a obra médica e o proselitismo presbiteriano. Por fim, investigamos as diferentes percepções criadas acerca dos trabalhos missionários como todo.

O período abarcado por esta pesquisa foi um momento de intensificação das relações médicas e sanitárias e das discussões entre a esfera médica oficial e outras formas de saberes relacionados à cura no Brasil. Período em que a sociedade brasileira buscava se “civilizar” e a saúde ocupava um papel importante, ao requerer uma estrutura e uma postura social voltada para o modelo de civilidade que se almejava construir. Para isso, a medicina científica marginalizou práticas que vinham sendo aplicadas há séculos, em favor de seu modelo ideal, importado da Europa e dos Estados Unidos.

Para compreensão das relações do trabalho missionário com a saúde e a sociedade local, será necessário investigar o cenário médico-hospitalar-sanitário da Bahia, sem o qual a obra missionária nesta esfera não poderá ser compreendida. É fundamental para acessar este campo historiográfico o reconhecimento da especificidade de suas categoriais, objetos, sujeitos específicos e bibliografia singular. Temas como medicina, saúde e doenças por muito tempo estiveram longe das práticas historiográficas, ficando o estudo destas matérias restrito aos médicos - que, geralmente, ao historicizar o passado projetava sua visão triunfalista e progressista do papel por eles exercido. Por muito tempo estes temas foram suprimidos, em detrimento de outros tantos eleitos por uma historiografia clássica. Entretanto:

Progressivamente, esse cenário começou a mudar, e os historiadores voltaram sua atenção também para o estudo dos antigos sistemas de medicina e práticas de cura; a construção do corpo e seus simbolismos; os

aspectos sociais e institucionais da medicina e suas relações com valores culturais e realidades socioestruturais³⁸⁶.

Cristiane Cruz, nos revela que, uma nova postura historiográfica ganhou corpo na década de 1970, através da inspiração de Michel Foucault, que buscava um novo olhar para medicina “afastando-se das abordagens que apresentavam visão heroica, otimista e linear da medicina e do progresso científico”³⁸⁷. A partir dessa nova forma de observar a medicina e suas diversas relações na sociedade, o campo de estudos vem amadurecendo e ampliando seu alcance investigativo, direcionando seus olhares para temas institucionais, estatais, subjetivos entre outros. Uma característica marcante das produções na área da saúde é a diversidade de perspectivas teóricas e metodológicas. Como ressalta Gilberto Hochman, as múltiplas possibilidades de investigação tem afastado o olhar viciado em autores clássicos “marxistas, foucaultianos e bourdieusianos”, que mesmo sendo sedutores como possibilidade analítica, podem limitar o olhar da pesquisa, e prejudicar a sua compreensão³⁸⁸.

O estudo dos temas relacionados à saúde, e seu vasto campo de análise, nos possibilita um aprofundamento de questões mais amplas da sociedade que estão diretamente relacionadas, bem como um entendimento de sua ligação como as esferas política, econômica, social e religiosa. Na historiografia baiana, no bojo das crescentes produções na área da saúde os trabalhos de Cristiane Souza são valiosos para a compreensão da atuação do poder público e das elites regionais frente às epidemias que assolaram a capital e o interior do estado na primeira República. As pesquisas elaboradas pela autora também apresentam informações sobre as condições sanitárias da Bahia nas primeiras décadas do século XX, apontando caminhos para futuras investigações. Os trabalhos de Ricardo dos Santos Batista focalizados no campo em questão, tem contribuído para o entendimento das relações estatais no combate a doenças venéreas. Seu livro³⁸⁹ ao investigar o processo de reforma sanitária entre 1920 e 1945 na Bahia, nos revela as tensões existentes entre o governo central e o poder local, na proposta de combate as doenças venéreas em Salvador e no interior.

³⁸⁶SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A Gripe Espanhola na Bahia: Saúde, política e medicina em tempos de epidemia. Rio de Janeiro. Editora Fio Cruz; Salvador: Edufba, 2009. pg19

³⁸⁷ Ibidem, loc. cit.

³⁸⁸ HOCHMAN, Gilberto. Prefácio In: Cleide de Lima Chaves. (Org.). História da saúde e das doenças no interior da Bahia: séculos XIX e XX. 1ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013, v. , p. 9-11.

³⁸⁹ BATISTA, Ricardo dos Santos. Sífilis e Reforma da Saúde na Bahia (1920-1945). Salvador: Eduneb, 2017.

3.1 As condições Sanitárias da Bahia: Um olhar para a Chapada Diamantina

O Brasil do início do século XX era um país que buscava se organizar e promover a oferta dos serviços essenciais para a construção de uma sociedade ideal. A nova ordem republicana sofria com as pressões oriundas de diversos setores e, diante disso, promoveu a defesa da universalização dos serviços básicos como saúde e educação. O projeto de reformar as cidades, desenvolvendo uma feição civilizada e moderna, através do remodelamento e purificação do espaço urbano, foi pensado na maioria das capitais brasileiras no início do século passado. Entretanto, essa política se defrontou com um grande entrave para sua realização, as constantes epidemias que assolavam os maiores centros urbanos e erguiam uma barreira que impedia o alcance dos objetivos desejados.

A doença, como rotina, era uma realidade vivenciada por diversos estados da federação. Essa realidade levou as questões relacionadas à saúde a obterem uma agenda especial dos poderes públicos que, pressionados pelas elites temerosas dos efeitos sociais das moléstias, exigiram uma intervenção estatal efetiva. Antes da organização política republicana não existia um projeto sanitário ou um plano para área da saúde mais consistente. Foram as constantes epidemias, que abalavam de uma vez só os arranjos sociais, econômicos e políticos, originando uma pressão social que fez surgir uma política estatal voltada para a saúde. Até então, os serviços de saúde basicamente se concentravam em instituições filantrópicas como as Casas de Misericórdia e esparsos hospitais espalhados pelo vasto país³⁹⁰.

As infestações de doenças se acentuaram justamente em um período em que as cidades estavam no cerne dos debates e análises entre diversos especialistas e técnicos que pensavam as reformas urbanas. Razão pela qual os higienistas, sanitaristas e médicos³⁹¹ tomaram a vanguarda na formulação da nova ordem social. Não se admitia em uma cidade moderna um cotidiano infestado de doenças. Esse pensamento orientou a proposta de reformas, as quais partiriam das elites políticas e econômicas, que acusavam as camadas mais baixas de serem o foco e os disseminadores das doenças - reforçando o preconceito e marginalização destes - ao mesmo tempo em que impulsionava a ação imperiosa do Estado no sentido de normatizar

³⁹⁰ SOUZA, Christiane M. C. de. Redes de poder e de solidariedade nos sertões da Bahia em tempos de epidemia. In: Cleide de Lima Chaves. (Org.). História da saúde e das doenças no interior da Bahia: séculos XIX e XX. 1ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013, p. 61

³⁹¹ LEITE, 1996. Op. cit. p.9

práticas e comportamentos que vislumbrassem a regularização das condições de saúde nas cidades. Esta ação tinha também um cunho utilitarista de limpeza social, que se vinculava aos objetivos de elevação cultural, ao buscar se assemelhar a Europa.

(...) no caso brasileiro, a campanha higienista esteve sobretudo a serviço de dois projetos da classe dominante: superar a humilhação frente ao “atraso” do país em relação aos “países civilizados”, pela realização do sonho provinciano de assemelhar-se à Europa, e salvar a nacionalidade pela regeneração do povo. O afã de andar no passo da cultura europeia ainda estava presente na maior parte dos intelectuais da Primeira República.³⁹²

As rotineiras doenças e epidemias não se encerravam na cidade de Salvador, elas eram recorrentes no interior do Estado, espaço em que as condições sanitárias eram agravantes. As constantes epidemias nos sertões chamavam atenção para um interior abandonado e miserável, com a saúde debilitada de boa parte de sua população, mostrando que o alcance da ação estatal era limitado, abarcando os lugares mais longínquos apenas em épocas de epidemias³⁹³. Para ilustrar a situação da assistência médica e hospitalar voltadas para o cuidado com a saúde até o final do XIX, Cristiane Souza revela as poucas cidades que possuíam hospitais, mostrando que a quantidade era insuficiente se comparadas ao contingente populacional³⁹⁴.

O interior da Bahia, enquanto local à ser conhecido, já tinha sido alarmado em “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, em 1902. Esta obra, ao narrar o conflito em Canudos, contribuiu para o conhecimento de parte das mazelas que atingiam os sertanejos, suas condições de vida e de saúde. Miguel Couto, e sua frase emblemática “o Brasil é um imenso hospital”, também alertou para a necessidade de um olhar mais apurado ao sertão brasileiro. Contudo, foi o relatório dos médicos Arthur Neiva e Belisário Penna que causou maior impacto na sociedade. Com o cunho mais descritivo e “científico” eles constataram que, “a população que vivia no interior do país estava no mais completo abandono, vítima do rodízio das epidemias e de flagelos endêmicos como a doença de Chagas, a ancilostomíase, a sífilis, a tuberculose

³⁹² PATTO, Maria Helena Souza. Estado, Ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. *Estudos Avançados*. 1999, p. 167-198. P178-179

³⁹³ SOUZA, Christiane Maria Cruz de. Redes de Solidariedade nos Sertões da Bahia em tempos de epidemias. In: CHAVES, Cleide de Lima (org.). *História da saúde e das doenças do interior da Bahia: séculos XIX e XX*. Vitória da Conquista, UESB, 2013. pg.43-82

³⁹⁴ Cristiane Souza, nos revela ao analisar as falas dos presidentes da província, as cidades que existiam dispunham de hospitais: criados na Colônia: Santo Amaro (1778). Império: Cachoeira 1826; Nazaré 1831; Maragogipe 1850; Feira de Santana 1865; Valença 1860; Lençóis 1862; Oliveira Campinhos 1868; Barra do Rio Grande; Juazeiro 1885. República Amargosa. SOUZA, 2013. Op. cit. p. 61

e a pneumonia”³⁹⁵. Este relatório demonstrava a imagem do sertão enquanto local de doenças e abandono da esfera estatal, e indicava a necessidade da federalização dos serviços públicos na área da saúde como solução para a situação extrema. Embora haja concepções que apontem o período da Primeira República como vazio de projetos e debates acerca da saúde, as ações governamentais foram sendo organizadas e trabalhadas gradativamente neste período, enfrentando toda sorte de dificuldades e favorecimentos.

Um dos fatores que contribuíram para a adoção de uma nova postura, pelos governantes, frente às mazelas provocadas pelas doenças, foi a inovação da estrutura organizacional promovida pela República. O federalismo, consagrado na constituição de 1891, possibilitou uma organização administrativa autônoma dos seus entes, o que incidiu também nos assuntos referentes à saúde. Pela orientação política pós-constituição a saúde ficou a cargo dos estados, que possuíam a atribuição de administrar e manter a seu custo às despesas provenientes do gasto com este setor, deixando a cargo da União apenas os casos de calamidade. Os estados, por sua vez, delegaram aos municípios responsabilidades específicas na rede de assistência médica. De acordo com a legislação estadual de 1897:

Cabia ao município à responsabilidade de oferecer socorros a acidentes, criar e administrar asilos e creches, e organizar e dirigir o serviço de vacinação. O município também deveria promover o saneamento, através de medidas como canalização dos esgotos e águas pluviais, drenagem do solo, abastecimento de água, iluminação pública, pavimentação das ruas, incineração do lixo, fiscalização dos gêneros alimentícios expostos ao consumo público, etc³⁹⁶.

Por essa proposta, foram criados nos municípios os Conselhos Locais de Saúde. Os conselhos estavam sob a orientação central, que nomeava seus delegados de higiene. Os delegados eram responsáveis por supervisionar os serviços referentes à saúde em sua área de jurisdição, em uma atuação conjunta com o Estado. Nesta organização, o poder estadual ficaria responsável pelo combate das epidemias, pelo combate e pela prevenção de doenças transmissíveis e pela supervisão dos demais órgãos e funções diretamente ligadas à saúde. Assim, foram criados órgãos como a Inspeção Geral de Higiene, gerenciadora do Instituto Bacteriológico, o Instituto Vacinogênico, o Laboratório de Análises Químicas e Bromatológicas, o Serviço Geral de Desinfecção e o Hospital de Isolamento. Estas

³⁹⁵ SOUZA, Christiane Maria Cruz de. O sertão revelado pela epidemias: Locus de miséria e doenças, signo do abandono do Estado. VI Encontro Estadual de História – Povos indígenas, Africanidades e Diversidade Cultural: produção do conhecimento e ensino. UESC. 2012. p. 2

³⁹⁶SOUZA, 2013. Op. cit. p. 57

instituições foram criadas para atuar em um cenário crítico, pois nem a capital do Estado, onde os poderes públicos estavam sediados, contava com uma estrutura necessária para a manutenção de uma vida saudável.

Analisando as condições estruturais da Bahia na década de 1930, Consuelo Novais Sampaio demonstra que o Estado basicamente não tinha alterado as condições de saúde vivenciadas no final do século XIX. Continuava eminentemente rural, com 151 núcleos urbanos, que correspondiam às sedes municipais. Neles praticamente não havia urbanização: quase a totalidade dos casos (139 destes) não possuía esgotamento sanitário e apenas trinta e nove tinham serviço de abastecimento de água, dos quais somente dezoito era domiciliar. Os demais se guarneciam nos chafarizes e torneiras públicas, visto que neles não havia água encanada. O consumo de água potável pela maioria da população só era possível pela venda, de porta em porta, dos aguadeiros nos lombos de burros³⁹⁷.

Nas cidades havia acúmulo de lixo, além de dejetos e fossa a céu aberto, fatores que incidiam na qualidade da saúde local e se somava a outras condições. Esses fatores, somados a rotina de trabalho, afetavam as resistências imunológicas da população, deixando os sertanejos mais vulneráveis às doenças. Em alguns casos, no entanto, as doenças eram atribuídas aos próprios sertanejos, pela sua forma de vida e seus costumes. As condições de vida encontradas no interior do estado eram de uma maneira geral:

Precária, em casebres de chão batido, cobertos com palhas, com paredes de taipa que permitiam não só a entrada da friagem como a penetração e abrigo de insetos nocivos à saúde. O mobiliário era restrito: além do fogão de lenha, mesa e bancos toscos, era em redes ou camas de varas que os sertanejos buscavam descanso para o corpo ao final da lida diária. A alimentação deficiente, rica em gorduras e carboidratos; a escassez ou a falta de qualidade da água; os despejos e dejeções em lugares inapropriados; o abuso do álcool e do fumo eram, também, fatores considerados pelos médicos como predisponentes às doenças que campeavam no interior do estado.³⁹⁸

A criação dos hospitais, maternidades e instituições ligadas à saúde eram incumbências dos municípios. No entanto, na Bahia, poucos tinham condições para realizarem a construção destes estabelecimentos, além disso, os “chefes políticos locais não consideravam importante a criação e manutenção de serviços de assistência à saúde pública para as pessoas que não dispunham de recursos financeiros”³⁹⁹. Em algumas cidades as

³⁹⁷SAMPAIO, 1992. Op. cit. p. 32

³⁹⁸ SOUZA, 2012. Op. cit. p.2

³⁹⁹ SOUZA, 2013. Op. cit. p. 47

criações de instituições ligadas à saúde partiram da iniciativa privada, como o hospital para atender aos pobres, iniciado pelo Padre Manoel Olympio, em Vitória da Conquista, no ano de 1914, e inaugurada em 1919. A Santa Casa em Ilhéus pelo Coronel António Pessoa da Costa e Silva, em 1916. E em Senhor do Bonfim, por iniciativa da população em 1918⁴⁰⁰. Enquanto isso, na região da Chapada, na cidade de Morro do Chapéu, a tentativa de criação do hospital 1929, foi organizada a partir de doações, com a participação de pessoas influentes do local⁴⁰¹.

As dificuldades financeiras para a construção dos hospitais eram enormes. Mesmo com as doações de particulares estes estabelecimentos levavam um tempo considerável para serem edificados e muitos não conseguiam sua finalização. No geral, para o atendimento majoritário da população enferma, havia apenas quarenta e nove estabelecimentos de assistência médico-hospitalar na Bahia, dos quais vinte e um estavam instalados na capital⁴⁰². Diante desse quadro de escassez, o governo estadual, nas épocas de crise, amparava como podia a população.

As medidas tomadas iam desde a instalação de enfermarias provisórias para isolar os doentes, a distribuição de remédios aos indigentes, até a nomeação de um médico ou comissões de médicos para investigar a doença e dirigir ações de saúde capazes de obstar a disseminação do mal. Logo que a epidemia se extinguiu, os médicos e auxiliares eram destituídos dos cargos, as comissões desfeitas e as enfermarias desativadas⁴⁰³

As medidas eram em caráter de urgência e funcionavam para socorrer os municípios que estavam necessitados. Entretanto, essa ajuda era disponibilizada de forma diferenciada, a depender do prestígio político e da vinculação partidária dos governantes dos municípios ou da omissão dos políticos locais em solicitar ajuda. Diante desta conjuntura, a gerência de recursos do Estado foi alvo de críticas que questionavam o destino das verbas públicas, destinadas à construção dos palácios e praças e colocadas na agenda de prioridades do governo. Nestas circunstâncias, a autonomia estadual e municipal na gerência da saúde foi bastante questionada, dando força à defesa da intervenção federal no cuidado da saúde do povo interiorano. Os jornais da época apresentam importantes indícios das tensões existentes entre os diferentes posicionamentos relacionados à gestão dos recursos governamentais. Os periódicos foram palco de discussões que, a seu modo, contribuiriam para colocar em xeque a eficiência do poder estatal.

⁴⁰⁰ Ibidem, p. 62-63

⁴⁰¹ A ideia do Hospital. Correio do Sertão, Morro do Chapéu, Ed 551. 9-setembro-1928.

⁴⁰² Para estes dados são usados como referência a década de 1930. SAMPAIO, 1992. Op. cit.

⁴⁰³ SOUZA, 2012. Op. cit. p.5

Se de um lado, com suas críticas, denúncias e acusações, a oposição pretendia desacreditar e desestabilizar os governantes, de outro, tal posicionamento denotava a crescente percepção, entre as elites, da importância da promoção da saúde, como condição para superar o atraso e a barbárie a que estava submetida a Bahia.⁴⁰⁴

Nas duas primeiras décadas do século XX, a ação estatal se limitou a capital e seu entorno com as ajudas em épocas de surtos epidêmicos. Essas ações praticamente consumiam todos os seus recursos. Entretanto, se fazia necessário a ampliação de seu alcance, em um momento que a reforma sanitária no interior do Brasil, colocou-se como elemento fundamental para a construção nacional. A Bahia, neste contexto, deveria ter atenção especial, haja vista a grande diferença existente entre a capital e o interior. Como nos informa Luiz Santos: “Parecia que o frágil equilíbrio de poder entre o interior e a capital condizia com o descaso dos políticos de Salvador em relação às condições de saúde das populações rurais”⁴⁰⁵. Em 1919, foi criado o Departamento Nacional de Saúde Pública, respaldando juridicamente a intervenção da União nas questões sanitárias. A centralização das políticas na saúde favoreceu a interiorização destas ações, que na Bahia se encerravam basicamente na capital, servindo de resposta a uma elite nacional mobilizada em prol do saneamento rural.

Uma das grandes contribuições para a interiorização dos serviços de saneamento foi o convênio assinado pelo Estado com a Fundação Rockefeller⁴⁰⁶, em 1921, ampliado posteriormente pela União. O trabalho da Fundação consistia inicialmente no combate a ancilostomíase, com o fornecimento de recursos e pessoal médico para o controle e tratamento da enfermidade. A intervenção federal com campanhas e atuação conjunta com a Fundação Rockefeller contribuiu para a expansão dos serviços públicos em territórios marcados pelos domínios coronelistas, representando a atuação governamental no interior⁴⁰⁷. Luiz Santos resume como principais eventos na saúde pública baiana durante a década de 1920 os programas de saneamento de responsabilidade federal e as campanhas contra a ancilostomíase e a febre amarela, patrocinadas pela Fundação Rockefeller⁴⁰⁸. A contribuição

⁴⁰⁴SOUZA, 2009. Op. cit. p. 345

⁴⁰⁵ SANTOS, Luiz A. de Castro. As Origens da Reforma Sanitária e da Modernização na Bahia durante a Primeira República. Rio de Janeiro. Scielo, vol. 4 n. 3 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000300004 Acessado em: 15/09/2015.

⁴⁰⁶ Esta fundação, que se autodenominava “benemérita”, era uma instituição de caráter científico, religioso e filantrópico. Seus fundamentos eram a superioridade da civilização norte americana e a propagação de seu modelo sanitário, o que incluía a criação de hospitais, tendo como modelo os hospitais americanos, ampliando, desta forma, sobremaneira, a área de influência dos Estados Unidos no Brasil e na América Latina. Kruse MHL. Enfermagem Moderna: a ordem do cuidado. Rev Bras Enferm 2006; 59(esp): 403-10.

⁴⁰⁷SANTOS, loc. cit.

⁴⁰⁸ Ibidem, loc. cit.

dada pela Fundação Rockefeller no campo da saúde não os livrou de pesadas críticas, alguns nacionalistas criticavam a “intromissão” estrangeira na área da saúde. Por sua vez, os políticos questionavam o modelo de saúde pública que estava sendo implantada, apontando para uma visão de superioridade cultural, que propagava os princípios de eugenia e um “racismo disfarçado”⁴⁰⁹.

Porém, as ações promovidas não eram suficientes para alterar o crítico panorama do interior. O imenso território, mal organizado em infraestrutura, continuava alarmado com as crises epidêmicas, deixando evidente que não se poderia construir uma nação civilizada como idealizava o projeto de nação, sem mudar as condições precárias do interior do país. O governo tentou à sua maneira agir para amenizar as grandes epidemias rotineiras no cotidiano baiano, mas diversos fatores limitaram sua ação, entre eles a falta de recursos e os embates políticos. A falta de ações voltadas para a saúde legou uma Bahia precária em termos de estrutura sanitária, de forma que, os poderes públicos não tinham condições econômicas de reverter essa situação. Ademais, não existia um plano maior para saúde do interior, um programa que vislumbrasse alterar as condições sanitárias, de água, construções de hospitais etc.

Para analisar as condições de saúde da Chapada Diamantina, as notícias publicadas pelo Correio do Sertão são importantes, por nos fornecer uma gama considerável de informações. Apesar de estar abrigado em Morro do Chapéu, suas notícias divulgavam informações de toda a Chapada, inclusive de Ponte Nova que apareceu inúmeras vezes nas folhas deste jornal. Em 1924, em uma republicação do Diário de Notícias, o Correio do Sertão denunciava as condições de saúde do sertanejo, “que vivia atormentado pelas inúmeras epidemias, verminoses e sezões, empalamado e entanguido, sem a defesa profilática, as doenças impunha uma vida dolorosa e bárbara, sem saúde e sem forças, perdendo o vigor do trabalho”⁴¹⁰. Apontava ainda para a insuficiência do programa de profilaxia rural que, segundo eles, era insignificante, como “uma gota de água salvadora em meio ao oceano de males”⁴¹¹. A região não possuía um hospital de grande porte, a ajuda médica ocorria em atendimentos particulares e poucos médicos atuavam na região.

⁴⁰⁹ Kruse MHL. *Enfermagem Moderna: a ordem do cuidado*. Revista Brasileira de Enfermagem 2006; 59 (esp): 403-10.

⁴¹⁰ Palavras do Diário de Notícias (Nascidas da mais pura verdade). Correio do Sertão, Morro do Chapéu. Ed.363. 22-junho-1924.

⁴¹¹ Ibidem

Nestas condições, só restavam para os sertanejos buscarem auxílio onde pudessem. Em 1924, o Correio do Sertão noticiou que muitas pessoas da região foram buscar ajuda da Fundação Rockefeller (localizada na cidade de Senhor do Bonfim, a cerca de 250 quilômetros de distância) para o tratamento de moléstias do estômago, sífilis e vermes. Pelo atendimento, louvavam o serviço gratuito, que, segundo o periódico, “beneficiava milhares de enfermos sem distinção de classes nem condições”⁴¹². Convém salientar que muitos enfermos não tinham condições de viajarem para se tratarem e que a Fundação Rockefeller, no desafogo dos problemas do interior, não cobria toda vasta extensão territorial do sertão da Bahia, nem a demanda apresentada pelos habitantes da região. Seu trabalho filantrópico, em acordo com o Estado brasileiro, contribuía no atendimento dos habitantes do interior, no entanto, ainda assim, muitas áreas do Estado permaneciam desassistidas.

O Correio do Sertão encampava, como já visto, os discursos produzidos que apontavam para o alcance da civilização e do progresso, a mudanças de práticas sociais, culturais e o acesso a determinados recursos estruturais e tecnológicos. O periódico anunciava como elementos essenciais para a população, no caminho do progresso, a disponibilidade do Hospital e da Igreja (Católica) - a primeira sinônimo de caridade e a segunda de fé. Estes juntos ajudariam a sociedade na caminhada na “vanguarda dos povos civilizados”. No ano de 1928, este periódico estampou em primeira página um artigo que revelava o desejo de construção do novo hospital em Morro do Chapéu, que serviria para “consolação” das dores físicas do sertanejo. A construção deste empreendimento era apoiada pela imprensa local, a qual entendia que a atuação deste estabelecimento eliminaria várias moléstias, como “bálsamo confortador das dores”, que privavam o trabalhador de exercer sua profissão.

Nesta cidade, a ideia de construção do Hospital não era nova. No entanto, desde a Fundação da Sociedade Vicente de Paula⁴¹³ até aquele momento não havia conseguido a construção de um Hospital de Caridade, devido aos poucos recursos que inviabilizavam o projeto, sendo necessário conclamar os “bons cidadãos” para ajudar neste plano. A “ideia do Hospital”, devido a sua relevância, foi apresentada à câmara numa exposição considerada pelos editores do jornal “clara, convincente e tocante”, trazendo a consciência “esclarecida” para os “benefícios imediatos” proporcionados pelo hospital, que ajudaria diretamente os mais necessitados do serviço, os pobres. Em meio à aprovação dos presentes na sessão, foi marcada

⁴¹²Em Busca da Saúde e a missão médica Rockefeller. Correio do Sertão, Morro do Chapéu, Ed 380. 26-outubro-1924. p. 2.

⁴¹³ Irmandade reunida na igreja católica que cuidava dos enfermos e pobres na cidade de Morro do Chapéu.

a data de lançamento da pedra angular para o dia 8 de dezembro de 1929, momento que deveria contar com a presença maciça da população, em uma demonstração de apreço ao “progresso” de sua terra⁴¹⁴. Contudo, a pedra só foi lançada em janeiro de 1930. A ocasião contou com a participação da imprensa local e da capital, com cobertura dos periódicos A Tarde, Diário de Notícias, o Diário Oficial e o Imparcial. Contou também com a presença de alguns médicos, do prefeito da cidade, além de pessoas “socialmente influentes” e de “grande massa popular”. O evento, considerado de determinada importância, foi ornamentado com quermesse e toque de filarmônica, depois da cerimônia principal⁴¹⁵.

Mesmo com o lançamento da pedra angular, e com toda a cerimônia, a obtenção de recursos não teve grandes avanços. Para angariar recursos, foi promovido pela direção do Hospital, um concurso de beleza, em que os votos eram marcados em cédulas compradas. Semanalmente as parciais eram mostradas nas edições do jornal, numa tentativa de aguçar a disputa e alavancar as vendas⁴¹⁶. Porém, a arrecadação de recursos de doação e das ações desenvolvidas não foram suficientes, razão pela qual a construção do hospital demorou bem mais do que o previsto para ser iniciada. Um ano após a cerimônia de lançamento da pedra principal a estrutura do hospital não passava de um metro de altura. Este exemplo é importante para ilustrar as adversidades que as cidades do interior enfrentavam para construir locais que tivessem a mínima estrutura para abrigar os serviços essenciais na área médica hospitalar.

Além de relatar as dificuldades na construção dos hospitais, os jornais também noticiavam as grandes epidemias que assolavam a região como mais um traço marcante e desastroso que se somava as outras intempéries da vida sertaneja. Em tom de desespero, desabafavam, “como se não bastasse a seca que levava a população, esta amenizada pela chuva, a malária toma seu lugar carregando as vidas”⁴¹⁷.

A região da Chapada Diamantina foi acometida por um surto violento de doenças em 1933, há notícias de infestações em Wagner⁴¹⁸, Ponte Nova, São Sebastião de Utinga, entre outras localidades e municípios. Essa epidemia levou as autoridades a buscarem reforços do

⁴¹⁴A Ideia do Hospital vai ser realidade. Correio do Sertão. Morro do Chapéu, Ed613. 17- novembro-1929. p.1

⁴¹⁵ O Hospital de Caridade. Correio do Sertão, Morro do Chapéu, Ed. 622. 19-janeiro-1930. p.1

⁴¹⁶ Hospital de Caridade. Correio do Sertão. Morro do Chapéu, Ed. 623. 26-janeiro-1930

⁴¹⁷ Correio do Sertão, Morro do Chapéu, Ed. 364. 29- junho-1924

⁴¹⁸ Neste caso refere-se a sua sede Cachoeirinha, Ponte Nova nas folhas do Correio do Sertão era visto como local separado de Wagner.

governo Central⁴¹⁹. Nestes casos, como visto anteriormente, as ajudas poderiam vir ou não, a depender das relações que os políticos locais tinham com os governantes da capital. Neste ambiente de crise, o *Correio do Sertão*, retratou a ajuda enviada, com a visita de um médico, ao povoado de Bela Vista de Utinga, no mesmo ano. O periódico relata que o Dr. Reynaldo Moreira foi recebido de forma “acolhedora”, provando “requintada fidalguia”. Sua visita tinha o objetivo de divulgar as vacinas contra varíola e tifo, que foram largamente procuradas pela população local, “desmentindo assim o conceito injusto que se faz do povo sertanejo como refratário as medidas de higiene”⁴²⁰. O médico distribuiu remédios contra paludismo e malária, atendendo com isso a mais de 500 pessoas. Além dos atendimentos e distribuição de remédios, Dr. Reynaldo realizou uma conferência pública para crianças das escolas, homens e mulheres de diversas camadas sociais, sobre profilaxia do tifo, paludismo, varíola, verminose, tuberculose e contra o alcoolismo.

3.2 O Pioneirismo do Trabalho Médico em Ponte Nova e a Política Institucional da Missão Central Brasil

A relação entre o trabalho missionário e as condições estruturais do interior da Bahia sempre foram muito tensas. A precariedade dos recursos estruturais e os efeitos causados por eles dificultavam a realização de atividades pelos missionários e davam para eles o teor de sacrifício na missão religiosa de levar a sua mensagem da fé cristã. Muitos foram os missionários que morreram assolados pelas doenças nas terras baianas, como já observado no primeiro capítulo. O desejo de atuação social, alimentado pelo desejo de conversão das almas, e a caridade cristã vinculada ao trabalho de evangelização, tornaram-se amálgamas muito proveitosas para o trabalho missionário. Na esteira do pensamento da época, relacionado à civilização e à modernidade, suas ações, quando possíveis e necessárias, eram desempenhadas em favor da promoção destes elementos, que, por sua vez, repercutiam de forma positiva entre a população - pois promover a civilização era considerado algo benéfico socialmente. Diferente da civilização e da modernidade voltadas para o embelezamento das ruas ou pela lógica elitista e industrial, as ações missionárias eram orientadas pela sua concepção de mundo, utilitarista e racional, em que as suas ações tinham vinculação direta com o melhor

⁴¹⁹ Em Wagner. *Correio do Sertão*. Morro do Chapéu Ed 798. 04-junho-1933. p. 4

⁴²⁰ Em Bella Vista de Utinga. *Correio do Sertão*. Morro do Chapéu Ed 814. 24-julho-1933. p.4

aproveitamento do espaço e de promoção de uma vida saudável, de moral cristã, voltada ao trabalho.

Atuar na esfera da saúde de forma mais sistemática foi uma inovação para MCB. Expandir sua atuação para áreas que não eram características deveu-se a necessidade e a possibilidade de alcance de mais pessoas pela mensagem presbiteriana. A preocupação com a saúde estava relacionada com a concepção de vida dos norte-americanos, caracterizada pela racionalidade e pelo equilíbrio. Antes da vinda dos médicos, e na maioria dos locais que não tinham esses especialistas, as informações higienistas e de cuidado com a saúde eram disseminadas nas escolas e nas casas, com visitas missionárias. Ao lado dos missionários, quando possível, as suas esposas disseminavam práticas médicas, visitando as famílias, disseminando informações acerca dos cuidados aos recém-nascidos e dieta alimentar, entre outras. Frank afirma que:

O interesse pela saúde das pessoas ao redor era parte do dia-a-dia de cada missionário, independentemente de sua atribuição primária. Muitos missionários tinham o livro “onde não existe médico”, que oferecia informações práticas sobre o que fazer em emergências que normalmente necessitariam de intervenção de um clínico, e eles usavam dessas informações para fazer o que era possível⁴²¹.

A possibilidade do trabalho médico relacionado à estratégia missionária e vinculado à ajuda humanitária era algo previsto nas ações evangelísticas das missões. Este foi um dos métodos discutidos na primeira reunião missionária protestante mundial em Nova York, em 1900⁴²². A atuação com campo da saúde era mais uma esfera em que a mensagem protestante poderia utilizar-se para disseminação de sua fé. Diante desta possibilidade, o Conselho Brasil das missões presbiterianas, analisando o trabalho médico, definia como seu objetivo “manifestar o espírito de Cristo, através da prevenção e cura de doenças para que os homens” aceitassem “a Cristo como o mestre e salvador de suas vidas”⁴²³, demonstrando assim a vinculação de forma indissociável dos objetivos de atuação social e de evangelização. Definia também que esta atuação deveria ser organizada em locais distantes e carentes de ajuda, explorados por charlatões ou médicos que apenas possuíam interesses econômicos⁴²⁴. Indicando a atuação médica como combativa a ações de pessoas que não possuísem a formação técnica e oficial para realizar serviços na área da saúde, como também para impedir

⁴²¹ ARNOLD, 2012, op. cit. 198

⁴²² BOANERGES, 1991, op. cit. 167-168

⁴²³ Brazil Council Minutes (1912-1937). Política Médica. Ponte Nova, (18-25 de dezembro de 1929)

⁴²⁴ Ibidem, loc. cit.

os profissionais que trabalhavam na saúde, e que para eles não tinham prioridade na melhoria da saúde do povo.

A essência do trabalho médico desenvolvido primordialmente em Ponte Nova pode ser observada neste trecho das atas:

Dentro da Missão Brasil o trabalho médico como desenvolvido na Estação de Ponte Nova tem sido uma parte integrante do trabalho missionário na quebra de preconceitos, dissipando superstição e trazendo um grande número em contato direto com o evangelho, bem como cuidar das necessidades médicas da escola e missionários⁴²⁵.

Neste trecho, observamos que o trabalho médico, assim como o educacional, não deveria ser enquadrado unilateralmente em um objetivo, ele possuía múltiplas funções dentro da ação missionária. Pela ordem citada, ajudava no combate as resistências ao trabalho protestante, contribuía na disseminação do saber médico oficial, auxiliava em trazer um alto número de pessoas para ouvirem a mensagem protestante e cuidava da saúde dos missionários e dos alunos do IPN.

Perante este cenário, em 1918, a reunião do Conselho Brasil estabeleceu as diretrizes para as ações médicas e missionárias. O plano de ação apresentava uma análise das condições médicas brasileiras, para a partir disso sugerir suas ações. A estratégia inicialmente reconhecia a “terrível necessidade” de serviço médico no Brasil e apontava para a falta de médicos nativos desempenhando suas atividades no país, assim, vislumbrava um cenário em que a atuação médica missionária seria frutífera. Em observação da população e recursos que viabilizariam a sustentação econômica local das ações médicas, concluíam que as pessoas possuíam “meios e vontade” de pagar pelo serviço, de modo que um trabalho médico possivelmente não seria oneroso e logo se sustentaria, não dependendo assim de gastos da Missão.

Para o Conselho Brasil, o trabalho na área da saúde não seria mais um experimento, pois em Ponte Nova já existia este serviço, orquestrado pelo Dr. Wood, e considerado como bem-sucedido mostrando assim a grande possibilidade de atuação missionária no campo da saúde. Posto isso, o Conselho sugeriu a organização de uma missão médica e autossustentável para o Brasil, com candidatos que não só possuíssem conhecimento médico, mas “espírito missionário fervoroso”, tão necessário e útil para propagação do evangelho. Estes médicos

⁴²⁵ Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938). Trabalho Médico na Estação (...) dentro do Brasil. (Possivelmente ano 1930)

seriam tratados como missionários, com todos os “direitos e privilégios”, com salário e viagens pagas, além do período de férias. Idealmente, os médicos deveriam ser orientados para um trabalho autossustentado, caso não conseguissem, o trabalho seria auxiliado pela Missão. Na mesma Ata o Conselho já demonstrava possuir o indicativo de lugares a serem abastecidos por esses médicos, mostrando que este plano foi pensado e organizado para atuar com condições e locais já pré-estabelecidos, como Ponte Nova (na Bahia), Chapada dos Veadeiros (em Goiás), Chapada (em Mato Grosso), no nordeste da Bahia e em vários pontos do norte de Minas Gerais. Dado o desenvolvimento de Ponte Nova, a Missão avistava futuras relações com os governos local e estadual, em mais um passo para reforçar a obra médica enquanto ligada a estrutura administrativa da Missão, fato concretizado décadas depois.

Estas ações foram pensadas no plano ideal, mas suas realizações sofreram interferências geradas pelas condições do meio. A proposta do trabalho médico autossustentável e independente da MCB foi orientada a ser experimentada por dois anos, entre os anos de 1923 e 1925, em Ponte Nova, ficando acordado que os rendimentos do trabalho serviriam para cobrir o salário do médico e da enfermeira e o custo dos móveis e equipamentos. Este plano foi interrompido por algumas razões, entre elas, o rendimento no período não foi capaz de cobrir todas as necessidades, apenas os salários do médico e da enfermeira. Entretanto, pelas somas de recursos provenientes dos fundos médicos (atendimento aos pacientes), acreditava-se que o trabalho desenvolvido em um futuro próximo poderia arcar com os seus custos, ser independente da Missão e se orientar pelo regime de autossustento. Entretanto, a Missão via com ressalvas a possibilidade de independência financeira da obra médica, pois ela tenderia a provocar uma independência política, que poderia trazer problemas maiores em que a solução escaparia de ser resolvida pela unidade missionária. O trabalho médico autossustentado e organizado independentemente poderia ter ações que não corroborassem com os pensamentos da Junta de Missões, como a destinação de recursos e a atuação missionária, entre outros. Assim, o médico missionário, ainda que independente financeiramente, deveria ser um membro da Missão e um missionário da junta, de forma que não seria considerado prudente mantê-lo à distância, sem os certos controles administrativos.

Posto isso, a MCB ajustou as relações da seguinte maneira: o conselho pagaria o médico e enfermeira; as receitas oriundas do trabalho médico deveria fornecer bens e equipamentos necessários ao trabalho; o médico, sua esposa e a enfermeira deveriam ser

membros regulares da Missão, com mesmos direitos e sujeitos as mesmas disposições administrativas. Assim, foram delineadas estas ações a serem postas em prática em Ponte Nova no ano de 1926. Para evitar qualquer tipo de estranhamento, a Missão, na ocasião, reforçou o apreço e interesse no trabalho médico do Dr. Wood e da Enfermeira Miss Herpperlee, que obteve “tantas bênçãos ao povo da Bahia Central”⁴²⁶ e que possivelmente poderia se estender a todo o Brasil Central.

A abertura de novos lugares com trabalho médico, assim como na área educacional, deveria seguir alguns critérios, tais como: necessidade e densidade da população; concorrência com médicos brasileiros; condições higiênicas, água e energia; meios de transporte; e condições políticas⁴²⁷. Diferente das condições apontadas para abertura da escola, neste aspecto, soma-se a concorrência com médicos brasileiros, que poderiam rivalizar com o trabalho missionário e dividir a clientela. Desta forma, seria mais interessante que o trabalho médico fosse realizado em local isolado, visto que isso influenciaria no prestígio, número de atendimentos, recursos recebidos e no número de pessoas a ouvirem o evangelho. A unidade médica, idealmente, deveria ser construída perto de um contingente populacional e, se fosse organizada conjuntamente com a escola, deveria manter certa distância da unidade educacional, assim como em Ponte Nova, para não haver problemas e interferência dos moradores com a disciplina interna da escola⁴²⁸.

No plano da obra médica, Ponte Nova serviria como base na preparação dos médicos missionários e médicos brasileiros que pretendessem trabalhar para a Missão, pois o estágio neste lugar seria um “benefício” para a formação destes, devido a “experiência” que o local legaria aos “estagiários”. Por este plano, a Missão já vislumbrava a formação de enfermeiras brasileiras para trabalhar nestes hospitais, além de planejar a existência de um médico para cada três unidades, com intuito de facilitar os períodos de férias dos demais, pois até então o trabalho sobrecarregava o Dr. Wood, que tinham diversas dificuldades em retirar seu período de férias. Em alguns casos, a unidade médica vivenciava a tensão de ter que fechar pela falta de médico nos tempos de descanso deste profissional. Como esta ação, o Conselho também apontava para o desenvolvimento de clínicas itinerantes, com ambulatórios, em diversas

⁴²⁶ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Ponte Nova (11-15 de maio de 1925) p.6

⁴²⁷ Brazil Council Minutes (1912-1937). Ponte Nova (dezembro de 1927)

⁴²⁸ Ibidem, loc. cit.

localidades, sob o cuidado de enfermeiras brasileiras e supervisão do hospital da estação⁴²⁹, ampliando assim o raio de atuação na esfera médica.

O trabalho em Ponte Nova também apresentava seus problemas, como a falta de médicos e a concentração das atividades no Dr. Wood, essas condições que levou a solicitação de outro médico para a estação. A ampliação da equipe visava proporcionar um melhor atendimento médico e cirúrgico na realização do que, para a Missão, seria um dos objetivos do trabalho, o “desejo de dar o melhor ao povo brasileiro”⁴³⁰. Esse alargamento do quadro proporcionaria também a introdução e o acompanhamento de novos médicos missionários ou nacionais, e ajudaria a liberar os médicos para atendimentos fora da estação, possibilitando o aumento de influência destes para além da localidade, além de divulgar o hospital e angariar possíveis clientes. O aumento do pessoal permitiria, sem grandes problemas, as licenças médicas, sem a perda de qualidade no serviço, e evitaria também que os missionários se deslocassem aos Estados Unidos para cuidar da sua saúde, obtendo seu atendimento na própria estação. Essa ampliação do contingente de médicos auxiliaria na formação de profissionais de enfermagem e, futuramente, na criação da escola de enfermeiras, posto que o IPN fornecia jovens mulheres com qualificações profissionais necessárias⁴³¹.

3.3 Dr. Walter Welcome Wood – “O Ídolo Sertanejo”⁴³²

A vinda do primeiro médico da MCB para o Brasil foi motivada pela necessidade de cuidados com a saúde dos missionários e alunos da escola em Ponte Nova. Por esta circunstância, a Missão enviou, em 1916, o médico cirurgião Dr. Walter Welcome Wood, formado pela Universidade de Stanford. Este foi o primeiro médico missionário patrocinado pela Junta de Nova Iorque a trabalhar na América do Sul⁴³³. O pioneirismo e qualificação de trabalho do médico foram suficientes para fazer com que este fosse escolhido tempos depois como Diretor de Saúde da MCB⁴³⁴.

⁴²⁹ Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938)

⁴³⁰ Ibidem

⁴³¹ Ibidem

⁴³² Em sua homenagem foi construído uma estátua com busto do médico em uma das praças na sede da cidade com o texto: “ Dr. W. W. Wood, médico e cirurgião norte-americano, amigo que dedicou sua vida ao povo do sertão da Bahia, fazendo da medicina um sacerdócio, em benefício da humanidade sofredora”.

⁴³³ARNOLD, 2012. Op. cit 119

⁴³⁴ Ibidem

Foto 11: Dr. Walter Welcome Wood, Esposa Mary Dahames Wood, filha Mary Wood



Fonte: Relatório Médico – 1936.

O início de suas atividades ocorreu de forma bem rudimentar. Os atendimentos eram realizados em uma sala cedida pelo colégio, sendo logo substituída por uma sala particular, dada a grande quantidade de pacientes que o procuravam, motivados pela escassez dos serviços médicos na região, principalmente em povoados como Ponte Nova. O primeiro “hospital” foi construído fora da grande área da fazenda, que concentrava os outros prédios ligados à educação, foi feito de adobe de três quartos, cobertos de telha. Sua distribuição espacial contava com uma sala para realizar cirurgias e alguns tratamentos, além de duas outras nas laterais opostas, separadas para abrigar pessoas do sexo feminino e masculino.

No início, as condições de trabalho eram muito precárias, os médicos utilizavam o que podiam para exercer a medicina nos padrões ideais de higienização, a citar o exemplo da esterilização de instrumentos, feitos inicialmente em forno de barro usado para assar pão. Em relato o Dr. Wood exemplifica esse início, indicando sua adaptação ao meio em que estava, onde suas ações não eram realizadas nos moldes formais dos ensinamentos ligados a medicina oficial, dada a falta de estrutura do local. Ainda assim, revelava certa surpresa com os resultados do trabalho “embora fosse necessário esquecer a maior parte das leis de assepsia as infecções eram poucas e a maior parte dos pacientes recuperava bem, parece que o Senhor Deus decretou provisão especial”⁴³⁵.

⁴³⁵ Notas do Dr. Wood APUD ARAUJO, Janet Graham. GRACE MEMORIAL HOSPITAL: 92 anos salvados vidas. Wagner-Bahia. 2008. p. 1-6

O Dr. Wood buscou a adaptação a forma de comunicação específica local de nomenclatura das doenças, aprendendo o “português sertanejo” e assimilando-o ao conhecimento médico formal. Pelos primeiros registros analisados por Janet Graham, ao longo do ano de 1917 foram atendidos 4.862 pacientes. Vale ressaltar que em Ponte Nova não havia um número expressivo de habitantes, os poucos viviam na vizinhança da grande propriedade da Missão, que compreendia o colégio e a fazenda. Assim, a maior parte dos pacientes vinha de fora, segundo Janet Graham consta nos registros acessados pela mesma, atendimentos de pacientes de cinco estados vizinhos.

Agindo de certa forma ilegalmente, por seu diploma não ter validade no país, o Dr. Wood, após uma rápida ambientação e diversos atendimentos, se deslocou para a capital para adquirir habilitação profissional para atuação médica dentro do que a legislação impunha, a revalidação do diploma. A legalização do diploma era uma das grandes dificuldades encontradas pelos médicos missionários que vinham ao Brasil⁴³⁶, em diversos momentos as Atas registram tensões ocasionadas pelos temores em praticar a medicina sem a devida autorização legal. Como o sucedido com dois médicos que auxiliaram o Dr. Wood em Ponte Nova, o Dr. Kenneth Waddell, que expressava receio em atuar sem a validação do diploma e assim prejudicar seu futuro na medicina⁴³⁷, e o Dr. Gordon, que registrou com “”regozijo” a vitória “na longa batalha para revalidar seu diploma”⁴³⁸.

O Dr Wood, para validação de seu diploma, publicou quatro teses em diferentes áreas na Faculdade Baiana de Medicina, em maio de 1919. Para cadeira de clínica Obstetrícia, escreveu a tese *Alguns Acidentes no Parto*⁴³⁹.,nesta tese ele relata que não buscou a discussão exaustiva, mas centralizou sua produção no esforço de “dar aviso para que, quanto possível, se previna ou limitem esses acidentes”. Para ele a atenção a está área da medicina seria característica fundamental de um país civilizado. No decorrer da tese pode-se perceber a visão que o médico possuía acerca do oferecimento dos serviços médicos considerados por ele de caráter sagrado, os quais deveriam ser oferecidos com qualidade (neste caso, boas clínicas obstetrícias e maternidades), a todas as camadas sociais sem distinção, “ricas ou pobres”, em condições de receber tratamento seguro.

⁴³⁶ Central Brasil Mission Minutes (1904-1938). Ponte Nova (3-13 de dezembro de 1928) p. 5

⁴³⁷ Filho do missionário que fundou Ponte Nova Willian Alfred Waddell.

⁴³⁸ Ibidem, (1904-1938). Ponte Nova, (1-10 de dezembro de 1932) p. 14

⁴³⁹ WOOD, Walter Welcome. *Alguns Acidentes no Parto*. FAMEB, 1919

Para cadeira de Medicina Legal, defendeu a tese *A Autoridade Federal e as Moléstias Venéreas*⁴⁴⁰. Nesta tese Wood analisa o tratamento dado pelo Estado às doenças venéreas, em comparação com as doenças epidêmicas. Como solução para a eliminação destes tipos de doença, indicou o trabalho conjunto entre a ciência e os poderes públicos, atacando a doença na sua origem. Ele criticou a forma de tratamento de doenças venéreas, em detrimento de outras, como a varíola. Aquelas doenças, para o médico, embora não fossem tão rápidas nos efeitos, matavam tanto e de forma tão “insidiosa” quanto as doenças epidêmicas. A grande praga, já gravada na vida social e incrustada nos costumes, deveria ser enfrentada pelas barricadas da lei, dirigida e sustentada pela obra científica.

Dr. Wood defendeu também a tese *O Olho - Sua Forma e Estrutura*⁴⁴¹, para a cadeira de Anatomia Descritiva. Nesta tese ele descreveu de maneira técnica a anatomia do olho. Por fim, para a cadeira de Microbiologia, defendeu a tese *Estudo sobre o Bacilo da Tuberculose*⁴⁴². Nesta tese o médico analisa as condições de propagação da doença, indicando como solução para o problema habitações higiênicas e sanitárias, comida e água pura, bastante ar fresco e sol. Wood também indicou certos alimentos e o modo de preparo destes como auxílio ao combate à doença. Esta tese foi publicada pela Missão, enquanto tratado sobre a Tuberculose. Em 1921 o Dr. Wood obteve licença dos trabalhos em Ponte Nova para de novo estudar e se especializar em Medicina Tropical, em Londres. Tempos depois, fez outras especializações em cirurgia, higiene e terapia elétrica, estudos sempre voltados para “manter a par do avanço feito pela ciência médica”⁴⁴³ e aprimorar sua atuação enquanto médico.

Em pouco tempo em Ponte Nova, antes mesmo de receber a habilitação profissional pelas autoridades competentes, ou construir a clínica e os demais edifícios que ajudaram na obra médica, o Dr. Wood trabalhava recebendo inúmeras pessoas de toda parte. O Correio do Sertão noticiava, em seu espaço reservado para “avisos e propagandas”, as peregrinações e resultados das consultas de pessoas com posição social elevada, atendidas por ele, que era chamado no período de “médico do Collégio Ponte Nova”. Em uma série de notícias, o periódico informa diversos atendimentos de militares:

⁴⁴⁰ WOOD, Walter Welcome. *A Autoridade Federal e as Moléstias Venéreas*. FAMEB. 1919.

⁴⁴¹ Neste ele trata de forma técnica as estruturais oculares. WOOD, Walter Welcome. *O Olho Sua Forma e Estrutura*. FAMEB, 1919.

⁴⁴² WOOD, Walter Welcome. *Estudo sobre o Bacilo da Turbeculose*. FAMEB, 1919.

⁴⁴³ Central Brasil Mission Minutes (1904-1938) Trabalho Médico Autônomo. Salvador, (24 novembro – 2 de dezembro de 1920) p.

De volta de PN chegaram no dia 6 do andante em sua fazenda Patos, deste Termo, o *Tenente* Augusto Lourenço Seixas e sua Senhora D. Maria José de S. Seixas quase restabelecidos dos seus sofrimentos, com os medicamentos receitados pelo Exm. Snr. D. W. W. Wood muito digno médico do Collégio Ponte Nova⁴⁴⁴

Meses depois noticiou:

De Viagem para Ponte Nova no município de Wagner, seguiu desta cidade no dia 18 do mês corrente o nosso companheiro de trabalho o *Cap.* Adelmo Pereira e sua estremecida mãe D. Leonilda Cândida de Sousa, a procura de melhoras de saúde.⁴⁴⁵

Para Ponte Nova seguiu com sua Exm. família no dia 15 do corrente o Illm, Snr *Cel.* Odilon da Silveira Costa, que vai a tratamento de sua saúde e de pessoas de sua estima. Com o mesmo fim seguiram também os *capitães* Francisco José de Souza e Antonio Barbosa de Sousa no dia 16 do andante.⁴⁴⁶

O jornal qualificava os serviços médicos do missionário, a partir das devolutivas das pessoas atendidas por lá, “reside ali o Dr. W. W. Wood que tem apresentado provas de um bom médico, de quem vão receber consultas”⁴⁴⁷. As notícias do jornal divulgavam o trabalho do médico, que passou a ter certo reconhecimento em um curto espaço de tempo no local. Em menos de um ano já afluía para Ponte Nova um considerado contingente de pacientes a serem atendidos por ele. A divulgação, por meio de periódico, dos trabalhos realizados pelo Dr. Wood potencializava a propagação dos seus serviços. Não tivemos acesso a fontes que indicassem a origem da maioria dos atendidos pelo médico no período em questão, apenas os casos que chamavam mais atenção recebiam destaque, como pessoas que vinham de outros Estados. Um das afirmativas acerca desta questão é que a grande maioria dos atendidos era proveniente de fora, pois Ponte Nova era um povoado com um contingente populacional bem pequeno. Podemos apontar como motivação da origem e do alcance dos serviços prestados pelo médico, a divulgação feita pelos missionários, que poderia indicar os atendimentos do Dr. Wood em sua área de evangelização. Os pacientes atendidos que recebiam tratamento, possivelmente, também divulgavam o atendimento em suas localidades, apontando para o baixo valor das consultas e também para os casos gratuitos.

Na região não havia hospitais, mas haviam médicos que prestavam consultas e cobravam por isso nas cidades, sobre este aspecto acreditamos que a estrutura do Hospital e

⁴⁴⁴ De Ponte Nova. Correio do Sertão, Morro do Chapéu. Ed. 10, 16-julho-1917. p.2

⁴⁴⁵ Ponte Nova. Correio do Sertão. Morro do Chapéu. Ed. 11, 23-julho-1917. p.2

⁴⁴⁶ Ponte Nova, Correio do Sertão. Morro do Chapéu. Ed. 15 – 21-outubro-1917 p.2

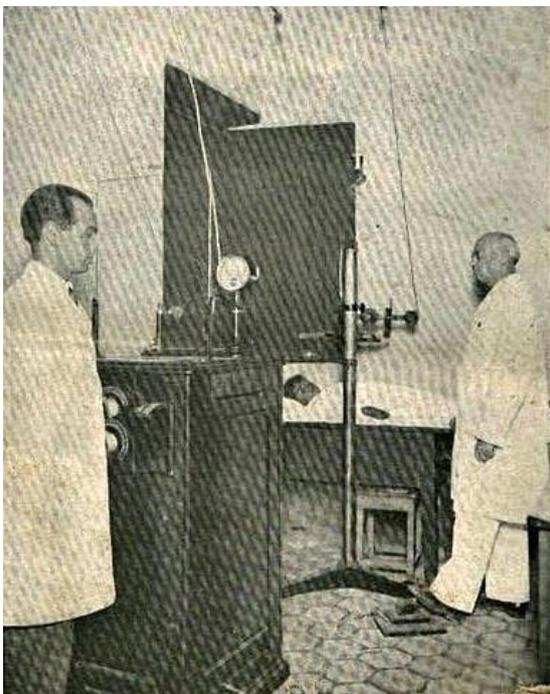
⁴⁴⁷ Ibidem

quantidade de equipamentos e serviços oferecidos, desempenharam um papel importante na atração de pacientes que priorizavam viagens longas e cansativas a Ponte Nova na crença da qualidade do serviço.

De acordo com os dados disponibilizados por Consuelo Novais Sampaio existiam quarenta e nove estabelecimentos médico-hospitalares da Bahia. Desses, vinte e oito deles estariam no interior. Acreditamos que estruturalmente o GMH era um núcleo de atividade médica que possuía uma diversa de equipamentos e atendimentos. Fator que levou Ester Nascimento apontar para o GMH como o único núcleo hospitalar do interior do Estado⁴⁴⁸. Até o que se possui de informação acerca das unidades médicas, ele seria único a possuir laboratório para realização de exames em suas dependências, além de realizar cirurgias, atendimento com técnicas de diatermia e raio-X⁴⁴⁹.

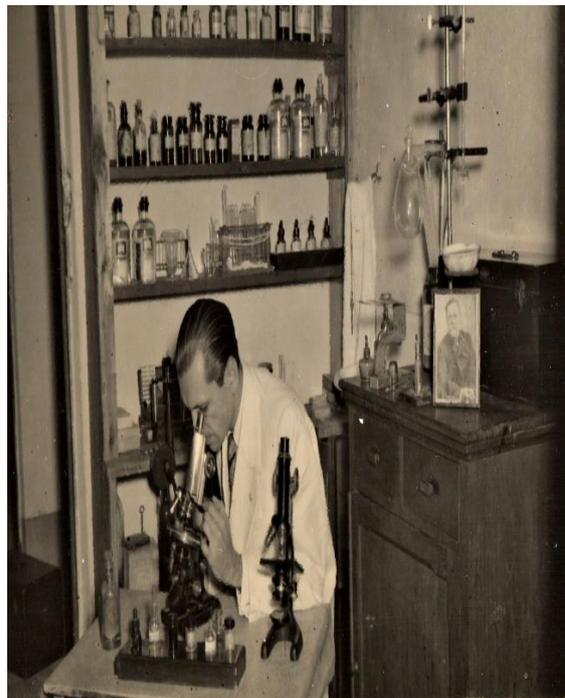
Abaixo apresentamos algumas fotos, dos serviços e equipamentos, retiradas no GMH, na década de 1930, como parte de um relatório a ser enviado a Junta de Missões de Nova Iorque, e fotos avulsas do arquivo presbiteriano:

Foto 12: Dr. Wood utilizando a máquina de raio-X



Fonte: Relatório médico - 1936

Foto 13: Equipamento de análise laboratorial



Fonte: Arquivo Presbiteriano – São Paulo

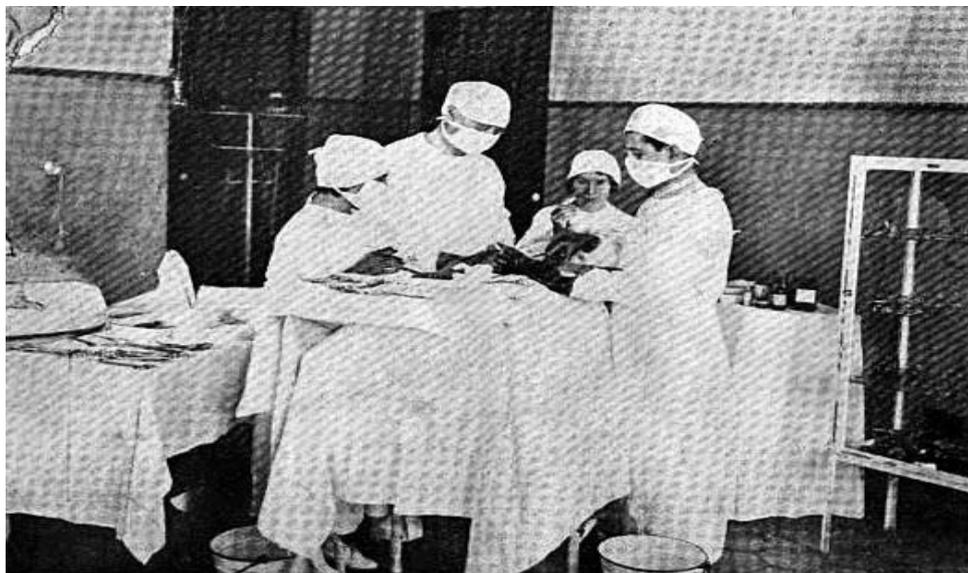
Os traços distintivos da atuação do GMH, a análise laboratorial feita nas dependências do hospital, aumentava a precisão dos atendimentos com foco no tratamento das doenças

⁴⁴⁸ NASCIMENTO, 2007a, op. cit. p. 84

⁴⁴⁹ Relatório Médico, 1936. APUD ALMEIDA, 2004. Op.. cit. 54

específicas. O equipamento de raios-X auxiliava os casos mais graves de traumas, possibilitando um melhor dimensionamento da situação de cada paciente.

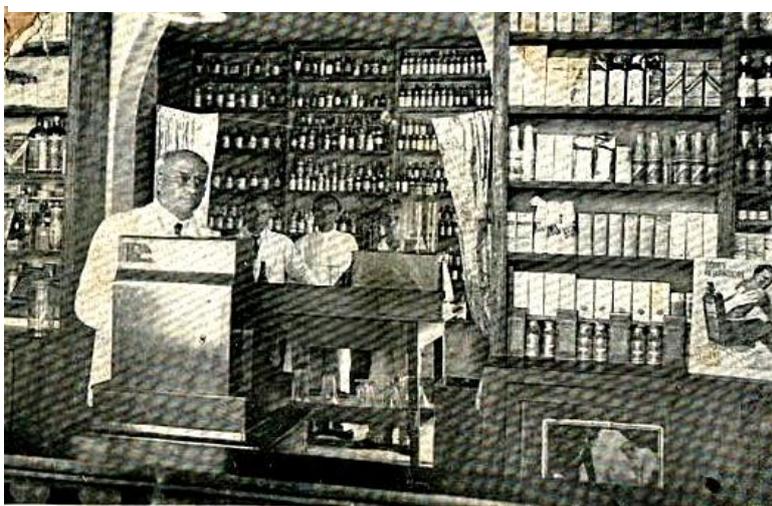
Foto 14: Dr. Wood na Sala de Cirurgia sendo auxiliado por um médico e enfermeira



Fonte: Relatório Médico - 1936

Esta foto nos mostra um dos serviços prestados pelo GMH, a cirurgia. Até o que se sabe, o GMH era o único hospital do interior, no período, a fazer esse tipo de intervenção médica, contando com auxílio técnico especializado de enfermeiros. A direita, o armário com uma variedade de equipamentos cirúrgicos esterilizados. Ao fundo, uma espécie de pedestal que sustentava dois recipientes para transfusão de sangue, um recipiente de suporte de soro e uma luminária para fornecer a iluminação no processo cirúrgico.

Foto 15: Dr. Wood, outro médico e o Farmacêutico na Farmácia do Hospital



Fonte: Relatório Médico - 1936

Esta fotografia registra a farmácia, um dos elementos essenciais do trabalho médico na cura de doenças. Observamos a quantidade de medicamentos e do trabalho especializado realizado no hospital. Estes recursos, vinculados aos atendimentos e resultados considerados “proveitosos”, faziam chegar “milhares a Ponte Nova”. Após o retorno da revalidação, em 1921, nos registros contavam 9.196⁴⁵⁰ pacientes atendidos, oriundos de diferentes partes do Estado e de fora, soma-se a estes dados os atendimentos feitos fora de Ponte Nova, nas viagens pelos povoados e fazendas. Os trabalhos do Dr. Wood se espalharam como pólvora em um espaço geográfico necessitado de serviços médicos, trazendo verdadeiras procissões atraídas pela fama em conhecer, por “curiosidade”, o médico estrangeiro e ver os “milagres” realizados em seus atendimentos. Pelos registros do hospital, disponibilizados no artigo memorialista de Janet Graham, em 1924, o número de consultas e tratamentos chegou a quase 15 mil⁴⁵¹. Em 1936, foram 2.161 consultas, 283 pacientes internados, 15 partos e 267 cirurgias⁴⁵². Em 1938, as instituições somaram 16.838 atendimentos⁴⁵³.

O trabalho médico acrescentou uma nova dinâmica a certas práticas de cuidado com a saúde. Geralmente, as famílias mais abastadas eram tratadas em casa e possuíam um médico da família, sendo o hospital o lugar das camadas mais baixas, que não tinham recursos. A disposição de equipamentos e a fama dos atendimentos faziam as pessoas se arriscarem nas longas viagens até o GMH.

Com o prestígio e importância conquistados, em pouco tempo o trabalho médico logo ganhou prioridade nas decisões da MCB, dada sua rápida aceitação. Pelo plano inicial, os serviços médicos seriam como a escola, autossustentado pela receita que geraria, pois, os atendimentos eram pagos, ainda que os valores fossem considerados baixos, “os mais cômodos“. Uma das fontes de receita advinha, por exemplo, dos atendimentos das pessoas vindas do garimpo, ainda ativo. Os que não tinham condições de pagar eram atendidos de graça, outros pagavam o que podiam, mas ainda assim não deixavam de gerar uma receita positiva para a obra. Os “lucros médicos”⁴⁵⁴ eram geralmente reinvestidos em contratação de pessoal (como farmacêutico, enfermeiro e evangelistas), equipamentos e suprimentos para o hospital ou para a fazenda. Deste modo, os trabalhos na área da saúde “não pesavam sobre a missão”, de tal forma que os recursos foram utilizados na construção de uma estrutura para o

⁴⁵⁰ ARAUJO, 2008. op. cit. p.1-6

⁴⁵¹ Ibidem, loc. cit.

⁴⁵² Relatório Médico, 1936. ALMEIDA, 2004. Op. cit., p. 54-56

⁴⁵³ ARAUJO, loc. cit.

⁴⁵⁴ Lucros médicos, como receitas advindas dos atendimentos, e sobras de recursos enviados.

melhor aproveitamento do trabalho médico, como casa para acomodar os pacientes e a residência para os médicos.

Dr. Wood, por envolvimento no atendimento e por característica própria, não se comprometia tanto com as cobranças, era considerado um homem calado, muito reservado. “Nunca vinha a rua, exceto quando passava de automóvel para ir à igreja, pois o hospital o envolvia o tempo todo”⁴⁵⁵. Seu sentimento “passivo e misericordioso” era censurado muitas vezes pela Missão, pois embora contribuísse para a construção de uma boa imagem para as pessoas, outras tantas, segundo Belamy Almeida, aproveitavam da personalidade do médico para não pagarem pelos serviços prestados, mesmo que tivessem condições. Não obstante, a memorialista relata que o tesoureiro da Missão fazia visitas a outras cidades para fazer cobranças dos serviços realizados pelo Dr. Wood.

Com o alto investimento da MCB em Ponte Nova e na sua organização infra estrutural, a Missão adotava uma postura rígida com o controle financeiro, principalmente do hospital, local por onde passava a maior quantidade de recursos da mesma. As auditorias nas contas do hospital, clínica e farmácia eram constantes, assim como no IPN e no departamento de agricultura. O balancete de entrada e saída, compra e venda, ficava ao encargo do Dr. Wood até a Missão contratar um gerente de negócios para cuidar destes assuntos. Na maior parte do tempo, o hospital conseguia se manter, mas em alguns períodos passou por certas dificuldades, como nos anos de 1931-1932-1933, em que teve que requerer auxílio financeiro da Missão, esta que buscou reduzir seus gastos⁴⁵⁶. A seca de “trinta” foi um período tenso de tal forma que a Missão deixou de assumir as responsabilidades com os colportores, professores e trabalhadores da unidade médica.

A falta de pessoas para o trabalho, diante da quantidade de atendimentos, levou a Missão, em 1920, a pedir ao Conselho uma enfermeira para auxiliar o trabalho do Dr. Wood, que estava sobrecarregado. Com objetivo de melhorar o atendimento, foi planejada a construção do hospital entre 1921 e 1922. Justamente em um momento complicado na vida do Dr. Wood, que pensava em realizar um trabalho médico autônomo e havia perdido a esposa. Estes fatores geraram certa tensão para a Missão, que trabalhava com a possibilidade de o Dr. Wood não voltar ao trabalho após o período de licença, retirado em virtude do falecimento de sua mulher. Assim, a Missão preocupou-se com a continuidade do trabalho em Ponte Nova, o

⁴⁵⁵ ALMEIDA, 2004. Op. cit. p. 57

⁴⁵⁶ Central Brazil Mission Minutes (1904-1938) Recomendação de Economia. Ponte Nova, (21 dezembro de 1931– 2 de janeiro de 1932) p.5

qual, pela percepção da instituição missionária, estava sendo muito proveitoso para causa evangélica. Para a Missão, Dr. Wood estava de certa forma ambientado ao local, além disso, havia criado uma imagem e uma representação que o qualificava e atraía muitas pessoas. Deste modo, havia uma crença de que o trabalho não seria o mesmo com outros médicos, fato demonstrado na mensagem enviada ao Conselho em Nova York:

Os membros da Missão Brasil Central deseja transmitir ao conselho seu profundo agradecimento do trabalho Dr. Wood's em Ponte Nova, a sua forte convicção da conveniência de sua continuidade seu trabalho lá em seu retorno da licença, e sua sensação de que seria uma calamidade para o centro de Ponte Nova e uma grande perda para o trabalho Evangelístico entre as pessoas do interior,⁴⁵⁷

A falta de estrutura, somada ao exaustivo trabalho realizado, e a morte sua esposa. Fez o Dr. Wood repensar sua permanência em Ponte Nova. A Missão, diante dessa possibilidade, informou ao Conselho que necessitava do retorno do médico após as férias, em “qualquer condição”. Oferecendo como condição de trabalho a autonomia para captar recursos nos atendimentos. O Dr. Wood, depois de sua licença, voltou a Ponte Nova por um período, experimentou a obra médica independente, retornando logo após vinculação institucional a Missão.

A obra médica somada a educacional ocupava de tal forma os missionários que dar conta das necessidades básicas administrativas se tornava cada vez mais difícil. Os missionários responsáveis pela evangelização direta nas viagens missionárias estavam se ocupando das atividades da escola, da agricultura e do hospital. No geral, a quantidade de missionários era baixa, fazendo com que, em muitos lugares, os campos ficassem sem evangelistas. Ademais, em Ponte Nova, a quantidade de pessoas atendidas, que geravam oportunidade de disseminação da palavra, era imensamente maior que as alcançadas pelo evangelismo direto, que sofria notáveis recusas, como pode ser visto neste trecho:

Estamos, no entanto, ainda em grave necessidade de reforços a fim de ser capaz de cuidar de nosso trabalho de forma adequada. Nossas principais necessidades no futuro imediato é um evangelista para o Vale do São Francisco, e outro professor em Ponte Nova. A Missão tem dado particular atenção à nova situação causada pelo desenvolvimento da fazenda e de peregrinação lá em conta os trabalhos de Dr. Wood's. Temos oportunidade maravilhosa que deve ser explorada ao máximo através de dois ou três cultos evangelístico por semana. Infelizmente o Sr. Bixler nosso evangelista sênior, está sobrecarregado com a escola, fazenda e trabalho administrativo que o deixa literalmente nenhum tempo para a evangelização dos peregrinos. Na

⁴⁵⁷ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Trabalho do Dr. Wood. Salvador, (26 de novembro- 6 de dezembro de 1920) p.5 Grifo Meu

verdade, ele informou à Missão que, a menos que ele tem a ajuda adicional em 1922, ele deve cessar a pregação. Além disso, o evangelista encarregado dos campos Lençóis e Macaúbas não será capaz de visitar Ponte Nova ocasionalmente⁴⁵⁸.

A dimensão que o trabalho em Ponte Nova tomou impedia os missionários de campo de fazerem seu trabalho de pregação, até mesmo em espaços considerados essenciais, como o próprio hospital, que requeria o auxílio do evangelista da região para ministrar as pregações. Assim, o evangelista deveria deixar seu campo de trabalho para atender as necessidades de Ponte Nova, cobrindo um espaço e deixando o outro vazio. Sob este aspecto, podemos enxergar bem o objetivo primeiro do trabalho missionário: Evangelizar. Não que isso invalide sua atuação na área social com o trabalho educativo e médico, ou que ela seja algo meramente planejado para conquistar fieis, mas a missão protestante veio ao Brasil para converter o povo brasileiro. O seu modo de viver pelo cristianismo, e a contribuição educacional e médica, eram traços estratégicos de evangelização, funcionais às necessidades brasileiras.

A Missão solucionou, como visto no capítulo anterior, o problema do agricultor, e ainda autorizou a contratação de um colportor para trabalhar evangelizando especificamente em Ponte Nova. O trabalho missionário de evangelização, que conviveu com o descrédito e a perseguição em diversas localidades do interior, em Ponte Nova vivia um momento ímpar de sua atuação no Brasil. Neste local, havia um movimento inverso, diferente da evangelização direta feita pelos missionários que desbravavam os sertões buscando momentos e espaços para disseminar sua crença. Em Ponte Nova, muitas pessoas ao buscarem os serviços oferecidos, oportunizam diversos momentos de pregação. Sob este aspecto, o trabalho médico alcançava um número maior de pessoas, sem os desgastes físicos, as querelas religiosas, e os gastos humanos e econômicos da evangelização direta. Todavia, o trabalho desenvolvido no GMH era fixo, já os missionários poderiam alcançar lugares distantes e abrir trabalhos e congregações. Entretanto, para as pessoas atendidas no hospital que eram originárias de outras cidades, o trabalho evangelístico ao gerar conversão, poderia também possibilitar a abertura de trabalhos nas suas localidades. Neste caso, a utilização do missionário itinerante seria fundamental para manutenção religiosa dos novos convertidos, quando não houvesse igrejas em sua cidade.

⁴⁵⁸ Ibidem,p.7 Grifo Meu.

3.4 “Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos e vos aliviarei”: O processo de construção do Grace Memorial Hospital

Os serviços médicos ofertados em Ponte Nova eram limitados aos atendimentos gerais feitos na clínica. Impulsionado pelo número de atendimentos e pela diversidade de tratamentos que exigiam intervenções específicas, foi proposta pela Missão a construção de um hospital na localidade. Após ser planejado por anos, o Hospital foi concluído em 1925, e inaugurado oficialmente em 1926⁴⁵⁹. A construção do Hospital, que ampliou os serviços ofertados, elevou a obra médica a outro patamar. Entretanto, sua construção não foi uma tarefa fácil. Além do alto custo financeiro, as condições logísticas para transporte de materiais era um problema. O encanamento e as ferragens eram trazidos da capital e de outros locais pela estrada de ferro até Itaetê, de lá os materiais percorriam uma longa distância de cerca de cem quilômetros para Ponte Nova em tropas de mulas, estas que eram limitadas e não podiam carregar mais que algumas dezenas de quilos. A falta de mão de obra qualificada também dificultou o processo. Os prédios da área hospitalar foram construídos em um acive e, para erguê-los, foi necessário desmatar manualmente uma ladeira. Em paralelo a essas dificuldades, as lutas sangrentas entre os coronéis davam mais um tom de dificuldade à construção⁴⁶⁰.

No âmbito econômico, a construção do Hospital foi possível devido a contribuição da Junta de Nova Iorque, que contou com ajuda específica do Conselho das Mulheres da igreja nos Estados Unidos, com a doação US \$ 1.400,00⁴⁶¹. Somada a essa ajuda, as economias geradas pelas receitas médicas e pelas constantes ajudas do Conselho Brasil contribuíram com a construção. Foi dado ao prédio principal do complexo hospitalar o nome oficial de Grace Memorial Hospital (GMH), em homenagem a Grace Brown Wood, primeira esposa do Dr. Wood, falecida em 1921⁴⁶². Grace era formada em engenharia civil, possivelmente tenha feito a planta do hospital⁴⁶³. Durante o tempo que viveu em Ponte Nova, ajudou seu esposo nas operações e no laboratório, e também lecionava na escola.

⁴⁵⁹ MATOS, 2013. Op. cit. p 29-31

⁴⁶⁰ GRAHAM, 2008, op. cit.

⁴⁶¹ Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938). Presente do Grace Memorial Hospital. Ponte Nova. (17-29 de dezembro 1923) p. 2

⁴⁶² Dr. Wood casou-se mais duas vezes, em 1922, com Mabel Oliver Wood (falecida em 1931), e com a enfermeira Ella Mary Dahmes em 1933.

⁴⁶³ ALMEIDA, 2004. Op. cit. p. 54

A estrutura inicial do Hospital contava com 30 leitos, em duas enfermarias, e cinco quartos particulares. Havia também recepção, secretaria, centro de enfermagem, sala de visitas, quarto de limpeza, despensa e uma área isolada para o tratamento das doenças infectocontagiosas. Para o suporte do Hospital, foram construídos em um prédio separado banheiros, lavanderia e cozinha. Para acomodar as pessoas que trabalhavam no Hospital, foi construída uma casa para o médico e para as enfermeiras. Em se tratando de atendimentos, foram adquiridos equipamentos para a instituição. Ainda na década de 1930 o hospital já possuía os departamentos de Clínica Médica, Cirurgia, Obstetrícia, Pediatria, Ginecologia, Urologia, Raios-X, Diatermia e Laboratório⁴⁶⁴. A disposição destes serviços, somados aos ofertados na área educacional, levou Ester Nascimento a considerar o local uma “ilha de civilização”⁴⁶⁵ em meio às condições gerais do Estado. A planta abaixo demonstra a disposição espacial dos prédios do complexo médico.

Figura 6: Recorte parcial do Mapa do Abastecimento de Água. 1960. Originalmente feito na escala 1: 1000



Fonte: Arquivo do IPN

O número um localiza o conjunto de edifícios do primeiro hospital, da clínica e da enfermaria, inaugurados em 1926; o número dois refere-se a escola de enfermagem, construída em 1931; o número três indica a residência do médico; o quatro, a pensão que abrigava

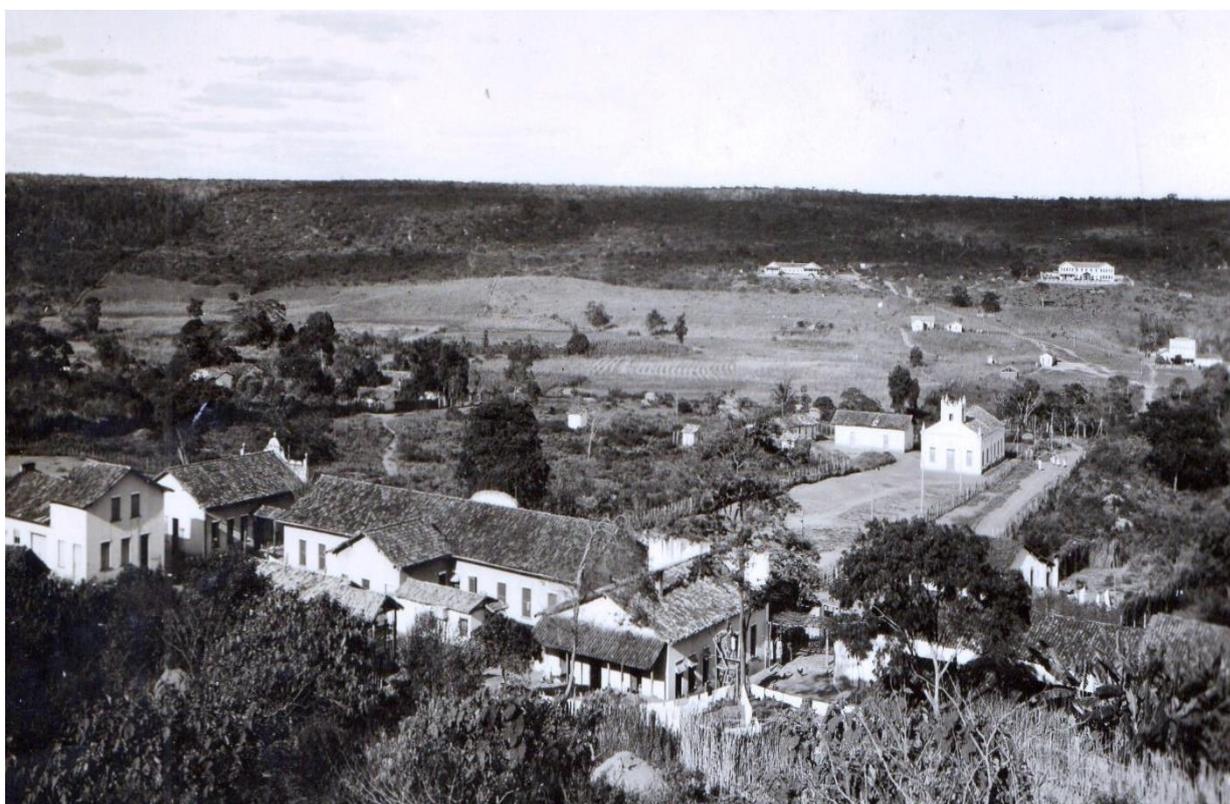
⁴⁶⁴ Relatório Médico 1936. APUD ALMEIDA, 2004, op. cit., p. 54

⁴⁶⁵ NASCIMENTO, 2005. op. cit.

pacientes; o número cinco, o hospital construído com ajuda do governo estadual na década de 1960; o seis localiza o cemitério antigo, utilizado para o sepultamento dos primeiros protestantes, impedidos de serem enterrados no cemitério destinado aos católicos; o sete refere-se a igreja e seus diversos prédios (a igreja antiga, a nova, a casa do pastor e o prédio da mocidade); o número oito representa a principal avenida da cidade; e o nove, a ladeira que ligava o hospital e a cidade à fazenda Ponte Nova.

Os edifícios organizaram a centralidade do povoado. A Igreja Presbiteriana se localizava em frente ao GMH, fator que facilitava a evangelização, com convites aos pacientes e familiares a participarem das atividades.

Foto 16: Panorama geral do povoado com enfoque nos edifícios construídos pela Missão.



Fonte: Arquivo Presbiteriano – São Paulo.

A foto acima ajuda a entender o mapa apresentado anteriormente, e auxilia na compreensão da disposição física dos prédios da Missão. Tirada na parte alta da ladeira, onde se localizavam os últimos prédios, a imagem revela o ambiente rural da localidade em que esses edifícios, construídos com arquitetura diferenciada, destoavam dos tradicionais do “povoado”. No início da imagem, à esquerda, temos os edifícios do setor médico, com a

clínica, o hospital, a farmácia e a enfermaria. À frente, com uma pequena torre em cima da porta e duas janelas, temos a primeira igreja construída. Na sua lateral, o caminho para chegar à fazenda. Ao fundo, os dois internatos. Mais, abaixo o IPN e a ampla região de plantação pertencente a fazenda.

Na imagem abaixo observamos a clínica, no canto direito, e o hospital, no canto esquerdo. A partir dela é possível visualizar o declive existente no local onde os edifícios foram construídos. A presença do Dr. Wood, no centro da fotografia, revela sua posição de destaque no processo de construção de toda a estrutura médico hospitalar.

Foto 17: Enfermaria; Farmácia; Grace Memorial Hospital, Dr. Wood ao centro, e ao fundo a Clínica



Fonte: Arquivo Presbiteriano – São Paulo

O Hospital, diferente do IPN, possuía declaradamente o caráter confessional. Entretanto, assim como o ambiente escolar, era pautado no liberalismo e no processo de aceitação pessoal. Assim, atendia a todos sem distinção religiosa, econômica ou social. A frase que ficava na entrada do hospital “Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos e vos aliviarei”, retirada da bíblia, indicava a concepção da funcionalidade dos estabelecimentos nas questões terrenas e espirituais. Seu objetivo não era apenas curar o corpo, mas salvar a alma. Desta forma, a rotina do GMH tinha os serviços médicos e hospitalares regados pelo trabalho evangelístico dos presbiterianos, com cultos ao longo do

dia e a bíblia sempre disponível às pessoas que transitavam. Havia um exemplar do livro sagrado na sala de espera, e as vezes era lido em voz alta alguns trechos⁴⁶⁶. Contavam também com um colportor para atuar especificamente na localidade, evangelizando as pessoas eram atraídas pelos serviços médico e educacional. Todos os dias as 10 horas havia culto na sala do hospital. Por vezes, o culto era dirigido pelo Dr. Wood, em outras ele apenas assistia. No geral, todos os doentes e internos, funcionários, enfermeiros, pessoas que esperavam consulta e as que faziam visitas participavam do culto. As palavras geralmente eram de conforto e salvação, provocando, segundo relatos, inúmeras conversões.

Uma das fontes relevantes para recuperar aspectos do trabalho médico é a obra fílmica “O Punhal”⁴⁶⁷, produzida em 1960 pelo Centro Áudio Visual Evangélico (CAVE), com sede em Campinas, no estado de São Paulo. O filme foi dirigido por Richard Irwin e contou, com fotografia de Celso Wolf⁴⁶⁸. Segundo Orlando Senna⁴⁶⁹, este foi o segundo filme que se tem notícia a ser realizado na Chapada Diamantina. Para o autor, a obra se constitui como um documento áudio visual de suma importância para a compreensão da história da região. O elenco contou apenas com uma atriz profissional, o restante dos atores empregados foram os moradores do local. A produção teve o apoio dos estudantes do IPN e das enfermeiras do EEGMH. Suas filmagens duraram cerca de dois meses, resultaram em um filme de 45 minutos, em preto e branco. Para Senna, essa produção se caracteriza por:

uma estratégia cinematográfica peculiar, articulando um enredo de amor, ódio e vingança com a reconstituição da saga dos primeiros pastores, professores e médicos presbiterianos que aportaram nas Lavras Diamantinas, inicialmente rechaçados pela população católica como enviados do demônio⁴⁷⁰.

O filme é narrado em terceira pessoa, com um locutor substituindo os diálogos e encaminhando o enredo, que é dividido em três atos. No primeiro momento, o filme apresenta a trama, com o assassinato do noivo da protagonista Isabel. O segundo movimento, basicamente relata a instalação da Missão Presbiteriana e a sua crescente influência na comunidade. A comunidade no filme não possui nome, Ponte Nova não é mencionada na

⁴⁶⁶ Galvão, 1993, p. 79 APUD NASCIMENTO, 2007a, op. cit. p.85

⁴⁶⁷ Inicialmente o filme se chamaria “Minha é a Vingança”, alterado para “O Punhal” posteriormente, não encontramos as motivações desta mudança, podemos indicar que por ser um trabalho com propósito evangelístico este nome poderia soar de forma ruim.

⁴⁶⁸ SENNA, Orlando. Cinema Brasil: Filme Resgatado. Acessado em 01-10-2013. Disponível em: <http://www.cinemabrazil.com.br/pipermail/cinemabrazil/2007-July/008580.html>

⁴⁶⁹ Jornalista, diretor e roteirista de cinema, nascido em Lençóis em 1940. Contemporâneo de Glauber Rocha fez parte do movimento chamado cinema novo.

⁴⁷⁰ SENNA, Orlando. Op. cit.

obra, nem são utilizados nomes reais dos missionários. Entretanto, a partir da análise do filme, é possível perceber que se tratava de uma representação de Ponte Nova. O terceiro ato é responsável por definir o enredo da trama, com a redenção da personagem principal, ao se converter ao presbiterianismo. Após um breve resumo do filme, faremos uma análise mais detalhada dos seus objetivos a seguir.

O filme relata a história de uma jovem que tem seu noivo assassinado no dia do casamento, na frente de todos, por um golpe de punhal. Amargurada da vida a jovem, decide viver alimentando o ódio pelo assassino de seu noivo e, no momento do sepultamento deste, faz um pacto de vingança com seu irmão, ainda bem pequeno. Em sua fazenda, recebe uma inesperada visita de um missionário que pedia abrigo por sua longa jornada. Católica fervorosa, o rechaça do local.

Algum tempo depois, seu irmão sofre um grave acidente enquanto cuidava dos bois da fazenda, ficando à beira da morte. Um amigo que estava no local indica como solução o estado de saúde do irmão, os médicos missionários da localidade, estes que são chamados e chegam de carro rapidamente para atender o paciente, levando-o prontamente ao hospital. O rapaz, depois de uma intervenção cirúrgica, permanece internado por algum tempo, recebendo a visita da irmã rotineiramente. Nas dependências do hospital, a protagonista recebe de presente do missionário uma bíblia, algo que não possuía até então.

O ponto ápice do filme é o momento em que a protagonista, ao ler a bíblia, é tocada fortemente em seu espírito e corre a procura do missionário em sua residência, para relatar a experiência. Ao chegar a casa, não o encontra e segue para a igreja, onde o mesmo estava realizando o culto. Na igreja, para sua grande surpresa, encontra o assassino de seu marido. Em um momento de luta interior, volta para casa e conta ao irmão, com quem havia jurado a vingança. Este toma o mesmo punhal utilizado no assassinato do noivo de sua irmã e corre para a igreja. Ao chegar a igreja a sua irmã não o deixa entrar e o impede da vingança.

O rapaz foge raivoso até parar na beira do rio, onde é alcançado pela irmã que toma o punhal e o joga no rio. Neste trecho o narrador enfoca que “a vingança estava morta”. O retorno da cena é o batismo de Isabel a frente de toda congregação. Ela encara a maior prova de sua conversão quando encontra o assassino de seu noivo também convertido na igreja e o cumprimenta com aperto de mãos selando o perdão. O ato representa a redenção dos dois, o assassino, pelo pedido de perdão, e a moça, pela oportunidade de perdoar. Por final, o filme encerra-se com a mensagem bíblica “se alguém está em Cristo nova criatura é”.

Analisando os aspectos técnicos, Orlando Senna atribui à história uma “arquitetura ingênua”, mesmo quando ousadamente demonstra a não penalização do assassino em detrimento de seu convertimento e alcance de respeito na comunidade presbiteriana. O perdão, como elemento religioso desenvolvido na protagonista, para ele, legou ao assassino a impunidade. Entretanto, o autor adverte que a importância do filme não está na sua “dramaturgia singela amadora”, que mais se aproximava de práticas cinematográficas do cinema mudo do que a linguagem audiovisual da época, influenciada pelo nascimento do Cinema Novo. Porém, indica como valor do filme a contribuição para a antropologia cultural, na fixação de um momento importante para as Lavras Diamantina e, por este motivo, parabeniza os realizadores⁴⁷¹. Entendemos que a preocupação da Missão na produção do filme não se organizava na sua qualidade e inovação na produção técnica, mas no seu objetivo primeiro de evangelizar através deste recurso que se apresentava como novidade aos métodos desta área. Assim, utilizar a história e a experiência de Ponte Nova, inserindo nela um cunho de remissão ao protagonista, contribuiria ao seu objetivo proselitista, ao mesmo tempo em que recuperava traços marcantes da história da obra missionária em uma de suas mais importantes estações e trabalhos.

Em termos do trabalho evangelístico, o enfoque é dado ao hospital, que foi o agente promotor do contato daquela moça católica com a mensagem protestante. Ao chegar ao hospital, o mesmo missionário expulso há anos antes pela protagonista senta-se ao seu lado e lhe oferece uma bíblia. Esta, por gratidão ao atendimento do irmão, a aceita. A rotina do culto diário, o ambiente “terno e bom”, reproduzia a paz com hinos e palavras de conforto, que encontrava nas enfermeiras “paciência” para tratar os “pacientes impacientes”⁴⁷². Desta forma, o hospital pode ser percebido como local em que as condições pessoais poderiam influir decisivamente no processo de conversão. Importante lembrar que a Igreja se localizava a poucos metros da frente do hospital. Por fim, o processo de conversão da protagonista se desenvolveu a partir de sua leitura pessoal e individual da bíblia, que lhe convenceu ao perdão. O filme não nega a vinculação das ações no hospital aos interesses evangelísticos, contudo não explicita que estas ações eram parte de uma estratégia, apontando apenas ao lado social e humanitário das mesmas.

⁴⁷¹ SENNA, Orlando. Op. cit.

⁴⁷² Ibidem

3.5 Epidemias: uma Luta Constante

Ponte Nova, como boa parte do interior da Bahia, sofria com as epidemias rotineiras. Os anos iniciais da década de 1920, por exemplo, levaram os missionários a travarem uma verdadeira batalha para acabar com o mosquito foco de disseminação da febre amarela (*Stegomyia*). O rio da localidade, que era uma dádiva como manancial de águas, em certos períodos servia como foco de proliferação de doenças. Além disso, a região era cercada de barragens de irrigação, uma delas ligada a usina de açúcar da fazenda. Diante desta conjuntura, a Missão solicitou ajuda da Fundação Rockefeller, pedindo que um trabalhador fosse enviado à estação para ajudar no combate a proliferação das doenças. Como solução imediata para o problema, foi orientada a limpeza do vale ao longo do rio.

A Missão reconhecia o fator danoso das barragens, indicando a abolição destas em todo distrito de Ponte Nova, pois acreditavam que a eliminação das barragens de irrigação e de engenhos de açúcar deveria diminuir o surto de doenças e facilitar seu controle. Todavia, reconhecendo que a vida naquele vale dependia da irrigação e, conseqüentemente, das barragens, acreditavam que a proposta era um tanto quanto utópica, pois incidiria sobre os meios de subsistência e de lucro de muitas pessoas. Para eles, o meio de contenção da doença com a eliminação das barragens era improvável. Deste modo, a Missão buscou outros meios para conter os surtos na região, visto que a situação era tão agravante que suas reuniões anuais, que ocorriam em Ponte Nova, tiveram que ser alteradas no ano de 1923. Afinal, não era sensato para Missão mandar para Ponte Nova novos e antigos missionários, para correrem riscos⁴⁷³.

As condições de saúde em Ponte Nova este ano ter sido especialmente ruim devido a uma epidemia de malária, de um tipo muito maligna, causando uma perda da frequência escolar de cerca de 300 dias e a morte de uma menina muito promissora que planejava começar seus estudos como uma enfermeira no próximo ano. Uma outra garota na escola escapou por pouco. A doença tem sido em ambos os lados do rio.⁴⁷⁴

As atividades educacionais foram colocadas em dúvida no ano de 1926, diante do surto de doença⁴⁷⁵. No trecho acima podemos perceber como a presença da doença inviabilizava o trabalho educacional, sobrecarregava o hospital e impedia a vinda de mais

⁴⁷³ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938). Ponte Nova, (17-20 de dezembro de 1923) p. 1

⁴⁷⁴ Ibidem. (15-25 de dezembro de 1925) p. 7

⁴⁷⁵ Ibidem

pacientes de fora, temerosos em visitar a zona de risco, que ameaçava os missionários e os moradores locais. O relato de alguns casos feito nas Atas, aparecia como o alarme das condições sanitárias que impunham soluções imediatas à Missão. Para solucionar essa situação, os missionários locais acreditavam que a vinda de um engenheiro para Ponte Nova seria fundamental. Para além disso, o trabalho do engenheiro viria garantir a eliminação do mosquito e o acesso a água potável longe da contaminação, pois o crescimento da vila e o constante afluxo de pessoas para a clínica do Dr. Wood expunha a água retirada do rio a constantes contaminações.

As resoluções destas questões geraram tensões entre os missionários residentes no local e nos representantes da MCB com a Junta de Nova Iorque. Essas divergências são pontuadas por Ester Nascimento:

Os registros das atas permitem perceber os pontos de prioridades distintos da Junta de Nova Iorque e da Missão Central do Brasil. A primeira, mantenedora do trabalho, insistia que a utilização dos recursos financeiros deveria estar completamente direcionada para a estação missionária. No entanto, os missionários, responsáveis pela implementação do trabalho numa região sem nenhuma infraestrutura urbana, procuravam descrevê-la em seus relatórios, argumentando que não adiantava expandir os equipamentos escolares e hospitalares sem oferecer as condições higiênicas necessárias à existência humana⁴⁷⁶.

Esta situação levou a Missão a buscar mecanismos de intervenção no meio, criando uma comissão de saneamento para trabalhar no local e eliminar o foco de doenças. O Dr. Wood e mais dois missionários compuseram o comitê de saneamento. Como a Missão não queria a limitação dos trabalhos do Dr. Wood, que deveria atuar exclusivamente na área médica, buscou a contratação de empreiteiros de fora para elaboração de um plano de drenagem para melhorar o saneamento geral da Estação Ponte Nova. Neste contexto, o fundador do Colégio em Ponte Nova, o reverendo Willian Waddell, ofereceu os serviços da Faculdade de Engenharia do Colégio Mackenzie, que estavam na época sob sua direção. O tema “Saneamento Ponte Nova”, tornou-se ponto de discussão em Atas, ficando decidido em caráter de urgência que deveria se pedir ao Departamento de Engenharia da Faculdade Mackenzie o envio de um “engenheiro eficiente” para ajudar a resolver os problemas de saneamento, drenagem, abastecimento de água e energia. Em resposta, o Sr. Anderson, engenheiro, da Faculdade Mackenzie, mostrou as dificuldades em deslocar um engenheiro

⁴⁷⁶ NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. *Fontes para a História da educação: Documentos da Missão Presbiteriana dos Estados Unidos no Brasil*. Maceió: EDUFAL. 2008. p. 75

para o local, dadas as despesas que o deslocamento requeria. Assim, pediu um mapa do local para criar um projeto atendendo as necessidades demandadas. A Missão reforçou a necessidade de um engenheiro no local, pois para eles os mapas não seriam suficientes para dimensionar as condições sanitárias de Ponte Nova. Diante da impossibilidade da vinda do engenheiro, a Missão delegou um missionário para o trabalho de levantar os dados requeridos o mais breve possível, mesmo reconhecendo que nenhum missionário no local seria tecnicamente apto para tal função.

A chegada do engenheiro era preterida também para ajudar na estruturação de um sistema de abastecimento de luz elétrica para o hospital, para a clínica e para a escola. A MCB, diante das dificuldades em obter a visita do engenheiro e a ajuda financeira solicitadas, argumentou que os gastos seriam ínfimos, se comparados com seus ganhos na preservação da vida. Além disso, essa atuação evitaria despesas futuras para a Missão.

Acreditamos que precisamos do engenheiro aqui... para ajudar na formulação dos planos e que a despesa é secundário para a saúde e vida humana, e que, a longo prazo, esta forma de resolver a questão vai provar econômico. Temos certeza de que Mackenzie facultade quando totalmente familiarizado com a grave situação que enfrenta a estação de Ponte Nova, fará tudo em seu poder para enviar um engenheiro o mais cedo possível⁴⁷⁷.

A solução para a questão sanitária é exposta nos relatórios registrados em Atas, em que eram recomendadas certas ações para melhorar as condições de Ponte Nova, tais como: a limpeza da margem do rio e da sua volta em uma distância de 250 metros; o constante corte das gramas no entorno do rio; e a retirada do leito do rio de todo tipo de lixos, quer fosse de árvore ou qualquer outro material que pudesse interromper o seu afluxo e gerar locais de água parada. Aventaram ainda a possibilidade de utilização de peixes como trabalho experimental à eliminação de focos. Os relatórios também indicavam a promoção de palestras, fotos e métodos educacionais à população, para que esta pudesse colaborar no combate as doenças. Por essas sugestões, a limpeza das terras e eliminação dos mosquitos tornariam a água potável e livre de contaminação, bastando o cuidado com as pessoas que utilizavam da água do rio e com as possíveis contaminações geradas por este contato.

A Missão destinou recursos para a construção de outros equipamentos neste bojo de melhoria da saúde, como uma usina hidrelétrica, o saneamento das terras baixas, uma estação de esgoto e a melhoria do sistema de abastecimento de água. A usina deveria atender as necessidades de luz elétrica para o hospital, para a clínica e para a escola, adicionando

⁴⁷⁷ Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938). Ponte Nova (15-25 de dezembro de 1925) p. 7 (grifo meu)

eficiência ao trabalho e gerando conforto para os seus funcionários. No entanto, o funcionamento da usina, depois de sua construção, se pautava, por vezes, no valor do querosene. Por este motivo, em certos períodos, quando o preço ficava “proibitivo”, a utilização da luz ficava suspensa por determinado tempo.

O contexto de constantes crises epidêmicas apresentou ao Dr. Wood e ao trabalho médico uma situação atípica, tensões provocadas com um médico brasileiro residente no local. O Dr. Américo Chagas, antigo aluno do IPN, estudou medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com financiamento da Missão. Inicialmente, seu retorno, após a formação e o estágio de um ano na cidade em que formou, seria de grande valia para o trabalho na área médica em Ponte Nova. Sua chegada, em 1931, levou o Dr. Wood a oferecer um acordo de trabalho nas dependências do GMH, acordo inicialmente recusado pelo Dr. Américo. No entanto, algum tempo depois os médicos chegaram a uma combinação, com o brasileiro trabalhando como médico associado ao GMH e a clínica, e exercendo inspetoria no curso normal do IPN.

Seu atrito com a Missão surgiu em decorrência de problemas internos, provocados, inicialmente, pela discussão com o missionário Samuel Irvine Graham, responsável pela parte da agricultura. O desentendimento foi originado pelas visões diferenciadas acerca do foco de doenças, ocasionadas pelo apodrecimento da vegetação nas águas represadas nas barragens da Missão. Para o Dr. Américo, a barragem deveria ser eliminada, já o missionário Graham acreditava que a barragem era vital para as terras cultivadas. Depois deste fato as relações entre Dr. Américo e a Missão foram tensas. Os missionários lamentavam sua “inutilidade e influência desmoralizante⁴⁷⁸”, para com os objetivos da Missão. Diante do desentendimento, ponderaram a sua demissão de imediato, pela possibilidade de causar danos no trabalho médico e escolar, criando um clima tenso entre os pacientes, que poderiam se dividir entre os serviços oferecidos pelo médico brasileiro e pela Missão. Desta forma, a atitude gestada foi de isolamento para evitar mais atritos, acreditando que sua atitude “arbitrária” seria relevada, prevalecendo o espírito harmonioso da Missão.

A presença e atuação do Dr. Américo foram levadas ao Conselho para serem analisadas. No Conselho foi questionada sua ética profissional em relação a seu posicionamento financeiro e aos ideais da Missão. Assim, seus trabalhos aumentavam a cada dia na unidade médica, fazendo do seu crescente prestígio na região grande perigo ao trabalho

⁴⁷⁸ Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938)

médico⁴⁷⁹. Dr. Américo, ao construir sua clínica na mesma localidade, rivalizava com GMH, atendendo também a uma parcela de pacientes. Entretanto, diferente das condições financeiras e estruturais da Missão, sua estrutura, em termos de equipamentos, possuía grande limitação. Diante das condições locais, agia de forma diferenciada do que aprendera no curso de medicina. A falta de recursos fazia sua prática ser adaptada as suas circunstâncias locais, reutilizando vidros de remédios depois de higieniza-los, esterilizando a seringa repetidamente com água fervente no copo de esmalte, fazendo cirurgias usando lâminas de barbear, extraindo dentes sem anestesia etc. Pela sua atuação e pelas condições existentes, Belamy Almeida afirmava que “Deus completava a higienização porque raramente acontecia alguma infecção”⁴⁸⁰. Por essas ações e pelo atendimento indiscriminado foi chamado de “médico dos pobres”⁴⁸¹. A grande característica do Dr. Américo, revelada pela memorialista Belamy Almeida, foi a sua ajuda aos carentes, ele raramente recebia pagamento, o “fiado era demais”. Entretanto, nas querelas políticas, fazia cobrar os serviços prestados, indicando aos seus devedores o seu candidato. Ao longo dos anos, continuou a rivalizar com os médicos e com a atuação do GMH. A Missão, por sua vez, tentava amenizar as tensões.

3.6 Escola de Enfermagem do Grace Memorial Hospital

A criação da Escola de Enfermagem do Grace Memoria Hospital (EEGMH) obedeceu a uma lógica própria. Diferente da Escola da capital, que foi organizada pelo Estado, a EEGMH foi originada por uma instituição religiosa, que a construiu para atender necessidades médicas de Ponte Nova e da região. A escola de Enfermagem era vista como necessidade no auxílio do trabalho médico desenvolvido no GMH, se constituindo de inegável importância para a continuidade e à qualidade do trabalho médico. A recuperação de alguns aspectos da escola de enfermagem nos foi possível graças aos documentos da Missão, aos documentos da Escola e, principalmente, aos escritos e depoimentos de algumas ex-alunas e de uma ex-diretora.

Embora seja desconhecida pela historiografia oficial, que atribui ao curso da Universidade Federal da Bahia o título de primeiro do Estado, os fundadores da Escola de

⁴⁷⁹ Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938). Ponte Nova (16-27 de dezembro de 1935)

⁴⁸⁰ ALMEIDA, 2004. Op. cit. 158

⁴⁸¹ Ibidem, loc. cit.

Enfermagem do Grace Memorial Hospital consideravam o curso ofertado por esta instituição como o primeiro da Bahia. A intenção neste trabalho não é requerer para Ponte Nova o *status* de pioneirismo do curso de enfermagem, ou sua vanguarda, mas trazer ao conhecimento da historiografia e colocá-la como objeto de futuros estudos. É requerer para a Escola de Enfermagem o lugar na História da saúde, desta maneira, necessita ser investigada, pelos trabalhos prestados e por fazer parte das relações entre trabalhos médicos hospitalares, disseminação de ideais de civilização e proselitismo religioso.

Neste caso, além de desvendá-la para historiografia, o estudo da Escola contribuiu para que possamos compreender suas relações, pontuando sua originalidade, dada sua fundação e organização ter sido pensada e implantada por uma missão religiosa, com objetivos múltiplos de atuação na saúde, na religião e na sociedade. A proposta de investigação deste trabalho não pretende esgotar o estudo da EEGMH, apenas busca pontuar brevemente sua organização e sua vinculação ao trabalho da Missão em Ponte Nova, deixando possibilidades futuras de pesquisas aos interessados.

Sem longas digressões da História da enfermagem no Brasil, apontamos questões essenciais ao entendimento da escola de enfermagem em Ponte Nova. A produção historiográfica acerca do tema tem discutido as motivações que estiveram no cerne da origem da Enfermagem “moderna” no Brasil. A História da Enfermagem, assim como da medicina, na passagem do século XIX para o XX, se localiza no momento de profissionalização destas atividades. Sua trajetória nos ajuda a compreender a forma com a qual a saúde era tratada, identificando os atores e sua vinculação ideológica com os projetos de sociedades pensados para o período, que incidiam na forma de tratar a saúde no país.

As teses clássicas apontam a profissionalização da enfermagem como uma necessidade de trabalhadores especializados para combater as grandes epidemias no início do século XX. Outras teses questionam essa explicação. Apontam para falta de sustentação histórica daquelas e colocam em cheque a explicação das doenças como catalisadoras da profissão no país, informando que as doenças infectocontagiosas no Brasil estão presentes desde o século XVI e que essas moléstias estavam praticamente erradicadas quando foi criado o Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1922. Por esta revisão, a razão da profissionalização da enfermagem se concentra em outras motivações.

Os registros históricos da Escola de Enfermeira do DNSP, hoje denominada de Escola de Enfermagem Anna Nery, reforçam a interpretação de que a enfermagem brasileira não priorizou a saúde pública, ao contrário do que as

versões históricas predominantes nos fizeram crer. Os seus primeiros programas confirmam que a formação das enfermeiras, desde a sua origem, esteve centrada no espaço hospitalar e no estudo sistemático de doenças. As enfermeiras não eram, portanto, preparadas para atuarem no campo da saúde pública, na atenção primária e na prevenção, mas, para serem coadjuvantes da prática médica hospitalar que privilegiava uma ação curativa.⁴⁸²

Para esta vertente, as condições de surgimento das escolas de enfermagem, como agentes de saúde, não foram as epidemias, mas as condições de vida “paupérrimas” da população urbana e rural, acentuadas pela crise na economia cafeeira e na Primeira Guerra Mundial. O que levou a um questionamento da postura do Estado e sua não intervenção na área social, em uma sociedade com processo de urbanização acelerado, péssimas condições de trabalho e baixos salários. Esses fatores, somados a doenças e as condições de vida em geral, levaram a mobilização dos trabalhadores em seu processo de luta. O Estado brasileiro, neste contexto, se colocou como mediador de “classes”, enquanto provedor de serviços de saúde e educação, entre outros, para atenuar e desviar os conflitos gerados pelas condições de organização produtiva da sociedade⁴⁸³.

A sociedade brasileira se preocupava com sua imagem e como as condições de vida das populações urbanas poderiam influenciar negativamente no país que queria se construir enquanto civilizado. As doenças provocadas pelas más condições de vida prejudicavam a força de trabalho e, por sua vez, geravam tensões sociais que deveriam ser evitadas. No geral, o trabalho médico precisava de auxílio, devido as condições sanitárias das cidades brasileiras localizadas na zona urbana e rural. As enfermeiras surgem então como força de trabalho especializado, contribuindo para o processo de ajustamento da saúde na sociedade.

Os serviços de saúde pública oferecidos pelo Estado deveriam se fundamentar cientificamente, tendo a educação sanitária como instrumento ideal para as práticas médicas. O modelo proposto por Carlos Chagas na primeira reforma sanitária, entre 1920 e 1926, “proclamava a necessidade de unidades de saúde locais e permanentes, com a formação de uma equipe de profissionais que atuassem de forma sistemática junto à população”⁴⁸⁴. Neste projeto, a enfermeira-visitadora, enquanto educadora sanitária, seria essencial para a efetivação deste plano.

⁴⁸² RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon. A Origem da Enfermagem Profissional no Brasil: Determinantes Históricos e Conjunturais. Disponível em : http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Maria_Lucia_Frizon_Rizzotto_artigo.pdf Acessado em: 01-09-2015

⁴⁸³ Ibidem

⁴⁸⁴ Ibidem

A enfermagem se constituiu como um braço auxiliar no projeto, que buscava um tratamento da saúde de maneira racional na segunda década do século XX. A profissionalização da enfermagem esteve sob forte influência norte americana, tendo como principal organizadora e promotora a Fundação Rockefeller, que foi decisiva na implantação da enfermagem moderna no Brasil. O início da organização sistemática da enfermagem brasileira também está vinculado a criação do serviço de enfermeiras no Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e, conseqüentemente, da Escola de Enfermagem Anna Nery, criada em 1923, no rio de Janeiro⁴⁸⁵.

A enfermagem moderna tinha como missão o dever de servir a todos, sem distinção, em um trabalho de caráter missionário. As enfermeiras que primeiro chegaram ao país conheciam o Brasil por relatórios e a imagem formada era de um lugar “atrasado” na escalada civilizacional do progresso. Seu trabalho deveria atuar como vetor da civilização, como seu agente, transmitindo o saber necessário, incorporando nas escolas de enfermagem esse pensamento para as futuras enfermeiras brasileiras atuarem nessas bases. Foi ambientada nesse contexto que a enfermagem se desenvolveu no país.

A historiografia baiana registra a primeira escola de enfermagem apenas em 1946, com a criação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Sua criação está vinculada ao término da construção do Hospital das Clínicas, que exigia pessoas qualificadas para o trabalho nesta instituição. Para a construção da reconhecida oficialmente como primeira escola de enfermagem da Bahia, o Reitor da Universidade, Edgar Santos, visitou a USP, com objetivo de trazer uma pessoa qualificada para dirigir a escola. A diretora deveria possuir um “alto padrão”, obedecendo a tradição de enfermagem anglo americana. De acordo com suas exigências, o reitor convidou a enfermeira Haydée Guanaes Dourado⁴⁸⁶.

A composição do corpo de alunas seguia critério de seleção elitista. A divulgação da escola, feita pela própria diretora, se concentrava nas organizações de jovens e nos salões que as famílias influentes da sociedade conviviam. Esse contato ampliava o conhecimento acerca da enfermagem, entretanto a iniciativa teve que conviver com a barreira cultural de limitação do trabalho feminino. Ademais, as aulas de enfermagem eram rigorosas, com os horários

⁴⁸⁵ As diferentes vertentes de estudos da história da enfermagem corroboram com o marco inicial, sendo a criação da Escola de Enfermagem Anna Nery em 1923.

⁴⁸⁶ Enfermeira "alto padrão" Ana Nery, funcionária do Ministério da Educação e Saúde, bacharel em ciências sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, pós – graduada pela Universidade de Toronto, Canadá, e membro do corpo docente da Escola de Enfermagem da USP, Haydée Dourado iniciou o seu trabalho seis meses depois da criação da Escola. Disponível em http://www.enfermagem.ufba.br/index.php/?aescola_historico Acessado em: 01/09/2015

tanto no diurno quanto no noturno, em finais de semana e feriados, criando resistência por parte dos pais e enfrentando a preferência de carreiras com maior prestígio social, como o magistério.

Assim, a enfermagem se apresentava como mais uma opção de trabalho. Foram criadas residências para estudantes na Escola de Enfermagem da UFBA, para facilitar o ingresso de alunas do interior. O currículo possuía diversas disciplinas da área, estimando em torno de 5.000 horas, distribuídas em quatro anos. Somava-se a estas as disciplinas extracurriculares, como aulas de inglês e frequência a concertos. A primeira turma formada contou com pessoas ilustres do cenário político e social daquela da Bahia, como o governador Otávio Mangabeira, o Ministro da Educação, Pedro Calmon, e o prefeito de Salvador, Wanderley Pinho.

As pessoas relacionadas a Escola de Enfermagem do Grace Memorial Hospital acreditam que ela foi a primeira escola de Enfermagem da Bahia e a terceira do país⁴⁸⁷. Sobre a sua fundação, existe certo impasse em relação a data do início das atividades da Escola. Para algumas pessoas o ano inicial foi 1926, para outros, apoiados nas Atas, a data seria 1931⁴⁸⁸. Esse desacerto se deve ao fato de que, antes da construção do GMH, algumas alunas do IPN foram treinadas para ajudar no tratamento dos doentes e auxiliar o Dr. Wood e a enfermeira chefe. Em 1926, sobrecarregado de trabalhos, o Dr. Wood solicitou a vinda de uma enfermeira, com incumbência de criar um curso de enfermagem para atender as demandas de Ponte Nova. Janet Graham aponta para a formação da primeira aluna em 1928, esta que foi formada emergencialmente, antes da estruturação oficial do curso, sendo assim vista por alguns como a primeira formada. Entretanto, as Atas registram o início oficial do curso, sob a orientação da enfermeira missionária Lídy Hepperle, no mês de abril de 1931⁴⁸⁹.

A política geral da Missão para construção da escola de formação de enfermeiras indicava que o curso deveria ser organizado e equipado “quando e apenas” a necessidade exigisse. Por esta razão, a unidade médica de Ponte Nova se adequava aos requisitos para sua construção. A escola deveria se orientar pelos seguintes objetivos:

1. Instruir e desenvolver enfermeiros brasileiros para ajudar no cuidado dos doentes em casa, clínica e hospital.
2. Para ajudá-los a serem exemplos de vida saudável.
3. Para prepará-los para levar a cabo as ordens do médico eficiente e inteligente nas estações externas estabelecida pela clínica

⁴⁸⁷ ARAUJO, 2008. Op. cit.

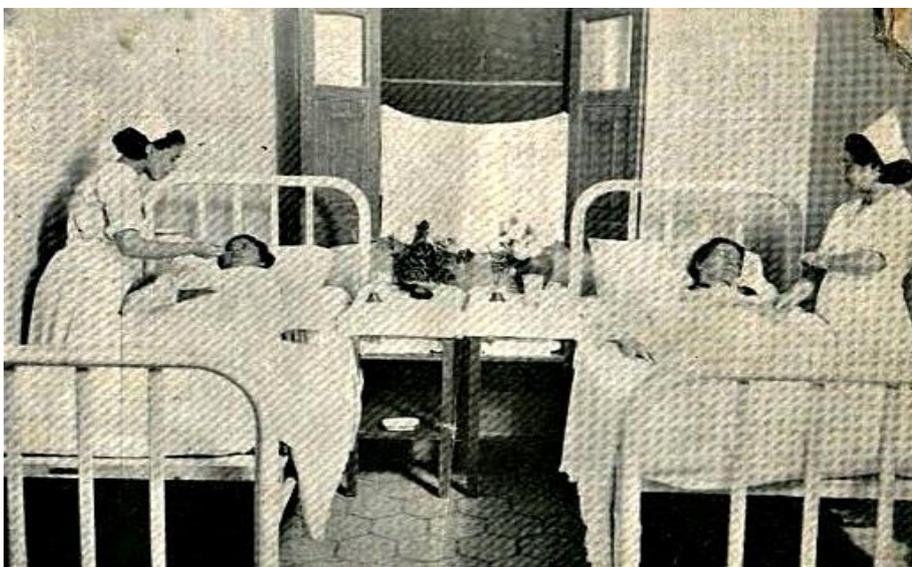
⁴⁸⁸ Old Central Brazil Mission Minutes. (1904-1938) Voto de Felicitações a Srta Hepperle. Ponte Nova, (21 dezembro 1931-2 de janeiro de 1932) p. 5

⁴⁸⁹ Ibidem, loc. cit.

ambulatorial 4. Para enfatizar pré-natal e maternidades. 5. Para prepará-los para ministrar o espírito do homem. Para o efeito instrução bíblica deve ser incluída no curso e serviços devocionais regulares mantidos.⁴⁹⁰

O curso de enfermagem tinha por objetivo formar enfermeiras disseminadoras do modelo higiênico e sanitário, sendo considerado um braço missionário de atuação que, ao disseminar cuidados com o corpo e saúde, também contribuiria com a propagação do evangelho. Sua atuação se estenderia para além do ambiente hospitalar, propagando nas casas e fora de Ponte Nova. O exemplo de vida saudável estava ligado aos ensinamentos sanitários e de higiene, como também na dieta alimentar e na realização de exercícios. O cuidado com a gravidez e com os recém-nascidos eram importantes para o trabalho desempenhado pelas enfermeiras, pois o índice de mortes era considerado alto para região e a forma com que as mães cuidavam dos seus filhos influenciava no número de óbitos. A prática da enfermagem também estava ligada aos objetivos evangelísticos, sendo necessária a preparação das enfermeiras para “ministrar o espírito do homem”, levando aos seus pacientes e familiares o evangelho. Para isso, possuíam em seu curso instrução bíblica e em seu cotidiano os serviços devocionais eram constantes, na Escola e depois no Hospital.

Foto 18: Quarto Particular – Pacientes sendo atendidos pelas Enfermeiras



Fonte: Relatório Médico - 1936.

Esta fotografia mostra de forma ideal a descrição feita por Belamy Almeida em seu livro, que indica o quarto com as camas, o pequeno armário do lado com espaço para os

⁴⁹⁰ Ibidem

pertences e um jarro de flor. O atendimento nas enfermarias deveria ser regado à disciplina e zelo no cuidado dos doentes, atentando-se para a missão de cuidar dos enfermos e levar a mensagem de fé.

Foto 19: Enfermeiras na frente do Grace Memorial Hospital



Fonte: Arquivo Presbiteriano, São Paulo.

A imagem acima retrata enfermeiras formadas, em frente ao GMH, carregando crianças, na maioria recém-nascidas. Esta fotografia evidencia um dos trabalhos no Hospital, o parto e pós-parto eram dois dos grandes focos da atividade médica, orientada principalmente pelas enfermeiras, que deveriam disseminar os cuidados antes e depois do nascimento dos bebês, orientando as mães em assuntos como alimentação e higiene.

A orientação filosófica e pedagógica da EEGMH era direcionada pelo mesmo sistema da capital federal, o modelo “Nightingale”⁴⁹¹. A Escola de enfermagem da Missão foi fortemente influenciada pela escola norte americana, como modelo de atuação e construção de seus ritos e símbolos, somados a uma postura profissional e ética. A EEGMH funcionava ao lado do GMH, o curso era exclusivo para pessoas do sexo feminino e as alunas deveriam possuir entre 18 e 25 anos de idade. O curso deveria durar três anos, com período preliminar de três meses, com aulas teóricas e práticas. A EEGMH possuía uma casa específica para as enfermeiras que recebiam de remuneração uniformes, hospedagem e serviços de lavanderia. Inicialmente havia planos para as alunas mais “adaptadas” e com “iniciativa” fazerem uma espécie de extensão, com as despesas pagas pela Missão, por oito meses, no Hospital São

⁴⁹¹ Sistema inglês proposto por Florence Nightingale, conhecido como modelo científico, moderno ou anglo americano. Este modelo buscava a construção de um tipo ideal de enfermeira, que refletisse uma boa imagem.

Francisco de Assis no Rio de Janeiro. Após esse período, as enfermeiras deveriam retornar e trabalhar pelo tempo mínimo de dois anos no interior⁴⁹².

No princípio havia dificuldades para encontrar moças que quisessem se tornar enfermeiras, era uma novidade no local e muitas desistiam logo no início do curso. Neste momento o IPN serviu como abastecimento de alunas para a Escola de Enfermagem. Assim, rapidamente o curso ganhou notoriedade, levando muitas garotas a se candidatarem e possibilitando um processo rigoroso de seleção. Havia uma série de exigências para o acesso ao curso, com rígido processo de investigação social. Além de documentação, entrevista, recomendação de três pessoas e um rígido questionário de investigação social, a candidata deveria escrever uma crônica pessoal sobre sua vida⁴⁹³.

Segundo Belamy Almeida, a supervisão dos chefes era feita nos mínimos detalhes e as exigências eram levadas aos mais altos graus de rigidez. As formadas usavam o uniforme com branco “impecável”, sapato, meia e toca branca. As alunas, uma túnica de listras azuis, com uma peça branca e uma jardineira a frente, e suspensório com “X” atrás. Abaixo, na fotografia, pode ser observada a diferença entre as vestimentas das alunas do curso de enfermagem, em pé, e das enfermeiras formadas, sentadas:

Foto 20: Sentados: Enfermeira Assistente, Dr. Américo Chagas, Dr. Wood, Enfermeira Chefe Ella Mary Wood. Em Pé: Alunas Enfermeiras



Fonte: Arquivo Presbiteriano – São Paulo.

⁴⁹² Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938). Políticas Educacionais da EBM. Salvador. (4-11 de dezembro de 1926) p.6

⁴⁹³ Na ficha constavam informações como religião, profissão, local que fez os estudos, preferências de lazer, últimos livros lidos,

Nos primeiros meses a aluna poderia ser dispensada ou continuar no curso, a depender do seu desempenho. Havia uma forte exigência ética profissional. Seguindo o modelo já mencionado anteriormente, existia um tipo ideal exigido e cobrado:

Aprovação no exame de suficiência; exames médicos; cortar cabelo; obrigatório uso de relógio de pulso; proibido qualquer uso de adorno no serviço; unhas aparadas sem pintura; linguagem adequada, calma e baixa, horário rigoroso observância; responsável por qualquer dano no material do hospital no horário de serviço; tratamento respeitável para com dente, colegas, superiores, usando: dona, senhora, senhor, até com colegas; uso impecável do uniforme; uso discreto do batom; sigilo profissional; submeter-se ao regime interno; evitar barulho silêncio era regra; capacidade de arrumar camas para receber a pessoa, antes e depois de operada. Tudo isso visando o conforto do doente.⁴⁹⁴

A enfermeira deveria ser exemplo estético de limpeza e postura, disciplinando seu corpo para o modelo de profissional e para atender ao ambiente idealizado de um hospital. Deveria ser atenta ao horário, possuir bons desempenhos nos serviços e no tratamento pessoal, baseando-se em uma moral rígida. A enfermeira era acompanhada de perto, com o controle de suas visitas, que deveriam ter horário definido (geralmente após as 10, depois do banho dos doentes, quando esta iria assistir o culto na sala de entrada)⁴⁹⁵.

De acordo com a memorialista Belamy Almeida, a formatura era um evento de solenidade ímpar que encantava todos os participantes e presentes. A cerimônia começava com um culto, depois, no auditório todo ornamentado com toalhas e objetos com símbolos da profissão (como a lâmpada, característica da enfermagem americana), continuavam o ritual de formatura, que tinha o juramento com um dos pontos altos. Para Belamy, este evento levou muitas garotas a decidirem fazer o curso. Através da análise do juramento podemos perceber a vinculação religiosa da profissão e a observação da construção moral, com requisitos como honestidade, lealdade e eficiência. Percebemos também a compreensão de que o trabalho desenvolvido seria coadjuvante ao lado do médico:

Solenemente, na presença de Deus e desta assembleia, prometo viver uma vida honesta, praticando com honestidade minha profissão. Obster-me-ei de tudo quanto for prejudicial ou impróprio, e não tomarei nem administrarei remédios nocivos. Procurarei auxiliar os médicos nos seus trabalhos, com eficiência e lealdade, dedicando-me ao bem estar de todos os doentes confiados aos meus cuidados. Farei tudo que estiver ao meu alcance, para manter elevados os ideais da minha profissão guardando fielmente o segredo profissional, durante toda minha vida⁴⁹⁶

⁴⁹⁴ ALMEIDA, 2004. op. cit. 62

⁴⁹⁵ Ibidem, loc. cit.

⁴⁹⁶ Ibidem p. 63

A escola de enfermagem, por muitos anos, serviu em conexão com o hospital. Em 1952, um médico missionário em visita a Ponte Nova. Para auxiliar o “atarefado” Dr. Wood, registrou a situação encontrada. Identificou a concentração “exclusiva” de hospitais nas cidades litorâneas, mas, ainda assim, considerava o GMH como um dos poucos que contava com enfermeiros especializados, os quais serviam de engrandecimento do trabalho evangélico da missão, por terem uma boa formação⁴⁹⁷. A formação das enfermeiras era reconhecida de tal forma que muitas eram solicitadas pelos hospitais de Salvador, que não possuíam o curso. Pedidos de enfermeiras para São Paulo, Minas e Goiás, também foram registrados. Entre 1926 e 1961 a EEGMH formou mais de 100 alunas, com reconhecimento do Ministério de Cultura e Educação.⁴⁹⁸ Só deixou de formar enfermeiras depois da regulamentação do ensino de enfermagem, que exigia um curso universitário, o qual a missão não tinha condições de manter. Assim, o curso ofertado pela Escola foi rebaixado para a modalidade de auxiliar de enfermagem.

A constituição da enfermagem, como auxiliadora do trabalho médico, se organizou dentro da instituição hospitalar seguindo este discurso. Se pautou nos conceitos de modernidade, vinculando a ciência como legitimadora de suas “verdades”, em detrimento dos saberes tradicionais relegados a marginalização. Nesta chamada “modernidade” do início do século XX, a produção e normatização de práticas e cuidados com o corpo se profissionalizou como dispositivo de controle da população, legitimado pelos seus saberes científicos.

3.6 O Trabalho Médico Missionário e o Discurso “Científico e Civilizador”

Os sertanejos, distantes dos serviços médicos formais por séculos, elaboraram diversas estratégias para tratarem as doenças, utilizando toda sorte de mecanismos para manutenção da sua saúde e da sua vida. Como já visto, no interior havia poucos hospitais, em comparação com o tamanho da sua população e do seu território. Os centros médicos que existiam estavam limitados as cidades que possuíam certa dimensão política e econômica, o que deixava as populações mais isoladas sem suporte da medicina oficial. A questão econômica não garantia o atendimento médico às famílias mais abastadas, sendo assim, a falta de

⁴⁹⁷ Correspondência Missionária- “Ponte Nova Informações”, 08-02-1952. Arquivo Presbiteriano, São Paulo.

⁴⁹⁸ ARAUJO, 2008. Op. cit. p. 1-6

profissionais no interior e de recursos para atendimentos especializados, obrigava essa camada social a se deslocar para as grandes cidades. Os que não possuíam recursos deveriam, ao seu modo, buscar socorro em momentos de doenças.

A falta de informações acerca do tratamento de saúde baseado nas orientações da medicina oficial, relacionadas à higiene, aos hábitos sanitários e alimentares, no interior, era algo esperado, diante da falta de contato da população com médicos e com a instrução nessas áreas. Como afirmou o relatório de Arthur Neiva e Belisário Penna⁴⁹⁹, em quase a totalidade da zona percorrida por eles, o médico era desconhecido. Fazendo com que estes habitantes vivessem a margem do que era considerado como civilização.

Segundo a memorialista Belamy Almeida, em Ponte Nova, antes da chegada do Dr. Wood e do estabelecimento de sua prática médica pautada na ciência e nos estudos universitários só havia um médico entre Lençóis e Palmeiras. Diante desta situação, a população se valia da “farmácia alternativa”, tendo nos quintais o cultivo de plantas para atender suas necessidades domésticas. Ainda assim, muitos sertanejos recorriam aos serviços de “curandeiros” e “rezadeiras” para atender males como “mau olhado”, “espinhela caída”, “ventosidade”, “resguardo quebrado”, entre outros. Também utilizavam das religiões afro-brasileiras como recurso para seus problemas de saúde, “terreiros de macumba era comum (...) para os lados de Utinga, e atraía muita gente”⁵⁰⁰. O tratamento das doenças por sacerdotes de religiões de afro-brasileira é reconhecido e documentado desde os tempos coloniais, diante de suas experiências no trato de folhas entre outras:

sabiam preparar tisanas, cataplasmas e unguentos que aliviavam os males corriqueiros dos habitantes da colônia, eram também capazes de curar doenças mais graves como a tuberculose, a varíola e a lepra, usando os recursos da farmacopeia tradicional, participaram inclusive do combate às epidemias que assolaram a Bahia em meados do século XIX⁵⁰¹

Esta eficiência, para Renato Silveira, era pública e notória, e questionava, na prática, o monopólio de cura atribuído à igreja e à medicina oficial. Era comum no Correio do Sertão o anúncio de remédios prometendo curas milagrosas, utilizando de histórias “verídicas” de cura dos mais diversos tipos de doenças. Entre as práticas de cura experimentadas por estes sertanejos da localidade estudada, se destaca a atuação de um “leigo” muito respeitado. João

⁴⁹⁹ NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 8, n. 30, p. 74-224, 1916.

⁵⁰⁰ ALMEIDA, 2004 op. cit. 53

⁵⁰¹ SILVEIRA, Renato. Do Calundu ao Candomblé. *Revista de História*. 2007. Acessado em: 11/09/2015. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/docalunduaocandomble>

Antônio dos Reis Lessa atendia os doentes indicando remédios, seguindo a orientação do famoso livro “Chernoviz”. Antônio Lessa era conhecido por ser muito organizado, possuía um caderno que anotava as datas, nomes, queixas e prazo para retorno dos doentes. Adquirindo grande experiência ao longo dos tratamentos, atendia há alguns quilômetros de Ponte Nova. Como pagamento, recebia diversos tipos de gratificações, desde animais até alimentos e objetos de caça, mas raramente dinheiro. O que ajudou na construção de uma boa “imagem” de Lessa na região, tornando-o bem querido pelas pessoas da região⁵⁰².

O local que o Dr. Wood atuou convivia com práticas de cura tradicionais. Nesta perspectiva, seu trabalho somou-se a essas práticas. Entretanto, sua atuação se posicionou enquanto oficial em detrimento das outras.

O médico não é apenas alguém que possui uma técnica, conhece os grandes tratados teóricos, observa e, portanto, detém um saber. É também uma autoridade, alguém que intervém: decide, executa, fiscaliza, pune. O que realmente caracteriza a medicina social é um duplo projeto de normalização: o primeiro é à entrada da medicina na esfera política, criação de instituições e controle da sociedade; o segundo é a exclusividade dos médicos no exercício da medicina⁵⁰³.

Dr. Wood, um “homem da ciência”, apoiava seu trabalho nos estudos feitos dentro da universidade e nas experiências de vida adquiridas ao longo de sua trajetória. Sua prática médica tinha autoridade conferida e legitimada pelo Estado, com a validação do seu diploma, após a defesa das suas teses no centro de saber “científico”, a Faculdade Baiana de Medicina. A postura do missionário, enquanto detentor do saber médico legal, não implicava na exclusão das práticas costumeiras da população, mas orientava as pessoas a partir do que entendia ser ideal. Para muitos defensores da medicina oficial, a utilização das consideradas “práticas obscuras” era algo que deveria ser combatido em favor da utilização das práticas de cura legitimadas pelos Estado. Era um momento em que a medicina queria se afirmar enquanto detentora do saber médico legal, marginalizando as outras práticas de cura. Gabriela Sampaio⁵⁰⁴, nos informa em seus estudos que a utilização do curandeirismo pela população, acontecia também pela falta da credibilidade da medicina oficial. A descredibilização do

⁵⁰² ALMEIDA, 2004 op. cit. p. 53

⁵⁰³ MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Kátia. *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. (pp. 258-9)

⁵⁰⁴ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas Trincheiras da Cura*. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

curandeirismo e de algumas práticas tradicionais em Ponte Nova, foi feita pela via da medicina implementada pelo Dr. Wood e seus respectivos resultados.

O fator religioso, somado a visão racional e desencantada do mundo, em que as curas mágicas não possuíam efeitos, contribuía para a postura crítica frente às práticas medicinais orientadas nos princípios sobrenaturais. Ainda assim, as populações interpretavam as curas realizadas pelos atendimentos recebidos do Dr. Wood a sua maneira, enxergavam como verdadeiros “milagres” seus conhecimentos do mundo e não compreendiam racionalmente as curas oriundas de seus tratamentos. No entanto, vale ressaltar que, apesar dos milhares de atendimentos realizados anualmente, as ações médicas não solucionavam todos os problemas existentes na região e, naturalmente, inúmeras pessoas morriam dentro do Hospital⁵⁰⁵. Assim, alguns doentes que não alcançavam a cura por meio da medicina científica, buscavam outros meios de solução para as doenças, recorrendo às práticas costumeiras, quer fossem religiosas ou outros tratamentos. Como nos informa Ronaldo Sena, a manifestação religiosa Jarê, nas áreas rurais como a de atuação da Missão, possuía como característica essencial atividades de cura.

Enquanto nas capitais, no século XIX, o Estado estava a serviço da medicina oficial, reprimindo os charlatões, em Ponte Nova, não havia a presença do Estado promovendo essa perseguição. A “vitória” do discurso médico oficial sobre os demais se alimentou em termos utilitaristas dos resultados dos atendimentos feitos no GMH. Este, no entanto, não excluía outras formas de cura, apenas se impunha como principal. A convivência com os sertanejos e sua forma de tratar a doença, exigiu do Dr. Wood uma adaptação da medicina e da sua forma de se comunicar com a realidade dos pacientes atendidos. Em determinado tempo, o médico americano aprendeu a assimilar as nomenclaturas das doenças dadas pelos sertanejos com as nomenclaturas da medicina científica.

As doenças atingiam pessoas de todas as idades e eram agravadas pela falta de informação. Segundo Janet Graham, as “superstições” e a “ignorância das leis mais simples de higiene”, somadas aos “tratamentos” sugeridos por “curandeiros” ou outros, levavam as doenças a seus estágios mais críticos. Graham reconhecia nas práticas costumeiras de cura da população efeitos positivos, “certos chás e banho com folhagem surtiam algum efeito”, entretanto criticava atitudes que não contribuía com a melhora da saúde dos doentes, como

⁵⁰⁵ Relacionado às mortes, Belamy Almeida comenta em seu livro o conhecido caso do “caixão da misericórdia”, utilizado para levar o corpo dos mortos daqueles que a família não possuía recursos para comprar um caixão. Pela recorrência de óbitos e pela economia, o caixão era reutilizado, servia apenas de transporte até a sepultura.

“cruéis raspagens e queimaduras a brasa viva, jejuns prolongados ou remédios cáusticos, uso de esterco animal, barro argila, borra de café, etc. sobre ferimentos”, que só aumentavam os ferimentos⁵⁰⁶. Ela cita em seu relatório o caso de um menino que subiu no moinho de cana e caiu, de forma que seu crânio foi esmagado. Para estancar o sangramento, o pai encheu a ferida de terra e folhas. Pensando na morte inevitável, e sem vela, colocou uma brasa nas mãos do menino para guiá-lo ao “caminho eterno”. Horas depois, o pai conseguiu chegar ao hospital com seu filho, deixando a árdua tarefa para os funcionários do GMH de retirar a sujeira da cabeça e cuidar dos curativos da mão queimada⁵⁰⁷.

Janet Graham, em seu artigo memorialista baseado em cartas e relatórios médicos escritos no início dos seus trabalhos no GMH e EFGMH, apontou diversos casos de tratamento do sertanejo e as doenças. Alguns “casos” recuperados pela ex-missionária fazem parte daqueles que se tornaram clássicos na memória da região, devido a sua originalidade e projeção, ao ponto de serem perpetuados, pela oralidade ou pelos escritos. Embora os fatos relatados possuam certo teor de exaltação ao trabalho médico, são importantes para o conhecimento de diversos aspectos das relações do povo interiorano com a saúde.

Janet Graham afirma que muitos acreditavam “nos poderes mágicos do médico estrangeiro, mandavam lençóis, toalhas e peças de roupas de doentes, para que ele mandasse a receita, mas os portadores não sabiam descrever quaisquer sintomas”⁵⁰⁸. A autora, cita, por exemplo, o episódio em que um rapaz foi ao hospital pedir remédio para o pai. Quando questionado pelo médico sobre os sintomas da doença, o menino não soube responder, mas exclamou que estava vestindo a camisa do mesmo, confiando que o Dr. poderia identificar a doença. Belamy Almeida também menciona uma circunstância em que o homem levou ao hospital a roupa da sua mulher para o médico analisar, já que a mesma estava bastante enferma e não poderia ir ao local⁵⁰⁹. Um caso emblemático, retratado com certo teor de romantismo por Janet Graham, demonstrava uma tentativa de ação de gratidão de uma pessoa atendida com um resultado positivo:

uma velha veio guiada por uma menina, veio a pé de lugar a lugar mendigando, a mais de um mês pelo caminho até chegar ao Dr. Wood, encaminhada o médico explicou ser necessário cirurgia. Em poucos dias

⁵⁰⁶ ARAUJO, 2008. Op. cit p.1-6

⁵⁰⁷ Ibidem, loc. cit.

⁵⁰⁸ Ibidem,

⁵⁰⁹ ALMEIDA, 2004. op. cit. 57

após a remoção das cataratas, ela estava boa, capaz de voltar sozinha em gratidão, quis doar a criança para trabalhar no hospital⁵¹⁰.

Por algum tempo prevaleceu em Ponte Novas a resistência ao trabalho médico, oriunda da esfera religiosa. Em outro relato, Graham narra que uma mulher estava inválida por doze anos e foi, contra a vontade da família, ser atendida no “hospital protestante”. Seu quadro era anêmico e, por sua fraqueza, a mesma levou semanas para se restabelecer suficientemente para a anestesia e para a operação. Como resultado, voltou a andar, mudou a concepção acerca do médico e “só tinha louvores a Deus e a Dr. Wood”⁵¹¹.

A falta de informações básicas em relação à saúde nas populações, por vezes, dimensionava a doença e causava estranhamento em certos tratamentos pelos médicos. Como relata Belmmy Almeida, uma pessoa com doença no pé, que tomou vacina no braço, com a seringa voltada para cima, afirmou ser este o motivo dela não ter sido curada. Entre tantas relações entre a medicina do Grace Memorial, a população e seus “choques” de entendimento, o Dr. Wood, por longos anos, era chamado de “Dr. Pílula”, devido ao fato de preparar, ele mesmo, as doses dos remédios, dada a confusão feita pelos pacientes em preparar as medidas corretas baseadas na descrição “colher de chá ou de sobremesa”. As leituras pessoais também incidiam na dosagem dos fármacos, muitos pensavam que “se um pouco do remédio foi bom, mais seria melhor”, gerando muitas vezes resultados graves.

A falta de informação não era apenas no que se refere às doenças clássicas que assolavam a região, como verminoses, úlceras e tumores, tracoma, disenteria, febre amarela e bubônica, tuberculose, malária, leishmaniose, entre outras, mas na dieta alimentar do sertanejo e principalmente das crianças, que era agravada com a situação da higiene pessoal e sanitária. Diante dessas experiências, o Dr. Wood sugeriu o curso simples de medicina preventiva aos seminários para os futuros ministros, para que eles pudessem estar preparados para enfrentar os problemas de saúde das zonas rurais, contribuindo com a disseminação de hábitos considerados saudáveis.

A dieta alimentar era um dos focos de preocupação do trabalho médico, lembrando mais uma vez o relatório de Penna e Neiva, o qual indicava que a alimentação da maioria da população do interior era insuficiente e má⁵¹². Segundo Graham, a situação das crianças era

⁵¹⁰ ARAUJO, 2008. Op. cit. p.1-6

⁵¹¹ Ibidem

⁵¹² NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 8, n. 30, p. 74-224, 1916.

pior, chegando a índices de mortalidade de 50%⁵¹³. Este alto índice tinha também como fator contributivo a forma de criação das crianças, muitas eram soltas no chão de terra batida com meses de vida. No lugar de leite, as crianças bebiam água de arroz e mandioca, com água de cacimba e do rio sem nenhum tratamento. Era comum as mães darem alimentos sólidos, como linguiça ou até mesmo ossos, para as crianças, ao invés de frutas. A utilização de parteiras, mesmo com hospital na localidade, era permanente. Para Janet Graham, suas práticas eram rudimentares e, quando o processo de parto apresentava complicações, as mesmas levavam as gestantes ao Hospital.

A medicina tinha caráter curativo, mas principalmente informativo, no sentido de promover hábitos no caminho de uma sociedade “civilizada e moderna”. Sob este aspecto, as instituições se apresentavam como detentoras do saber especializado, capaz de guiar as pessoas a um modo de vida longe de doenças. Como aponta a ex-diretora da escola de Enfermagem, Janeth Graham, a tarefa de ensinar higiene, puericultura e alimentação correta aos habitantes da região exigia extrema paciência. No entanto, com o passar do tempo, com a ação do hospital e da enfermagem no ensino de novos hábitos, foi percebida uma mudança nas práticas relacionadas à higiene na localidade. A água fervida e o uso de filtros e pote tornaram-se mais frequentes, gerando uma aceitação das “novas ideias”. No geral, os pacientes que eram atendidos, ao regressar à suas residências em outras localidades e cidades, disseminavam também o que era aprendido no período de estadia no hospital e no contato com as novas práticas passadas em Ponte Nova. Desta forma, o GMH apresentava seu caráter normativo, com autoridade respaldada na medicina legal, para impor suas concepções e novos valores, buscando, a sua forma, socializar a medicina e ditar novas formas de comportamento. Neste caso, a legitimação destas atitudes era respaldada pelos resultados médicos, com “curas milagrosas”, credibilizando as propostas de uma nova relação com a saúde. Isso gerava, dia após dia, o reconhecimento dos moradores do sertão das atividades médicas em Ponte Nova, sob o nome do Dr. Wood e do Grace Memorial Hospital.

A ação missionária na área médica em Ponte Nova foi mais uma forma de cura vivenciada pelos sertanejos. Pelo seu aparato e pelos resultados diretos na saúde, sua credibilidade pode ser considerada como alta. Entretanto, é salientar pensar que:

nem sempre era por falta de médico que as pessoas recorriam a medicina doméstica, aos serviços de um curandeiro ou aos conselhos do farmacêutico

⁵¹³ A autora não informa no artigo de onde provem esses dados. Possivelmente do acesso aos relatórios do hospital.

local. A recorrência a diferentes práticas de cura não representava um fenômeno construído para preencher os vazios deixados pela medicina acadêmica ou mesmo em oposição a esta. Na verdade, essas práticas representavam um conjunto de saberes criados pela experiência e preservados pela tradição, muito anterior aos conhecimentos da medicina acadêmica. Era comum que as pessoas de diversos extratos sociais recorressem a farmacopeia doméstica (chás, xaropes caseiros, cataplasmas, etc.), buscassem auxílio das forças sobrenaturais, dos farmacêuticos e dos médicos, quando havia um disponível na cidade.⁵¹⁴

Deste modo, é importante pensar, que os serviços médicos eram requisitados, e confiados pelos pacientes que vinham de longe e difundiam a fama do GMH na pessoa do DR. Wood. Analisando essa relação a partir das problematizações de Norbert Elias, entendemos que a obra médica missionária forneceu um padrão novo a ser seguido, que deveria suplantar as práticas anteriores, com outras novas e civilizadas. O que não quer dizer que foram seguidas, mas foram lidas e vividas a sua maneira, de acordo com as suas experiências pessoais e as condições de vida de cada pessoa. Em Ponte Nova, poderia haver certa vigilância ou auxílio no cuidado de permanência das práticas ensinadas, nas outras cidades e povoados era mais difícil essa vigilância e controle.

No ano de 1928, o Correio do Sertão, em sua edição de número 528, traçou um paralelo entre as condições sanitárias da região e o trabalho feito em Ponte Nova, apresentando o contraste existente entre as realidades e apontando para o alento que vinha do trabalho de um estrangeiro. Na matéria de capa, o autor demonstra certa angústia diante das condições que só deixavam uma saída ao sertanejo “apelar para emigração”, já que seus trabalhos profícuos eram minados pelas múltiplas endemias. Para dar base a sua crítica, relembrou a frase do Dr. Miguel Pereira, a qual informava que “o Brasil é um vasto hospital”, enxergando a materialização da frase no interior, que vivia essa “cruel e vergonhosa” realidade. Entretanto, apontava para um dos poucos “abrigos” para os “sertanejos desprotegidos”, como o do arraial de Ponte Nova, que era abastecido pelos serviços “benéficos” do Dr. Wood.

Tem ainda ali, o sertanejo, á sua disposição, por preços os mais cômodos que se pode imaginar, um ótimo Hospital, o “Grace Memorial Hospital”, modernamente instalado e sabiamente dirigido pelo hábil e benemérito médico operador, o ídolo sertanejo, o Dr. Walter Welcome Wood, secundado pelo espírito jovial e simpático do seu colega o Dr J. B, Downing (...) Ponte Nova é, pois, uma redenção para o sertanejo que, divorciado da civilização e sem livre acesso a Capital, procura, ali curar-se dos seus males

⁵¹⁴ SOUZA, 2013. op cit. pg. 59-60

físicos e intelectuais. Ali se está realizando na integra a maxíma Juvenal “*Mens sara in corpore sano*”.⁵¹⁵

Tamanha importância e préstimos dos serviços, encarnados no DR. Wood, somadas a outras obras, relegaram um prestígio ao médico norte americano. O jornal chegou a indicar uma nova nomenclatura para Ponte Nova, que deveria se chamar Woodopolis. O periódico exaustivamente legava adjetivos e qualificava o Dr. Wood como hábil, benemérito, operador e ídolo. O sentimento de gratidão é também sentido na descrição do seu auxiliar, o Dr. J. B. Downing, como possuidor de um espírito jovial e simpático.

Para uma memorialista que estudou em Ponte Nova, a neutralidade era uma tônica do trabalho. A vinculação política ou confissão religiosa não causava distinção no atendimento, e até em brigas políticas dos coronéis Ponte Nova era respeitada:

Nas brigas de Horácio de Matos e os seus contrários, quando um jagunço ou um soldado conseguia ser hospitalizado, estava na Cidade de Refúgio. Mesmo havendo lá enfermos inimigos, lá eram amigos. (...), se alguém corrido pisasse nos terrenos da fazenda ou do hospital, estava salvo.⁵¹⁶

Belamy revela que em suas lutas, que inquietavam a Chapada entre os mandiocas e mosquitos⁵¹⁷, os grupos políticos sempre recorriam ao doutor para socorrer os feridos. Algumas vezes, na fôbica ou a cavalo, o médico percorria alguma cidade ou fazenda. “Combatentes ao ouvirem o animal saíam das tocaias na beira da estrada, já com arma apontada, recuavam e com respeito diziam: Voltem! É o Dr. Wood”. Esse respeito pode ser entendido pela frase emblemática que ressoava “seu bisturi, seu tensiômetro, sua seringa não tinha partido. Servia quem precisava”⁵¹⁸.

Nos anos de dificuldades financeiras, com minguar dos garimpos, o número de pacientes pagantes diminuiu, embora o total de atendidos aumentasse. Houve grande seca nos anos 30, o que fez com que os alimentos escasseassem, as doenças e a miséria aumentassem. No momento em que os recursos minguavam. Amparados pelo auxílio da Junta, a obra médica não parou. O Governo Federal construiu no período alguns hospitais no interior da

⁵¹⁵ O Problema rodoviário da Bahia: Ponte Nova deve ser um centro rodoviário no sertão. Correio do Sertão, . Morro do Chapéu. Ed. 528. 01-abril-1928.p. 1 (matéria principal)

⁵¹⁶ GALVÃO APUD NASCIMENTO, 2005, Op. cit. 74

⁵¹⁷ Facções políticas que rivalizavam pelo domínio político da região da Chapada Diamantina. Os Mandiocas eram o nome dado aos aliados do Coronel Horácio de Matos e Mosquitos os aliados do Coronel Militão Coelho.

⁵¹⁸ ALMEIDA, 2004. Op. cit. 57

Bahia, mas a maior parte não funcionava por falta de pessoal, de forma que o Grace Memorial Hospital continuava a servir esta vasta área.

A obra médica liderada pelo Dr. Wood possuía prestígio também dentro da MCB. Seus trabalhos eram considerados como expressão da caridade cristã no atendimento aos necessitados e criador de grandes oportunidades para “salvar a alma” do povo, com a evangelização dos pacientes e familiares. Ao longo de seu desenvolvimento, esse trabalho missionário e social montou uma estrutura rara no interior da Bahia. Registrado oficialmente na Secretaria de Saúde, era o único com farmácia num raio de 130 quilômetros⁵¹⁹. Com a melhoria dos transportes, o número de pacientes tendeu a subir, levando mais tarde a Missão a adquirir um pequeno avião, o “Arauto do Evangelho”, para ampliar as possibilidades de assistência médica na vasta região.

Em relatório da Conferência da Obra Missionária no Brasil, da década de 1960, são descritas as contribuições do trabalho médico existente na Missão. Pelo relatório, os trabalhos nos hospitais serviam de testemunho cristão direto e pessoal para ajudar na preparação e treinamento de médicos e enfermeiros “crentes”, fator importante para a área em que atuavam, por possibilitar a vinculação dos atendimentos ao serviço religioso. Colaboravam também para proporcionar serviços em ambientes desprovidos de recursos, por descuido do governo. Além disso, oportunizavam os médicos, preparando-os para o trabalho no interior. As escolas de enfermagem, por sua vez, serviam de grande ajuda na formação de pessoas tecnicamente preparadas para atuar no país e de exemplo para a divulgação do serviço cristão⁵²⁰.

O relatório apontava também as deficiências deste trabalho, indicando a necessidade de sua reparação. Como debilidades, indicava a falta de maiores e melhores recursos, o alto valor de manutenção do trabalho e a falta de pessoal dedicado para essa atuação. Indicava como possibilidade o fortalecimento dos hospitais, a ponto de possuírem diversos departamentos que, na prática, desenvolveriam diversos conhecimentos. Desta forma, se tornariam centros de onde saíam mais médicos para lugares menores, servindo ao maior número de comunidades necessitadas. Assim, seria fonte de inspiração missionária para médicos novos.

⁵¹⁹ MATOS, 2013. Op cit. p.29-31

⁵²⁰ Conferência Sobre a Obra Missionária no Brasil. Relatório da Comissão, número 3. II Hospitais e Escolas de Enfermagem. Pg. 3

O relatório médico em análise demonstra a estrutura do trabalho desenvolvido, sua vinculação, com a evangelização e com o testemunho cristão, e indica a forma diversa que esse ministério era considerado dentro da concepção missionária das atividades médicas. Este trabalho era a expressão do lado humanitário que, articulado com o trabalho religioso, se constituiu como a obra de maior alcance da Missão. Neste sentido, influenciava nas representações e prestígio alcançado pela instituição nos lugares em que atuou, favorecendo a quebra das oposições e a criação de uma rede de proteção a este grupo religioso e seus trabalhos.

3.7 “O Banho de Civilização”

“O banho de civilização” é utilizado enquanto metáfora interpretativa para explicar a ação missionária presbiteriana em Ponte Nova, com base no trabalho feito pelos missionários na escola, no hospital, na escola de enfermagem e no desenvolvimento da agricultura. Estas agências eram responsáveis por articular a evangelização e a disseminação de práticas sociais consideradas civilizadas, organizando seu trabalho a partir da concepção de auxílio, pois, os missionários acreditavam que seus ensinamentos mudariam para melhor as práticas da população nas áreas da saúde, dieta alimentar e higiene, entre outras, por considerarem boa parte das ações dos sertanejos como nocivas às suas vidas e praticadas pela falta de informação. Os ensinamentos da “civilidade” eram propagados de maneira geral aos que tinha contato com estas agências, e não apenas aos moradores de Ponte Nova. Assim, as pessoas que visitavam a localidade e eram atendidas no serviço médico tinham contato com os ensinamentos voltados a uma vida racional pautada na medicina oficial. Estas instruções deveriam ser postas em prática em suas vidas particulares e familiares, além de serem repassadas em suas cidades e povoados.

Somadas a estas agências, a Missão financiou a promoção estrutural e tecnológica da localidade, construindo e adquirindo equipamentos relacionados às necessidades e atividades desempenhadas no local. Estes equipamentos, em sua maioria, tinham relação direta com a população, como a estrada de rodagem (para facilitar o acesso e o transporte), o saneamento e água encanada (na diminuição de doenças), luz elétrica, agências dos correios e telégrafo (para melhor comunicação com outras áreas), promovendo naquela zona rural o desenvolvimento técnico e estrutural. Embora a maior parte destes recursos estivessem concentrados nas proximidades dos prédios da Missão, parte deles eram também utilizados

pela população. Essas ações provocaram grande impressão na região, por serem raras e por oferecerem acesso a equipamentos que só existiam nos grandes centros. A construção dos equipamentos se relacionava com o fornecimento aos missionários, moradores e visitantes de condições básicas de sobrevivência, visto que a rotina no interior do Brasil e da Bahia impunha condições severas à saúde da população, que de forma recorrente provocavam mortes.

Nas Atas é perceptível que as ações missionárias eram primordialmente vinculadas ao objetivo de evangelizar. Os elementos estruturais construídos em Ponte Nova foram realizados para atender a necessidade e demanda local e missionária. Não havia um projeto civilizacional por parte da Missão, embora as agências educacional e médica criadas por eles servissem como centros disseminadores de hábitos culturais característicos das sociedades classificadas como civilizadas. A escola e o hospital, por estarem ligados ao modo de vida racional norte americano, tinham sua atuação direcionada por ela, indicando uma nova postura de vida para aqueles que utilizavam de seus serviços.

Das raras vezes que as Atas citam a palavra civilização, ela vincula a atuação médica e educacional a lugares distantes na “fronteira da civilização”⁵²¹, pensando os lugares longínquos do Estado e sua estrutura física e hábitos das pessoas que viviam nesses lugares. Podemos então compreender que civilização, para eles, estava ligada a práticas sociais e a disposição de recursos. Embora não esteja evidente nas Atas, os missionários tinham uma visão clara da relação cultural entre eles e os sertanejos, por sua ótica influenciada culturalmente pelo modo de vida de seu país de origem. Os sertanejos precisavam de intervenção em diversos aspectos, a fim de melhorarem sua vida e, neste caso, os missionários ajudariam nisso, promovendo as condições necessárias. Assim, o pensamento de civilizar estava presente no agente religioso e não em um projeto maior de atividade missionária.

Mesmo antes da criação dos empreendimentos ou em atuação em lugares longe de Ponte Nova, os missionários e, principalmente, as missionárias, em suas viagens evangelísticas, na medida do possível, promoviam os preceitos sanitaristas e higiênicos. Além disso, formavam pequenas escolas, evidenciando que a preocupação com a áreas da saúde e da educação eram anteriores a formação de Ponte Nova. Sendo realizadas de forma mais simples, estas ações demonstram que a preocupação com a saúde e com a educação, mesmo estando estrategicamente ligadas a evangelização, era algo maior, ligada também a sua visão

⁵²¹ Brazil Council Minutes (1912-1937) Ponte Nova (dezembro de 1927)

de mundo, relacionada em contribuir com o povo desassistido em diversas áreas, por acreditar que isto ajudaria na sua vida cotidiana, evitando doenças, e acessando a cultura letrada.

Nos discursos dos missionários, conseguimos extrair os pensamentos relacionados à cultura e como ela se vinculava com a realidade local. É natural perceber posicionamentos etnocêntricos dos missionários, que observavam a cultura de forma evolucionista, em estágios ligados a práticas sociais e disposição de recursos. Sob esta perspectiva, sua construção cultural era a “mais evoluída” e modelo para outras sociedades. Importante observar que este pensamento estava no cerne dos debates nas universidades dentro e fora do país. Era algo projetado nos grandes centros de desenvolvimento técnico e científico que seduziu a sociedade brasileira. Desta forma, os missionários eram representantes de modelo cultural, e as elites políticas e econômicas da sociedade brasileira defensores dessa mudança.

As palavras do médico missionário Dr. Walter Welcome Wood, em algumas de suas teses⁵²², expressam seu pensamento em relação a cultura e a sociedade local, quando indica, por exemplo, na tese de Obstetrícia, que o tratamento ideal às mulheres grávidas, contraporia o “civilizado” e o “incivilizado” e quando se refere a situação de determinados países e sociedades pela necessidade de “progredir” e “desenvolver”⁵²³. Enquanto isso, em outra tese, na área de oftalmologia, chama os pais de uma criança que quase havia ficado cega por descuido, de “pobres ignorantes desculpáveis”, eximindo-os de culpa por estarem em estágio de “ignorância”, reconhecendo seu nível de conhecimento como baixo, influenciando na qualidade da saúde de sua filha.

Em entrevista com Janet Graham⁵²⁴, enfermeira e missionária que trabalhou no final da Missão no Brasil, percebemos, em sua fala, a permanência deste pensamento cultural em relação à população local e a reprodução de representações construídas pelos primeiros missionários. Por esta concepção, a população local é vista em sua inferioridade cultural, nas práticas de saúde, higiene e alimentação, indicando a atuação missionária como benéfica e civilizadora desde o início dos trabalhos. Percebemos que evangelizar era necessidade religiosa e motivação primeira da Missão, no entanto, ela estava imbricada com a necessidade cultural de promover a mudança, ou seja, civilizar era complementação da evangelização, ambas estavam ligadas a uma ação social e regadas por seu pensamento cultural.

⁵²² WOOD, Walter Welcome. Alguns Acidentes no Parto. FAMEB, 1919 .

⁵²³ Ibidem

⁵²⁴ ARAUJO, Janet Graham. Entrevista concedida em 04 de março de 2011. Wagner- BA

As condições de Ponte Nova eram consideradas pelos missionários como “inóspita”, o que justificava para a Missão as suas ações, estas que refletiam na região de forma dicotômica. A representação ligada ao desenvolvimento cultural se ancorava na noção de que o interior estava distante da civilização, longe de elementos tecnológicos e condutas sociais que os levariam ao patamar de civilizado, o que justificava a legitimidade e necessidade de intervenção, aproveitando-se disso para reforçar a imagem de contraste existente. O trabalho no distrito de Ponte Nova deveria se assemelhar as outras congregações, com sua dedicação voltada à concentração religiosa e, na área social, em palestras acerca de cuidados com saúde e alfabetização em escolas paroquiais. Mas Ponte Nova ofereceu condições de abrigar uma estação missionária, local que serviu de base para o trabalho no interior, ampliando pouco a pouco sua importância dentro da MCB. Assim, as necessidades do local eram tratadas como prioridades, pois abrigavam os missionários e um contingente populacional que só fazia crescer.

O empreendimento mais importante da MCB não poderia existir sem a mínima estrutura. Assim, os constantes pedidos de auxílio, manutenção e ampliação de Ponte Nova, na sua medida, eram atendidos, afinal, o lugar contava com o maior número de missionários, entre eles os dirigentes da MCB. A atuação médica e educacional da Missão, diante da escassez dos serviços disponibilizados no interior, potencializou seu alcance, atraindo muitas pessoas para ouvirem a mensagem protestante, contribuindo para a concretização de seu objetivo primordial, evangelizar. Deste modo, com o gradativo aumento de atendidos, os investimentos foram sendo desencadeados na ampliação dos serviços e na estrutura local.

A relação dos trabalhos médicos e educacionais e a evangelização era bastante próxima. Entretanto, em momentos de dificuldades ficava evidente a qual área seria dada prioridade pela Missão, como ratifica a reunião do Conselho Brasil⁵²⁵ no ano de 1927, em Ponte Nova. Realizada em momento em que a Missão passava por dificuldades financeiras, sugeriu a sua política institucional, lembrando a prioridade do seu papel missionário:

“Como afirmado pelo Conselho, a finalidade principal de um trabalho missionário no Brasil é a evangelização e o desenvolvimento de autopropagação, Igrejas autogovernadas (...). A melhoria do analfabetismo e o título dos doentes não são objeto principal do esforço missionário”⁵²⁶.

⁵²⁵ Reunião das duas Missões da Junta de Nova Iorque: Central Brasil e Sul Brasil.

⁵²⁶ Brazil Council Minutes (1912-1937) Ponte Nova (dezembro de 1927)

Este trecho deixa evidente que a função da Missão era levar sua fé. Os outros trabalhos serviriam de suporte a este, uma estratégia para alcançá-la com eficiência. Entre manter o trabalho evangelístico direto e as obras sociais e evangelísticas, pelos gastos maiores, prescindiram das obras em detrimento do evangelismo. O que não excluiu o seu teor de trabalho social na contribuição ao combate das mazelas que afligiam o povo. Na mesma reunião do trecho acima, foi sugerida a passagem administrativa destes trabalhos para a igreja nacional, por reconhecerem que eles não deveriam ser extintos, algo que não aconteceu, pois, a igreja nativa não possuía recursos.

É importante ressaltar que todos os trabalhos abertos fora da evangelização direta eram pensados para serem efetivados no sistema de autossustento. Embora muitos não conseguissem essa autonomia financeira, ficando dependentes da intervenção da Missão. As constantes compras de equipamentos geralmente ficavam a cargo da Missão, que geralmente pedia auxílios específicos para aquisição de equipamentos às igrejas pertencentes à Junta em Nova Iorque. Mesmo em tempos de crise, a Missão manteve o trabalho em Ponte Nova, devido ao que proporcionava para a causa missionária. A Missão considerava os serviços de Ponte Nova fundamentais para a evangelização e não deixava de salientar a importância que ela ocupava para as populações interioranas. Em suas palavras, Ponte Nova estava “servindo admiravelmente as necessidades do interior”⁵²⁷ e, por sua vez, possibilitando um alcance grandioso de almas.

3.8 Viação, Saneamento e Escolas: as Ações Missionárias e suas Representações.

Em Ponte Nova, universos culturais bem distintos conviveram e se relacionaram constantemente, neles as posições dos grupos sociais tendiam a se apresentar de forma polarizada. Para pensar as distintas percepções da realidade, como elas foram construídas, e para analisar estas relações, empregamos o conceito de representação de Roger Chartier. Segundo o autor

As percepções do social não são de forma alguns discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformulador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.⁵²⁸

⁵²⁷ Ibidem

⁵²⁸ CHARTIER, Roger. "Introdução: Por uma sociologia histórica das práticas culturais". In Chartier. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988, p. 13-28.

Na investigação dessas percepções e suas representações encontramos um campo de concorrência, que envolvia poder e dominação. Nele:

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são seus e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não, é, portanto, afasta-se do social.⁵²⁹

Roger Chartier, em sua proposição teórica, contribuiu no universo analítico para a ampliação dos locais de embate, trazendo as representações como elementos centrais na disputa por poder e dominação social, algo que anteriormente era pensado como exclusivamente das áreas políticas e econômicas. Sendo assim, as representações “do mundo social... embora aspirem à universalidade... são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”⁵³⁰, elas são moldadas “através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam”⁵³¹ e são “produzidas a partir de papéis sociais”⁵³². Por conseguinte, são fundamentais para compreender como os grupos viviam e organizavam sua realidade. Assim, neste trabalho, o imaginário é invocado através das representações, pois ele auxilia na análise desta realidade, na medida em que “faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade”⁵³³. O imaginário é refletido nas representações e nos apresenta como a realidade é percebida pelos diferentes grupos sociais. É importante salientar que as representações construídas não pretendem ser universais, tal como o conceito antigo de mentalidade, que recebera duras críticas pela impossibilidade da construção de uma narrativa do mental de uma sociedade, ou pelo menos não em sua totalidade.

Desta forma, as representações são pensadas nas relações construídas pelos diferentes grupos sociais e pela individualidade dos sujeitos. Os missionários, a partir de seu “olhar” cultural, construíram imagens acerca do interior e de sua população. E, a partir de interesses específicos, utilizaram todo seu aparato cultural, religioso e econômico para forjar imagens a respeito de seu trabalho. Por sua vez, os sertanejos liam a realidade a sua maneira,

⁵²⁹ Ibidem.

⁵³⁰ Ibidem.

⁵³¹ Ibidem.

⁵³² Idem. “Cultura popular?: revisitando um conceito historiográfico”. *Estudos Históricos*, vol. 8, n.º. 16, Rio de Janeiro, 1995.

⁵³³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário”. *Revista Brasileira de História*, vol. 15, n.º. 29, São Paulo: ANPUH; Contexto, 1995, p. 9-27.

construindo para si representações do grupo religioso e de suas ações, bem como da relação delas com o sertão.

Posta essa discussão, para compreensão das atividades missionárias e das representações construídas sobre sua ação, é imprescindível a localização do interior, e das condições locais e do relacionamento com os poderes públicos. A partir da análise de matérias publicadas no jornal *Correio do Sertão*, foi possível recuperar elementos destas representações. Entretanto, se faz necessário ponderar acerca da problemática da fonte periódica, esta possui motivação específica de produção, somada a seu engajamento político, econômico e social. Como as outras fontes, ela não é neutra, é socialmente produzida para disseminar ideias, projetos, valores e comportamentos, contribuindo para formação de uma visão imediata do mundo⁵³⁴. Contudo, é também uma das peças centrais na construção da análise das representações, por trazer diversas referências ao trabalho missionário e por sua forte vinculação com a região da Chapada Diamantina. Publicizando as ações da Missão, quer fosse para criticá-las ou para elogiá-las, contribuiu sua maneira para a divulgação do trabalho missionário, além de influenciar na construção das representações referentes à Missão.

O *Correio do Sertão* foi criado em 1917, em Morro do Chapéu, por Honório de Souza Pereira, um escrivão civil e suplente de juiz de direito, com o apoio de pessoas “ilustres” da localidade, como o coronel Dias Coelho. Na época, na Bahia, havia tipografias apenas nas cidades de Salvador, Lençóis, Senhor do Bonfim e Barra. O jornal circulava semanalmente nas cidades vizinhas e as vendas de anúncios serviam para manter a produção⁵³⁵. O nome do periódico auxilia a pensar a sua conceituação de “sertão”, que não foi evocado enquanto o espaço geográfico, mas sim como lugar distante, sem estrutura, polarizado com o litoral, abandonado e necessitado de ajuda. No *Correio do Sertão*, além das postagens cotidianas, como obituários, casamentos e festas, havia publicações de matérias voltadas à defesa da região da Chapada Diamantina. Seus artigos denunciavam a situação de calamidade em certos períodos e criticavam a falta de atenção dada pelo governo à região. O periódico era engajado em demonstrar a fraqueza do lugar, pela falta de apoio das autoridades, e as possibilidades de

⁵³⁴ CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversando sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007 p259

⁵³⁵ LOPES, Luiz Carlos Santos. *O Correio do Sertão e o fim do coronelismo em Morro do Chapéu*. 4º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Realizado de 30 de maio a 2 de junho de 2006, organizado pela AMI, a Faculdade São Luís, a UNICEUMA e a UFMA em São Luís/MA, com o tema "Imprensa 200 Anos - Memória Maranhão". Acessado em 01/03/2015 Disponível em : <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/4o-encontro-2006-1>

desenvolvimento que possuía, apontando para o abandono estatal e para a falta de investimento como responsáveis pela situação. O periódico comumente republicava artigos de jornais da capital e de outras cidades que coadunavam com seus interesses. Na área religiosa, era notavelmente católico, crítico de “bruxaria” e do “protestantismo”. Porém, vivenciou uma relação amistosa com Ponte Nova, depois das críticas iniciais. A atuação missionária e seus reflexos na região alterou a relação do jornal com a Missão, chegando o primeiro a receber visitas dos representantes da segunda em sua redação.

Como já discutido anteriormente, a autoimagem reproduzida pelos missionários no período reforçava uma polaridade vivenciada por muito tempo no Brasil e ampliada no final do século XIX e início do século XX. Esta imagem se referenciava nos ideais evolucionistas, positivistas e cientificistas da modernização e da industrialização. Nas capitais, esses ideais se materializaram no projeto de modernização, onde o litoral e as grandes cidades eram espaços para construção do progresso⁵³⁶ e o interior, isolado, era deixado ao esquecimento, dominado pelo “atraso”.

Se para as capitais o projeto de modernizar era inovador, para o interior poderia ser revolucionário, entretanto, estas mudanças via Estado seriam improváveis. O governo da Bahia fazia prevalecer o continuísmo de amparo à Capital e seu entorno, chegando até o Recôncavo. Neste período, o enfoque dado a Salvador legava ao interior o esquecimento e o isolamento, com pequenas ou nenhuma ação do Estado para da capital e seu entorno. Existia uma enorme distância física e diferenças culturais entre o litoral precariamente urbanizado e o sertão pontilhado de isoladas fazendas de gado e contados povoados e vilas⁵³⁷. O interior baiano permanecia esquecido, o distanciamento entre os poderes constituídos e a situação de miséria das populações interioranas revelavam o descompasso entre essa área e o litoral⁵³⁸. Momento que a maioria esmagadora da população vivia no campo, em localidades praticamente isoladas uma das outras, tal a precariedade dos meios de transporte e comunicação⁵³⁹. Solicitações de ajuda vindas do interior eram tratadas com indiferença, especialmente quando as localidades solicitantes haviam perdido importância econômica,

⁵³⁶ LEITE, Rinaldo Cesar N. *E a Bahia civiliza-se... ideais de Civilização e Cenas de Anti-Civilidade em um Contexto de Modernização Urbana*, Salvador, 1912-1916. 1996. Dissertação (Mestrado em História) UFBA. Salvador: 1996.

⁵³⁷ Ibidem

⁵³⁸ TEIXEIRA, 1975. Op. cit p.

⁵³⁹ SAMPAIO, Consuelo Novais. *O Poder Legislativo da Bahia: Primeira República (1889-1930)*. Salvador: Assembleia Legislativa; UFBA, 1985

como as localidades envolvidas com a mineração.⁵⁴⁰ O interior sofria com a parcialidade dos governantes que recordavam destes locais apenas em ocasiões específicas.

Apesar de reiterados pedidos o governo mostra-se indiferente aos sofrimentos dos sertanejos, que só são lembrados por ocasião das bandalheiras eleitorais para servir de pedestal às espetaculosas ascensões dos felizardos da época.⁵⁴¹

O tratamento de indiferença em relação a capital era uma constante nas páginas do periódico *Correio do Sertão*:

Vivemos no sertão tão dissuadidos de melhoramentos por parte dos homens que dirigem nossos destinos, que nos parece uma utopia qualquer projeto criado para o progresso popular coletivo (...) Mas os nossos governos só tem lançado suas vistas para a capital, por estar mais aos olhos do estrangeiro, deixando em completo abandono o centro, esquecendo-se que dele é que emanam os principais recursos e que a capital sem ele, pouco valeria... Porém o sertão acha-se submergido no mais doloroso esquecimento por parte dos que se acham de posse dos poderes⁵⁴²

A região da Chapada Diamantina estava longe do alcance da capital e, no início do século XX, não era a sombra do que tinha sido em meados do século XIX, quando alcançou grande desenvolvimento devido a exploração diamantífera. O território, nas primeiras décadas do século XX, era ocupado por verdadeiros clãs de coronéis que disputavam o poder local. Foram muitos os embates causados entre eles pelas diferentes orientações políticas, que deixavam um rastro de muitas mortes nas terras da Chapada. Nesse contexto político e econômico, o interior se via cada vez mais dependente das relações de compadrio com os grandes donos de terras. A força motriz e implacável da História, que avançaria com a civilização nos sertões, como Euclides da Cunha⁵⁴³ previu, estava longe de chegar.

O *Correio do Sertão*, em defesa dos interesses locais e na ânsia de trazer a ação governamental para região, não se furtava em republicar artigos da capital que atendiam aos seus interesses, como a coletânea de artigos do *Diário de Notícias*. Matérias classificadas como “Nascidas da mais pura verdade que merecem considerável atenção”. Afirmavam que nos sertões:

O brasileiro do interior fica sem meios de transporte, sem estradas, sem higiene, sem saúde, sem alfabeto, sem esperança, desprezado... enquanto os

⁵⁴⁰ SILVA, Aldo José Morais. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: Origem e Estratégias de Consolidação Institucional – 1894-1930. Salvador, 2006. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia. 256 p.09

⁵⁴¹ Abandono dos Sertões Baianos. *Correio do sertão*, Morro do Chapéu, Ed. 64. 20-julho-1918. p. 2

⁵⁴² *Correio do Sertão*, Morro Do Chapéu, Ed. 512. 01-dezembro-1927

⁵⁴³ Cunha, Euclides da 1966 *Obra completa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar.

orçamentos federais soem cada ano para a pandega urbana dos bacharéis (...). Quem viajar aos sertões terá prova disso, vendo um homem enfraquecido, comido por moléstias, sem instrução⁵⁴⁴.

Em sua republicação do artigo nomeado “Progredir”, atrelava o avanço do Estado à ação governamental no sertão, “A Bahia só será um grande Estado (...) quando lembrar que o sertão existe”⁵⁴⁵. Afirmavam que os sertanejos, aos olhos dos poderes públicos, não passavam de “condenados ao suplício de todos os males físicos e sociais”. Neste trecho, o autor mostra toda angústia que afligia uma grande parcela da sociedade, chamando atenção para uma das tantas partes do Estado esquecida ou negligenciada pelos governantes, e indicando o grande potencial de progresso que estes locais legariam ao desenvolvimento da Bahia.

As condições do sertão, assolado pela seca, faziam do êxodo uma constante na vida do sertanejo. Porém, a região também era vista como ambiente de possibilidades de melhorias, mas somente se amparada pelos poderes públicos. O Correio do Sertão, como outros periódicos do interior, servia de denunciador das condições de isolamento, falta de estrutura e miséria como realidade de vida no sertão. O povo do interior necessitava de ajuda, mas não dá a modernidade burguesa do alargar das ruas, da construção de praças e de chafarizes, nem dos grandes bailes que encantavam a elite das capitais, a “modernidade” para este povo seria o mínimo necessário para viver: escolas para as crianças, emprego para os adultos e as condições básicas de saúde. Enquanto as capitais promoviam seu projeto de modernização, o interior continuava débil em infraestrutura (no que refere aos transportes), em condição preocupante na saúde e educação, sofrendo com as epidemias, secas e fome. Em tom de desabafo, o Correio do Sertão publicou “pobre sertanejo (...) vive no rol do esquecimento, divorciado da civilização, cansando de gritar sem ser ouvido, porque entre ele e os poderes constituídos tem erguido sempre a revoltante barreira do descaso”⁵⁴⁶. O mesmo jornal, que denunciava a situação do interior, sugeria ações ideais para o sertão sair das condições em que se encontrava. Os editores viam com algo imprescindível para a melhoria do interior à chegada do progresso representado pelas estradas de ferro, de rodagem, correio, telégrafo e

⁵⁴⁴Correio do sertão, Palavras do “Diário de Notícias” (Nascidas da pura verdade e que merecem considerável atenção). Morro do Chapéu. Ed. 366. 15-julho-1924. p. 6

⁵⁴⁵ Correio do sertão, Palavras do “Diário de Notícias” (Nascidas da pura verdade e que merecem considerável atenção). Morro do Chapéu Ed. 361. 08-junho-1924. p. 4.

⁵⁴⁶ O Problema rodoviário da Bahia: Ponte Nova deve ser um centro rodoviário no sertão. Correio do Sertão. Morro do Chapéu. Ed. 528. 01-abril-1928.p. 1 (matéria principal).

escolas⁵⁴⁷. Para eles os recursos estruturais e tecnológicos, somados a educação, incidiriam na melhoria da vida do sertanejo, se constituindo como a essência do progresso.

Em outra edição, o periódico foi enfático ao indicar como solução para os problemas do sertão a promoção de “viação, saneamento e escolas”⁵⁴⁸, três elementos estimulados pela Missão em Ponte Nova. Fator que levou a mudança nas representações acerca da instituição religiosa por promover na localidade e região, a criação de recursos estruturais e disseminação de práticas sociais eleitas como ideais. Desta maneira, o periódico, que anteriormente atacava os protestantes, denunciando a “propaganda protestante” e seus “duvidosos interesses”, agora defendia a atuação, vinculando-a ao progresso e à civilização. Como uma instituição que trabalhava para o desenvolvimento da região, proclamando Ponte Nova como “redenção para o sertanejo” que, “divorciado da civilização e sem livre acesso a Capital”, encontrava na localidade um dos lugares com “maiores possibilidades em todo nosso sertão, não só devido a fertilidade de seu solo, mas também devido ao grande desenvolvimento oriundo da emigração americana ali domiciliada”⁵⁴⁹. Percebemos, na imagem construída pelo jornal, que Ponte Nova era percebida como lugar diferenciado em meio às condições gerais de vida no sertão, porém esse diferencial estava ancorado na presença norte americana, que resultava no investimento missionário.

O trabalho social missionário, somado aos aparatos tecnológicos, ajudou na propagação da imagem presbiteriana como irradiadora de benefícios para o sertão, em um ambiente que sempre esteve a margem da atuação estatal. Fundamental pensar que essas imagens eram forjadas com interesses específicos:

Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância quanto as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor, a sua concepção do mundo social que são os seus, e seu domínio (...) ⁵⁵⁰.

As representações polarizadas, construídas pelo trabalho missionário, ligavam sua atuação ao desenvolvimento de um lugar tão necessitado, sendo assim, seria benéfica para o

⁵⁴⁷ O Progresso do Morro do Chapéu. Promessas e mas promessas. Correio do Sertão. Morro do Chapéu, Ed.186. 30-janeiro-1921. p.1 (matéria principal).

⁵⁴⁸ As grandes necessidades do Sertão. Correio do Sertão.. Morro do Chapéu, Ed. 399. 03-maio-1925. p.1 (matéria principal).

⁵⁴⁹ O Problema rodoviário da Bahia: Ponte Nova deve ser um centro rodoviário no sertão. Correio do Sertão. Morro do Chapéu. Ed. 528. 01-abril-1928.p. 1 (matéria principal)

⁵⁵⁰ CHARTIER, 1986. Op. cit.

trabalho, na medida em que lhe conferia vantagens, com atração de pessoas ou grupos políticos para defenderem sua atuação e partilharem de seus pensamentos. Assim, estrategicamente, as representações foram sendo reproduzidas, servindo no abrandamento das resistências locais, tão características das condições políticas na Chapada Diamantina. A novidade e a raridade dos trabalhos na região minaram aos poucos as resistências e contribuíram para que as representações de Ponte Nova e do trabalho dos norte-americanos fossem reiteradas de forma elogiosa pela população local e da região. Valfrido Moraes, em seu clássico *Jagunços e Heróis* assim retrata a obra da Missão:

Mas em que pesassem tantas resistências, o certo é que a entidade filantrópica norte-americana, em 1906, fundaria, pelas mãos do engenheiro William Alfred Waddell o magnífico Instituto Ponte Nova, “uma clareira aberta no sertão”, o Reverendo Edwin Bixler construiria o Templo Evangélico e o médico Walter Welcome Wood construiria um moderno hospital e uma Escola de Enfermagem que se anteciparia a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, em Salvador, três pilares de uma civilização realmente fascinante, baseada nos mais salutareis princípios espiritualistas⁵⁵¹.

Para alguns dirigentes da Missão, os trabalhos desenvolvidos em Ponte Nova, além de ajudarem a população, alcançariam um local importante no futuro do protestantismo no Brasil, por se constituírem em um experimento exemplar e criador de imagens positivas. Sendo assim, pela situação do Estado e pela sua necessidade de mudança, acreditavam que a redenção do país seria pelo evangelho de Cristo, representada pelo protestantismo, e Ponte Nova poderia expressar o microcosmo do que seria esse futuro.

As representações geradas pelo campo religioso visualizam Ponte Nova enquanto baluarte do protestantismo presbiteriana. A localidade não obtinha tanta atenção da Igreja Católica, com atitudes para reprimir as ações dos protestantes ou para a manutenção religiosa na região. No distrito e vizinhança, as obrigações religiosas continuaram por muito tempo sendo realizadas por Missões. Não se sabe porque a Igreja continuou indiferente a Ponte Nova, no entanto, algumas explicações para a ausência da religião católica na localidade podem ser aventadas, como a falta de clérigo, o pequeno número de habitantes do local e, por fim, o apoio dado ao trabalho desenvolvido na Missão pelos coronéis. Os missionários tentavam estabelecer relações amistosas na localidade e a organização da primeira Igreja Católica só ocorreu na década de 1970, em um terreno vendido pelos missionários. A partir da análise das fontes, percebemos que Ponte Nova não esteve na agenda de embates diretos da

⁵⁵¹ MORAES, 1997. Op. cit. p.

Igreja Católica, comumente, nas entrevistas, o nome do Padre Ramos de Utinga é bastante usado como referência à resistência na região, porém, nas atas não encontramos referências acerca de embates da Missão com a Igreja Católica.

No Correio do Sertão foi reportada a visita do Arcebispo D. Augusto à região. Este, acompanhou as missões, em 1931, visitando as cidades de Morro do Chapéu, Camisão, Monte Alegre e Itaberaba, e as povoações de Bela Vista de Utinga e Wagner⁵⁵². Ao que tudo indica, contudo, o clérigo não visitou Ponte Nova. Nos arquivos da Cúria Metropolitana de Salvador, encontramos uma única referência direta sobre o assunto, em uma carta de alerta do Cônego Jose Dias Albuquerque, de Mundo Novo, para o Arcebispo D. Augusto. No documento foi solicitado um vigário ou outro religioso para a paróquia de Riachão de Utinga⁵⁵³, pois os “protestantes” estavam “armando suas tendas satisfeitos”. Além disso, aquela paróquia ficava próximo do “perigoso lugar de Ponte Nova”⁵⁵⁴. A correspondência informa também que algumas famílias da sede se retiravam por falta de sacerdote. A localidade continuou desassistida, e Ponte Nova, para o religioso que atuava nas proximidades, representava um perigo aos interesses da Igreja.

Outra fonte primorosa de análise das representações são os poemas e hinos construídos por ex-alunos e pessoas que tiveram algum tipo de contato com os trabalhos missionários em Ponte Nova. Essas fontes nos possibilitaram perceber como os diferentes sujeitos significaram as ações missionárias em relação ao ambiente em questão e à sua vinculação religiosa. Os hinos em si são construídos para exaltação de algo, geralmente utilizam o referencial do passado e são bastante evocados nas questões que envolvem nacionalidade e criação de sentimento pátrio. Não se poderia esperar nada menos elogioso de produções neste sentido, entretanto, nas suas estrofes, o autor escolhe quais adjetivos utilizar diante da sua significação do objeto, revelando quais imagens construídas foram selecionadas para serem eternizadas em suas estrofes. No “Hino a Ponte Nova”⁵⁵⁵ escrito pelo ex-aluno Wilson Teles, em 1938, o autor descreve Ponte Nova como:

És, ponte-Nova um talismã bendito/Símbolo das letras de imortal valor/
Entre os escolhidos sob o céu bonito/De nossa terra a Bahia amor/És livro

⁵⁵² Correio do Sertão, Morro do Chapéu Ed.681. 08-março-1931 e 688. 26-abril-1931

⁵⁵³ Localidade próximo a Ponte Nova

⁵⁵⁴ Correspondência do Arcebispo D. Augusto Álvaro da Silva. Carta pedindo Padre para Riachão de Utinga, do Cônego Jose Dias Albuquerque de Mundo Novo. 3/09/1927. Arquivo da Cúria Metropolitana/ Laboratório Eugênio Veiga. Livro de Correspondência (1924-1968).

⁵⁵⁵ TELES, Wilson. Hino a Ponte Nova. IN. ALMEIDA, 2004. Op. cit. p. 12

aberto para o olhar do povo/Que vive cedo neste bem sertão/Luz clareando um caminho novo/Estrela viva da civilização. (...)

O hino escrito destaca a valoração dada a Ponte Nova como “pedra preciosa e abençoada”, por promover a Bahia à instrução. A educação é representada pela luz a guiar o caminho daqueles que tinham contato com esta educação formal, se constituindo um diferencial para os seus pares do sertão, aqueles que continuariam nas trevas, como cegos sem possuir orientação. Ponte Nova é vista como o local que levava o sertão à civilidade promovida pelo trabalho educacional, pois, segundo o autor, era “Ponte-Nova que dava valor” às pessoas. O trecho expressa a concepção de que a instrução formal seria o elemento constituinte da forma de vida civilizada, reproduzindo um pensamento disseminado por muito tempo que opunha as práticas sociais entre “civilizados” e “incivilizados”. Por fim, a expressão “da nossa Bahia amor” é um traço marcante em muitos ex-alunos, que remonta ao sentimento fraterno e de gratidão pelo “valor” adquirido com a educação. Outro hino do mesmo autor que tivemos acesso, o “Hino de Gratidão”⁵⁵⁶, ele escreve:

Conhecemos bem o que fornece/ Esta escola, ao inculto sertão/ Caminhando da vida a estrada/ Os alunos que somos tão gratos/ Mui contentes devemos falar/ Que a Bahia que ama a cultura/ Com esta escola se deve ufanar.

No início de sua primeira estrofe, Teles reconhece o “bem que fornece” a escola ao “inculto sertão”. O colégio, era visto enquanto “manancial do saber”, local que disponibilizava “as ciências, deveres morais com o Santo Evangelho”. O hino, com função de agradecimento, conclamava todos a bendizerem a quem teve o “nobre ideal de ao sertão oferecer essa pérola” aos que vivem “cegos neste sertão”. Este hino reforça a ideia da escola enquanto disseminadora da educação em um local “iletrado e incivilizado”, como fonte de conhecimento. Acresce-se neste hino o realce ao ensino religioso, que incidia na formulação de deveres morais ancorados no evangelho.

Acreditamos que as produções destes textos eram incentivadas em Ponte Nova, dada a sua forte vinculação ao patriotismo e à organização de instituições estudantis, que poderiam promover essas produções. Ademais, o sentimento de gratidão para com a instituição era algo bastante visto entre os ex-alunos que faziam questão de visitar a localidade em datas comemorativas. Outro fator importante a se observar é a polarização cultural reproduzida e assimilada pelos alunos, que ao receberem instrução formal se consideravam diferentes dos demais. Nos hinos, a civilização se vinculava ao acúmulo de conhecimento formal que

⁵⁵⁶ Hino de Gratidão. In. *Ibidem* p. 13-15

continuamente era simbolizado pela luz. O atraso e falta de conhecimento formal eram simbolizados pela escuridão, causa de ignorância e incivilidade. Essa associação legava o IPN a um lugar de transformação social pelo que possibilitava aos seus alunos, os destacando pela qualificação em detrimento dos outros que não tinham acesso ao ensino deste centro.

Os poemas encontrados acerca de Ponte Nova também são fontes que ajudam a encontrar representações sobre a localidade e sobre a sua relação com as atividades missionárias. Os versos escritos pelo reverendo João Dias de Araújo no cinquentenário do IPN receberam o título “Parabéns a Ponte Nova”⁵⁵⁷. Neste texto, ele descreve o IPN como “humilde escola no plano divino”, adestrando a juventude com virtude para preparar um Brasil melhor. Para ele, a instituição se estabeleceu em um momento em que o analfabetismo, “pai da ignorância”, reinava nos sertões, cegando multidões. Os versos indicavam que o pecado flagelava os sertanejos que caminhavam sem ver a “santa luz”. O autor acreditava que atuação da Missão na área educacional, ao ensinar a leitura e possibilitar o acesso aos escritos sagrados à população local, “clareava” o caminho na “santa luz” e apartava os sertanejos do pecado. Desta maneira, entendia que a escola nasceu para proclamar a “verdade e o amor de Deus”. Em suas estrofes finais ele sintetiza a obra missionária, fazendo um recorte geral das atividades na localidade e seus frutos, quando sinaliza que na área educacional “muitos professores, Ponte Nova preparou”, na área ministerial “muitos pregadores Ponte Nova encaminhou” e na saúde “médicos e enfermeiras Ponte Nova despertou”.

Outro poema significativo, “vida dos internos em quadras”⁵⁵⁸, escrito por Juliana Lachet Caetano, uma ex-aluna, lembra dos dias “garridos” na instituição. Analisando o texto percebemos o realce da rigidez, controle do tempo e normatização de comportamentos. A rotina religiosa é um ponto importante reforçado no texto, que também recupera as obrigações e os castigos para quem “faltasse com respeito”. Lembra da presença da professora a cabeceira observando a “educação”, a “sujeira” e o cumprimento da norma em “deixar tudo arrumado e lavado”. Lembra também dos lugares marcados na mesa e da “hora de marchar”. Resume que a vida não era apenas “isso”: comida, estudo e trabalho, mas o traço fundamental, o conhecimento de Cristo. Por fim, destaca as saudades do “lar” para os internos. Neste poema, assim como em discursos e outras obras memorialistas, observamos que a

⁵⁵⁷ ARAUJO, João Dias. Parabéns a Ponte Nova. In. *Ibidem*. p.14-15

⁵⁵⁸ Vida dos Internos em Quadras. In. *Ibidem* p. 49-50

forma de tratamento dos alunos em alguns aspectos soa como contradição ao discurso missionário de crítica ao tradicionalismo, hierarquia e verticalidade nas práticas pedagógicas no Brasil.

Por sua vez, o poema “IPN em versos”⁵⁵⁹, escrito por Márdio Brito, em comemoração a 95^a aniversário, é importante por ter sido construído depois do final das atividades missionárias em Ponte Nova. O autor vivenciou o período de transição administrativa das instituições para responsáveis particulares e para o Estado⁵⁶⁰, momento que, segundo o autor, em entrevista, foi de grande tensão, pela falta de recursos⁵⁶¹. Como o autor não viveu o período que retrata no poema, podemos pensar que as representações reproduzidas por ele foram construídas pela coletividade em contato com as pessoas que conviveram diretamente com os missionários. Seu poema revela a representação que perdurou para muitos da localidade acerca do que teria sido essa ação missionária. Em seu texto, o sertão era “incauto” até a chegada da obra missionária, que trabalhou “fê, saúde e educação”, o que foi para ele o “tripé do progresso”. Ele também relembra um traço importante da esfera educacional, em “implantaremos nosso método nosso sistema”, fazendo a menção ao modelo pedagógico norte americano implantado pelo IPN, “por engenheiro do saber”. Contudo, critica o “método americano”, por ter “um rigor muito tirano”. Márdio Brito também revela outras facetas da área educacional, para ele era “completa, partindo do cultivo a terra, uma boa dieta, da etiqueta e higiene, da hora até de dormir, das refeições na hora certa”, mostrando que a educação era responsável por disseminar uma mudança na postura dos alunos, normatizando suas práticas no sentido de controle da dieta, modo comportamental pela etiqueta e higiene.

No campo das representações, em caráter regional, a construção da estrada de rodagem causou um enorme impacto, por ser algo tratado como crucial para o desenvolvimento da região. As grandes dificuldades encontradas na locomoção missionária entre sua estação e as demais cidades da região, levou a Missão a organizar esforços para construção de uma estrada de rodagem entre Ponte Nova e Itaetê. A construção de uma estrada de rodagem facilitaria o acesso de transportes para a Chapada Diamantina, promovendo a comunicação entre as cidades e povoações, fortalecendo a economia regional e favorecendo a integração almejada há tempos.

⁵⁵⁹ 2001

⁵⁶⁰ Momento ocorrido no início da década de 1970

⁵⁶¹ BRITO, Márdio, Ex-diretor do IPN, entrevista realizada em 07-02-2014

A Bahia, nas primeiras décadas do século XX, ainda não possuía uma rede integrada de comunicação de transportes. Em 1924 apenas 13 estradas de rodagem ligavam os centros de produção, deixando isoladas as demais áreas do Estado que não estavam localizados nesses centros. Eram recorrentes as solicitações de municípios e particulares que pediam ajuda do governo para a construção de rodovias em suas localidades⁵⁶². A impossibilidade de construção por particulares, e a dificuldade de realização pelo governo, fazia das estradas de rodagem um “sonho” ainda mais difícil. A construção de uma rede de estradas de rodagem viabilizaria uma conexão entre as estradas públicas e privadas, ligando as cidades, povoados e fazendas. Em uma matéria publicada no *Correio do Sertão*, o editor indica que as estradas evitariam a carestia dos produtos, além de salvarem a estrada de ferro, e colocarem “aos ínvios sertões desconhecidos a ação administrativa, a higiene, a instrução, o conforto médio, unindo as populações dispersas”⁵⁶³.

As condições de transporte dificultavam muito os trabalhos missionários, de modo que a construção de uma estrada de rodagem que ligasse Ponte Nova a Itaetê, o ponto mais próximo da ferrovia, era essencial, pois facilitaria a comunicação entre Ponte Nova e outras localidades. Desta maneira, ajudaria na otimização das viagens evangelísticas e no abastecimento das necessidades da Missão em Ponte Nova. O percurso missionário da capital para Ponte Nova, sem as estradas de rodagem, geralmente era feito de barco pelo rio Paraguaçu até Cachoeira, de lá seguiam de trem até Itaetê e depois percorriam 100 quilômetros, de mula, por cerca de 5 dias, até Ponte Nova⁵⁶⁴. O percurso final era o menor, entretanto o mais demorado e cansativo, dada a falta de estradas de rodagem, que impossibilitava a utilização de um meio de transporte que não fossem os animais. A construção da estrada era indispensável, mas não era tão simples.

Para a construção da estrada, a Missão fundou a Companhia da Estrada⁵⁶⁵ e, em parceria com os poderes públicos e particulares, formou a chamada “Empresa Progresso Rodoviário”⁵⁶⁶, tendo como representante e presidente por algum tempo o missionário e médico Dr. Walter Welcome Wood, responsável por articular a cooperação com as

⁵⁶² ZORZO, Francisco Antônio. Retornando á História da rede viária baiana: o estudo dos efeitos do desenvolvimento ferroviário na expansão da rede rodoviária da Bahia (1850-1950). *Sitientibus*, Feira de Santana, n22, p. 99-115jan/jun, 2000. p.110-111-112

⁵⁶³ Estradas de Rodagem. *Correio do Sertão*, Morro do Chapéu. Ed. 467. 30-janeiro-1927, p.1 (matéria principal)

⁵⁶⁴ NASCIMENTO, 22005. Op. cit. p 87

⁵⁶⁵ Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938). Companhia de Fortalecimento da Estrada. Salvador (4-11 de dezembro de 1936) p. 5

⁵⁶⁶ *Correio do sertão*, Ponte Nova – Wagner. Morro do Chapéu, Ed.551. 09-julho-1928, p.3.

autoridades locais⁵⁶⁷. O estabelecimento de uma boa relação com as autoridades políticas era essencial para o bom andamento da construção da estrada, pela segurança que proporcionava. Os coronéis da região eram sempre convidados a participarem da presidência da empresa e, quando não podiam, participavam dos conselhos, o Coronel Horácio de Mattos e o Coronel Olympio Barboza foram alguns dos que participaram dessa empreitada. As relações com os poderes públicos também eram constantes na promoção das estradas, por serem um interesse comum entre eles e a Missão. Eram noticiados nos jornais os encontros entre os representantes da Missão e os agentes políticos da região, como podemos observar na notícia publicada no Correio do Sertão: “o Dr. W. W. Wood, presidente da Empresa Progresso Rodoviário tem se entendido, com os intendentess de lençóis, Itaberaba, Ruy Barbosa e Morro do Chapéu”⁵⁶⁸. A maior parte dos recursos para a construção das Estradas era proveniente da Missão, que por vezes utilizava empréstimos com credores brasileiros, americanos e até missionários. Esses empréstimos eram feitos pela Companhia criada para administrar a construção das estradas, mas pagos diretamente pela própria Missão, dada sua credibilidade, enquanto a Companhia, recém-formada, não gozava de tal prestígio.

Sobre a estrada de rodagem e sua vinculação com a região, o Correio do Sertão, em sua edição 522, publicou em sua matéria de capa um parecer do engenheiro civil Antônio Alves de Barreto de Miguel Calmon. Em sua análise do “Problema Rodoviário da Bahia”⁵⁶⁹, o engenheiro indicava que a construção das estradas era “indícios seguros de progresso e evolução de um povo”, pois seria elemento de vitalidade e conforto para o sertanejo. Em meio às condições viárias do Estado, Ponte Nova seria para ele o “Centro Rodoviário da Bahia”. Sua escolha se justificava pela rodovia construída, além da localidade estar no coração geográfico baiano, ademais, abrigava uma localidade “desenvolvida” por ações da emigração americana ali residente.

As ramificações possíveis das outras cidades com a estrada principal faziam de Ponte Nova um centro para aquela região, sendo assim aclamada em um sonho regional como centro rodoviário da Bahia. Promover Ponte Nova como esse centro rodoviário soa com certo ufanismo, as ligações das ramificações se estendiam às cidades vizinhas, não poderiam ser algo de caráter estadual, até mesmo porque o próprio Estado não possuía uma quantidade de

⁵⁶⁷ Ibidem, loc. cit.

⁵⁶⁸ Ibidem, loc. cit.

⁵⁶⁹ Correio do Sertão. O Problema Rodoviário da Bahia. Morro do Chapéu. ed. 522. 19-fevereiro-1928. p.1 (matéria principal).

estradas para haver tal integração. Todavia, Ponte Nova, como centro, impulsionando ações do Estado para a região, representaria o crescimento local com as grandes demandas geradas pelos possíveis aumentos de tráfego. As Atas mostram que as estradas eram utilizadas constantemente, acreditamos que com o passar do tempo a frequência de utilização das mesmas só cresceu, entretanto, em Ponte Nova e arredores, no período, existiam apenas cinco automóveis e três caminhões⁵⁷⁰

O protagonismo de membros da Missão na construção da estrada provocou vários elogios nos periódicos da região, como no Sertão de Lençóis. Republicada pelo Correio do Sertão, a matéria engrandecia a “atuação da Missão Evangélica” no “povoado de Ponte Nova, no vizinho município de Wagner”, esta atuação preparava o local “para em não muito longe, ser um dos centros de maior progresso do Sertão Baiano”. As ações e progressos da Empresa de Rodagem eram informadas aos periódicos⁵⁷¹, que serviam de divulgação das suas ações na região, contribuía para reforçar a atuação missionária na construção das estradas e davam conhecimento aos seus feitos, a ponto de angariar um local na posteridade para o Dr Walter Welcome Wood pela construção das estradas.

A Missão Americana ali tem feitos grandes progressos, e a “Empresa Progresso Rodoviário” muito concorrerá para a perpetuação do nome de seu presidente que sua alta visão de homem progressista tem intensificado naquelas futuras paragens a construção das rodovias⁵⁷².

A construção da rodovia pôs em prática o desejo antigo de estradas que permitissem uma melhor condição de transporte. Nesse contexto, Ponte Nova se apresentava como possibilidade pelas condições que teria de investir com arrecadações vindas de fora para a realização da obra, enquanto as prefeituras e os particulares dificilmente conseguiriam construir as estradas sozinhos. As dificuldades encontradas por outras localidades na construção de suas estradas eram também noticiadas pelos periódicos, que convocavam todos a ajudarem com arrecadações privadas para construir suas estradas particulares, que se ligariam às já existentes, e participarem do “complexo” rodoviário local. Deste modo, conseguimos compreender os motivos das publicações elogiosas ao trabalho da Missão como

⁵⁷⁰ Old Central Brazil Mission Minutes (1904-1938). Companhia da Estrada Ponte Nova. Ponte Nova (1-10 dezembro de 1932) p. 14

⁵⁷¹ Encontramos um artigo que o secretario da Empresa Rodovia visita a redação do Correio do Sertão em Morro do Chapéu para anunciar os avanços feitos e possível data de término da estrada principal. Correio do Sertão. Ponte Nova - Wagner, Morro do Chapéu. Ed. 553. 23-julho-1928

⁵⁷² Correio do Sertão, O Valor das Rodovias. Morro do Chapéu. Ed. 611. 03-novembro-1929. p.1 (matéria principal).

articuladora da criação de uma ramificação de estradas de rodagens ligando parte da região das lavras.

As representações criadas pelo Correio do Sertão e parte da região referentes à Ponte Nova e à ação missionária, podem ser entendidas na medida em que o trabalho da Missão atendia ao que eles entendiam como necessidade. Das características listadas “viação, saneamento e escolas”, a Missão em Ponte Nova executou todas, fato que leva a compreensão da admiração do Correio do Sertão pela atuação missionária em Ponte Nova, que para eles qualificava a região. Ponte Nova representava para aquele povo o sertão: “o local o de maiores possibilidades em todo nosso sertão”, porque ali tinha investimentos. Diferentes dos outros locais, Ponte Nova passava então a ser encarada, também, como um local de possibilidades, mostrando que o sertão não era pobre por suas condições, mas pela falta de atenção e investimentos.

Mesmo com sua obra social, que atendeu boa parte da região, a presença destes missionários não deixou de gerar críticas, embora seja raro encontrar vestígios de reprovações ao trabalho missionário em Ponte Nova. Os casos estudados demonstram que as representações foram assimiladas de maneiras diferentes, alguns moradores, desconfiados do trabalho, diziam que a causa do investimento no local seria os diamantes da região das Lavras, próxima a Wagner. Entretanto, as críticas não ressoavam de forma mais contundente, diante das ações da Missão, que além de atenderem as lideranças políticas e econômicas do local, chegaram a atender pessoas de outros Estados.

Os empreendimentos criados e sua atuação em Wagner gerou na região uma visão benéfica acerca deste grupo, a ponto de várias cidades expressarem o arrependimento de expulsar os americanos quando chegaram. Na década de 1960 correu a notícia, na região das Lavras, de que a Missão se retiraria de Wagner, fazendo com que vários prefeitos enviassem telegramas convidando-os para transferir seus empreendimentos para suas cidades e oferecendo diversos tipos de incentivos. Foi necessário o envio de um telegrama para administração das instituições em Ponte Nova, uma circular para os municípios, seguido de um memorando e um artigo publicado no Jornal da capital “A Tarde”, para explicar que não havia essa possibilidade

Em dias do mês passado, correu por toda zona das Lavras uma notícia improcedente a respeito das instituições da Missão Presbiteriana, sediadas nesta cidade para outro ponto desta região.

Diante disso, todos os municípios lavristas se movimentaram imediatamente formulando propostas à Missão, cada qual desejoso de ter junto à comunidade o Hospital Evangélico e o Instituto Ponte Nova.

MAIOR ESTÍMULO

Tal movimento demonstrou duas coisas: nossas autoridades municipais evoluíram a ponto de reconhecer a importância extraordinária de um Hospital e um Colégio em suas comunas e também percebeu-se o quanto são queridas, não só nas Lavras, mas em todo sertão, as instituições sediadas em Itacira.

Embora tudo não passasse de um mal-entendido, as diretorias do Hospital Evangélico e do Instituto Ponte Nova agradecem, por intermédio d'A Tarde, o interesse de todos os prefeitos e vereadores que se manifestaram. Embora permanecendo em Itacira, as instituições continuarão no esforço, cada vez maior, de bem servir toda a região.⁵⁷³

A experiência médica e escolar em Ponte Nova tornou-se exemplo para a Missão propor uma norma de atuação em boa parte do país. A introdução do “novo” e o convencimento de sua necessidade disseminaram novas práticas sociais que ao longo do tempo alteraram as estruturas, provocando uma mudança em uma parcela da população. Contudo, as resistências e reinterpretações foram praticadas no caminho de uma releitura a partir da experiência local. Ainda assim, ao introduzir um empreendimento deste porte no interior do Estado, a Missão, com seu trabalho assistencial, colaborou de sua forma para a construção de uma forma de vida baseada em moldes eleitos como civilizados. As relações entre Ponte Nova, evangelização e a Missão foram percebidas pela instituição como sucesso, a ponto de ser sugerida a sua reprodução no restante do trabalho missionário em outros espaços do Brasil.

Sobre as percepções gerais do trabalho em Ponte Nova, o missionário Frank Arnold nos fornece uma visão pragmática em relação a trabalhos desenvolvidos na localidade. Em seu livro memorialista, escrito décadas depois do fim das atividades missionárias no Brasil, ele faz um retrospecto da obra presbiteriana no país, desde a implantação até ao encerramento. Neste contexto, ele analisa as atividades desenvolvidas em Ponte Nova em relação aos planos da missão relacionados à igreja nativa. Planos que tinha por objetivo criar congregações e desenvolvê-las, a ponto de se tornarem igrejas autônomas para serem passadas ao presbitério. Segundo Arnold, o trabalho em Ponte Nova não colaborou para esses objetivos. Para o missionário, a localidade, por ter uma população rarefeita, possuía pequeno potencial para o programa de plantação e crescimento de igrejas, entretanto socialmente representou um grande investimento para uma região carente⁵⁷⁴. Ele ressalta que os serviços traziam

⁵⁷³ Hospital e Colégio não saíram de Itacira. A Tarde, Salvador. 9 de setembro de 1961.

⁵⁷⁴ ARNOLD, 2012. op. cit. 119

benefícios para a vida das pessoas pobres alcançadas, mas não harmonizava com o ideal de passar igrejas para o presbitério. Além disso, os ministérios educacionais e médicos exigiam contínuos subsídios e não se tornavam autossuficientes. O missionário revela que os trabalhos missionários em Ponte Nova seguiam a filosofia da Junta de Nova Iorque, que indicava como objetivo das atividades missionárias a atuação nos lugares mais distantes do litoral e grandes centros, nas “regiões mais empobrecidas”⁵⁷⁵, deixando as áreas mais “desenvolvidas” para atuação do presbitério nacional. Para Arnold, a obra em Ponte Nova contribuiu, de forma mais consistente, no âmbito social do que no âmbito religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação tinha como objetivo inicial compreender quem eram os “americanos” que ajudaram na construção da cidade de Wagner. As primeiras investigações revelaram que esses estrangeiros eram presbiterianos e que suas atividades se organizaram a partir de uma concepção religiosa, com trabalhos evangelísticos desenvolvidos nas esferas educacional e médica. A partir de então, outros questionamentos foram surgindo e sendo incorporados ao escopo da pesquisa.

Assim, a pesquisa se orientou em compreender a estrutura da Missão, seus objetivos e as relações estabelecidas com os diversos campos na sociedade em que atuou, tendo como parâmetro de limites e possibilidades de aprofundamento a tese de doutorado de Ester Nascimento, que também investigou aspectos da Missão em Ponte Nova. Desta forma, busquei, a partir da compreensão da essência religiosa das atividades missionárias, investigar as nuances do trabalho educacional e médico, e as suas orientações culturais regadas pela concepção etnocêntrica de civilização

Na pesquisa, após uma breve discussão historiográfica e relato da trajetória dos protestantes no país, descrevi como em um momento de hegemonia católica no campo religioso, os presbiterianos chegaram a Bahia e construíram articulações para sua inserção e expansão no Estado. Investigando o trabalho presbiteriano, observamos como fato decisivo no decorrer de sua experiência na área de jurisdição da MCB, a desvinculação institucional da Missão e do Presbitério, no início do século XX. A separação das instituições resultou numa

⁵⁷⁵ Ibidem, P.120

divisão de objetivos dentro do propósito evangelístico na sociedade. Estrategicamente, o presbitério administraria as igrejas formadas e empreenderia a evangelização nas maiores cidades. Os missionários ficaram encarregados de abrir campos localizados no interior e nas cidades menores. A atuação evangelística no interior contrastou a imensidão territorial com o baixo número de missionários, o que motivou a formulação da proposta de criação de uma escola para formar quadros leigos e ministeriais para o trabalho na igreja. A criação deste empreendimento, bem como a atuação evangelística, resultou em articulações da Missão em diversos campos, garantindo, na medida do possível, sua sobrevivência e expansão. Guiadas pelas necessidades religiosas, as ações missionárias eram realizadas de acordo com as suas concepções culturais.

Estudando a criação e estruturação da Missão Central Brasil, pude a partir da sua atuação em Ponte Nova identificar como os trabalhos educacional e médico orientados sob as suas concepções de vida, foram vinculados ao proselitismo. As tensões existentes dentro da concepção liberal de vida, que reverberavam no trabalho educacional foram motivos de intensos debates em nível nacional. Para além da função educacional dentro do objetivo missionário de disseminar sua fé, a Missão percebia as atividades educacionais como elemento de contribuição social. O trabalho médico desenvolvido alcançou um patamar expressivo, pelos serviços prestados, e a quantidade de atendimento. Em um interior com condições sanitárias precárias, o trabalho médico oferecido, ajudou a construir representações positivas acerca dos presbiterianos, fazendo diminuir oposições, produzindo conversões e construindo vínculos de apoio das camadas políticas e econômicas da região.

Analisar as atividades da Missão Presbiteriana em Ponte Nova e mensurar seus resultados, é uma tarefa complexa, pois depende das variáveis eleitas como parâmetro analítico. Nesta perspectiva, duas vertentes se opõem na qualificação dos trabalhos na referida localidade. De um lado, pessoas que encaram a obra como uma contribuição social a uma região carente e poucos frutos em termos de conversão. De outro, os que entendem que a obra social é um traço importante do cristianismo e sua promoção, independente da conversão ao rol de membros da igreja, ajudou na disseminação da mensagem protestante. Para esta vertente, a quantidade numérica de conversão não invalidava o trabalho desenvolvido, pois as ações, para além da possibilidade de divulgar a sua fé às pessoas que utilizavam os serviços, contribuía socialmente com as necessidades da população.

Esta pesquisa, assim como outras, enfrentou várias dificuldades para sua efetivação. Inicialmente citamos a discussão de três bibliografias específicas. A articulação bibliográfica da área religiosa com enfoque nos protestantes é uma área que tem se consolidado e não apresentou maiores dificuldades. A área educacional vinculada ao ensino protestante também possui uma produção considerável. Entretanto, é praticamente inexistente produções que analisem as atividades religiosas protestantes e suas ações na área da saúde. Relacionar, essas bibliografias com as fontes e a essência religiosa foi uma alternativa teórica desafiadora. A quantidade e variedade de fontes, foi uma tarefa trabalhosa, as mais de novecentas páginas de atas em inglês, centenas delas manuscritas, somada as quatro mil páginas do Correio do Sertão acessadas, foram parte do trabalho exaustivo em busca de informações.

A maioria das fontes de origem institucional ou memorialista nos impôs um cuidadoso tratamento, pois, a sua forma omitem informações e realçam outras, regadas pelo sentimento de gratidão pelos serviços prestados e a vontade de manter uma boa imagem das ações missionárias. Elas em sua maioria são triunfalistas e românticas, entretanto, em tom saudosista e as vezes com humor, exprimem críticas acerca das normas das instituições. Essas fontes foram problematizadas a partir das orientações de Clifford Geertz, que nos indica observá-las a partir da significação do sujeito em relação ao objeto. Desta maneira, as condições do interior diante dos serviços prestados, impuseram uma visão benéfica na maioria das pessoas, legando as ações missionárias um teor redentor. Até o jornal da região que inicialmente criticava diretamente os protestantes, passou a ter uma postura elogiosa. A assimilação da visão dicotômica da sociedade foi amparada pelos recursos materiais e equipamentos construídos em Ponte Nova, perdurando por muito tempo. Essas representações benéficas das pessoas da região são demonstradas, quando no processo de encerramento das atividades, a Missão recebeu inúmeros convites para transferir suas instituições para outras cidades. Ainda assim, buscamos garimpar nas fontes espaços de crítica, de desaprovação, de representações que fugiam da normalidade. Em termos de metodologia de escrita, vários trechos este trabalho tem um caráter descritivo acentuado, acreditamos que foi necessário para fornecer ao leitor informações necessárias.

Alguns objetivos iniciais da pesquisa não foram realizados pelas limitações e falta de fontes. Foi uma proposta inicial discutir como os objetivos religiosos idealizados nas ações do IPN, GMH e EFGMH eram postos em prática pelos sujeitos. Outro objetivo inicial que não conseguimos analisar da maneira idealizada foi a tentativa de mensurar a partir de dados

quantitativos, os números de convertidos na escola e no hospital. Sobre a discussão de como as práticas civilizadoras eram assimiladas pelas pessoas do interior, não encontramos fontes que nos informassem de forma clara como o processo ocorreu. Entretanto, utilizamos a partir de algumas fontes uma percepção geral que indica as assimilações, e reinterpretamos a partir do cotidiano de cada pessoa.

Esse texto não se coloca como inovador, e nem tem pretensão de esgotar o tema, mas possibilitar novas reflexões, abrir espaços e incentivar novas pesquisas. Como possibilidades de estudos indicamos o aprofundamento das investigações o campo da saúde e suas relações com trabalho missionário, neste aspecto estudar a Escola de Enfermagem do Grace Memorial Hospital se constitui algo original e inovador. A biografia dos missionários e missionárias são outra alternativa importante para reconstruir a trajetória desses sujeitos e assim compreender diversos aspectos da vida deles em relação as condições na Bahia. Importante também por ajudar a perceber a partir dos agentes religiosos a sua leitura das atividades missionárias, da sociedade em que atuou entre tantas outras possibilidades. Relevante salientar, e apontar como campo promissor de pesquisa participação missionária das mulheres, sem as quais o trabalho religioso não teria obtido êxito. Muitas vezes negligenciadas na reconstrução da história da igreja, aparecem de forma acessória nos livros e relatos sobre a obra missionária. Entretanto, as mulheres vistas subalternamente como “esposas dos missionários”, foram agentes do processo, e com sua formação técnica particular, colocavam-se a serviço das necessidades do evangelho, muitas em trabalhos específicos como professoras, diretoras, administradoras, engenheiras, enfermeiras etc. Outro fator a se investigar é a tensão da relação cultural do convertido ao presbiterianismo e sua mudança com a nova postura ascética de vida. Como essa mudança pode interferir no processo de adesão ao presbiterianismo.

O Grace Memoria Hospital com a dimensão de atendimentos que teve por muitos anos, é essencial para investigar diversos aspectos da história da saúde, doença e artes de cura no interior da Bahia. Parte de sua documentação (1955-1971), está na tutela na Universidade do Estado da Bahia no campus II, Alagoinhas, sob a coordenação da professora Maria Elisa Lemos Nunes da Silva. Um acervo importante para investigações acerca da história da saúde e assistência no interior da Bahia.

Acreditamos que a Missão Presbiteriana dentro da História Religiosa da Bahia é um objeto profícuo. Para além de Ponte Nova, analisar as atividades dessa missão, os seus sujeitos e suas inter-relações são fundamentais para compreender a trajetória dos protestantes

na Bahia, e a configuração do quadro religioso atual. A divisão de território feita no início de seus trabalhos, influencia ainda hoje nas áreas de atuação, exemplo da Igreja Batista na idade de Wagner que só iniciou seus trabalhos há pouco tempo.

Esse trabalho espera colaborar com as interpretações historiográficas a respeito das experiências religiosas do interior do estado, acrescentando as clássicas manifestações religiosas investigadas, o protestantismo, através da pesquisa da Missão Presbiteriana, e sua singular experiência em Ponte Nova. Por fim, este estudo ao recuperar traços importantes do passado da cidade, visa ajudar aos moradores nas discussões acerca das suas identidades e do sentimento de pertença. Necessidade reforçada pelo tombamento provisório dos edifícios construídos pela Missão, que irá integrar o Projeto de Circuito Arqueológico promovido pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) e o departamento de Antropologia da UFBA. Este projeto visa criar um circuito de visitação que promova a preservação e o turismo cultural na região da Chapada Diamantina.

REFERÊNCIAS

LISTA DE FONTES

ATAS

Atas do Presbitério Bahia Sergipe (1907-1924)

Brazil Council Minutes (1912-1937) 257p (Tradução do Autor)

Old Brazil Minutes – (1897-1912) 233p (Tradução do Autor)

Old Central Mission – Minutes. (1904-1938) 379p (Tradução do Autor)

AUDIO-VISUAL

IRWIN, Richard. O Punhal. [Filme-Video]. CAVE, 1960. VHS, 45:00min. PeB. Som

ENTREVISTA

ARAUJO, Janet Graham. Entrevista concedida em 04 de março de 2011. Wagner- BA

BASTOS, Jairo Hayne, 87 anos, ex-prefeito, entrevista realizada em 10-02-2014 Wagner-BA

BRITO, Márdio, Ex-diretor do IPN, entrevista realizada em 07-02-2014, Wagner-Ba

MOREIRA, Manoel. Artista plástico, Entrevista concedida 04 de março de 2011 Wagner-BA

SILVA, Neemias Alexandre da. Entrevista concedida em 03 de março de 2011. Wagner-BA

IMPRESSAS

ARNOLD, Frank L. A história das missões prebiterianas norte-americanas no Brasil. Tradução: Meire Portes dos Santos. São Paulo: Cultura Cristão, 2012

MATOS, Alderi. *O Protestantismo Brasileiro no Período Republicano*, Instituto Presbiteriano Mackenzie. São Paulo. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/7071.html> , Acessado em 13-06-2013

_____. INSTITUTO PONTE NOVA E GRACE MEMORIAL HOSPITAL. Revista *servos ordenados* n° 37 (abril-junho 2013), págs. 29-31

_____. *Coronel João Dourado (1854-1927)* Instituto Presbiteriano Mackenzie. São Paulo. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/10197.html> Acessado em 13-06-2013

_____. *Primeiras Igrejas Presbiterianas do Brasil (1862-1903)* Instituto Presbiteriano Mackenzie. São Paulo. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/10268.html> Acessado em 13-06-2013

_____. Por uma Igreja Participativa. Instituto Presbiteriano Mackenzie. São Paulo. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/10246.html> Acessado em: 13-06-2013.

_____. *A Guerra Civil Americana e as Missões Protestantes no Brasil*. Disponível em: Acessado em 13-06-2013

_____. *Erasmus Braga : O protestantismo e a sociedade brasileira*. São Paulo. Cultura Cristão. 2008

_____. *Uma Igreja Peregrina: História da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1859-2009*. São Paulo. Cultura Cristã. 2009

_____ Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900). São Paulo. Editora Cultural Cristã, 2004

WOOD, Walter Welcome. Alguns Acidentes no Parto. FAMEB, 1919

_____. A Autoridade Federal e as Moléstias Venéreas. FAMEB. 1919.

_____. O Olho Sua Forma e Estrutura. FAMEB, 1919.

_____. Estudo sobre o Bacilo da Tuberculose. FAMEB, 1919.

Instituto Ponte Nova. Prospecto escolar. 1949-1950

Registro de Assiduidade dos Alunos da Escola Secundária, 1928

PERIÓDICOS

A Tarde, Salvador. Ed. 11/12/1950

A Tarde, Salvador. Ed. 13-06-1960

Correio do Sertão, Morro do Chapéu, 1917-1938. Cd-rom.

Imprensa Evangélica. São Paulo, Ano 27, número 22. 6 de junho de 1891 Arquivo presbiteriano

Puritano, São Paulo, 3 de outubro de 1901, Arquivo Presbiteriano

Puritano, São Paulo, 15 de janeiro de 1903, Arquivo Presbiteriano.

Puritano, São Paulo, 4 de janeiro de 1904, Arquivo Presbiteriano

Puritano, São Paulo, 15 novembro de 1923, Arquivo Presbiteriano.

Puritano, Rio de Janeiro, ano LV, 2038. 25/08/1953. Presbiterianismo em Marcha. Por João Dias do Araújo.

MEMORIALISTA

Impressa

ARAÚJO, Janet Graham. GRACE MEMORIAL HOSPITAL: 92 anos salvados vidas. Wagner-Bahia. 2008.

ALMEIDA, Belamy Macêdo de. Ponte-Nova. Construindo o futuro olhando no retrovisor. 2004

BRITO, Mardio A. Curiosidade Política. [Wagner]: [2000]

CHAGAS, Américo. O Chefe Horácio de Matos. 3ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia –ALBA, 2012.

MORAES, Valfrido. Jagunços e Heróis: a civilização do diamante nas lavras da Bahia. 5 ed. Bahia. ALBA, 1997

WOOD, Walter Welcome. Alguns Acidentes no Parto. FAMEB, 1919

Escorço Histórico – Colégio Ponte Nova. Basílio Catalã de Castro. 1941 – Arquivo Presbiteriano

TELES, Wilson. Hino a Ponte Nova. IN. ALMEIDA, 2004. Op. cit. p. 12

Ibidem, Hino de Gratidão. In. ALMEIDA, 2004. Op. cit. p. 13

ARAÚJO, João Dias de. Parabéns Ponte-Nova. In. ALMEIDA, 2004. Op. cit. p. 14-15

CAETANO. Juliana Lachet. Vida dos alunos internos em quadras. In. ALMEIDA, 2004. op. cit. 49-50

Manuscrita

Correspondência do Arcebispo D. Augusto Álvaro da Silva. 1894-1924. Padre Justino José de Santana 3/09/1927. Arquivo da Cúria Metropolitana/ Laboratório Eugênio Veiga. Livro de Correspondência

Correspondência do Arcebispo D. Jerônimo Tomé da Silva. 1894-1924. Cônego Jose Dias Albuquerque de Mundo Novo. 3/09/1927. Arquivo da Cúria Metropolitana/ Laboratório Eugênio Veiga. Livro de Correspondência 1924-1968. Estante 6, Caixa 3.

Correspondência Missionária- “Ponte Nova Informações”, 08-02-1952. Arquivo Presbiteriano, São Paulo.

RELATÓRIOS

ARCHER. Lígia Archer. Relatório processo de tombamento. Disponível em: <http://www.ipac.ba.gov.br/noticias/missao-norte-americana> Acessado em: 02/03/2013

Conferência sobre a obra Missionária no Brasil. Relatório da Comissão número 3. Arquivo histórico Presbiteriano. São Paulo.

Conferência Sobre a Obra Missionária no Brasil. Relatório da Comissão, número 3. II Hospitais e Escolas de Enfermagem. . Arquivo Histórico Presbiteriano. São Paulo

IBGE. Séries de estatísticas e retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE 1986. V. 3

Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia/ Secretaria da Educação fundamental. Brasília. MEC/SEF. 1997. 166p

NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 8, n. 30, p. 74-224, 1916

SENNA, Orlando. Cinema Brasil: Filme Resgatado. Acessado em 01-10-2013. Disponível em: <http://www.cinemabrazil.com.br/pipermail/cinemabrazil/2007-July/008580.html>

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Estatísticas dos municípios baianos. Salvador: SEI, 2011. V.15, 434p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Gedeon. Protestantismo tupiniquim: hipótese sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

ALMEIDA, Silvia Maria Leite . A presença dos protestantes na educação da Bahia - O caso do Instituto Ponte Nova. *Revista FAEBA*, Salvador, v. 09, n. 13, p. 93-100, 2000.

ALVES, Rubem. Protestantismo e Repressão. São Paulo. Ática, 1979

ARRUDA, Antonio J. J. de. *Uma Colônia entre Dois Impérios*. Bauru, EDUSC, 2008

- AZEVEDO, Thales. O catolicismo no Brasil um campo para a pesquisa social / Thales de Azevedo. Salvador : Edufba, 2002.
- AZZI, Riolando. *A neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo. Paullus, 1994.
- BARROS, José D`Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis, Vozes, 2007
- BAPTISTA, Rosanita Ferreira. Gênese e crise dos conceitos de progresso e Desenvolvimento na teoria social. XII Congresso Brasileiro de Sociologia. UFPE, Recife.
- BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 91-107. (Obras Escolhidas, v.1).
- BONINO, José Míguez. *Rostros Del protestantismo latino americano*. Nueva Creacion. Buenos Aires, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007
- CALVALCANI, H.B. *O Projeto Missionário Protestante no Brasil do Século 19: Comparando a Experiência Presbiteriana e Batista*. REVER.. São Paulo Nº 4 / 2001 / pp. 61-93. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2001/i_cavalc.htm . Acesso em 01-06-13
- CAVALIERE, Ana Maria. Anísio Teixeira e a Educação integral. Paidéia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2010. Vol. 20, (249-259). 251
- CHARTIER, Roger.
 _____”Cultura popular’: revisitando um conceito historiográfico”. *Estudos Históricos*, vol. 8, nº. 16, Rio de Janeiro, 1995, p. 179-192.
 _____ *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1986.
- COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia a Republica: Momentos Decisivos*. 6 ed. – São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1999.
- COUTO, Edilece Considerações sobre a produção historiográfica das religiões e religiosidades na Bahia. André Luis Mateddi, LEITE, Marcia M. S. Barreiros, NETO, Eurelino Teixeira Coelho (org.) *História Cultura e Poder*. - Feira de Santana: UEFS; Salvador: EDUFBA, 2010a
- CRABTREE, A. R. *História dos Batistas do Brasil até 1906*. Rio de Janeiro.Casa Publicadora Batista, 1962.
- CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversa Sobre a História e Imprensa. *Projeto São Paulo*, São Paulo, n.35 p. 253-270, dez.2007
- DELUMEAU, Jean. *Nascimento E Afirmação Da Reforma*. São Paulo. Editora Pioneira, 1989.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Formação do Estado e civilização. V. II. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993
- FERREIRA, Júlio Andrade. *A História da Igreja Presbiteriana do Brasil I*. São Paulo, 2 ed. 1992^a
 _____ *A História da Igreja Presbiteriana do Brasil II*. São Paulo, 2 ed. 1992^b
- FERREIRA, Valdinei Aparecido. *Protestantismo e Modernidade*. 2008. (Tese de Doutorado) – USP, São Paulo, 2008
- FREITAS, Antonio f. G. Moreira de. *Bahia em Pedacos: desafios para o historiador*. Salvador; EDUNEB. 2012
- FENELON, Déa Reibeiro. (org) *Cidades. Pesquisa em História*. São Paulo; Programa de estudos Pós-grad uados em História de PUC-SP: Olho D Água, 1999

- FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis. Vozes, 1994. p 67-159.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 13-41 e 278-321, respectivamente.
- GOMES, Antonio M. de Araujo. *Religião, Educação e Progresso*. São Paulo, editora Mackenzie, 2000.
- GOMES, Francisco J. da Silva. A religião como objeto da História. In: LIMA, Lana Lage da Gama e outros (org.). *História e Religião*. Reio de Janeiro, FAPERJ/ Anpuh/ Mauad, 2002
- GONÇALVES, Graciela Rodrigues. *As secas na Bahia do século XIX: sociedade e política*. . Dissertação (Mestrado) – UFBA, 2000
- GUIMARÃES, José A. Lucas. *Presbiterianismo no Ceará: Perseguição Religiosa e busca de tolerância entre 1875 e 1930*. Dissertação (Mestrado) Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.
- GUSSI, Alcides Fernando. *Identidades no contexto transnacional: lembranças e esquecimentos de ser brasileiro, norte-americano e confederado de Santa Barbara D' oeste e Americana*. 239 f, 1996. UNICAMP.
- JESUS, Leonardo Ferreira de. Folhas venenosas : a reação católica à difusão de livros e Bíblias protestantes na Bahia na década de 1860. *REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE HISTÓRIA.COM*, v. 01, p. 01, 2013.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. P. 47
- KRUSE MHL. Enfermagem Moderna: a ordem do cuidado. *Revista Brasileira de Enfermagem* 2006; 59(esp): 403-10.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas. SP. Editora UNICAMP, 1990
- LEITE, Rinaldo Cesar N. *E a Bahia civiliza-se... ideais de Civilização e Cenas de Anti-Civilidade em um Contexto de Modernização Urbana, Salvador, 1912-1916*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) UFBA. Salvador: 1996.
- LEONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro: Estudo de Eclesiologia e História Social*. São Paulo. ASTE, 2002
- LIPPI, Lúcia. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*. vol. V (suplemento), 195-215 julho 1998
- LOPES, Luiz Carlos Santos. *O Correio do Sertão e o fim do coronelismo em Morro do Chapéu*. 4º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. realizado de 30 de maio a 2 de junho de 2006, organizado pela AMI, a Faculdade São Luís, a UNICEUMA e a UFMA em São Luís/MA, com o tema "Imprensa 200 Anos - Memória Maranhão". Acessado em 01/03/2015 Disponível em : <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/4o-encontro-2006-1>
- LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In:PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LUZ, José Augusto Ramos da. *Um Olhar Sobre a Educação da Bahia: a salvação vem pelo ensino primário (1924-1928)*. . Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – UFBA. 2009.
- MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Kátia. *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. (pp. 258-9

- MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX. Uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992
- MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O celeste porvir: a inserção protestante no Brasil*. 3ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- _____. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo n 67. Pg. 48-67 ano 2005
- _____. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- MORAES, Márcia M. G. de Oliveira. *Educação e Missão Civilizatória: O caso do Instituto Ponte Nova na Chapada Diamantina*. 168f. 2008. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação – Campus I. Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2008
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. *Fontes para a História da educação: Documentos da Missão Presbiteriana dos Estados Unidos no Brasil*. Maceió: EDUFAL.2008
- _____. Norte-americanos na Bahia: o projeto civilizador dos missionários presbiterianos. *Revista da FACED*, v. 11, p. 1-20, 2007b.
- _____. *Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil Tropical*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade. Tese de Doutorado. 2005
- NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. *Politeia: História e Sociologia. Vitória da Conquista*. v.3 n.1 p.153-162. 2003 pg 157
- NORA, Pierre. *Entre a Memória e História*. Revista do Programa de Estudos Pós- Graduaados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, SP – Brasil, 1981. P 7-28
- PAIVA, Ângela Rondolpho. Luzes weberianas na comparação entre as esferas religiosas do Brasil e dos Estados Unidos. In: SOUZA, Jesse (org.) *O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário". *Revista Brasileira de História*, vol. 15, nº. 29, São Paulo: ANPUH; Contexto, 1995, p. 9-27.
- PINHEIRO, Alexander Magnus Silva. *Uma experiência do Front: a guerra de Canudos e a Faculdade de Medicina da Bahia*. Dissertação (Mestrado) UFBA. 2009
- PIEDADE, Lélis. *Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia (1897-1901)*. 2. ed. Salvador: Portfolium, 2002, 288p. il. (Edição, apresentação, notas e projeto gráfico organizada por Antônio Olavo.)
- PRIORE, Mary Del. *Religião e religiosidade no Brasil Colonial*. São Paulo: Àtica, 1997
- RIBEIRO. Boanerges. *Igreja evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. São Paulo: O Semeador, 1991
- RAMALHO, J. P. *Colégios protestantes no Brasil: uma interpretação sociológica da prática educativa dos colégios protestantes no Brasil no período de 1870 a 1940*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976
- ROCHA, H. H. P. *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Higiene de São Paulo (1918-1925)*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- ROSENDHAL. Zenir. *Geografia e Religião: uma proposta*. Espaço e Cultura. Ano I, 1995
- SANTOS, Luiz A. de Castro. As Origens da Reforma Sanitária e da Modernização na Bahia durante a Primeira República. Rio de Janeiro. *SciELO*, vol. 4 n. 3 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000300004 Acessado em: 15/09/2015

SAMPAIO, Consuelo Novais. *“Representações de poder” O Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937*. Salvador: Assembleia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992.

_____. *O Poder Legislativo da Bahia: Primeira República (1889-1930)*. Salvador: Assembleia Legislativa; UFBA, 1985.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *O Poder Legislativo da Bahia: Primeira República (1889-1930)*. Salvador: Assembleia Legislativa; UFBA, 1985

SCHWARZ, Roberto. (org.). 1992. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades.

SEIXAS, Mariana Ellen Santos. *Igreja Presbiteriana no Brasil e na Bahia: Instituição, Imprensa e Cotidiano (1872-1900)*. 2011. Dissertação (Mestrado) – UFBA, Salvador, 2011.

_____. *Breve Panorama da Historiografia do Protestantismo no Brasil do Século XIX*. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 4, p. 339-354, 2009.

SENNA, Ronaldo Salles. *Jarê - Uma Face do Candomblé: Manifestação Religiosa na Chapada Diamantina*. Feira de Santana: UEFS, 1998.

SILVA, Cândido da Costa. *Os Segadores e a Messe: o Clero oitocentista na Bahia*. Salvador: SCT EDUFBA, 2000. 502p

_____. *Roteiros da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo. Ática, 1982

SILVA, Elizete da. Configurações históricas do campo religioso brasileiro. In. OLIVEIRA, André Luis Matteddi, LEITE, Marcia M. S. Barreiros, NETO, Eurelino Teixeira Coelho (org.). *História Cultura e Poder*. - Feira de Santana: UEFS; Salvador: EDUFBA, 2010a

_____. *O Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira: os Evangélicos Progressistas em Feira de Santana*. Feira de Santana. UEFS, 2010b

_____. Calvinistas em terras tropicais. In Negro, Antonio Luis et Al. (org) *Tecendo História: Espaço, política e identidade*. Salvador, EDUFBA, 2009

_____. A presença protestante no Brasil. *Nossa História* São Paulo, v. 38, p. 1-14, 2006.

_____. *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia*. 1998. Tese (Doutorado em História) - USP. 1998.

SILVA, Aldo José Moraes. *Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: Origem e Estratégias de Consolidação Institucional – 1894-1930*. Salvador, 2006. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia. 256

SOUZA, Jesse. A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro. In: SOUZA, Jesse (org.). *O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Editora UNB, 1999.

SOUZA, Christiane M. C. de . Redes de poder e de solidariedade nos sertões da Bahia em tempos de epidemia. In: Cleide de Lima Chaves. (Org.). *História da saúde e das doenças no interior da Bahia: séculos XIX e XX*. 1ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013, v. , p. 43-82.

_____. O sertão revelado pela epidemias: Locus de miséria e doenças, signo do abandono do Estado. VI Encontro Estadual de História – Povos indígenas, Africanidades e Diversidade Cultural: produção do conhecimento e ensino. UESC. 2012. P. 2

_____. *A Gripe Espanhola na Bahia: Saúde, política e medicina em tempos de epidemia*. Rio de Janeiro. Editora Fio Cruz; Salvador: Edufba, 2009.

SOUZA, Laura de Mello. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986

TAVARES, Luis Henrique Dias, *História da Bahia - Revista e Ampliada*, São Paulo: Ed. UNESP; Salvador: EDUFBA, 2008.

TEIXEIRA, Marli Geralda. *Os Batistas na Bahia: 1882-1925*. Um estudo de história social. Dissertação (Mestrado em História) – UFBA. Salvador: 1975.

THOMPSON, Edward Palmer. “Introdução: costume e cultura”. In Thompson. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 13-24.

WEBER, Marx. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1985.

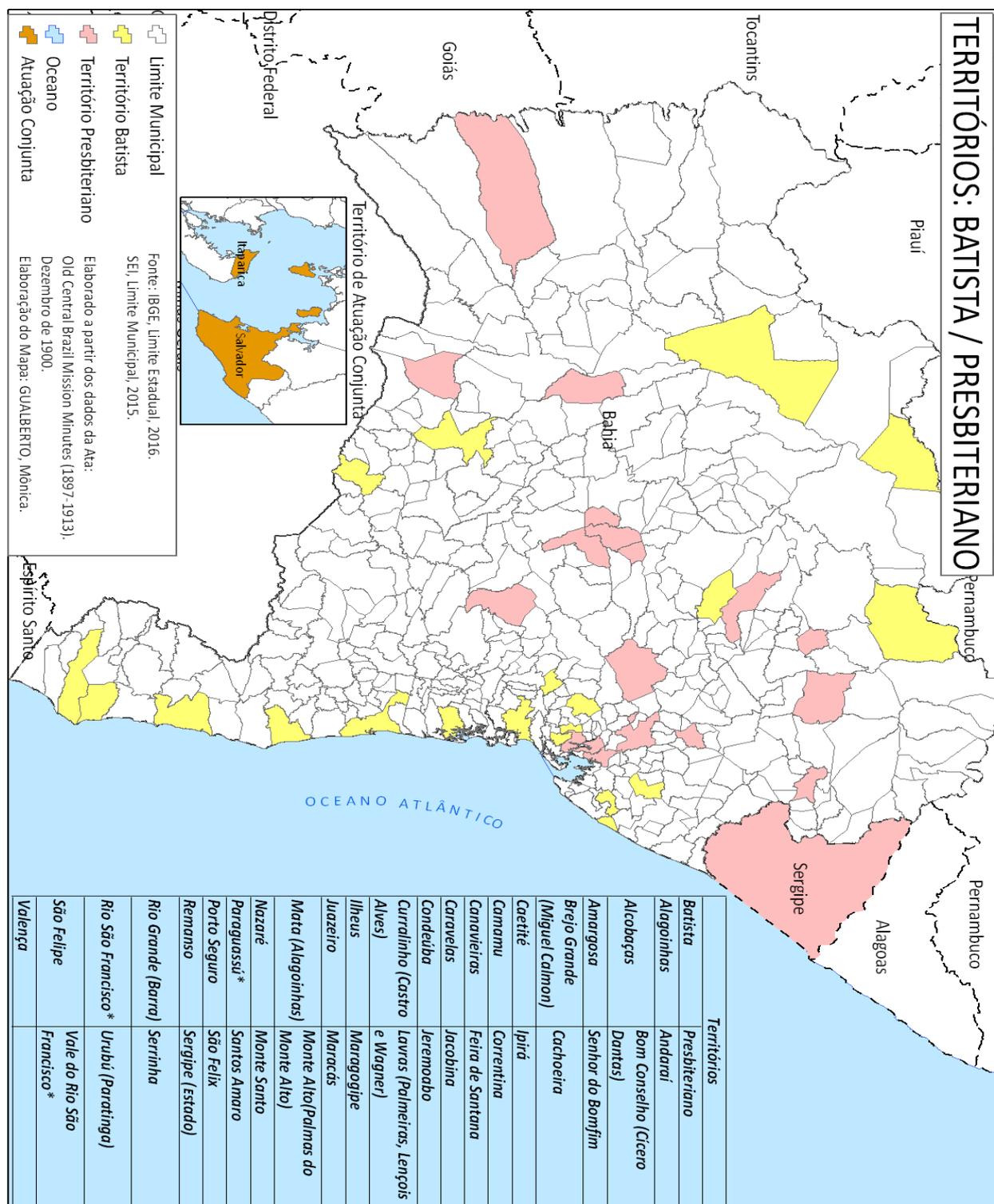
_____. *As rejeições religiosas do mundo e suas direções*. In: Gerth e Mills (Orgs.). Weber: Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia das Religiões*. São Paulo: Editora Unesp, 2012. p.185-186

ZORZO, Francisco Antonio. Retornando á História da rede viária baiana: o estudo dos efeitos do desenvolvimento ferroviário na expansão da rede rodoviária da Bahia (1850-1950). *Sitientibus*, Feira de Santana, n-22. P99-115, jan/jun 2000

ANEXOS

Mapa 1: Mapa de divisão territorial Presbiteriano X Batistas



Fonte: Atas Missão Central 1887-1912

Tabela 2: Estatística com Número de Membros do Estado da Bahia.

Fonte: Old Central Mission – Minutes. (1904-1938)

Missão Central							
Estado Bahia							
Anos		1903	1904	1905	1906	1907	Total 1903/04/05/06/07
Campo							
Cidade da Bahia							
	Salvador	121	137	141	162	175	132/147/141/162/ 175
	Disperso	11	10	-	-	-	
Cachoeira							
	Cachoeira e São Felix	74	88	92	114	115	91/128/198/222/ 249
	Feira de Santana	9	12	5	-	-	
	Canavieiras ⁵⁷⁶	0	20	85	108	134	
	Disperso	8	8	16	-	-	
Sertão							
	Orobó	41	38	39	39	43	108/151/185/212/ 286
	Palmeiras	67	85	72	78	83	
	Cachoeirinha	0	28	41	40	52	
	Guiné	-	-	23	25	28	
	Canal	-	-	10	30	80	
Villa Nova							
	Vila Nova	33	10	9	53	59	49/68/87/121/139
	Bananeiras	-	8	8	-	-	
	Carahyba	-	7	7	-	-	
	Jacobina	-	2	2	-	-	
	Brejo	-	7	7	-	-	
	Olho d'Água	-	2	9	-	-	
	Canabrava de Jacobina	-	6	6	23	37	
	Prolongamento (Santa Luzia, Queimadas, Jaguarary)	11	8	8	45	43	
	Sta M. da Vitória	11	10	23			
	Dispersos	5	8	8	-	-	
TOTAL GERAL		391	494	611	717	849	

⁵⁷⁶Aparece no campo Bahia em 1903 e depois ao campo Cachoeira. Optamos por vincula-lo desde o início ao campo Cachoeira para facilitar a tabulação de dados.